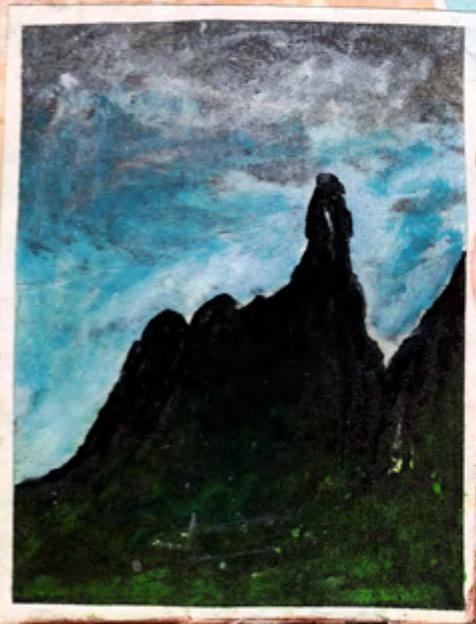


AS DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS

Santa Cruz
Luís Sayão



Handwritten notes and diagrams:

- DE DEDO DE DEUS
- (1)
- DESCIDA
- ESCALADA
- PIEDRA
- 68,29
- 75,15m
- 87,6
- 28,28
- 22,10
- NEGATIVO
- 23 SER
- VARIANTE GILDA BORGE
- PUNTO INTERME
- 29,82
- 121,35m
- completo
- (VI)
- onde se encontra

AS DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS

Santa Cruz e Luís Sayão

*Dedicado ao nosso amigo
Archanjo Cordeiro Dias (1952 - 1998)
que nunca mais poderá voltar ao Dedo de Deus*

*Ao C.E. Rio de Janeiro
por tudo e apesar de tudo*

Meu Caro Santa Cruz

Gostei. Você escreve claro, com vivacidade e corretamente. Muito mais que fotografias, você nos presentearia vídeos coloridos e sonoros, com todas as emoções e, até mesmo, com os perfumes do montanhismo...

Apreciei e anotei algumas sentenças proverbiais suas, que podem e devem nos orientar na caminhada da vida:

“É nossa vontade de realizar que transforma um sonho em feito insofismável”.

“Não vim ao mundo a passeio”.

“Afinal, o tempo que nos foi dado viver é matéria prima irrecuperável, preciosa e irreversível”...

Nós, que o conhecemos, o vemos inteirinho nestas agradáveis narrativas, convencido nos ideais, apressado no falar, andar, fazer, e companheirismo e sinceridade acima e antes de tudo.

Você é a confirmação daquele clássico aforisma do famoso Buffon: “o estilo é o homem”.



31/02/99

Prof. Francisco José Antônio
Diretor-Presidente das Faculdades Machado de Assis

O ser humano pode se perder ao procurar se encontrar na perda de outrem. O oposto pode também ser verdadeiro. Isto é, o ser humano pode se encontrar ao procurar se perder no encontro de outrem. Mas também é problemático. O campo ideal talvez fosse a síntese dessas oposições num nível elevado. Ou seja, o ser humano pode se achar ao procurar se encontrar no encontro de outrem.



P10 30/7/99

Vitor Rodrigues da Silva Neto
Professor da Escola de Engenharia da UFRJ

AGRADECIMENTOS DOS AUTORES

Este livro começou a ser escrito há muitos anos, provavelmente quando escalamos o Dedo de Deus pela primeira vez. Talvez antes, muito antes, quando apenas vislumbrávamos chegar ao seu topo, sem nem saber como fazer para superar o que pode parecer inicialmente impossível.

As primeiras pessoas, portanto, que queremos agradecer são nossos pais. Não existe, ao nosso ver, tesouro maior na vida de uma pessoa. Infelizmente o Sr. Oswaldo Pereira, a Dona Lindaurea Pereira e Dona Enir Sayão não estão mais entre nós, e só nós sabemos, a cada dia, a falta que deles sentimos. Contudo, o Sr. Mário Sayão há de ficar tão feliz como nós, quando puder ter em suas mãos este livro, fruto da nossa dedicação ao montanhismo.

Precisamos agradecer também às nossas famílias, esposas, filhas, que se privaram do nosso convívio durante as muitas dezenas de horas que nos reunimos, buscando encontrar caminhos para que este trabalho ficasse pronto. Em nosso caso particular, nossas famílias foram bastante compreensivas e até nos ajudaram bastante, pois temos a felicidade de sermos todos montanhistas. Mesmo assim, em alguns momentos, reconhecemos que extrapolamos a mais elástica compreensão.

Não podemos nos esquecer de agradecer a todos os mestres que nos ensinaram o que aprendemos no montanhismo e na vida, quando iniciamos nossa trajetória de caminhantes e escaladores. Em especial aos Guias do CERJ dos anos 70 que compartilharam conosco conhecimentos e sabedoria através da Escola de Guias.

Somos gratos aos administradores e funcionários do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, pelo apoio e incentivo que nos deram, mesmo com todas as dificuldades.

É evidente também que este livro não teria sido escrito se as Descidas Vertiginosas não tivessem sido conquistadas. Desse modo fica aqui um forte abraço a todos os companheiros CERJENSES e UNICERJENSES que aceitaram o desafio e, não satisfeitos, voltaram ao Dedo de Deus para duplicar os grampos de todos os pontos de parada, permitindo assim boa segurança a todos os que forem lá jogar seus destinos.

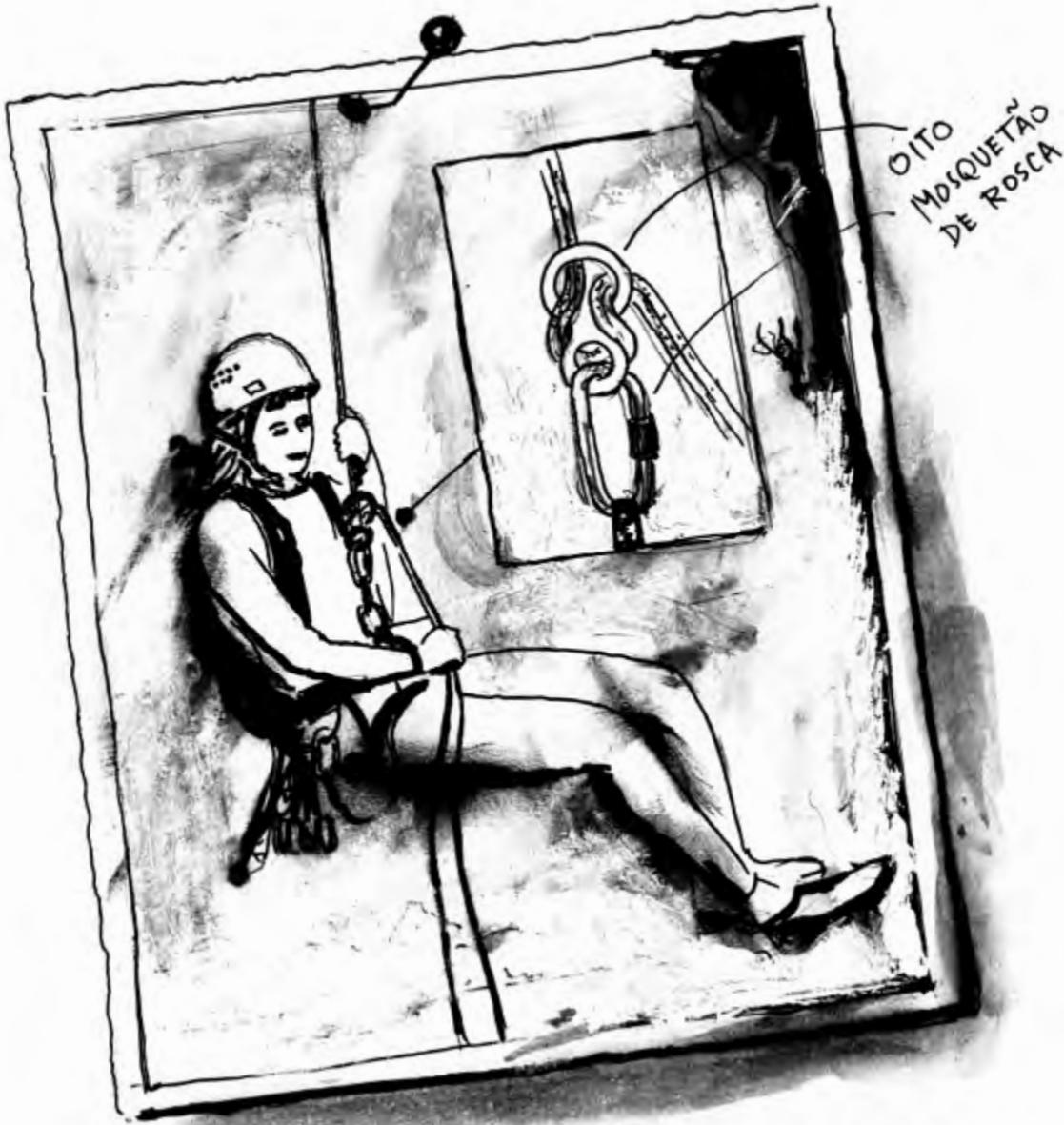
E já que falamos em grampos, não podemos deixar de mencionar nossos ferreiros exclusivos, Laerte Anjos, nascido em 1923 e seu irmão caçula Hidelberto Anjos, de 1925. Há três décadas, artesanalmente, eles fazem os grampos para nossas conquistas e regrampeações.

Agradecemos também aos companheiros do MASENC, boa parte deles conquistadores das Descidas Vertiginosas, que leram criticamente o texto e fizeram oportunas sugestões para os desenhos. Nesse árduo trabalho de revisão, fica o agradecimento aos professores e amigos Francisco Antônio, Vitor Neto e Laiz Chen, bem como à Anamaria Pereira, Juliana Pereira e Mariana Pereira.

Não podemos esquecer, em hipótese alguma, de Glace Farias, que digitou todo o texto decifrando estoicamente os hieróglifos originais com uma dedicação sem par. E também ao projeto gráfico de Carlos Rocha, que possibilitou a síntese do texto com as imagens.

Por último, agradecemos ao montanhistas, em geral, que encontramos em tantas excursões no Dedo de Deus antes, durante e depois de havermos conquistado as Descidas Vertiginosas. Obrigado pela força e pelo incentivo das palavras amigas e pelas críticas construtivas. Foi pensando em todos os montanhistas que viabilizamos as novas opções montanhísticas no Dedo de Deus.

Este livro é um testemunho do entusiasmo que vem desde os tempos pioneiros de 1912 e irá prosseguir enquanto o montanhismo for uma atividade destinada a homens e mulheres que tenham no peito a chama da liberdade.



OITO
MOSQUETÃO
DE ROSCA

DESCIDA DE OITO EM NEGATIVO



BODRIÉ



OITOS



“As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus” só foi possível porque acreditamos que os sonhos, se trabalharmos duro, podem se tornar realidade.

Para fazer este livro dividimos as atribuições de modo que o texto fosse feito por um dos autores, no caso o Santa Cruz, e os desenhos e croquis ficassem sob a batuta do Sayão.

Pode parecer simples esta divisão, mas é preciso dizer que foi necessária uma verdadeira simbiose para que chegássemos ao final. Nem sempre foi fácil conseguir a cumplicidade necessária entre o texto e os desenhos, as narrativas e os croquis. Contudo, acreditamos que o resultado final venha a ser apreciado.

O livro pode ser visto como uma trilogia, tendo o Dedo de Deus no primeiro plano e o montanhismo amador como fundo.

Na primeira parte procuramos recuperar um pouco da epopéia humana vivida desde o início do século, quando o Dedo de Deus foi conquistado, até tornar-se a montanha-símbolo do montanhismo do Brasil. Nesta primeira parte também explicamos o que são as Descidas Vertiginosas e de onde tiramos motivação para conquistá-las.

A segunda parte da trilogia constitui o núcleo do livro propriamente dito. São trinta narrativas que descrevem como as Descidas Vertiginosas foram conquistadas, os obstáculos que tiveram que ser vencidos e o aprendizado que cada uma dessas excursões representou para cada um dos escaladores envolvidos.

A última parte do livro é constituída por seis apêndices. O objetivo desses apêndices multifacetados é situar o Dedo de Deus, bem como as descidas, e não apenas as vertiginosas, num âmbito ao mesmo tempo individual e coletivo. Esta dualidade é apenas superficial, pois o montanhismo é uma atividade humana que pode ser praticada preservando a unidade dialética fundamental entre o indivíduo e a sociedade.

Assim, dentro de uma perspectiva individual de quem escreveu o texto, são apresentadas muitas indagações existenciais - e não apenas montanhísticas - de toda uma comunidade, incorporando muitas pessoas envolvidas na transformação do sonho em realidade.

Temos esperança que “AS DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS” venha a dar uma contribuição ao montanhismo como um todo, mesmo sabendo das dificuldades neste sentido.

Sabemos ser impossível agradar a todos, o que é natural em uma sociedade pluralista, mas acreditamos que muitos irão gostar do nosso trabalho, que certamente não será recebido com indiferença.

Os que lançarem os olhos neste livro estarão tocando fundo na vida e no coração de um punhado de seres humanos, que espontaneamente aceitaram o aceno irresistível das montanhas.

Os Autores



GUILHERME DE PAIVA NO 5º RAPEL DA
DESCIDA RIO DE JANEIRO, NO DIA DA CONQUISTA
DA DESCIDA GALILEU GALILEI • 20/01/1996

SUMÁRIO

Prólogo, 11

Prefácio, 13

Sobre a Arte de Conquistar no Montanhismo, 17

Dedo de Deus, a Conquista Primordial, 21

As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus, 37

Narrativas, 45

Apêndice A - Descidas: Fonte de Emoção e Sabedoria, 117

Apêndice B - Primeiro Dedo de Deus: Uma Ascensão Inesquecível, 126

Apêndice C - Abril de 1973: Uma Tempestade no Inferno, 132

Apêndice D - A Conquista do Diedro Salomyth, 137

Apêndice E - O Início da Regrampeação da Via Teixeira, 141

Apêndice F - O Dedo de Deus e o Futuro, 142

PRÓLOGO

Este livro é lançado no momento em que o montanhismo nacional é alvo de manifestações obscurantistas, tendo como epicentro destas opiniões dissimuladas a preocupação voltada unicamente para o estilo de se escalar montanhas.

Com propriedade ímpar, os autores e amigos de longa data, Osvaldo e Sayão, narram verdadeiras histórias recheadas de poesia e romantismo, envolvidas num magnetismo peculiar que caracteriza o fascínio do montanhismo.

Diferente da literatura nacional sobre este tema, onde habitualmente são abordadas questões estritamente técnicas, este livro traz, além do mapeamento das fantásticas “Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus”, toda a emoção dos sentimentos da relação humana, que são suas fragilidades, suas obstinações, o companheirismo, a abnegação e a luta por um ideal.

Para todos aqueles que apreciam uma leitura instigante e reveladora, em especial os montanhistas, este livro certamente proporcionará uma reflexão preciosa quanto ao futuro do montanhismo nacional.

Tarcisio Rezende

Presidente da *UNICERJ*

União de Caminhantes e Escaladores Rio de Janeiro



LANTERNA
DE
CAPACETE

EMBORNAL
PARA
CHAMINÉ

SEGURANÇA
FIXA

GUIANDO UMA CHAMINÉ À NOITE

PREFÁCIO

Para mim é uma honra fazer a apresentação do livro desses meus dois amigos Sayão e Santa Cruz, que considero meus irmãos.

“As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus” constitui um registro minucioso de uma verdadeira odisséia humana vivida ao longo de três anos em trinta expedições ao Dedo de Deus.

Contudo, vai muito além de narrativas contemporâneas. Este livro procura recuperar o espírito solidário dos escaladores pioneiros. Este espírito de companheirismo que anda um tanto adormecido e precisa ser reafirmado, não apenas com grandes realizações montanhísticas, mas também com a certeza de que nossa atuação como caminhantes e escaladores tem um compromisso com a sociedade.

Teria sido muito menos trabalhoso fazer um livro que apenas descrevesse friamente como foram conquistadas e o que são as Descidas Vertiginosas. Este livro vai muito além desse objetivo.

Além de detalhar cada uma das novas Vias de Descida, fornecendo informações precisas e preciosas a todo montanhista experiente que aceite os seus desafios, procura explicar, pormenorizadamente, os conceitos envolvidos com a prática solidária do montanhismo amador.

Como companheiro de cordada de Sayão e Santa Cruz, e por compartilhar seus ideais, sinto este livro como se também tivesse escrito cada página e feito todos os desenhos, muito embora, humildemente, reconheça não ter a habilidade narrativa do Santa Cruz nem o talento artístico do Sayão.

Quando fui convidado para fazer o prefácio do livro, confesso que achei a escolha muito natural e para falar a verdade, me considero a pessoa indicada. Pode parecer que estou sendo pretensioso, mas a verdade é que tenho com o Santa Cruz e Sayão uma história comum de realizações montanhísticas, a começar por conquistas como o Diedro Salomyth passando por atuações destacadas em Diretorias do CERJ (Centro Excursionista Rio de Janeiro), e mais recentemente na UNICERJ (União de Caminhantes e Escaladores Rio de Janeiro), clubes representativos no cenário montanhístico de nosso país.

Precisa ficar claro, aos que lerem este livro, que cada protagonista das aventuras vividas nas mais diversas atividades narradas, são montanhistas na acepção mais abrangente do termo, com profundo amor e respeito às montanhas. Contudo, antes mesmo de abordar o fervilhante mundo dos que, semana após semana, escalam montanhas com dedicação sistemática e grande obstinação, este livro fala de cidadania.

Cidadania que anda rarefeita no mundo de hoje, que só poderá progredir - e não apenas materialmente - se cada ser humano, e em particular cada montanhista, tiver real noção de seus direitos e deveres.

É muito auspicioso, portanto, que este livro tenha sido feito por dois professores bem sucedidos em suas trajetórias profissionais fora do montanhismo. Sayão e Santa Cruz são Guias Escaladores conscientes de que vieram ao mundo para dar uma contribuição à felicidade geral.

Conheço o Santa Cruz, (aliás Prof. Osvaldo Pereira, da UFRJ) desde que me entendo por gente, pois nossos pais já eram amigos, antes que nós viéssemos ao mundo. Foi pelas mãos do Santa Cruz que, aos 15 anos, comecei a praticar montanhismo, tendo tido a ventura de, logo nos primeiros meses, participar de grandes caminhadas e escaladas na Serra dos Órgãos, incluindo o Dedo de Deus, a Agulha do Diabo e tantas outras montanhas que até hoje constituem o sonho de muitos montanhistas.

Ingressei no CERJ, onde Santa Cruz já era sócio atuante e fui o único aluno com menos de 18 anos aceito na Escola de Guias. Esta Escola de Guias, como já escrevi em diversos textos, foi fundamental na minha formação como montanhista e cidadão.

No ano seguinte, Santa Cruz e Sayão se conheceram, quando estudavam física na UFRJ. Foi lá, também, que o Santa Cruz conheceu a sua mulher Lucia Ladeira, que já era montanhista, e que nos anos seguintes, com ele, veio a formar um entrosado casal de Guias. Lucia fez parte de diversas Diretorias do CERJ e também participou de muitas conquistas, inclusive do Diedro Salomyth. Lucia e Santa Cruz têm três filhas e uma neta e afirmam que estão apenas começando.

“As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus” é um livro destinado a fazer história, recomendado a montanhistas iniciantes, experientes e a todos os amantes da natureza.

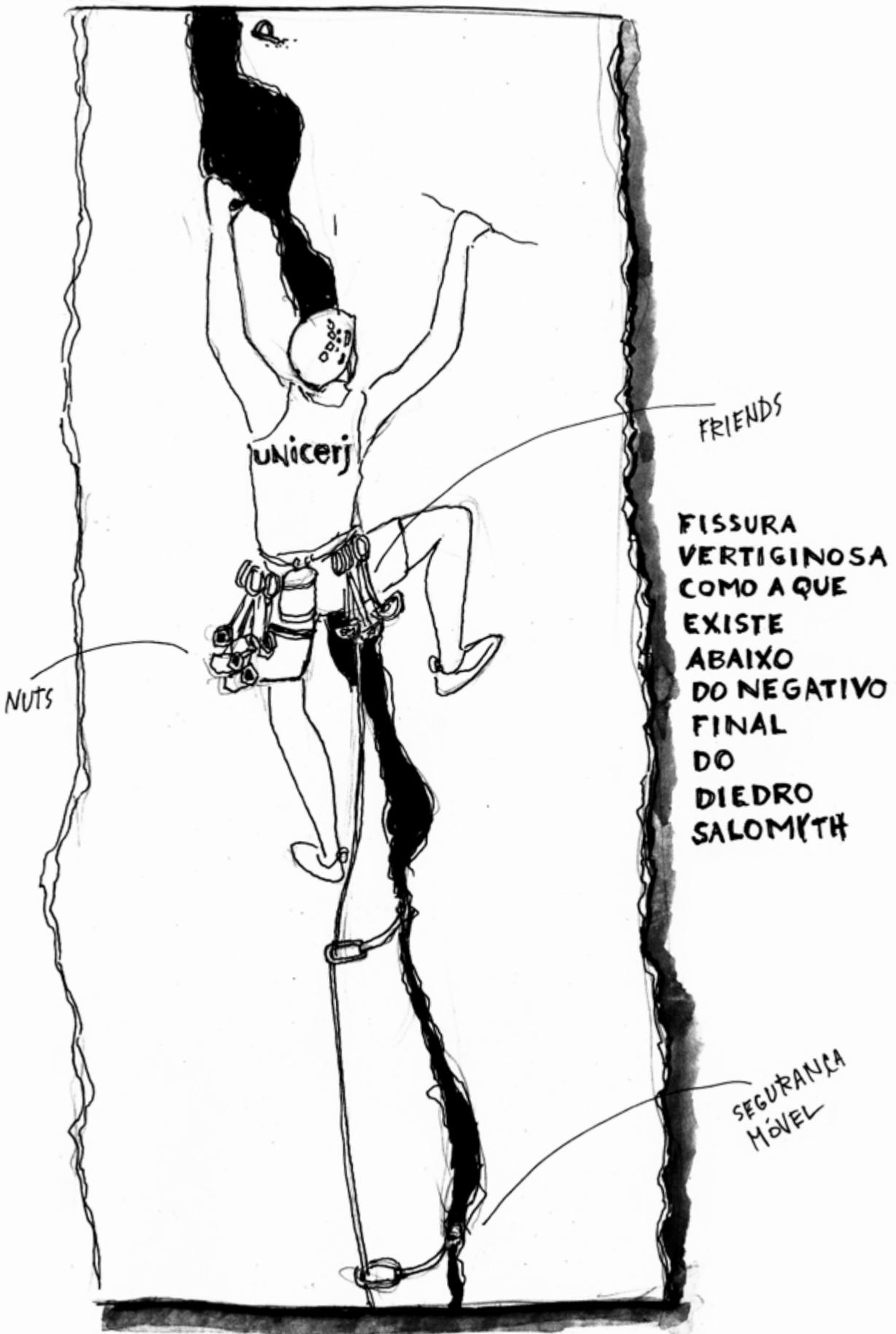
Santa Cruz e Sayão, como num passe de mágica, nos transportam para o apaixonado fascínio do montanhismo amador. O texto visceral do Santa Cruz é um presente para os nossos sentidos. Em suas narrativas podemos ter idéia das emoções vividas no Dedo de Deus, desde a conquista primordial de 1912, até chegar às Descidas Vertiginosas. E o que dizer dos magistrais desenhos e croquis do Sayão? São pura poesia em forma de imagem. Numa simples olhada de relance, quase percebemos os movimentos vigorosos dos que desafiam a gravidade, nas dramáticas escaladas e vertiginosas descidas. Para mim, que conheço há décadas os autores, é uma honra indizível prefaciá-lo um trabalho tão bonito e pleno de integridade.

Mais do que caminhadas, escaladas e descidas vertiginosas, este livro aborda algo que anda um tanto esquecido e que precisa ser resgatado: a possibilidade de construção da UTOPIA.

JOSÉ ZAIB

Guia Escalador desde 1975

Ex-Presidente do CERJ (1987-1990)

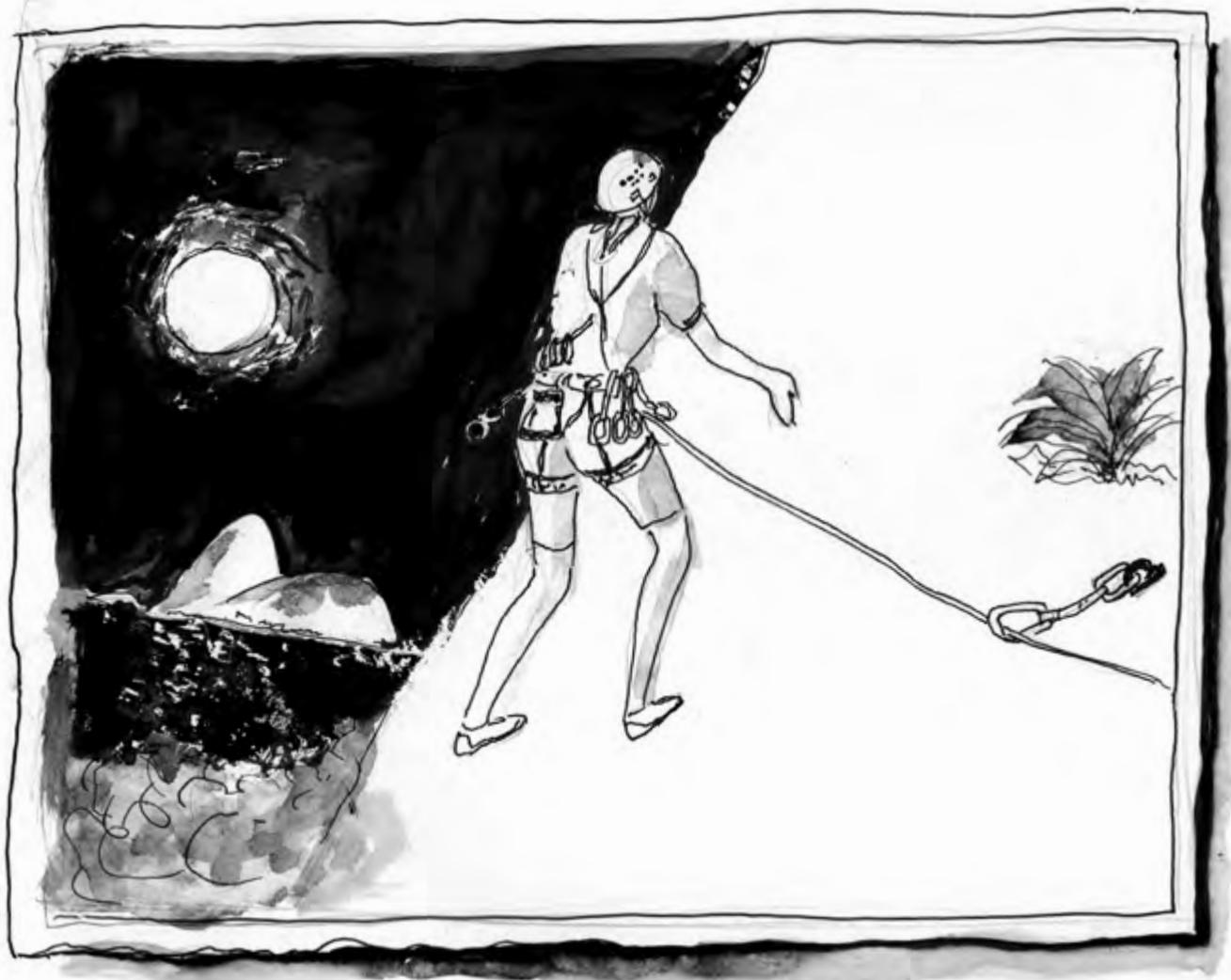


NUTS

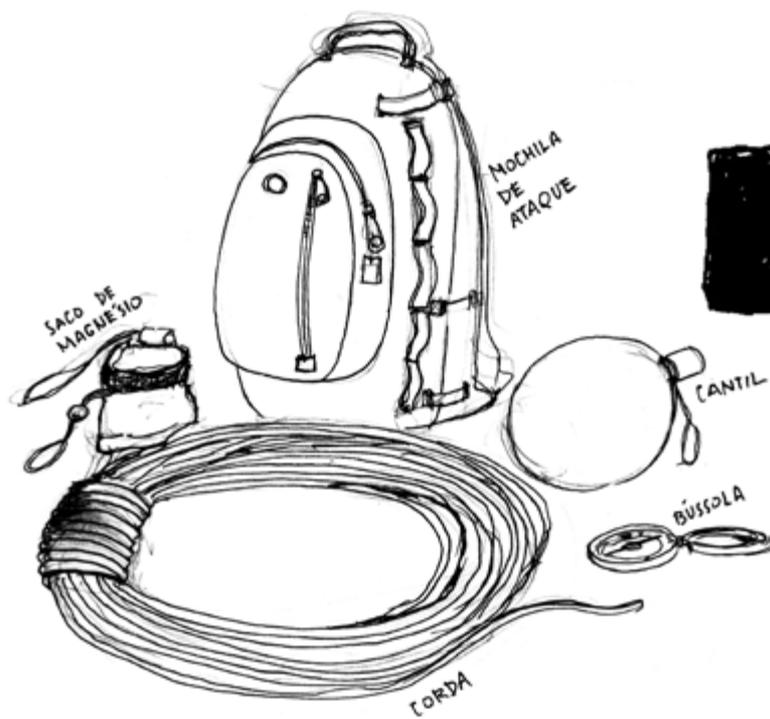
FRIENDS

FISSURA
VERTIGINOSA
COMO A QUE
EXISTE
ABAIXO
DO NEGATIVO
FINAL
DO
DIEDRO
SALOMITH

SEGURANCA
MOVEL



CONQUISTANDO UM LANCE HORIZONTAL NO RIO DE JANEIRO



Travessia Tirolesa

SOBRE A ARTE DE CONQUISTAR NO MONTANHISMO

No montanhismo, conquistar tem múltiplos significados. Inicialmente consistia em alcançar o cume de uma montanha pela primeira vez, por caminhada ou escalada. Com o passar do tempo, passou a caracterizar também o ato de subir ou descer por uma nova Via em uma determinada montanha já conquistada.

Os conquistadores têm a prerrogativa de escolher o percurso seguido na montanha, bem como o nome da Via que conquistam. Em função dos lances predominantes, uma determinada escalada pode ser denominada Chaminé (Cha. UNICERJ), Paredão (Par. Che Guevara), Fissura (Fis. Mariana), Diedro (Die. Salomyth), Oposição (Opo. Ecologia), ou simplesmente Via (Via Sylvio Mendes). Algumas vezes, para definir o nome da conquista, utiliza-se o ponto cardeal seguido na montanha, associado à palavra Face (Fce. Leste do Dedo de Deus).

Existem ainda conquistas denominadas Variantes. Uma Variante é qualquer escalada que começa em algum ponto de uma Via já existente. A Variante pode terminar no cume (Var. Willy Chen), em outra escalada (Var. Darcy Ribeiro), ou ainda na mesma escalada que se iniciou, só que mais acima (Var. Gilda Borges).

Por último temos as Descidas (por exemplo: Des. Valdeci Bento). Conquistar uma Descida é uma opção tão digna quanto conquistar uma Escalada. Não tem nada a ver com a execrável “conquista de vias de subida com segurança de cima”, que constitui a própria negação da idéia de conquista. Quando se conquista uma Descida, a corda vem de cima, não para facilitar e sim porque não pode ser de outra maneira. Nas conquistas em descida não dá para improvisar. Se alguma coisa sai errada as conseqüências podem ser irreversíveis, como na vida.

Boa parte do texto a seguir procura mostrar a desafiadora trajetória do montanhismo amador realizada através de conquistas, começando pela primeira escalada do Dedo de Deus, ocorrida em 1912, até chegar às Descidas Vertiginosas, que oferecemos a todos os escaladores.

Esperamos que seja possível perceber que a arte de conquistar, no montanhismo, é uma atividade plena de grandeza e desafios, exigindo, em todas as acepções, muito esforço, dedicação, planejamento, cooperação e companheirismo. Muito mais do que as mãos, as pernas, o corpo e a mente, necessita-se, em uma conquista, de generosidade para compartilhar o que de melhor há no coração.

Rio de Janeiro, julho de 1999.

SANTA CRUZ E SAYÃO



GUIANDO
UM
PAREDÃO
COM
SEGURANÇA
FIXA

RABO DE VACA

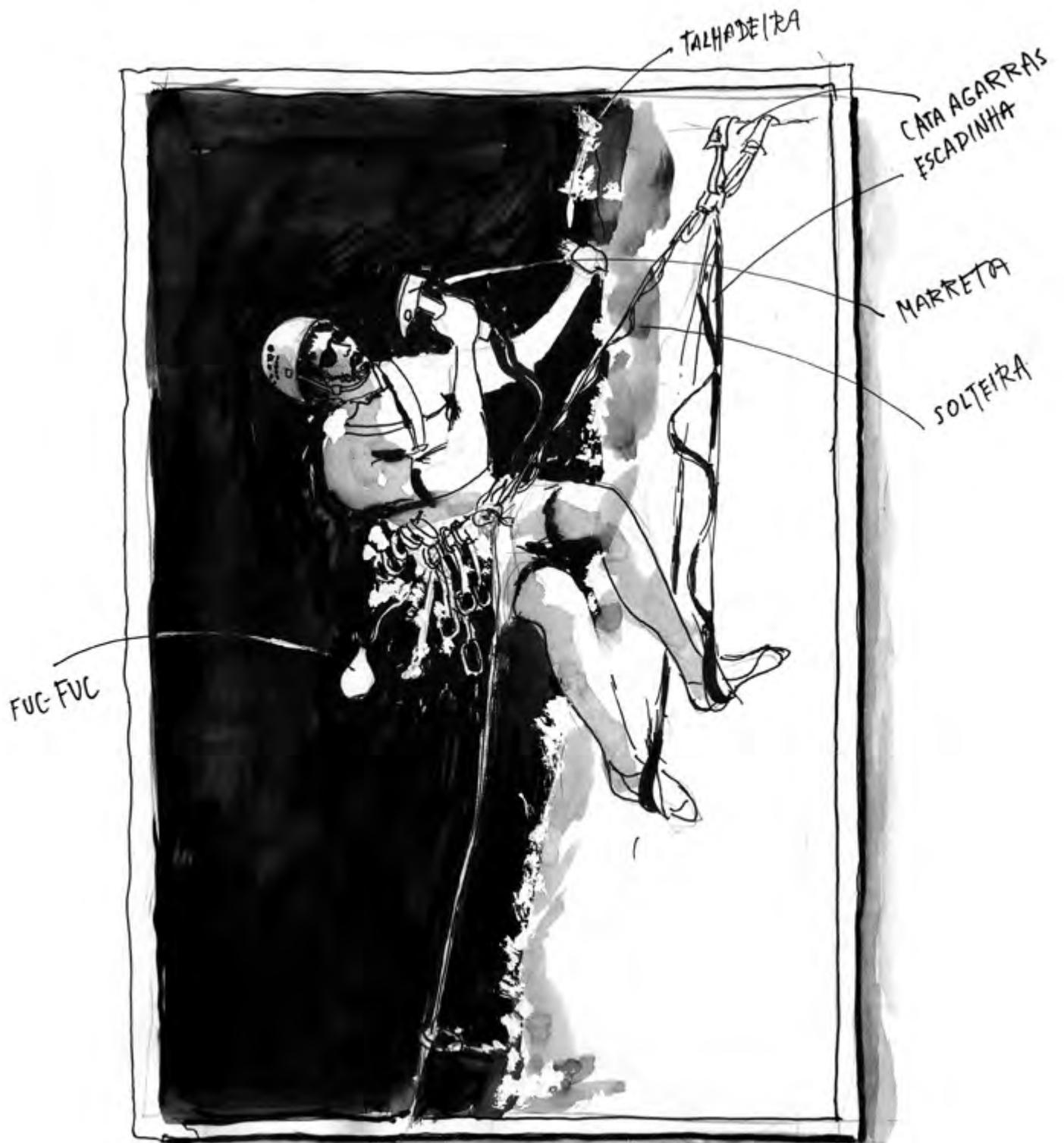
BODRIÊ

SACO DE MAGNÉSIO

VÁRAPES

GRAMPO
SEGURANÇA
FIXA

FITA DE
COSTURA



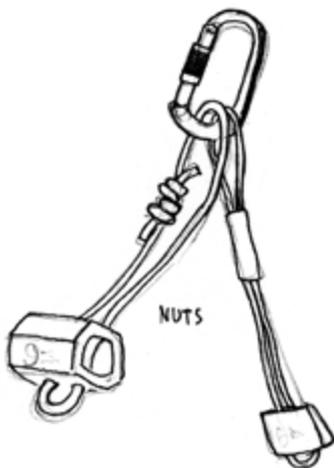
BATENDO GRAMPO EM UMA CONQUISTA EM
PAREDÃO



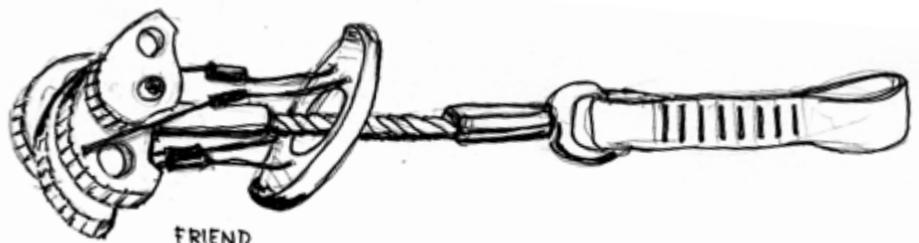
FISSURA

COSTURA MÓVEL
USANDO
NUT

GUIANDO UMA FISSURA COM SEGURANÇA MÓVEL



NUTS



FRIEND

DEDO DE DEUS, A CONQUISTA PRIMORDIAL

O Dedo de Deus foi conquistado às 17:00 horas do dia 9 de abril de 1912. Os conquistadores eram pessoas simples, que não tinham conhecimentos nem prática de montanhismo quando se lançaram ao aparentemente impossível objetivo de galgar os 1692 metros do portentoso monumento rochoso.

Na época, experientes montanhistas europeus haviam tentado sem êxito escalar o Dedo de Deus. Tal fato despertou a vontade em José Teixeira e seus companheiros Raul Carneiro e os irmãos Alexandre, Américo e Acácio de Oliveira, que se lançaram para desbravar o indomável.

Eles ousaram e conseguiram, tal qual PROMETEU¹, roubar o fogo dos céus. Esta conquista representa o nascimento do montanhismo em nosso país.

O Dedo de Deus é uma das montanhas brasileiras mais conhecidas. Não é por acaso que está presente na bandeira do Estado do Rio de Janeiro.

Passados mais de 87 anos desde a primeira escalada, o Dedo de Deus continua permeando o imaginário coletivo de montanhistas e escaladores, sejam iniciantes ou veteranos. Os montanhistas que nunca o escalaram sonham chegar ao seu cume; os que já fizeram alguma de suas vias querem voltar mais e mais vezes. Para quem não é montanhista seria muito difícil tentar explicar a atração exercida por montanhas como o Dedo de Deus. Para quem é montanhista não precisa explicação alguma. Basta chegar perto ou mesmo olhar uma simples fotografia. Depois é só ir lá espontaneamente buscar as belezas, desafios e emoções que a natureza tem a nos oferecer.

Localizado no município fluminense de Guapimirim, faz parte do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PNSO), uma região privilegiadíssima com penhascos abruptos, vegetação luxuriante, córregos de águas rápidas e paisagens deslumbrantes. Do seu cume pode-se ver de perto quase toda a cidade de Teresópolis, que por sua vez permite contemplar suas vertiginosas paredes de rocha nua por ângulos muito impressionantes, mesmo para os que escalam montanhas.

Apesar de não ter altitude comparável às montanhas mais altas do PNSO, cujo ponto mais alto, a Pedra do Sino, atinge 2263 metros, o Dedo de Deus se destaca pelo seu formato singular, principalmente quando visto de determinadas perspectivas. O fato insofismável é que o Dedo de Deus causa forte impressão a qualquer pessoa que não seja completamente indiferente às belezas dessa jóia preciosa que é o planeta Terra. Ajuda muito sua posição geográfica no flanco sudeste da Serra dos Órgãos, o que aumenta bastante a sua visibilidade. Outras montanhas mais monumentais não possuem esta característica. A AGULHA DO DIABO (1941)², por exemplo, é bem mais pontiaguda que o Dedo de Deus e é 358 metros mais alta. No entanto, é muito menos conhecida, pois encontra-se, por assim dizer, escondida no meio de montanhas ainda mais altas que ela, no coração da Serra dos Órgãos.

¹ **PROMETEU**: na mitologia grega foi o Titã que roubou o fogo dos deuses e o deu à humanidade, permitindo a sobrevivência da espécie humana. A vingança de Zeus foi terrível e Prometeu foi acorrentado num penhasco do Cáucaso, onde todos os dias um abutre vinha comer o seu fígado que se regenerava à noite. Seu tormento só veio a terminar quando Hércules o libertou.

² **1941**: foi o ano em que a Agulha do Diabo foi conquistada. O mesmo procedimento será usado sempre que uma determinada Escalada ou Descida aparecer no texto pela primeira vez.

Os antigos relatos de excursões ao Dedo de Deus estão associados à ferrovia que passava em sua encosta leste, abaixo da atual estrada de rodagem. Os remanescentes daquela época contam que os Guias combinavam com o maquinista para que o trem fizesse uma meia parada e assim todos pudessem saltar no ponto mais próximo do início da caminhada, que naquele tempo era bem maior que a atual.

No final dos anos 50, com a construção da rodovia Rio-Teresópolis, durante o Governo Juscelino Kubitchek, a ferrovia foi desativada, o que, se por um lado tirou um pouco do romantismo da escalada do Dedo de Deus, tornou-a mais acessível. O ideal teria sido, além de construir a rodovia, manter e modernizar a ferrovia. Mas talvez fosse pedir muito num país em que as idéias de modernização sempre foram mal compreendidas. No caso das ferrovias brasileiras o que se viu, lamentavelmente, foi a erradicação quase completa da maioria delas no transporte de passageiros e, até mesmo, no de cargas.

Hoje, a primeira parte da trilha do Dedo de Deus começa na estrada pouco abaixo da Santinha. É um TOCA-PRÁ-CIMA³ íngreme e bem estabilizado no início, não obstante a ação erosiva das pesadas chuvas que assolam toda a região do Parque Nacional, principalmente no verão.

Após 50 minutos em média de subida puxada, chega-se a uma pequena clareira, chamada Cuíca, próxima de uma gruta minúscula, a Toca da Cuíca, onde, no passado, era quase obrigatório um BIVAQUE⁴.

A partir da Cuíca, sobe-se mais um pouco e, rapidamente, chegamos à base de um diedro úmido chamado Chaminé das Pedras Soltas, que não é propriamente uma chaminé.

Das Pedras Soltas para cima, a ação erosiva dos elementos atingiu implacavelmente a trilha do Dedo de Deus e foi transformando aos poucos o caminho numa verdadeira escalada. Os últimos desmoronamentos, ocorridos no início de 1998, devastaram árvores e arrasaram até mesmo grampos onde alguns cabos de aço tinham sido fixados nos últimos anos.

Proseguindo, chega-se à Bifurcação, um ponto crucial da subida, onde, como o nome indica, os caminhos se dividem. Os conquistadores, em 1912, subiram contornando o Dedo de Deus pela esquerda. Este caminho é o mesmo que leva à Gruta Bendy, aos Dedinhos (1912) e à Face Sul (1963).

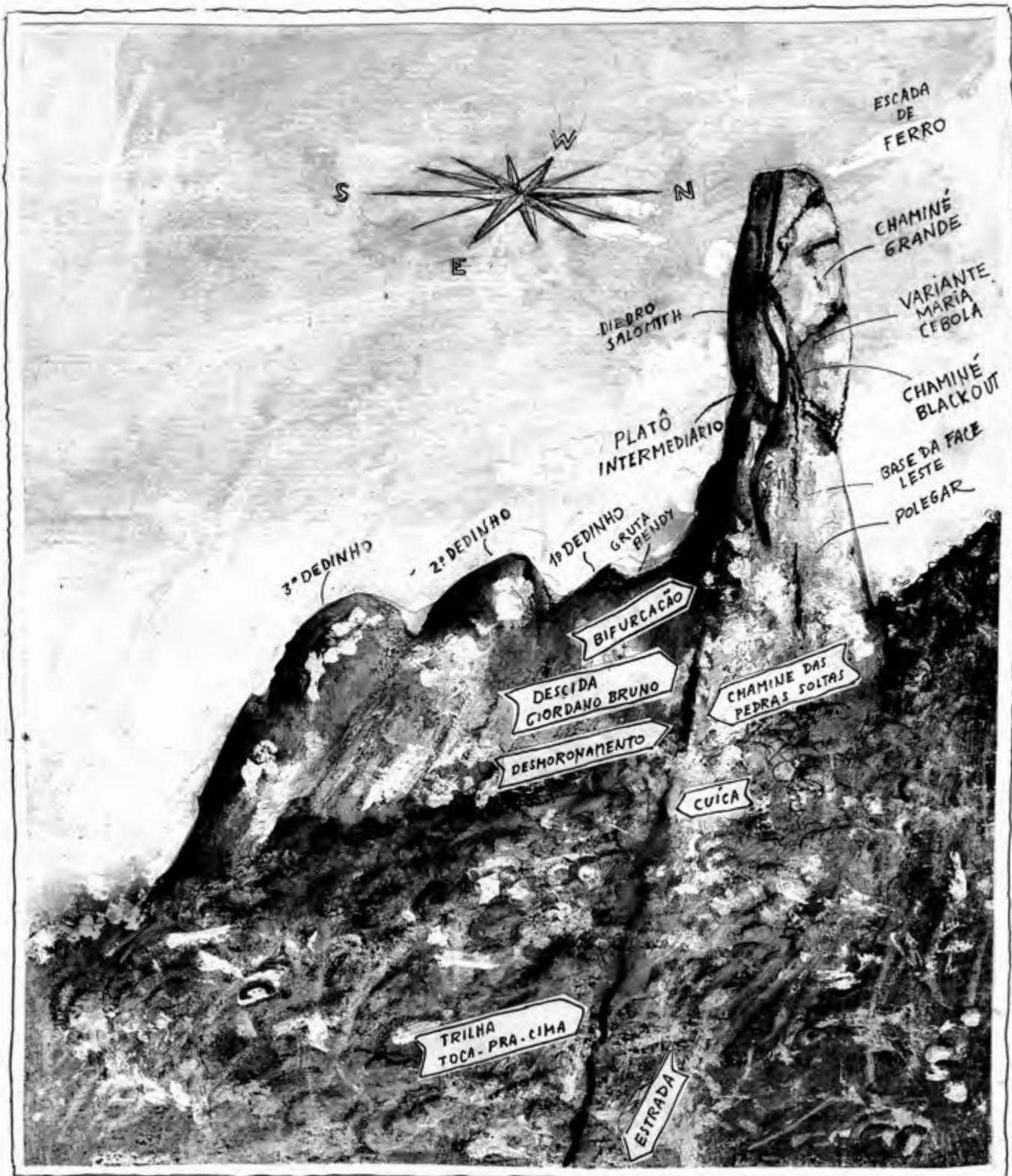
Por outro lado, se tomamos à direita na Bifurcação, contornamos a montanha pela frente e podemos chegar ao Polegar ou ao início da Face Leste (1944). Este é o mesmo modo de se chegar ao Diedro Salomyth (1982), uma escalada que começa um pouco abaixo da Face Leste e segue o flanco sudeste até o cume.

Ao contrário de muitas montanhas que têm caminhadas até o cume, o Dedo de Deus requer necessariamente que se suba por escalada. Este fato aumenta ainda mais o seu fascínio. Estando nas bases das vias de escalada, já mencionadas, quando o tempo está bom, pode-se descortinar belas paisagens.

Seguindo o mesmo caminho dos conquistadores de 1912, tem-se uma vista panorâmica da Baía de Guanabara, com o Rio de Janeiro e as montanhas da Floresta da Tijuca ao fundo. À esquerda deste platô, conhecido como Platô da Bendy, temos o Primeiro Dedinho (1912), que se eleva poucos metros acima da Gruta Bendy, uma excelente proteção natural, outrora muito

³ **TOCA-PRÁ-CIMA:** é qualquer caminhada de inclinação elevada. Requer que se avance num ritmo pausado e contínuo, concatenando a respiração com as passadas, buscando se integrar com a natureza em torno. Desse modo, pode-se caminhar indefinidamente, mesmo com mochilas pesadas, obtendo-se um ótimo desempenho.

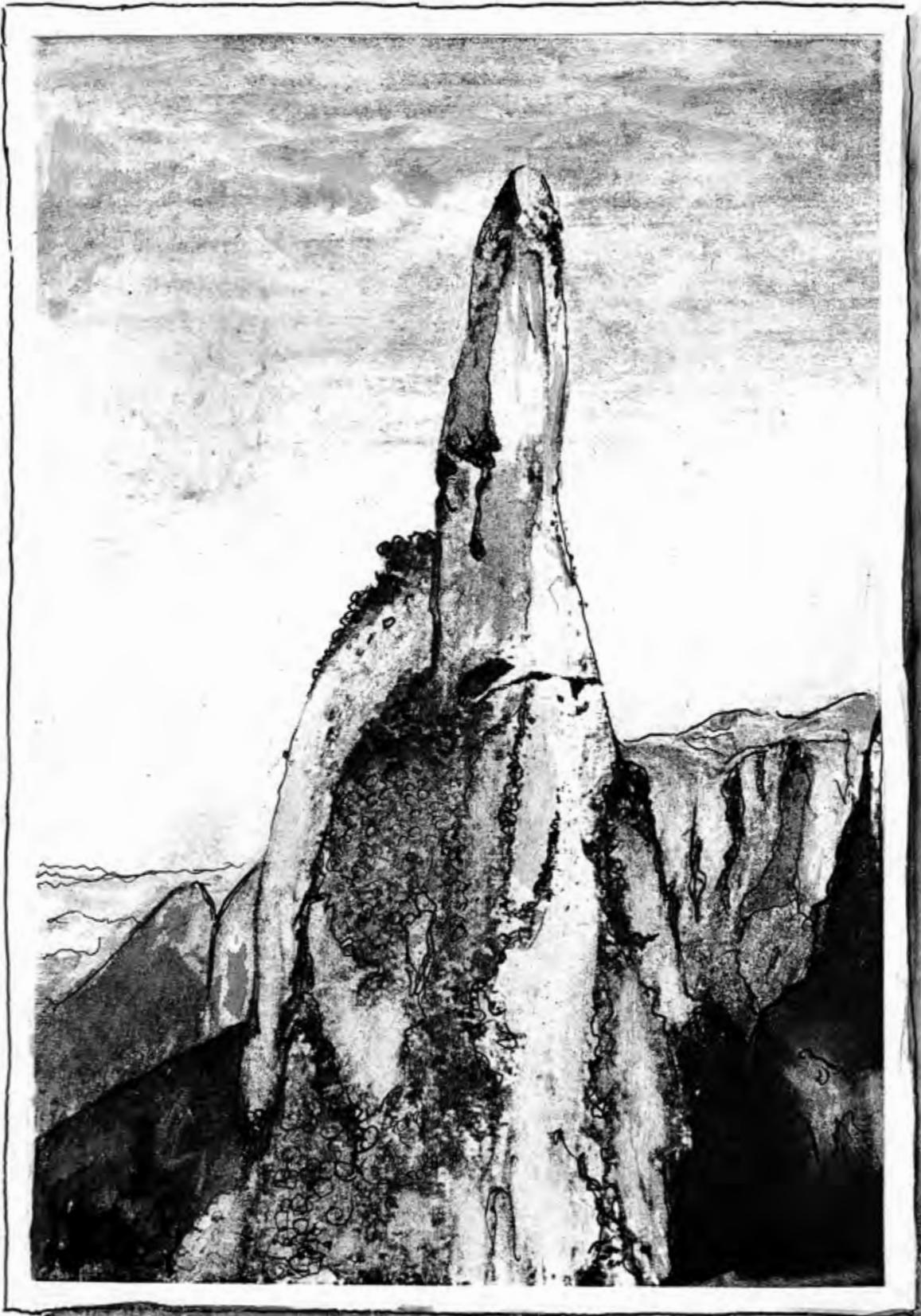
⁴ **BIVAQUE:** é qualquer pernoite provisório ao ar livre na montanha, com ou sem barracas. Pode ser visto como um acampamento rústico e, de fato, na maioria das vezes, não se dispõe de espaço sequer para armar uma barraca.



ATRATIVOS DAS FACES LESTE E SUDESTE DO DEDO DE DEUS E ARREDORES



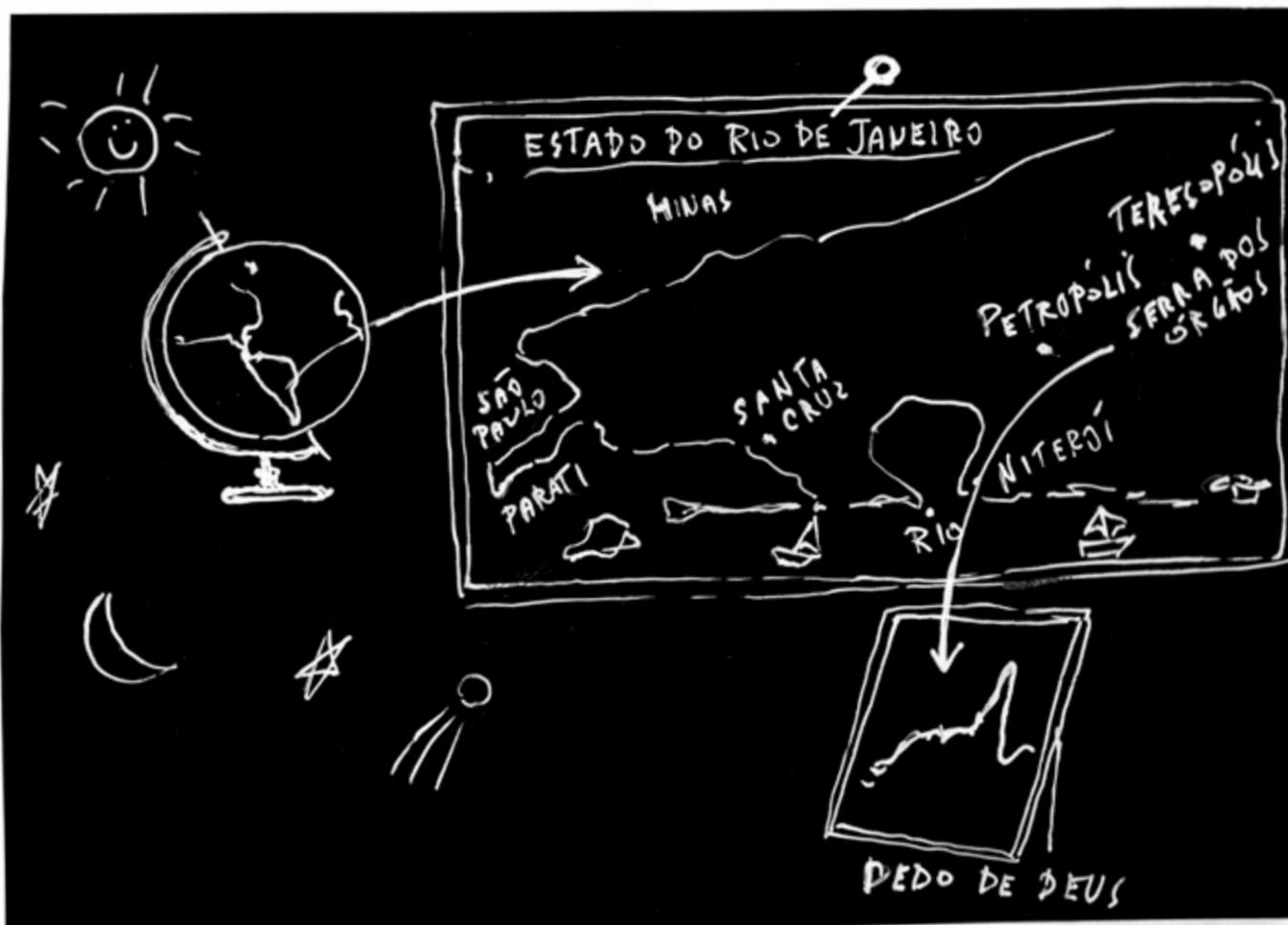
PEDO DE DEUS • 1692 m



AGULHA DO DIABO • 2050 m



PERFIL DA SERRA DOS ÓRGÃOS
 A PARTIR DA ESQUERDA: ESCALAVRADO, DEDO DE
 NOSSA SENHORA, DEDO DE DEUS E CABEÇA DE PEIXE



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO DEDO DE DEUS • MUNICÍPIO DE GUAPIMIRIM •
 ESTADO DO RIO DE JANEIRO • BRASIL •



MARIO ARNAUD CONQUISTANDO O NEGATIVO FINAL NA
16ª INVESTIDA DO DIEDRO SALOMYTH. 18/07/1982



PERFIL DA SERRA DOS ORGÃOS VISTO DA TRAVESSIA DO PINSO

usada para bivaques. Hoje há muitas pessoas que se dizem montanhistas mas não sabem o que é pernoitar em uma montanha e só excepcionalmente passam o dia inteiro em contato com a natureza, pois parecem mais interessados em viver como se tivessem que bater recordes que não têm qualquer sentido.

À direita do Platô da Bendy chega-se a um pequeno paredão, devidamente grampeado, que possibilita subida segura até a base da Face Sul ou da Via Teixeira.

À medida que se vai subindo, a vegetação torna-se cada vez mais rarefeita, até que a rocha nua e muito íngreme passa a dominar completamente. Não é preciso dizer também que a paisagem vai ficando cada vez mais bonita. Neste ponto já se está mais alto do que o Escalavrado (1931), o Dedo de Nossa Senhora (1934) e os Dedinhos, embora se continue muito abaixo das outras montanhas do Parque, que se mostram em toda sua beleza.

Se for verão e tiver chovido forte no dia anterior ao da excursão, é possível admirar cachoeiras temporárias que despencam dos Castelos, numa sucessão de quedas de algumas centenas de metros. Este espetáculo pode ser mais facilmente apreciado e é muito mais impressionante se o grupo tiver bivacado na Gruta Bendy, pois pode-se contemplar os efeitos dos temporais lá para os lados da Travessia Petrópolis-Teresópolis (1932), quando gigantescas quantidades de água caem maravilhosamente no meio do vazio.

Ao se chegar à base da Via Teixeira já se subiu boa parte do Dedo de Deus mas ainda falta a escalada em si. No passado, quase toda a subida até este ponto era praticamente uma caminhada. Hoje, estritamente falando, a escalada começa antes. De qualquer modo, não é nada quando comparado com a via magistral que os conquistadores seguiram, quando o Dedo de Deus foi escalado a primeira vez.

A Via Teixeira é constituída de três seqüências de lances de escalada e o esticão final, onde está a famosa escadinha de ferro que leva ao cume. Tem cerca de 115 metros de extensão, 32 grampos e um pequeno cabo de aço de cinco metros, remanescente dos tempos heróicos, quando ainda não havia os sofisticados equipamentos de montanhismo, posteriormente desenvolvidos. Esta deficiência era suprida por uma paixão, um entusiasmo e um espírito de equipe que andam um tanto rarefeitos nesta época, que muitos acreditam ser de plenas realizações, mas que tem muito que aprender com os ensinamentos dos pioneiros.

Paredão Villela, Passagem do Leser e V8 são as três seqüências da Via Teixeira que levam à escadinha de ferro próxima ao cume.

O Paredão Villela tem 16,52 metros de desnível e caracteriza o início da Via Teixeira. Quase sempre tem alguns de seus lances molhados. Por isso é recomendável ao Guia dispor de *NUTS* ou *FRIENDS* médios e grandes para ter boa proteção, embora a via esteja bem grampeada. É neste esticão que fica o último cabo de aço que resta na Via Teixeira. Na base há uma placa em homenagem ao Guia Antenor Villela que morreu tragicamente quando descia no local, em uma excursão realizada em novembro de 1933. Por isso, esta primeira seqüência de lances é conhecida por Paredão Villela.

Terminado o primeiro esticão, chega-se a um amplo Platô, onde se caminha 15 metros margeando a montanha até iniciar as fendas que levam à famosa Chaminé Horizontal de 8 metros, onde outrora havia um cabo de aço e que hoje deve ser feita com técnica de chaminé estreita. É, sem sombra de dúvida, o lance-chave da escalada. Quando se consegue terminar a Chaminé Horizontal, há um grampo duplo para segurança. Após se trazer o companheiro de cordada, segue-se em artificial fixo até o topo da Leser.

Nesta passagem horizontal impressionante, Henrique Leser quase perdeu a sua vida em junho de 1932, quando a corda fixa que lá havia, arrebentou e ele caiu no vazio, tendo sido salvo pela corda de segurança e pelos seus companheiros Emerico Ungar e Rudolph Detrich.

Eles constituíam o grupo de vanguarda de uma memorável excursão do Centro Excursionista Brasileiro (CEB), que levava desmontada a escada de ferro que até hoje está lá pertinho do cume do Dedo de Deus e já foi usada desde então por milhares de pessoas. Na ocasião eles foram obrigados a retornar mas, em setembro do mesmo ano, Leser estava de volta, em companhia de Conrad Berk, quando o CEB escalou o Dedo de Deus pela primeira vez. Antes de voltarem para o Rio de Janeiro, ainda foram visitar José Teixeira, que 20 anos antes havia liderado o grupo que conquistou a montanha símbolo do ESPORTE DIFERENTE⁵ no Brasil. Os registros jornalísticos e os relatórios da época consultados, mostram que este encontro foi uma verdadeira confraternização de montanhistas, pois Leser e Berk foram levar à Teixeira o abraço de admiração. Não consta que Teixeira tenha ficado aborrecido pelo fato de terem colocado uma escada de ferro no final da Via que conquistou. Muito pelo contrário, ficou muito feliz ao saber que, a partir de então, mais pessoas poderiam atingir, com segurança, o cume do Dedo de Deus.

Se fosse hoje, provavelmente seria um **“Deus nos acuda”**. Diriam até que o Dedo de Deus foi desfigurado. O montanhismo, na ocasião, ainda estava muito longe da exacerbação do direito de conquista, quando vemos alguns escaladores se considerando proprietários das escaladas e das montanhas. Contudo, MONTANHISMO É LIBERDADE e precisamos denunciar os que tentam impor aos demais suas visões temerárias e fascistas, visando excluir a maioria dos montanhistas para que, deste modo, possam se autopromover e se beneficiar da desinformação generalizada.

Voltando à descrição da Via Teixeira, chegamos ao terceiro conjunto de lances constituído pela Chaminé Arranca-Botão e a Chaminé V8, numa extensão total de 20,25 metros. São lances de rara beleza. Daí para cima é só seguir até a base da escadinha e prosseguir até o cume do Dedo de Deus onde existe uma placa de bronze em homenagem aos conquistadores colocada em 1952, por ocasião dos 40 anos da primeira ascensão.

O cume é plano e maior do que muita gente imagina, com algumas pedras relativamente grandes, espalhadas aleatoriamente.

Em abril de 1912, Teixeira e seus companheiros utilizaram a mesma face da montanha na subida e na descida.

Evidentemente que se conta com a gravidade para descer e não se precisa passar exatamente nos mesmos locais da subida. Assim sendo, não é correto dizer que se desce pelo mesmo caminho que se sobe, mesmo quando se escolhe a mesma via para subir e descer. Principalmente numa montanha que apresenta muitos lances internos como o Dedo de Deus. Tem muita gente que nunca subiu pela Via Teixeira e, equivocadamente, pensa que a conhece só porque fez a Face Leste e retornou à base pela Descida Original de 1912, que tangencia a Via Teixeira nos pontos externos, onde as cordas são montadas para a descida.

Durante muito tempo, quase todo mundo escolheu a Des. Original de 1912 como opção única de descida. Assim, mesmo depois que outras vias de acesso até o cume foram conquistadas, continuou-se utilizando a mesma Descida feita por Teixeira e seus companheiros como a descida modelar do Dedo de Deus. Isso porque permite o regresso mais simples e mais tranquilo do

⁵ESPORTE DIFERENTE: é uma forma *sui generis* de designar o montanhismo. Tal denominação era muito comum nas décadas passadas e precisamos resgatá-la por sua precisão. De fato, o montanhismo não é propriamente um esporte e não possui regras pré-determinadas. Representa, para todos que o praticam em sua plenitude, um espaço de liberdade, companheirismo e comunhão com a natureza. Além disso, ao contrário dos esportes, o montanhismo dispensa qualquer vestígio de competição. Vale lembrar David Sarnoff: “A competição obtém o melhor dos produtos e o pior das pessoas”.

cume, com os bons platôs da base da escadinha e dos três famosos RAPÉIS⁶: V8 (20,26m), Leser (21,86m) e Villela (16,52m).

Mesmo com as novas Descidas Vertiginosas que nós conquistamos no Dedo de Deus, a Descida Original de 1912 continuará sendo a mais freqüentada. É natural que assim o seja. É a que dá mais sensação de proteção, muito embora, de certo modo, seja algo puramente psicológico, pois o 2º rapel da Descida Original, a clássica Descida Leser será, para todo o sempre, um negativo de respeito, por mais que pensemos que já estamos acostumados com os abismos à nossa volta. Contudo, deve ser lembrado que em qualquer das novas Descidas Vertiginosas a quantidade de rapéis negativos é maior e os platôs, quando existem, são minúsculos.

A situação de abandono a que ficou relegada a Via Teixeira, no final dos anos 80, fez com que rompesse o cabo de aço então existente na Passagem do Leser, exigindo um verdadeiro malabarismo dos Guias para fazer um lance que freqüentemente está molhado. Assim, a falta de manutenção fez com que ela praticamente tivesse sido retirada da programação dos Clubes e Centros Excursionistas. Como a Face Leste é mais simples e também leva ao cume, o Dedo de Deus continuou sendo escalado sem problemas. Por outro lado, os que procuravam escaladas mais desafiadoras preferiam subir pela Face Sul ou pelo Diedro Salomyth, vias que, inclusive, dispensam a escadinha de ferro final para se chegar ao cume. É bem verdade que essas duas vias, muito mais pesadas, não substituíam a Via Teixeira que possui seu próprio fascínio, além de ter sido a Via Original de conquista.

O estado de deterioração da Via Teixeira como opção de subida não impediu, em nenhum momento, que a descida do Dedo de Deus fosse feita com segurança pois, ao menos nos pontos necessários para se fazer as descidas foram mantidos grampos em bom estado.

Nos anos que seguiram à conquista do Diedro Salomyth, sonhamos tornar real uma Descida Diretíssima no Dedo de Deus. Esperamos algum tempo até que fosse restaurada a Via Teixeira, mas a escalada parecia simplesmente abandonada. Assim, no último dia de 1994, resolvemos iniciar os trabalhos de regrampeação. Alguns grampos encontravam-se tão precários que estavam no limiar de provocar graves acidentes. Temos em nosso poder esses artefatos grotescos de segurança que deveriam ter sido trocados muito tempo antes por grampos novos, pois a vida humana é insubstituível.

Com calma e perseverança, em sucessivas excursões, fomos deixando a escalada em boas condições de segurança. Depois fizemos a aferição e um croqui detalhado. Assim a Via Teixeira, que pode ser apreciada nas páginas seguintes, voltou a ser uma escalada digna de José Teixeira e seus companheiros que espontaneamente aceitaram o desafio da montanha, sem qualquer interesse que não fosse a ALEGRIA DA CHEGADA AO CUME E A VOLTA À BASE⁷ com a certeza de que a vida tem sentido.

Desde então a Via Teixeira voltou a ser freqüentada com regularidade, pois oferece emoção a todos os escaladores, sem que para isso se precise abrir mão da segurança.

Paralelamente à recuperação da Via Teixeira, fomos gradativamente conquistando as Descidas Vertiginosas. A princípio seria apenas uma, mas o Dedo de Deus nos mostrou vários caminhos e assim foram feitas quatro novas Vias de Descida.

⁶ **RAPPEL**: é qualquer lance de descida por corda, podendo ser positivo, que é o rappel mais suave, vertical ou negativo, quando o montanhista fica literalmente pendurado na corda podendo inclusive perder o contato com a pedra. Uma Escalada muitas vezes é descrita pelo número de esticões de corda que se precisa fazer para subir. Analogamente, uma Descida é freqüentemente definida pelo número de rappels. Assim, a Descida Original de 1912 tem três rappels e a Descida Rio de Janeiro catorze rappels.

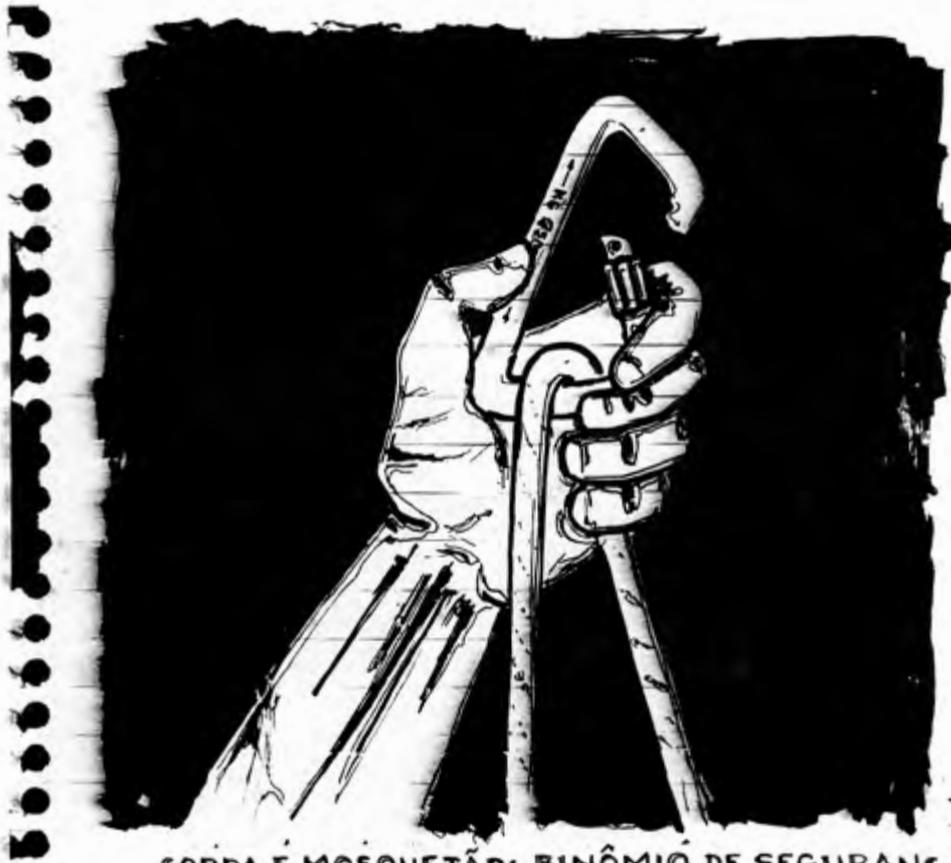
⁷ **CHEGAR AO CUME E VOLTAR À BASE**: "La verdadera foto de cumbre es en la que aparecen todos de vuelta sanos y salvos". (Claudio Lucero)

Estas novas descidas constituem opções mais desafiadoras que a Descida Original de 1912 e requerem mais conhecimentos e experiência por parte dos montanhistas que lá forem jogar seus destinos. Não são recomendadas a novatos, nem aos que não levaram a sério o aprendizado das técnicas de descida, achando que **“para baixo todo santo ajuda e o diabo empurra”**. Não é por acaso que boa parte dos acidentes fatais no montanhismo ocorre em descidas.

Além do que já foi afirmado, deve ser lembrado que 60 metros é o comprimento recomendável de uma corda para se fazer com segurança as novas Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus. É desejável dispor de pelo menos duas cordas para cada grupo de quatro montanhistas. Vale ressaltar que a Descida Rio de Janeiro é constituída de 14 rapéis, desde o cume até a Bifurcação, sendo que vários são negativos e não dá para voltar a subir, como se pode fazer na Via Original, quando uma ponta de corda fica presa lá em cima por algum motivo.

Recomendamos a máxima atenção aos que forem fazer as Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus. Cuidado esse que deve estar presente em todos os procedimentos a serem adotados sempre ao se descer uma montanha por uma descida assustadora. Da nossa parte, tivemos o zelo de duplicar todos os grampos dos 29 rapéis das quatro descidas que conquistamos. Ao longo deste texto serão encontradas todas as informações necessárias, bem como os croquis, e a extensão precisa de cada um dos 29 lances. Apresentamos também, passo a passo, o histórico resumido de cada investida que permitiu dotar o Dedo de Deus destas Vias das quais muito nos orgulhamos. Pensando em todos os montanhistas e escaladores compartilhamos nossas Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus.

José Teixeira e seus companheiros das históricas jornadas de abril de 1912 certamente ficariam felizes em saber que o sonho deles continua vivo e que o montanhismo em nosso país continua pujante e há de florescer cada vez mais como atividade saudável, solidária e verdadeiramente ecológica.

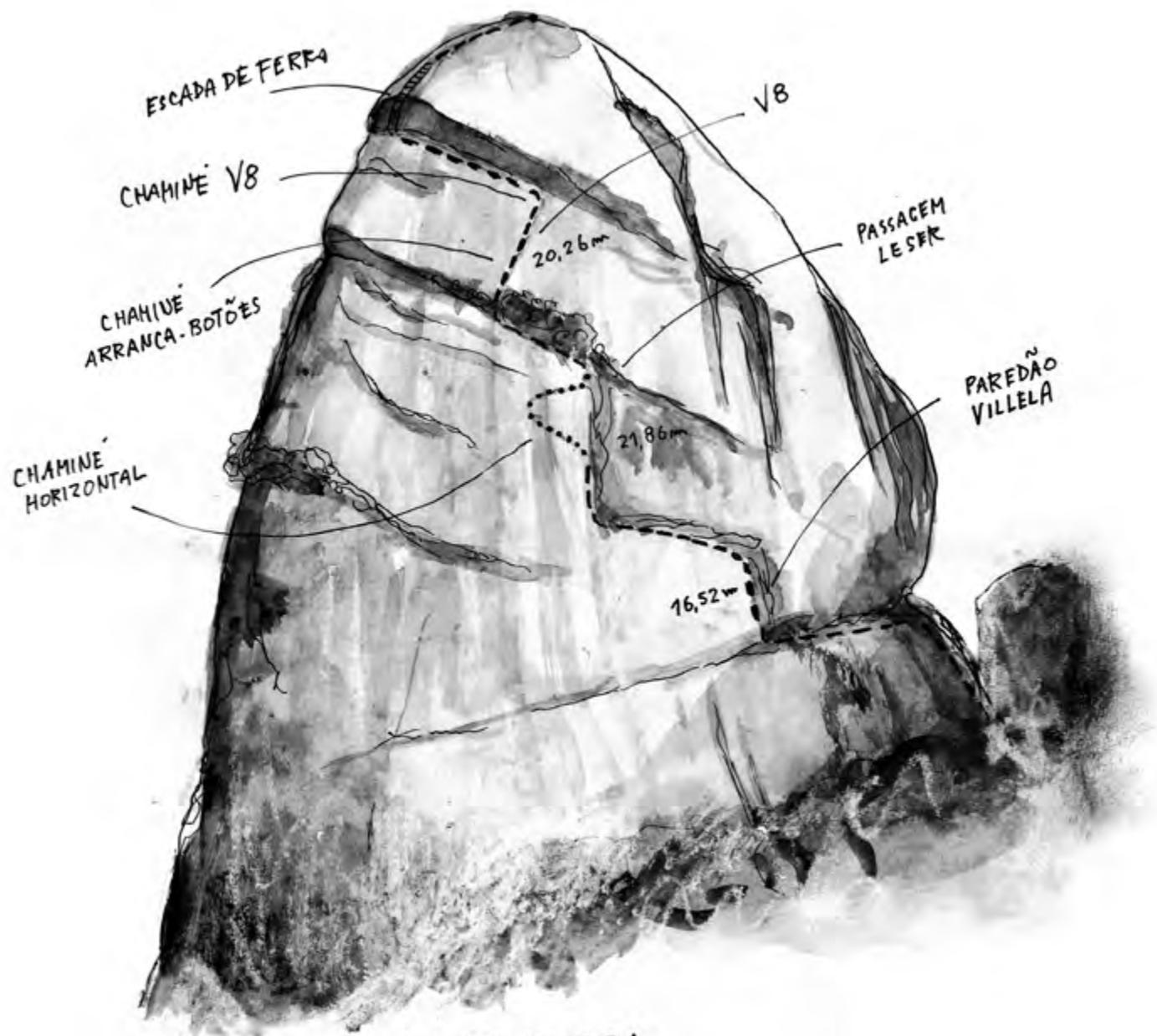


CORDA E MOSQUETÃO: BINÔMIO DE SEGURANÇA

ESCALAR COM SEGURANÇA EVITA ACIDENTES.

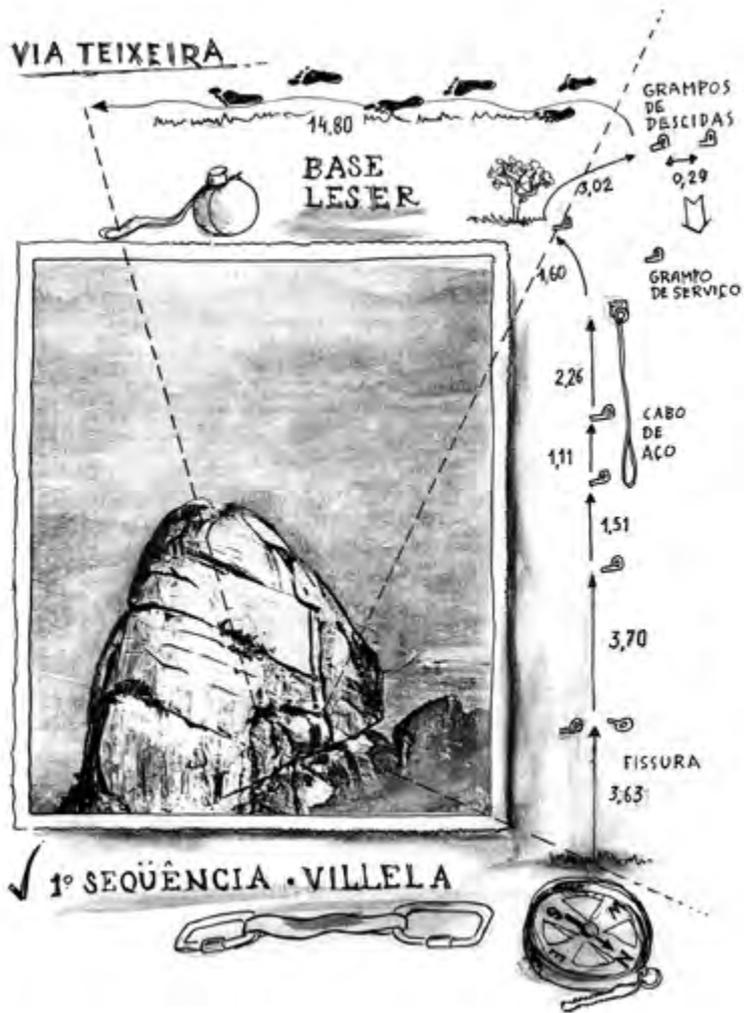


MOSQUETÃO PRESTES A SER COSTURADO

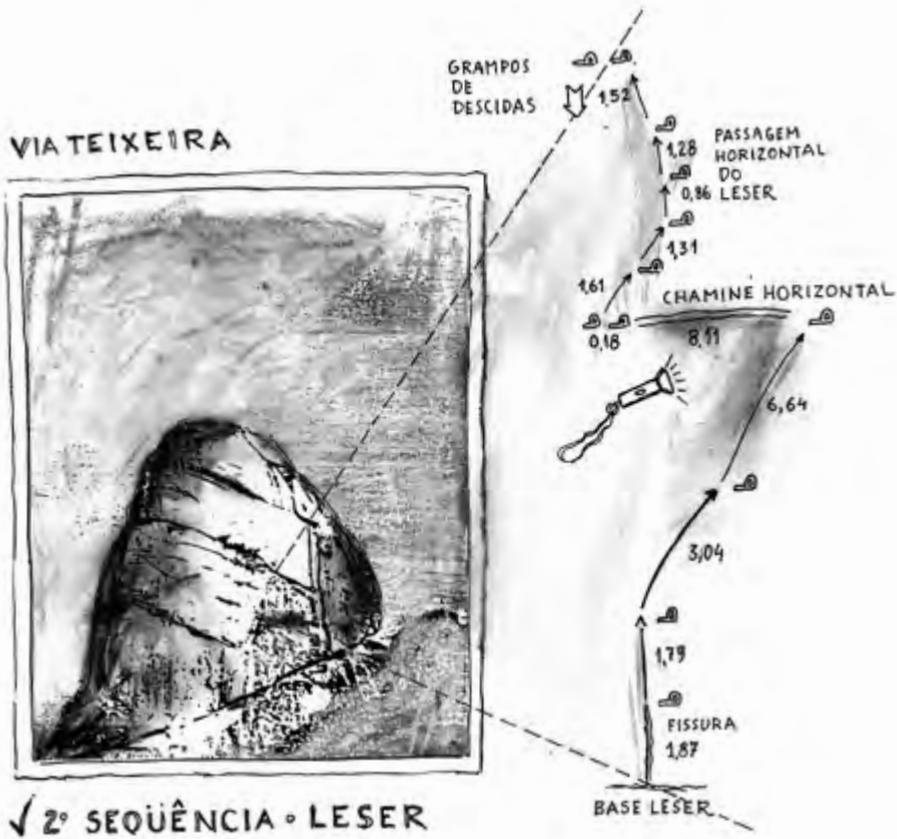


VIA TEIXEIRA
E
DESCIDA ORIGINAL DE 1912

VIA TEIXEIRA



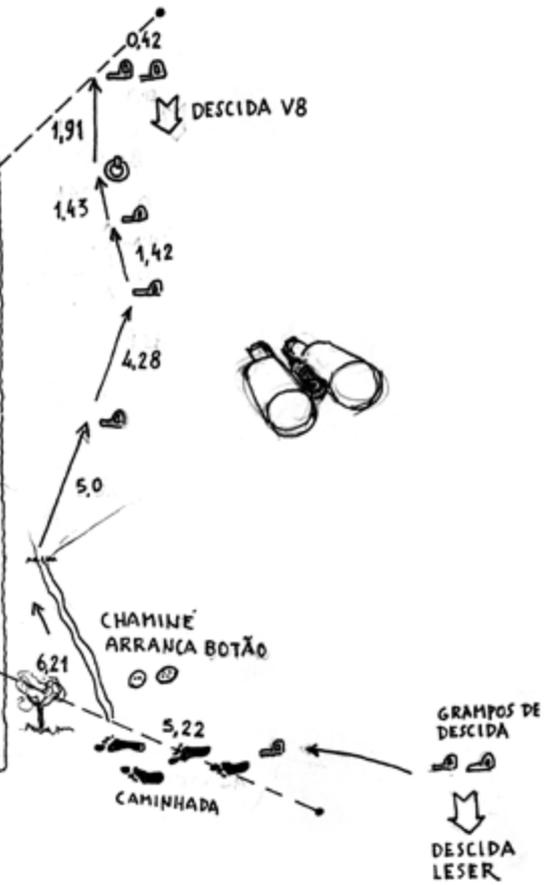
VIA TEIXEIRA



VIA TEIXEIRA



3ª SEQUÊNCIA - V8



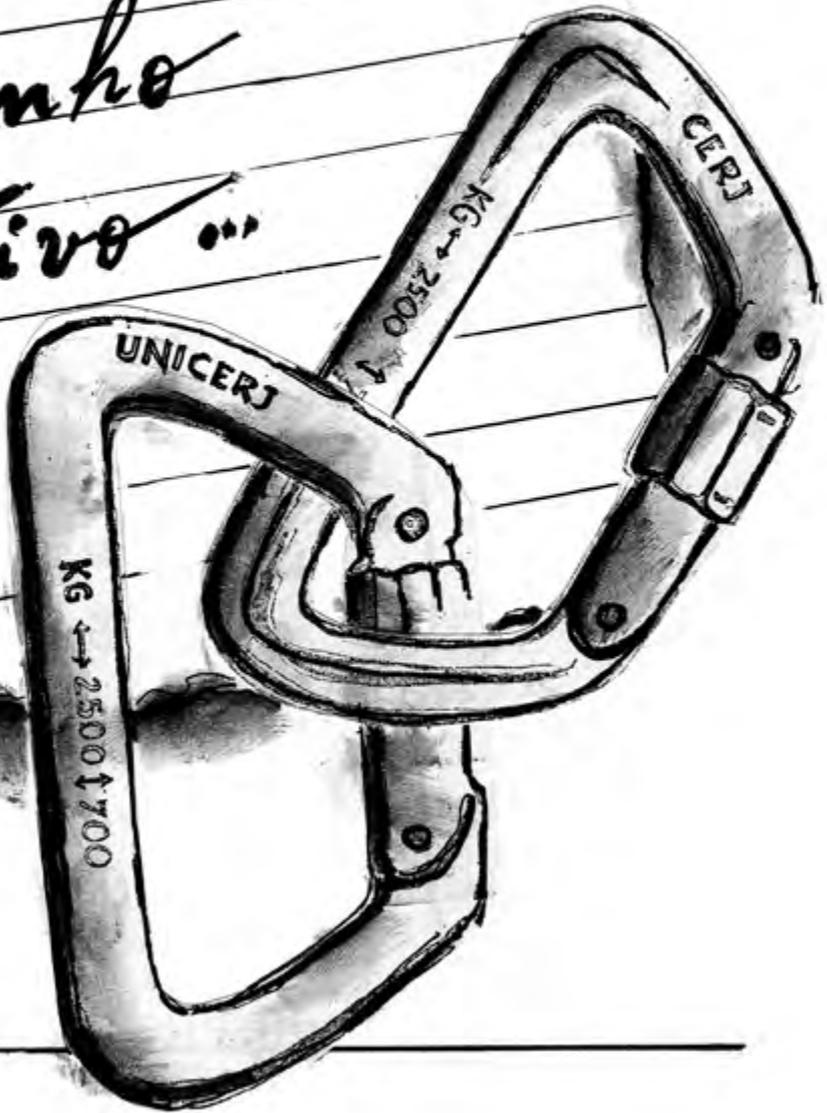
VIA TEIXEIRA



SEQUÊNCIA FINAL



Resgatar o
sonho
coletivo ...



ARTIGO 1

FICA DECRETADO QUE AGORA VALE A VERDADE,
QUE AGORA VALE A VIDA E QUE DE MÃOS DADAS
TRABALHAREMOS TODOS PELA VIDA VERDADEIRA

Os Estatutos do Homem (Thiago de Mello)

AS DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS

Para um montanhista apaixonado, as escaladas não são tudo na vida. É claro que não. Entre tudo mais, há também as caminhadas.

Contudo, há montanhas onde não se pode chegar ao cume só por caminhadas. É precisamente este o caso do Dedo de Deus. Num determinado ponto da subida a caminhada se transforma, obrigatoriamente, em escalada, qualquer que seja o caminho escolhido. Assim sendo, em montanhas como o Dedo de Deus, o simples ato de descer, constitui uma fonte inesgotável de emoção e sabedoria.

Todos os Guias Caminhantes e Escaladores, formados pelas outrora austeras ESCOLAS DE GUIAS⁸, precisavam dedicar um bom tempo para dominar e aprimorar as variadas técnicas de descida por corda, tanto quanto às técnicas de escalada. Mas esse tempo parece ter ficado para trás e só uma IMPROVÁVEL REVOLUÇÃO⁹ poderá reverter os desmandos imediatistas do quadro atual, quando muitos acham que para ser Guia basta escalar bem. Evidentemente pouca importância tem sido dada às descidas. Assim sendo, hoje, muitos escaladores desconhecem toda a magia envolvida nas descidas. Alguns ignoram que as técnicas de descida precisam ser aprendidas parcimoniosamente, respeitando inclusive os ritmos diferenciados de desenvolvimento técnico e amadurecimento humano de cada montanhista.

Portanto, mais do que nunca, no quadro pouco alentador atual é preciso reafirmar a beleza das descidas, que complementam as escaladas num processo dialético integrado, possibilitando emoções diversas daquelas encontradas nas subidas.

⁸ **ESCOLA DE GUIAS:** é a Instituição responsável por oferecer aos sócios de cada Clube cursos destinados a formar Guias Excursionistas nas modalidades: Caminhantes e Escaladores. No passado constituíam uma das principais razões de ser dos Clubes de Montanhismo, e garantiram durante décadas a existência do Esporte Diferente praticado com elevados padrões técnicos e éticos. A diminuição da influência dos Clubes está associado, entre outros fatores, à forma pouco criteriosa no credenciamento das pessoas responsáveis pela liderança das excursões, sejam caminhadas ou escaladas. Nos últimos anos, auspiciosamente, vemos que os montanhistas estão clamando para que a formação de Guias volte a ser plena de desafios, grandeza e dignidade, incorporando o desenvolvimento técnico do presente com o entusiasmo, a seriedade, a camaradagem e, por que não dizer, o romantismo do passado. A Escola Técnica de Guias Excursionistas (ETGE) ou simplesmente Escola de Guias precisa voltar a ser o referencial que sempre foi dentro de todos os Clubes. Só assim, o montanhismo no Brasil poderá almejar sobreviver, não como um “esporte de excêntricos”, mas como uma atividade saudável e respeitada pela sociedade.

⁹ **IMPROVÁVEL MAS NÃO IMPOSSÍVEL:-** Em seu livro “A Era das Revoluções” e nos que escreveu em seguida, o historiador britânico Eric Hobsbawm descreve com precisão um período fundamental para que se possa entender o nosso tempo. Ele analisa a abrangência do conceito de revolução, não apenas do ponto de vista histórico, social e político mas também numa perspectiva cultural, científica, artística e comportamental. O fato é que se a palavra revolução não pode ser mais usada, como sugerem alguns conservadores conformistas, seria melhor suprimi-la dos dicionários. Por outro lado não se pode descrever como revolução qualquer movimento epidérmico que não altere as estruturas mais fundamentais de uma determinada sociedade, ou seja: uma coisa é uma revolução, outra coisa é uma quartelada qualquer, como as muitas que já ocorreram nos países periféricos, como os de toda América Latina. Vale lembrar também “As Veias Abertas América Latina”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano: “Há aqueles que crêem que o destino descansa nos joelhos dos deuses, mas a verdade é que trabalha, como um desafio candente, sobre as consciências dos homens”.

O montanhismo já foi chamado ESPORTE DIFERENTE. Diferente porque dispensa competição. Descidas são mais diferentes ainda. É bem verdade que nas descidas a gravidade nos ajuda e não precisamos vencê-la, como ocorre nas subidas. Contudo, embora o esforço físico seja menor, não há como compensar o arrepio na espinha, a vertigem e o abandono dos abismos assustadores que são capazes de causar *frisson* no mais experiente escalador.

Precisamos especificar os dois tipos básicos de descidas existentes: no primeiro tipo, estão todas as vias de descida cujos pontos de parada coincidem, ou interceptam, pontos da via de subida que procuram acompanhar em sentido oposto. É o caso da Des. Original de 1912, a tradicional descida do Dedo de Deus, que tem todos os grampos - duplos, por sinal - coincidentes com a Via Teixeira. O segundo tipo de descida é completamente distinto. Não tem por objetivo principal permitir uma opção de descida para uma determinada escalada. É algo que foi idealizado com o objetivo fundamental de possibilitar uma via de descida, que não tem nada, ou quase nada, em comum com qualquer outra via de subida. Tais vias são conquistadas visando o desafio da conquista em si, associado ao prazer de voltar a fazer a descida nas vezes subsequentes, por pura opção dos montanhistas. Exemplos paradigmáticos de DESCIDAS desse tipo são Henry Thoreau (1984), Argonauta (1986), Daniel Alvarenga (1990), Flávia Prado (1992), Sérgio Carvalho (1994), Pablo Neruda (1995), Terra e Liberdade (1996), Montanhismo Amador (1996), Íris (1996), MASENC¹⁰ (1997), Anamaria (1998), dentre outras.

Existem, evidentemente, vias de descida que reúnem os dois tipos mencionados, como a Descida Grande Leste, em Friburgo. A Face Leste do Pico Maior foi conquistada em 1974, mas somente em 1991 foi completada a descida que utiliza partes da escalada, retificando outras e permitindo uma trajetória praticamente direta do cume à base. Outro exemplo de via de descida que combina os dois tipos especificados é a Descida Victor Jara (1993), que tangencia alguns pontos do Paredão Emílio Comici (1967), possibilitando uma descida eficiente para a escaldante escalada do Irmão Menor de Jacarepaguá, desde o cume, passando por negativos de consideráveis extensões.

Como pode ser visto, qualquer tentativa de classificação é algo muito precário e difícil. Na maioria dos casos, as descidas que existem mesclam os dois tipos já descritos.

Quando conquistamos as vertiginosas descidas do Dedo de Deus não foi diferente. As nossas motivações foram as mais variadas.

Inicialmente, a nossa vontade era fazer uma nova via de descida que, começando no cume do Dedo de Deus, levasse até à base, sem passar por nenhum ponto de qualquer das vias de escalada existentes. Acreditamos que este sonho tenha passado pelas cabeças de várias gerações de escaladores, mas foi sendo adiado indefinidamente.

Quando nós terminamos a conquista do Diedro Salomyth em 1982, chegamos a pensar em fazer uma nova descida que seria voltada para a nossa cidade e, por isso, naturalmente se chamaria Rio de Janeiro. Acontece que estávamos um tanto saturados do Dedo de Deus, depois das 16 INVESTIDAS¹¹ que a conquista do Diedro Salomyth exigiu e resolvemos dar um tempo.

¹⁰MASENC: Montanhismo Amador, Solidário, Ecológico e Não Competitivo.

¹¹INVESTIDAS: São todas as excursões realizadas com objetivo de se fazer uma conquista de uma Escalada ou Descida. Cada investida corresponde quase sempre a um dia intensamente vivido na montanha. Em alguns casos, uma única investida é suficiente para se fazer uma conquista. Contudo, na maioria das vezes, são necessárias várias investidas espaçadas por dias, semanas ou até meses. Assim, gradativamente vai se avançando rumo ao cume, no caso das conquistas de escaladas, ou à base, no caso das conquistas de descidas. Por extensão, ÚLTIMA INVESTIDA, ou investida final é a que representa o coroamento de todos os esforços. Vale ressaltar que todos os participantes das investidas que antecedem à última são considerados também conquistadores, mesmo que eles não estejam presentes na investida final, quando se atinge o objetivo.



UNICERT

Naquela época, atuando como Diretor de Divulgação e, logo em seguida, como Diretor Técnico do Centro Excursionista Rio de Janeiro, eu estava envolvido até a medula ajudando a fazer o CERJ brilhar nas montanhas e fora delas. Durante um bom tempo, mantivemos acesa a chama do Montanhismo Amador, através de Escolas de Guias e CURSOS BÁSICOS DE MONTANHISMO¹² de elevado padrão, abertos à sociedade, sem cobrar qualquer taxa, pois constituem direitos dos sócios. Parece que foi há um milhão de anos, pois agora poucos acreditam que seja possível alguém aprender a escalar ou se formar Guia sem ter que pagar taxas que constituem a própria negação da idéia de Clube Amador.

Os anos 80 foram seguindo e nós não transformamos em realidade as sonhadas descidas no Dedo de Deus, pois havia muitas outras montanhas que chamavam nossa atenção para caminhadas, escaladas, acampamentos, bivaques, regrampeações e conquistas. Assim sendo, o tempo foi passando e nada é mais inexorável em nossas vidas.

Acreditamos que muita gente deve ter vislumbrado possibilidades incríveis de novas subidas e descidas no Dedo de Deus. Contudo, poucos foram os que conseguiram transformar os seus sonhos em realidade. A maioria, simplesmente, se dá por satisfeita ao subir e descer o Dedo de Deus por uma via já existente.

Além disso, ao contrário do que muitos pensam, um sonho não nasce pronto, pode no máximo apontar um caminho. É a nossa vontade de realizar que, de fato, transforma uma possibilidade num feito insofismável. Por outro lado, existem certas conquistas que permanecem anos a fio na cara de todo mundo e ninguém as vê. Até que um belo dia, algum grupo, com um lampejo de iniciativa, vai lá, acredita que vale a pena e faz a conquista, mostrando sua viabilidade. Depois que Cristóvão Colombo botou o ovo em pé, pareceu fácil.

Mesmo assim, nesse momento, surgem os que só sabem criticar o trabalho dos outros e costumam tecer as mais diversas restrições às escaladas que não tiveram o ímpeto de realizar. Coisa de diletantes que preferem ficar em casa comodamente assistindo à televisão. Ou então por acharem que uma conquista “fácil” como aquela não estava à altura de seus inegáveis atributos técnicos de exímios escaladores inquestionáveis, pois se consideram algo como semideuses. Depois descobrem que não era bem assim e que aquela escalada até que teria valido a pena conquistar. Mas agora é tarde. Resta então o consolo pueril de afirmar para quem quiser ouvir: “Se fôssemos nós os conquistadores, teríamos utilizado técnicas muito mais avançadas e menos impactantes”. Nós conhecemos muito bem gente assim. Para elas, como na fábula, **“as uvas estão sempre verdes”**.

Quando José Zaib e eu fizemos a primeira exploração para a conquista do Diedro Salomyth em janeiro de 1974, a escalada estava lá esperando que alguém aceitasse o desafio que a montanha oferecia. Era simplesmente impossível não ver o diedro propriamente dito, majestoso, imponente e belíssimo, bem acima das cabeças dos que passavam e passam na caminhada que sai da Bifurcação e leva ao Polegar e à Face Leste do Dedo de Deus.

¹²**CURSOS BÁSICOS DE MONTANHISMO:** ao contrário da Escola de Guias (ver nota 8), que tem como objetivo formar líderes responsáveis para guiar as excursões, o Curso Básico se restringe a formar montanhistas conscientes de suas potencialidades, para que possam fazer com desenvoltura caminhadas e escaladas. É muito comum se fazer o Curso Básico e mais tarde a Escola de Guias, mas não é necessário que seja assim, pois depende da motivação e da maturidade de cada um. Um bom Curso Básico deve ser feito com calma, para que se possa evoluir naturalmente. É pouco recomendável que se possa organizar um Curso Básico de Montanhismo com menos de seis meses de duração, pois o curso não é individual e há que se respeitar os ritmos diferenciados dos alunos, para que o grupo como um todo se aproprie dos conhecimentos, habilidades e valores intrínsecos do montanhismo.

Há os que fazem conquistas mesmo com dificuldade, superando suas limitações com persistência, entusiasmo e paixão. E há os que preferem dormir até tarde nos fins de semana e só sabem criticar. Queiram ou não esses críticos, o Diedro Salomyth está lá para quem quiser escalar. Está lá, porque um punhado de seres humanos acreditou que seria possível transformar o sonho em realidade.

Mais recentemente, acompanhamos um processo muito semelhante quando resolvemos restaurar a Via Teixeira, que estava completamente degradada, com a maioria dos grampos em estado simplesmente deplorável, constituindo uma constante ameaça à vida dos escaladores que desejassem ir ao Dedo de Deus pela via original de conquista. Demos um tempo e decidimos esperar para ver se algum Clube de Montanhismo ou algum grupo avulso assumiria a responsabilidade de substituir aqueles artefatos grotescos, verdadeiros contrapontos de horrores, que precisavam ser substituídos com urgência. Passados alguns anos, um único grampo foi batido na base da Descida V8, que juntamente com Lesser e Villela constituem os três rapéis da Des. Original de 1912. Um grampo é melhor do que nada, mas é muito pouco, quase um ínfimo quando comparado com os 32 grampos da Via Teixeira. Assim sendo, depois de muito esperar, nosso grupo de montanhistas e escaladores CERJENSES e UNICERJENSES¹³ aceitou o desafio. O resultado está lá no Dedo de Deus: em pouco tempo a Via Teixeira foi toda recuperada e voltou a ser freqüentada com segurança por montanhistas de todo o Brasil e do exterior.

Para viabilizar as Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus, precisávamos ser capazes de ver o Dedo em toda a sua plenitude.

Em primeiro lugar é necessário lembrar que o Dedo de Deus é uma montanha que só parece com um **gigantesco dedo** quando visto a partir de um eixo Leste-Oeste. Qualquer um que já tenha feito a caminhada da Pedra do Sino, desde um ponto chamado Cota 2000, ou então que já tenha estado na encosta do Pico do Escalavrado (mesmo que não tenha ido ao cume) pode ver o Dedo de Deus a partir do eixo Norte-Sul (ou vice-versa) mostrando que, assim, por esse ângulo de visada, seu formato é laminar, achatado, diferindo muito de um dedo. São vicissitudes da montanha.

Nós pensávamos que já conhecíamos bem o Dedo de Deus, quando finalmente ousamos fazer a primeira Descida Vertiginosa. Aos poucos, fomos descobrindo que ainda havia muito o que apreender. E, mesmo hoje, ainda há muito a aprender.

O sonho de realizar Descidas Vertiginosas no Dedo de Deus é muito antigo. A partir do final de 1994, quando começamos a restaurar a Via Teixeira, surgiu a oportunidade ideal para a regrampeação do Diedro Salomyth. Assim, ao contrário do plano inicial, a Descida Rio de Janeiro (1995) acabou não sendo voltada para a cidade homônima, mas em compensação passou a ser idealizada como a descida diretíssima que iria ligar o cume do Dedo de Deus até à Bifurcação 250 metros abaixo, numa sucessão de descidas verdadeiramente radicais e de rara beleza. Tivemos muitas surpresas durante as excursões realizadas, que levaram às várias mudanças nos planos.

¹³ **CERJENSES & UNICERJENSES:** CERJENSES são todos os sócios do Centro Excursionista Rio de Janeiro –CERJ, fundado em 20 de Janeiro de 1939. Analogamente, UNICERJENSES são todos os associados da União de Caminhantes e Escaladores Rio de Janeiro - UNICERJ que formalmente existe desde 17 de abril de 1998. Desse modo, a rigor CERJENSES & UNICERJENSES são os fundadores da UNICERJ, pois já eram sócios do CERJ, embora voluntariamente afastados. Contudo, a saudação “GRANDES COMPANHEIROS MONTANHISTAS CERJENSES & UNICERJENSES” já existe há mais de vinte anos. Muito antes, portanto, de nossa decisão de fundar a UNICERJ e de nosso exílio do CERJ, ocorrido em dezembro de 1990. Representa um ideário e uma filosofia, muito mais do que qualquer espécie de vinculação a uma entidade. Esta forma de praticar o montanhismo sempre existiu e há de continuar a existir. Em todos os quadrantes, há pessoas lutando para preservar o montanhismo amador e não competitivo, fundado na amizade, praticado com responsabilidade e alegria.

Nossos projetos de conquistas foram ficando mais ambiciosos e mostraram uma multiplicidade de caminhos exigindo de nossa parte um infatigável esforço. Como se já não bastasse o triplo desafio de regrampear a Via Teixeira, regrampear o Diedro Salomyth e fazer a Descida Diretíssima Rio de Janeiro, decidimos começar uma nova conquista, subindo a partir do Platô Intermediário do Diedro Salomyth. Assim, não tínhamos um desafio apenas, mas vários, um verdadeiro mosaico espalhado no Dedo de Deus.

Com entusiasmo e ousadia, prosseguimos o nosso destino de **montanhistas amadores e não competitivos**, deixando a Via Teixeira impecável com novos grampos, prosseguindo aos poucos a regrampeação do Diedro Salomyth e fazendo, por etapas, as novas descidas da Face Sudeste, que a essa altura já eram três: Rio de Janeiro, Galileu Galilei (1996) e MIRAFLORES¹⁴ (1997). Tudo isso sem contar a nova conquista em subida, a Variante Gilda Borges (1995), escalada que começa no Platô Intermediário, que se revelou especialmente difícil e desafiadora, apesar da pequena extensão.

Cada conquista tem um catalisador, ou seja, a pessoa que unifica todos os montanhistas em busca do objetivo comum. Como não podia deixar de ser, Ricardo Borges desempenhou este importante papel e esteve presente nas quatro investidas da escalada que leva o nome de sua mãe. Nas Descidas Vertiginosas, tive a ventura de ser o catalisador, como fora, duas décadas antes, na conquista do Diedro Salomyth.

Assim, em 1995 realizamos nove excursões ao Dedo de Deus. Desse total apenas sete tiveram por objetivo atingir o cume.

Nestes tempos amargos de exílio e dispersão generalizada, em que muitos companheiros não puderam estar conosco na montanha, reunimos um grupo de nove montanhistas e escaladores, sendo sete Guias do CERJ, e fomos ao Dedo de Deus em busca da emoção que conscientemente procuramos.

Em apenas uma dessas excursões conseguimos um número expressivo de companheiros. Foi logo depois do aniversário do Borges, quando reunimos uma pujante equipe de oito montanhistas amadores, solidários, ecológicos e não competitivos. Na maioria das vezes, o número de participantes foi crítico e sentimos falta do calor humano das grandes excursões, que foi uma das marcas registradas do nosso querido e amado Centro Excursionista Rio de Janeiro. Tínhamos que suprir mais esta dificuldade - e já não bastavam as que a montanha nos apresentava - com um cuidado a toda prova. Em algumas das mais cruciais excursões estivemos no limite de criticalidade, com apenas duas pessoas compartilhando as responsabilidades, por absoluta falta de companheiros que pudessem participar.

Mesmo assim não esmorecemos. Podia ser pior, pois, por mais perigoso que possa ter sido, era infinitamente mais seguro que escalar sozinho, como alguns misantropos fazem. Nestas nove excursões, realizadas em 1995, foram batidos 63 grampos, conquistadas as Descidas Rio de Janeiro e Giordano Bruno (nos Dedinhos) e a Var. Gilda Borges. Também regrampeamos a Via Teixeira, que voltou a ser uma escalada segura, sem os grampos ameaçadores que foram substituídos por grampos novos impecavelmente batidos. Além disso prosseguimos a regrampeação do Diedro Salomyth e as conquistas das Descidas Galileu Galilei e Miraflores, oportunas variantes da Des. Rio de Janeiro, que praticamente se impuseram a nós pela peculiar conformação pouco usual do Dedo de Deus.

¹⁴MIRAFLORES: além de ser uma das Descidas Vertiginosas que conquistamos no Dedo de Deus, é o nome da nossa casa em Teresópolis, que nos últimos dez anos tem acolhido verdadeiros amigos, servindo de base para grandes caminhadas, escaladas e conquistas. Miraflores é um pequeno paraíso, cercado de verde, no meio das montanhas.

O ano de 1996 começou com uma belíssima escalada do Diedro Salomyth, quando reunimos um grupo de cinco montanhistas e subimos da estrada ao cume em 13 horas. Duas semanas após, concluímos a Des. Galileu Galilei, a 2ª Descida Vertiginosa do Dedo de Deus. Quase pagamos com as nossas vidas num temporal apocalíptico, mas a descida está lá. Como diria o próprio homenageado: “*EPPUR SI MUOVE*”¹⁵.

Durante o ano de 1996, realizamos mais onze excursões ao Dedo de Deus, prosseguindo os trabalhos de duplicação dos grampos das descidas já realizadas, aferindo por completo a Via Teixeira, que ficou nova, e conquistando a Des. Montanhismo Amador, a nossa 3ª Descida Vertiginosa.

Em 1997 fomos nove vezes ao Dedo de Deus e concluímos a Des. Miraflores, a 4ª Descida Vertiginosa, completando o ciclo de descidas que nos propusemos realizar. Conquistamos também a Var. Terra em Transe, uma passagem ligando a Des. Miraflores à Des. Rio de Janeiro, quase chegando à Bifurcação.

Tivemos também muito trabalho na duplicação de todos os 29 pontos de parada de cada uma das descidas, bem como na aferição cuidadosa de cada rapel das quatro Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus que oferecemos a todos os montanhistas.

Numa época de tanto egoísmo, tanta arrogância e tanta exacerbação tecnicista alienante, compartilhamos com os seres humanos, de todos os quadrantes, nossas humildes e sinceras realizações montanhísticas.

¹⁵ “*EPPUR SI MUOVE*”: significa “ainda assim, se move”. Segundo a tradição popular, não confirmada até hoje por nenhum documento, Galileu teria pronunciado tal frase após ter abjurado publicamente, em junho de 1633, perante o Tribunal da Inquisição. Na ocasião ele tinha 70 anos e foi obrigado a renegar suas idéias relativas ao movimento da Terra que, para a Igreja, deveria permanecer *ad eternum* em repouso e no centro do Universo. Outro influente pensador da época, Giordano Bruno, não abjurou e por isso foi condenado e queimado na fogueira pela Inquisição.



AS TRÊS DESCIDAS VERTIGINOSAS DA FACE SUDESTE

A Descida Montanhismo Amador fica localizada do outro lado do Dedo de Deus

UNICERT

NARRATIVAS

As narrativas a seguir descrevem 30 excursões realizadas no Dedo de Deus no período que vai de março de 1995 a janeiro de 1998.

Decidimos iniciar estas narrativas com a 1ª investida das Descidas Vertiginosas, muito embora tenhamos começado a RESTAURAÇÃO DA ESCALADA ORIGINAL¹⁶ em dezembro de 1994, prosseguindo em janeiro de 1995.

Nem todas estas excursões visaram atingir o cume mas, mesmo assim, na maioria das vezes, tivemos a ventura de ver o mundo lá de cima.

Há um pensamento chinês, muito antigo, que afirma:

**“Um instante na montanha é um pequeno ano,
Um dia na montanha é a eternidade”.**

Assim, tivemos a oportunidade singular de viver, em cada uma das excursões narradas a seguir, alguns fragmentos fatídicos da eternidade.

AS DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS

Descidas	Datas	Investidas	Conquistadores
1. Rio de Janeiro	23.04.1995	cinco	Borges, Gustavo, Leo e Santa Cruz
2. Galileu Galilei	20.01.1996	duas	Borges, Guilherme, Gustavo, Leo e Santa Cruz
3. Montanhismo Amador	20.10.1996	uma	Christian, Prado e Santa Cruz
4. Miraflores	04.10.1997	três	Borges, Guilherme, Leo, Marcos, Prado e Santa Cruz

¹⁶ RESTAURAÇÃO DA ESCALADA ORIGINAL: VER APÊNDICE E: O INÍCIO DA REGRAMPEAÇÃO DA VIA TEIXEIRA.

Primeira Narrativa: 19.03.1995 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

1ª Investida: Descida Rio de Janeiro

1ª Investida: Descida Galileu Galilei

Regrampeação: Diedro Salomyth

Madruguei como tinha que ser. Telefonei para o Ricardo Borges quando estava saindo de casa e ele telefonou para o Gustavo Mello. Assim, não perderíamos tempo. Fui buscá-los em suas casas e rumamos do Rio de Janeiro para o Dedo de Deus. Separamos nosso material na estrada mesmo, bem ao lado do Escalavrado, quando começava a amanhecer. Demoramos mais que o desejado e no final as mochilas ficaram um pouco mais pesadas do que gostaríamos, pois tínhamos um triplo objetivo: 1) subir o Dedo de Deus até o cume, pela Face Leste, para, depois, 2) descer o Diedro Salomyth, regrampeando, quando, talvez, fosse possível 3) começar a conquista de uma descida diretíssima, há tantos anos sonhada.

Com as três mochilas cheias e, de quebra, as duas cordas a tiracolo, sendo uma de 90 metros e outra de 50 metros, subimos em silêncio boa parte da caminhada, o que não é muito comum. Só começamos a conversar quando já nos aproximávamos da Toca da Cuíca.

Demos uma pausa na base das Pedras Soltas, onde deixamos para a volta um cantil e algum farnel, bem como lanternas extras e pilhas de reserva. Encaramos as Pedras Soltas com todo o cuidado, pois os cabos de aço que lá existiam, antes do desmoronamento de 1998, foram fixados de modo completamente equivocado, dificultando a subida e a descida, ao invés de ajudar.

Quando retomávamos a caminhada, após uma breve pausa, um grupo chegou como se fosse nos ultrapassar. Nós abominamos competições, mas eles precisavam saber que temos tutano nos ossos. Apesar das nossas mochilas mais pesadas, mantivemos o nosso ritmo firme da subida e eles viram que apesar de amadores até a medula, nós não somos diletantes. Era um grupo de seis ou sete pessoas. Se passassem à nossa frente fatalmente nos atrasariam.

Fomos direto até a base da Face Leste, sem sequer parar na Bifurcação ou passar no cume do Polegar. Já na escalada, utilizamos a corda de 90m – 09 mm, o que talvez não tenha sido a melhor escolha, pois era corda que não acabava mais. Contudo, nosso desempenho alucinante continuou. Fomos subindo, nos revezando na ponta, arrastando as mochilas para cima. Assim conseguimos chegar bem cedo ao cume do Dedo de Deus. Borges tirava fotos e Gustavo folheava o Livro de Cume e, apesar da vista estar muito bonita, eu não conseguia relaxar. Nós estávamos no topo e só isto era motivo de contentamento. Mas ainda havia mais dois objetivos a serem cumpridos na excursão: descer regrampeando o Diedro Salomyth e iniciar a conquista das DESCIDAS VERTIGINOSAS DO DEDO DE DEUS. Ainda bem que, no final da escalada, minha proposta de subirmos o artificial final do Diedro Salomyth não foi aceita. Perderíamos boa parte do nosso precioso tempo na tentativa, pois na época ainda havia vários grampos de progressão precários, que precisavam ser substituídos. Começamos então, prontamente, os trabalhos de conquista das nossas descidas. Borges bateu o 1º grampo do dia, próximo ao cume, pouco acima do final do Diedro Salomyth. Por este grampo iniciamos a conquista de nossa primeira Descida Vertiginosa do Dedo de Deus. O que tínhamos à nossa frente era uma nova perspectiva na nossa existência de montanhistas amadores, solidários, ecológicos e não competitivos.

A seqüência durante toda a descida foi a seguinte: Santa Cruz, Gustavo e Borges. Como nós não tínhamos certeza se a corda de 90 metros em dupla daria para chegar à base das fissuras finais, montei em única a corda de 50 metros no grampo mais externo no artificial negativo do Diedro Salomyth. Depois de fazer esta descida arrepiante chamei meus companheiros, que

montaram a corda de 90 metros, pois com a de 50 metros em dupla não dava para descer o 2º rapel. Nossa emoção era grande.

O Sol estava muito forte e nós resolvemos, após termos feito uma exploração muito cansativa e desgastante bater o segundo grampo do dia. Gustavo caprichou e, assim, prosseguimos a nossa descida, evitando boa parte do Diedro Salomyth que cruza a vegetação quase no cume do Dedo de Deus. Só à esta altura é que o outro grupo, de seis ou sete pessoas, chegava ao cume. Alguns ficaram assustados de nos ver descendo aquele grande negativo, imaginando que iam ter que fazer o mesmo.

Após termos feito o 3º rapel, duplicamos um grampo do Diedro Salomyth antes de prosseguir descendo. Além de descer, procuramos regrampear o Diedro Salomyth. E assim tivemos a tradicional sinfonia de grampos sendo batidos ao mesmo tempo. Tiramos algumas fotos e eu parti para o 4º rapel, no grampo que tinha acabado de duplicar. Cheguei a descer uns cinco ou seis metros e concluí que seria completamente inviável uma descida por ali. Subi de volta e fui para o grampo da direita, onde o Borges havia estado, e, mesmo assim, foi difícil prosseguir. Foi a descida mais vertiginosa e apavorante do dia. O negativo naquela parte do Dedo de Deus é muito pronunciado, e assim só consegui parar muito abaixo da gruta do Platô Intermediário. Com muita dificuldade, consegui subir um pouco e chegar ao local desejado. Com chuva, seria impossível subir até a gruta. Depois Gustavo e Borges desceram e também devem ter sentido um arrepio na espinha, pois é uma descida assustadora. Quando nos reunimos, eu disse a eles que foram necessárias 12 investidas durante a conquista do Diedro Salomyth para que se pudesse chegar àquele ponto onde nós estávamos. O dia já havia rendido muito. Tratamos então de passar para a Face Leste e encerrar os trabalhos de conquista.

Na ocasião, registrei no meu diário: “Hoje iniciamos as tão sonhadas Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus. Além disso realizamos trabalhos de regrampeação no Diedro Salomyth. Agora é prosseguir”.

A caminho de casa, minha vontade era voltar ao Dedo de Deus no fim de semana seguinte.

Segunda Narrativa: 25.03.1995 - sábado

2ª Investida: Descida Rio de Janeiro

1ª Investida: Variante Gilda Borges

Regrampeação: Diedro Salomyth

Menos de uma semana depois, estávamos de volta. A equipe era formada por Santa Cruz, Borges e Leonardo Perrone (Leo). Dessa vez, nem fomos ao cume, mas começamos nova conquista de subida, uma variante do Diedro Salomyth. Descobrimos, também, que as descidas diretíssimas iriam exigir muito mais do que parecia inicialmente e que o Dedo de Deus é uma montanha plena de possibilidades montanhísticas.

Na véspera da escalada, chegamos tarde em Miraflores¹⁷. Estávamos muito cansados e acabamos perdendo a hora. Para agravar, o tempo estava ameaçador. Mesmo assim nós achamos que valia a pena acreditar nas possibilidades da nossa excursão. Separamos o equipamento normalmente como se o tempo estivesse bom e como se tivéssemos acordado no horário. Quando começamos a caminhar, estava muito abafado prenunciando chuva. Assim mesmo, prosseguimos. Se conseguíssemos chegar à gruta localizada no Platô Intermediário do Diedro Salomyth antes da chuva desabar, já teria valido a pena todo o esforço. Depois de lá chegar, a gente decidiria o que fazer. Eu sabia que o lugar almejado era protegido e esse fato me animava. O difícil era chegar lá antes da chuva.

Suamos em bicas na caminhada de subida. Cheguei a propor ao Borges e ao Leo que déssemos uma parada na Cuíca e não na base de Pedras Soltas, mas fui voto vencido. Lá deixamos um litro d'água, farnel e uma lanterna. Em seguida encaramos os péssimos cabos de aço, alguns deles colocados no lado errado das Pedras Soltas e fomos subindo numa corrida contra a chuva que não demoraria a cair. Tínhamos a certeza de que dificilmente encontraríamos mais alguém na trilha. Nossas camisas ficaram empapadas de suor com o esforço despendido e, também, por causa da umidade do ar.

Quando chegamos à base da Face Leste, já estava começando a choviscar. Logo depois da pequena chaminé inicial, troquei de posição com o Leo, enquanto o Borges prosseguia direto até o Platô Intermediário, uma espécie de gruta, que nos protegeria da chuva miúda, que ia aos poucos, aumentando de intensidade.

Propus que, enquanto o tempo não melhorasse, fôssemos explorar e iniciar uma nova conquista que começaria justamente no Platô Intermediário, onde estávamos. Borges e Leo gostaram da idéia e não perdemos tempo. Eu achava que nós iríamos bater um ou dois grampos, no máximo, apenas para iniciar a conquista. Acabamos batendo cinco grampos na nova variante que se mostrava como uma escalada fascinante, que vinha sendo adiada desde a conquista do Diedro Salomyth. Depois de uma longa seqüência horizontal, quando quatro *nuts* de cabo foram preciosos, Borges bateu um grampo e me levou para lá. A posição era tão vertiginosa que, apesar de estar choviscando, não nos molhamos. Dei então segurança para que o Borges prosseguisse para cima, conquistando o início de uma fissura vertical muito bonita e impressionante, onde, após ter utilizado três *nuts* de cabo e os dois *friends* pequenos de que dispúnhamos, se posicionou para bater o 2º grampo do dia. Tirei fotografias e iniciei a perfuração para um grampo de duplicação, que mais tarde veio a servir também para a Descida Rio de Janeiro. Depois, usamos o novo grampo que o Borges havia batido lá de cima e descemos até onde estava o Leo.

O tempo havia melhorado um pouco e, agora, nós já poderíamos descer para regrampear o Diedro Salomyth. A sensação de abandono quando chegamos àquele ponto da descida é uma

¹⁷ MIRAFLORES: - ver nota 14.

coisa impressionante. Montei a segunda corda no grampo do limiar do negativo justamente quando começava a abrir a paisagem, tornando o *frisson* ainda maior. Leo deixou a emoção aflorar ao descer logo depois de mim. Na ocasião, Borges já tinha feito algumas descidas vertiginosas na Chaminé UNICERJ e tinha padrão de comparação de descida tão assustadora - sem contar suas escaladas na Patagônia. Para o Leo, contudo, aquilo era, com toda a certeza, muito assustador, chegando ao limiar do paroxismo. Falei para ele: “com o tempo a gente vai se acalmando e até se acostuma com o abismo à nossa volta, mas medo eu também tenho. Como montanhistas, no dia em que não tivermos mais medo estaremos mortos”.

Tínhamos como objetivo bater dois grampos na parte mais negativa da escalada, exatamente onde ela mais se assemelha a um teto. Compartilhamos as duas escadinhas que balançavam no vazio e ficamos tão próximos que conseguiríamos nos tocar a um leve esticão da ponta dos dedos. Leo bateu o grampo de cima e eu bati o de baixo, duplicando o que lá já havia e merecia ser duplicado. Terminei antes que o Leo e desci para bater outro grampo de duplicação, num local realmente importante. Enquanto isso, Borges já tinha descido até o limiar do negativo e alcançou o Leo. Tirou fotos, e por ser o único que estava de *varapes*, passou à nossa frente para fazer a horizontal que permitiria chegar ao grampo onde nós montaríamos a nossa 4ª seqüência da descida, já no coração do Diedro Salomyth propriamente dito. O tempo voltava a fechar, com altas possibilidades de chuvas, e nós já havíamos batido oito grampos. Mesmo assim, ainda tínhamos esperanças de bater mais dois.

E lá fomos nós. Borges montou a 4ª descida num bom grampo parrudo de 13 mm que já deve ter livrado a cara de muita gente boa. Nossa seqüência foi Borges, Sta. Cruz e Leo. No final desta descida, a passagem horizontal deu muito trabalho. Felizmente, Borges já a havia feito e me deu apoio para que eu também pudesse lá chegar. Montamos então o 5º rapel e eu desci na frente para substituir dois grampos de progressão da fissura inicial por apenas um novo grampo. Ao mesmo tempo, Leo, acima do Borges, bateu seu último grampo e em seguida fez a horizontal para a direita e se reuniu ao Borges para continuar a descida. Montei a 6ª e última descida e assim conseguimos finalmente chegar à base do Diedro Salomyth. A chuva era iminente e já começava a escurecer. Estávamos exaustos e ainda havia uma longa caminhada a ser feita, mas tinha valido a pena. Ficamos felizes com o que conseguimos realizar e com os dez grampos batidos no Dedo de Deus. Sem perda de tempo, tratamos de descer com toda a presteza e cuidado possíveis até a base das Pedras Soltas. Já estava escuro quando lá chegamos.

A chuva, tão esperada, então desabou. Não tinha mais importância pois cumprimos, plenamente, nossos objetivos. Tratamos de nos alimentar e descemos com toda a calma a trilha enlameada. Na ocasião lanternas e *anoraks* trabalharam duro. A minha nova lanterna de capacete não poderia ter tido uma estréia melhor: iluminar a trilha do Dedo de Deus, em noite de chuva.

Terceira Narrativa: 02.04.1995 - domingo

Dedo de Deus, Via Teixeira

3ª Investida: Descida Rio de Janeiro

2ª Investida: Variante Gilda Borges

Regrampeação: Via Teixeira

O despertador do Borges tocou às 02:30 horas. Estava com defeito. Nós ainda tínhamos mais duas horas de sono em Miraflores, Teresópolis.

Como num passe de mágica voltamos a dormir e sonhar, mas quase imediatamente fomos expulsos dos nossos sonhos, muito a contra gosto. É assim mesmo a vida dos montanhistas. O relógio marcava 04:30 horas.

Nesse dia formávamos uma equipe de oito montanhistas CERJENSES e UNICERJENSES. No primeiro grupo subiriam Borges, Gustavo e Leo, diretamente para a 2ª investida da nova conquista iniciada no sábado anterior, no Platô Intermediário do Diedro Salomyth. Esta escalada veio a se chamar, meses após, Variante Gilda Borges e deu muito trabalho para ser conquistada.

O 2º grupo, formado por mim, Filipe Alvarenga, Marcos Eboli, Tarcísio Rezende e Willy Chen, tinha por objetivo subir o Dedo de Deus até o cume, prosseguindo a regrampeação da Via Teixeira. Depois que chegássemos ao cume, Filipe, Willy e Tarcísio desceriam pela Via Original de 1912, enquanto eu desceria com o Marcos, para me encontrar com o Borges, Gustavo e Leo. Para isso, teríamos que prosseguir a nova descida, ao menos em parte.

Durante toda a caminhada, Tarcísio preferiu não revezar uma das cordas quando assim sugeri. A outra corda eu estava carregando e revezei com o Marcos. Eu achava que Willy ia se cansar um pouco e, de fato, foi o que aconteceu. Mas, quando chegamos à escalada, o desempenho do Willy melhorou bastante.

Na base das Pedras Soltas, demos uma pausa maior do que de costume e malocamos o excesso de peso. Subimos, então, com cuidado, os cabos de aço. Filipe, Willy e Tarcísio puderam ver e sentir como alguns daqueles cabos estavam mal colocados. Enquanto subíamos, o tempo, que a princípio estava magnífico, foi ficando nublado. Já na altura da Bifurcação saudávamos e éramos saudados por nossos companheiros que já estavam na conquista da Variante Gilda Borges. Voltamos a fazer uma pausa perto da base da Via Teixeira. Foi nesse ponto da subida que Filipe tirou da mochila quatro grampos de 13 mm que haviam pertencido ao seu irmão DANIEL ALVARENGA¹⁸. Ele, que participou de tantas caminhadas, escaladas e conquistas pelo CERJ e pelo CEB, paradoxalmente perdeu a vida aos 23 anos após ter sido atropelado na calçada, por um motorista que dirigia embriagado. Ao utilizar seus derradeiros grampos na Via Teixeira, nós iríamos, mais uma vez, homenageá-lo e relembrar a sua passagem luminosa entre nós.

Apesar do tempo na Serra dos Órgãos ir aos poucos ficando cada vez mais indefinido, a vista do Rio de Janeiro era a mais deslumbrante possível. Lá estava o mar reluzente, o céu azul brilhante, as montanhas plenas de luz e no meio de tudo isso, a nossa cidade, com o turbilhão de paixões de tanta gente que lá vive, sonha e quer ser feliz.

Guiiei a primeira cordada, com Willy e Marcos, enquanto Filipe guiou a segunda cordada com Tarcísio. Não era essa a distribuição que havia imaginado. Acontece que Willy acabou tendo melhor desempenho na escalada do que na caminhada. Então eu trouxe o Marcos na mesma

¹⁸ DANIEL ALVARENGA AGORA É UMA MONTANHA: em 1990, dois anos após a sua morte, conquistamos no Dedo de Nossa Senhora a Descida Daniel Alvarenga, uma via desafiadora e de rara beleza, com visual magnífico da Serra dos Órgãos.



CARTA PRO DANIEL

Daniel, meu chapa

Escrevi muitas poucas cartas até hoje. Tuas semanas não chegariam a meia dúzia; mas todas elas transbordaram de mim em momentos de muita emoção, quando de olhos abertos na escuridão não havia outra saída. É assim que te escrevo.

Reverendo as fotos, passando a limpo a memória, descubro surpresa que te conhecia há muito pouco tempo: 2 anos ou 3, talvez. Mas diante do absurdo da tua morte refaço as minhas contas e quero multiplicar com uma matemática louca o tempo que já passou. Tento descobrir os segredos de tua mochila, que água beber, que trilhas tomar, em que gruta dormir, onde se escondem as cachoeiras e em que agarra me segurar. E então abraço com mais força os nossos amigos, como te abraçasse também, no cume do Dedo de Deus ou bêbados, visionários e patéticos em algum bar.

Uma coisa que sempre invejei nas criaturas humanas, como um sinal de superioridade, é a capacidade de ser feliz. Nascemos para a alegria. Mas fomos todos condenados por deuses malignos à tristeza. Mas você, meu chapa, soube se rebelar contra esta sentença: amava as montanhas, a natureza, o CERJ, as mulheres, com uma alegria incompreensível para os que estavam submersos em tristeza ancestral, mesmo quando levávamos porrada, mesmo quando estávamos submetidos ao mais espumante dos ódios (e você sabe muito bem do que estou falando). Daniel, meu chapa, que a tristeza nunca se misture ao teu nome.

Escalaremos paredes com o teu nome, ouviremos o tilintar dos teus mosquetões, estaremos presos à tua corda, beberemos à tua memória e por muito tempo, por costume, por saudade ou por confiarmos na tua segurança firme, gritaremos:

SEGURANÇA AÍ, DANIEL !!

Saudades companheiro.
de um amigo menor

Sayão 1988

cordada para ganharmos tempo. Por outro lado, Tarcísio teve muito mais dificuldade do que eu imaginava e se atrasou muito na seqüência do Villela. Troquei então Willy de posição com o Marcos para agilizar no transporte das mochilas para cima. Posso assegurar que as mochilas com material de grampeação deram muito trabalho. Quando passamos para a segunda parte da escalada, pude constatar, *in loco*, mais uma vez, o quanto a Via Teixeira é uma bela escalada.

A Chaminé Horizontal, como de costume, estava molhada e muito escorregadia. Assim que Marcos chegou onde eu estava, rebocamos as mochilas e trouxemos Willy. Filipe, guiando a 2ª cordada, veio em seguida e comentou: “Só mesmo o Santa Cruz para me trazer de novo aqui”. Willy fez muito bem a Horizontal, mas Tarcísio teve tanta dificuldade que nós três, que estávamos na frente, tivemos que parar um pouco, para esperar. É bem verdade que estávamos lentos, mas nada levava a crer que não conseguiríamos chegar todos ao cume. Contudo, montanhas têm seus desígnios e nem sempre podemos atingir nossos objetivos como pretendemos. Eis aí um dos encantos do montanhismo, que está muito mais para arte do que para ciência. Há sempre a possibilidade de algum imprevisto e até que o que tivemos na excursão não foi tão imprevisível assim. Eu havia imaginado que se alguém fosse dar trabalho, seria Willy, pois esteve doente e na caminhada estava tendo dificuldade. Quem poderia imaginar que fosse o Tarcísio, que estava tão motivado para subir o Dedo de Deus, certamente faria uma saudação aos seus filhos ao assinar o Livro de Cume. Ficou para a próxima vez. Estava escrito que Tarcísio e Filipe não iriam ao cume do Dedo de Deus naquele dia. Não chegou a ser uma tragédia, mas eles ficaram tristes, principalmente o Tarcísio.

Para dar tempo, dupliquei o grampo no final da Chaminé Horizontal. Os lances seguintes, na Passagem do Leser, estavam muito molhados e tive que fazê-los com todo o cuidado. Ficou seguro com os novos grampos de 13 mm, porém mais difícil do que com o antigo cabo de aço, que por sinal tinha arrebentado havia muito tempo.

Filipe deve ter gasto toda a sua paciência e Tarcísio toda a perseverança no lance da Chaminé Horizontal. Demos uma pausa, após a última chaminé, e, nem assim, Filipe e Tarcísio se aproximavam da gente. Resolvemos então trocar mais alguns grampos precários da Via Teixeira. Os novos grampos ficaram muito bons. Como não conseguíamos nos comunicar com Filipe e Tarcísio, desci um pouco e soube que eles haviam desistido e iam voltar para a base da escalada. Assim, o meu projeto de descer pelo outro lado do Dedo de Deus, para encontrar Borges, Gustavo e Leo estava fora de questão. Avisei ao Filipe, após saber que eles estavam bem, que Willy, Marcos e eu iríamos ao cume e logo desceríamos para que pudéssemos nos reunir outra vez. Posso imaginar a tristeza do Tarcísio por não poder prosseguir e por se achar culpado pelo fato do Filipe ter que voltar com ele.

Sem perda de tempo, guiei com uma das mochilas os lances das argolas e fui até a base da escadinha de ferro do final. Infrutiferamente, tentei me comunicar com Borges, Gustavo e Leo, mesmo sabendo que seria quase impossível eles ouvirem meus “YÊHOO!”¹⁹.

Willy, Marcos e eu fomos direto para o cume. Não estava dando para ver muita coisa. Mesmo assim, com a câmara do Marcos, nós tiramos algumas fotografias, como sempre acontece no cume do Dedo de Deus.

Pensamos em nossos companheiros que nesse dia não compartilharam o cume conosco, e pouco depois iniciamos a descida convencional, que foi toda realizada com segurança, rapidez, tranqüilidade e eficiência. Filipe e Tarcísio deixaram a corda deles montada na Villela, o que agilizou ainda mais. Assim, 35 minutos após termos saído do cume voltávamos a nos encontrar.

¹⁹ “YÊHOO !”: onomatopéia que caracteriza o grito primal de saudação dos montanhistas.

Willy chegou para o Tarcísio e comentou solidário: “Jacaré, não deu hoje”. Procuramos animar nosso amigo Tarcísio, que estava desconsolado: “Jacaré, a montanha não vai sair do lugar”.

A paisagem agora estava muito bonita. É bem verdade que a chuva era quase uma certeza para mais tarde, mas a vista dos cumes ilhados no meio das nuvens era um espetáculo que chegava a comover, de tão bonito.

Eu estava preocupado com nossos companheiros do outro lado do Dedo de Deus . Por isso acelerei os procedimentos de descida. Já quase chegando no colo da Gruta Bendy, consegui estabelecer contato com eles: “Tivemos que voltar todos juntos pela Teixeira” (Sta. Cruz). - “Tudo bem. Vamos voltar pela Leste” (Borges).

Agora eu estava tranqüilo. Por isso, propus que fôssemos todos ao cume do 2º Dedinho. O pessoal aceitou imediatamente. Não pensei que seria tão fácil convencê-los. Para Filipe e Tarcísio ia ser uma forma de minimizar o malogro da esperança de não terem chegado ao cume do Dedo de Deus.

Só levamos o estritamente necessário. Passamos pela Gruta Bendy, pelo 1º grampo da Descida Flávia Prado (1992) e seguimos para o cume do 2ª Dedinho, atingido sem qualquer problema. Dava para ver e dialogar com nossos companheiros que estavam na conquista da Variante Gilda Borges, que, vista do 2º Dedinho, parecia ainda mais aérea. Tiramos as últimas fotos e tratamos de descer, pois estava começando a ficar perigoso, por causa das trovoadas. A nossa vontade era ficar mais um pouco naquele cume, mas não ia ser possível. Montamos as duas cordas separadamente e descemos sem qualquer imprevisto.

Aceleramos o passo pois já começava a chover. Assim que chegamos às mochilas, que tinham sido deixadas no colo da Bendy, tratamos de vestir nossos *anoraks* e descemos aquela trilha íngreme, perigosa, escorregadia, enlameada e desmoronante. Passamos batidos pela Bifurcação e avisamos Borges, Gustavo e Leo que esperaríamos na base das Pedras Soltas. Onde eles estavam, em função do negativo acima deles, provavelmente nem se molhavam.

Na base das Pedras Soltas, esperamos bastante. Alimentamo-nos e bebemos a água a nós destinada. Borges, Gustavo e Leo demoraram, mas chegaram muito animados com as perspectivas das conquistas. Eles avançaram bastante na Variante Gilda Borges. Gustavo conquistou dois lances e Borges outros dois. Ao mesmo tempo, Leo desceu até o final de uma corda de 50 metros e bateu mais um grampo na Descida Rio de Janeiro. Depois subiu de *jumars* e se reuniu aos seus companheiros. Ao todo eles bateram cinco grampos. Na ocasião todos pensaram, equivocadamente, que faltava pouco para terminar a Descida Rio de Janeiro.

Quando voltamos a caminhar, a chuva já havia passado, mas estava tudo molhado e fazia um pouco de frio. As lanternas tiveram que ser acionadas pois já havia escurecido completamente.

Eu estava me sentindo mais descansado do que nas últimas duas excursões ao Dedo de Deus. Caminhei com Gustavo, Borges e Tarcísio no final do nosso grupo de oito montanhistas e conversamos muito sobre os mais variados assuntos.

É claro que analisamos e discutimos as alternativas para as Descidas Diretíssimas. Na ocasião, achávamos que a nova descida principal iria aproveitar parte do Diedro Salomyth, parte da Variante Gilda Borges e depois prosseguiria até a Bifurcação. Ao chegar em casa anotei em meu diário: “A Descida Rio de Janeiro vai evitar boa parte do lamaçal desmoronante e, certamente será mais um atrativo no Dedo de Deus. Mas, para isso, precisaremos primeiro terminá-la. De qualquer forma, não podemos descartar qualquer alternativa. Precisamos ver o Dedo de Deus em toda a sua complexidade”.

Quarta Narrativa: 15.04.1995 - sábado

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

4ª Investida: Descida Rio de Janeiro

Regrampeação: Diedro Salomyth

Após termos conseguido realizar uma memorável excursão com oito montanhistas dia 02.04.95, foi impossível programar outra investida no Dedo de Deus na semana seguinte. Duas semanas após, a dispersão do nosso grupo ainda era quase completa, cada um com seus múltiplos afazeres pessoais e familiares. Mesmo assim, Borges e eu resolvemos investir nas Descidas Vertiginosas, pois não havia outro jeito.

Quando chegamos a Miraflores na noite anterior, após jantarmos no centro de Teresópolis, decidimos levar apenas a corda nova de 55m - 10,5 mm do Borges, caso contrário subiríamos pesados demais e não adiantaria muito. Decidimos, *a priori*, não investir na conquista da escalada que mais tarde veio a se chamar Variante Gilda Borges. Apostaríamos todas as nossas fichas existenciais na Descida Rio de Janeiro.

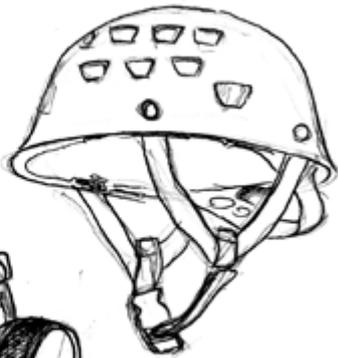
Já que pretendíamos ir ao cume, optamos pela Face Leste, com Variante Maria Cebola. Borges levaria sua varape, tendo por isso a alegria de guiar aquela variante tão bonita. Antes de dormir eu pensava: "A maior dificuldade vai ser superar a criticalidade do nosso número mínimo de montanhistas, o que vai exigir um cuidado todo especial". Aí eu me lembrei da 7ª e última investida em conquista do Paredão Che Guevara (1991). "Lá também éramos, somente, Borges, eu e o desconhecido. E nós conseguimos brilhar".

Acordamos às 04:30 horas e saímos de Miraflores, após um lanche reforçado. O tempo, aparentemente, estava firme. Quando amanheceu, chegamos a nos entusiasmar com o céu muito azul. Duraria pouco, contudo, ficando nublado em seguida. Ao iniciarmos a caminhada, notamos que havia chovido muito nos dias anteriores, pois a trilha estava muito pesada. Pelo menos estava frio, o que ajudava bastante o nosso desempenho. Encontramos na Cuíca uma barraca armada. Ouvimos vozes mas passamos batidos e em silêncio. Nas Pedras Soltas fizemos uma pausa protocolar de apenas 07 minutos, para deixar algum farnel, uma lanterna, pilhas reservas, um cantil e agasalhos, antes de prosseguirmos. Na Bifurcação deixamos uma das mochilas e prosseguimos com a outra. Agora, a corda e os rabos de vaca com mosquetões, oitos e demais equipamentos de auxílio seguiam fora da mochila, dividindo assim o peso. Nem fomos ao cume do Polegar. Já na base da Face Leste, constatamos que o tempo havia fechado bastante, mas tínhamos esperança de que não fosse chover, pois estava frio. Guiei o 1º esticão, um pouco maior que o de costume, aproveitando a corda de 55 metros. Havia um ar muito perfumado trazido pelo vento suave da serra. No 2º esticão, Borges chegou até a base da Variante Maria Cebola, que é mais demorada que a Chaminé *Black-Out*, mas ao menos não iríamos nos molhar. Borges chegou a propor fotografias mas eu disse a ele que nós dispúnhamos de umas dez fotos apenas e seria mais interessante guardar para o cume e principalmente para a descida, onde nós iríamos descortinar novos visuais do Dedo de Deus. Borges guiou a Maria Cebola, que foi o nosso 3º esticão e eu segui rapidamente de mochila até a base Chaminé Grande, guiando em seguida o 4º esticão, pelo lado de fora, o que deu mais trabalho, mas foi mais emocionante. Trouxe o Borges e a mochila até o grampo da Pedra Entalada. Borges guiou o 5º esticão e depois levou a mochila, comigo no vácuo até o grampo da virada. No 6º esticão, guiei a chaminé seguinte e logo depois Borges passou por mim guiando o 7º esticão fazendo o lance da chaminé das pedras pontudas que eu, com segurança, de cima, fiz pela parte mais larga. E, assim, no 8º esticão fiz o **lance da fita em torno do bico de pedra** e prosseguí até a escada de ferro.



LANCE
DA
FITA
EM
VOLTA DO
BICO DE
PEDRA, NUM
DOS ÚLTIMOS
LANCES DA FACE
LESTE DO DEDO DE DEUS

CAPACETE



LANTERNA DE CAPACETE

No 9º esticção chegamos ao cume. Eram 09:45 horas. Apesar da pesada mochila, tivemos ótimo desempenho e, mais uma vez, Borges e eu atingimos o cume do Dedo de Deus. Mesmo que não fosse possível bater um único grampo na conquista das descidas, já teria valido a pena. Assinamos nossos nomes no LIVRO DE CUME²⁰ com a simplicidade costumeira, logo abaixo do tradicional C.E. RIO DE JANEIRO, pois em nenhum momento deixamos de ser CERJENSES. Tiramos poucas fotos e tratamos de iniciar os procedimentos de descida. O tempo passou muito rápido e, quando vimos, já estava na hora de descer.

Propus ao Borges que ele duplicasse o grampo do 2º rapel. Ficou muito bom, mas nós não tínhamos certeza se ia dar até a base, mesmo com uma corda de 55 metros. Desci na frente com a corda em única. Assim, estava garantida a minha chegada na base daquele grande negativo. Em seguida, Borges montou a corda em dupla que deu na conta exata. Se não desse, Borges duplicaria outro grampo, um pouco abaixo, no artificial fixo final do Diedro Salomyth. Felizmente não foi necessário e nós prosseguimos a descida.

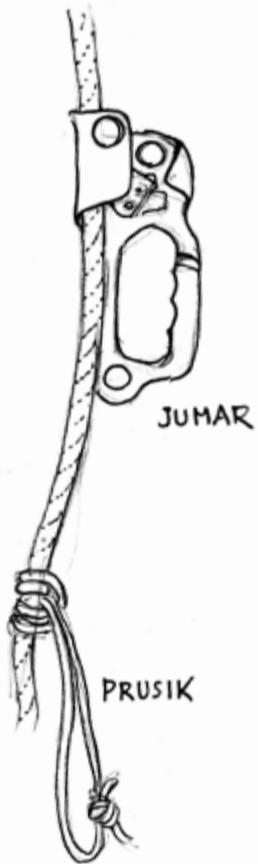
Com o 3º rapel, chegamos num ponto mais ao Sul da descida. Agora nós estávamos bem acima da nova conquista, a Variante Gilda Borges. Custei um pouco a decidir onde bater o grampo, que acabou ficando muito bom.

O tempo estava muito fechado e, desde o cume, eu descia de *anorak* para minorar o frio que sentia. Montando a corda em dupla no grampo que eu havia acabado de afixar não dava para ver se ia ser possível chegar lá embaixo no platô. Borges achava que sim. Até disse que estava vendo a corda lá no platô. Eu, que não conseguia ver coisa alguma, acreditei e me joguei com tudo, de mochila inclusive. Foi aí que, ao chegar no meio da descida, comecei a achar que tinha sido uma temeridade acreditar que a corda ia dar. De fato, não apenas não dava, como era completamente impossível pendular até a nova conquista que estava com seus grampos poucos metros à minha esquerda. Passei um sufoco danado. Enquanto isso, Borges se limitava a rir e a dizer: “Foi mal, Santa Cruz, eu pensei que dava”. Montei um *prusik* e, só então, pude relaxar. Lembrei-me de uma situação semelhante no Espírito Santo, na Pedra da Freira, na conquista da Variante Graciliano Ramos (1994), com o Mario Arnaud. Lá, eu também estava de mochila; só que ao contrário do Dedo de Deus, fazia um calor desgraçado.

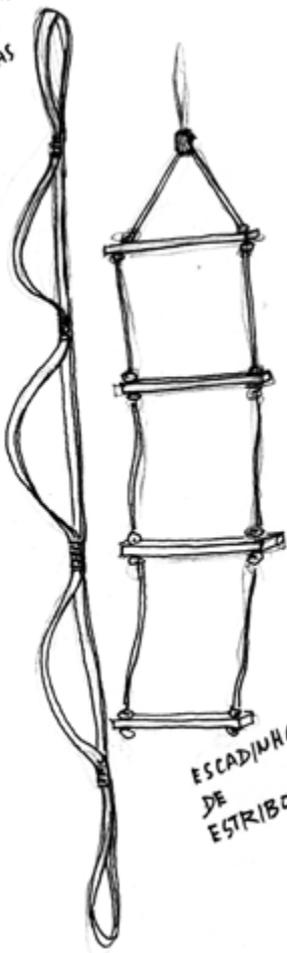
Veza por outra o tempo melhorava um pouco e dava para ver o precipício apavorante onde eu havia me metido. **Montei um par de jumars** e fui subindo aos poucos, pois não adiantava pressa. O importante era manter o ritmo. Ao chegar onde estava o Borges, já não sentia mais frio devido ao esforço que tive que empreender. Borges então desceu de varapes e equipamento de grampeação. A princípio, achou que ia conseguir pendular para a Variante Gilda Borges, muito embora eu achasse quase impossível, a menos que ele tivesse asas. De fato, todas as suas tentativas malograram. Borges não teve outra alternativa e decidiu então bater um grampo para que pudéssemos prosseguir a descida. Em poucas horas, nós aprendemos mais sobre o Dedo de Deus do que em anos de observações e em dezenas de escaladas realizadas.

Aproveitei o tempo disponível para afiar as talhadeiras já utilizadas e, quando Borges concluiu, reunimo-nos em seu grampo. Nós havíamos conseguido finalmente completar esta 4ª e tão difícil seqüência de descida. Mas o local, mesmo com escadinhas, não era nem um pouco

²⁰ **LIVRO DE CUME:** como o nome indica é o que fica localizado no ponto mais alto das montanhas e destina-se aos registros de todos os caminhantes e escaladores que lá conseguem chegar. Hoje em dia são poucas as montanhas que ainda possuem um Livro de Cume, mas esta bela tradição precisa ser preservada para o bem do montanhismo. Ainda recordo a emoção que tive ao chegar ao cume do Pico Maior de Friburgo aos 22 anos e poder assinar o livro que ainda era o original da conquista, realizada 28 anos antes por Sylvio Mendes, Índio do Brasil, Carlos Santos, Reinaldo Santos e Atanael Martins.



ESCADINHA
DE
FITAS



SUBINDO
DE
JUMAR
EM
CORDA
FIXA
NUM
NEGATIVO

confortável. Novamente montamos a corda, com um cuidado extremo, pois só tínhamos uma e JÁ HAVÍAMOS QUEIMADO NOSSAS CARAVELAS²¹. O local onde estávamos não era mais parte do Diedro Salomyth e não tinha, nem tem nada a ver com a Variante Gilda Borges, que passa ao Sul do nosso ponto de parada. Trata-se de um local exclusivo da Descida Rio de Janeiro, sem qualquer platô nem nada mais, na parede exposta do Dedo de Deus.

Quando fizemos a 5ª descida, atingimos as imediações do Platô Intermediário do Diedro Salomyth. Não exatamente onde gostaríamos, mas onde a gravidade nos permitiu chegar, após vencer mais um negativo assustador e belíssimo.

Precisávamos decidir o que fazer, após constatarmos a multiplicidade de caminhos a seguir. A opção mais ambiciosa e desafiadora consistia em ir mais para o Sul até o ponto mais à esquerda da Variante Gilda Borges, continuando assim a conquista da Descida Rio de Janeiro. Foi o que tentamos fazer inicialmente. Passavam das três horas da tarde no momento em que me lancei na névoa apavorante do abismo. Quando já estava chegando ao final da parte positiva da rocha, descobri que precisaria bater um grampo antes de chegar no grampo que o Leo bateu dia 02.04.95, na 3ª investida. Na ocasião ele usou uma corda inteira de 50 metros em única e depois subiu de *Jumars*, ao passo que nós teríamos que usar a nossa corda de 55 metros em dupla, caso contrário não haveria como recolher lá de baixo e prosseguir a descida. Borges me incentivou a bater este grampo no limiar do positivo e cheguei a pensar que valeria a pena. Depois vi que seria completamente absurdo continuarmos com apenas uma corda naquela descida, só eu e Borges, às 15:20 horas. Prosseguir, nestas condições, seria dar muita chance ao azar.

Aí pensei e falei para o Borges: “O que estamos fazendo já está ultrapassando os limites dos riscos aceitáveis. É melhor desistirmos enquanto há tempo. A montanha não vai sair do lugar. Na próxima vez voltaremos com mais companheiros e com duas cordas”. Borges concordou comigo. Agora eu tinha que subir, pela segunda vez no dia, para me encontrar com o Borges. Assim, voltaríamos para o Platô Intermediário do Diedro Salomyth, já tão familiar para nós. Voltei a usar *jumars* na corda nova do Borges. Não havia outro jeito.

Desistir a tempo foi a decisão mais sensata que nós tomamos. É bem verdade que eu fiquei triste. Borges ainda conseguiu me convencer que valeria a pena trocarmos dois grampos de progressão no Diedro Salomyth, nos lances pouco abaixo do Platô Intermediário. Estava começando uma chuvinha miúda e não sei onde é que fomos buscar forças para bater mais estes dois grampos, perfurados e afixados ao mesmo tempo.

Eram 16:30 horas quando partimos do Platô Intermediário para a Face Leste, já a caminho de casa. Prosseguimos direto até a Bifurcação e, de lá, até a base das Pedras Soltas, onde chegamos no limiar da escuridão. Comemos o que restava do farnel e prosseguimos até a estrada, sem qualquer problema.

Apesar de todos os desafios que tivemos que enfrentar, nós conseguimos sobreviver. Ao chegarmos em Miraflores, esparramamos todo o equipamento, anotando tudo que foi utilizado. Aos poucos, fomos descobrindo que nós havíamos feito uma bela investida. Só não fizemos mais porque, talvez, fosse temerário ou humanamente impossível. Estávamos exaustos, fatigados mesmo. Teria sido muito difícil voltar direto da escalada para o Rio de Janeiro dirigindo. Ainda bem que existe Miraflores.

²¹ **QUEIMAR AS CARAVELAS:** é uma metáfora que descreve a situação de irreversibilidade que ocorre nas Descidas. A partir de um certo momento, quando se termina de recolher a corda após o 1º rappel, simplesmente não tem volta. Esta expressão foi tirada da conquista da América, quando os comandantes espanhóis teriam ordenado queimar seus próprios barcos, obrigando assim os guerreiros a uma luta impiedosa, antes que outras caravelas chegassem meses depois, da Europa.

Quinta Narrativa: 23.04.1995 - domingo

5ª Investida: Descida Rio de Janeiro (Conquistada nesta data)

Investida única: Descida Giordano Bruno (Conquistada nesta data)

No fim de semana seguinte, conseguimos compor uma equipe de três montanhistas e partimos mais uma vez para o Dedo de Deus, com o objetivo de atacar e, se possível, concluir a conquista da Descida Rio de Janeiro.

Já nas verticalidades do Dedo de Deus, Borges, Gustavo e eu descobrimos que a descida era bem maior do que as estimativas feitas anteriormente. Eu não acreditava na avaliação do Leo, de que mais um grampo daria, para com duas cordas de 50 metros unidas, chegar na Bifurcação. Gustavo e Borges preferiam acreditar que seria possível. Na realidade, mais uma vez, o que parecia convencional ia se mostrar muito mais desafiador e surpreendente, mesmo para mim com mais experiência de montanhismo.

Como escreveu, em 1915, o poeta Alberto Caeiro, aliás Fernando Pessoa:

“ Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são”.

De fato, o Dedo de Deus nos mostraria, mais uma vez, que as aparências, quase sempre, enganam.

Sáímos de Miraflores um pouco tarde, para nossos padrões. Decidimos levar apenas duas cordas: uma de 55 metros e outra de 50 metros. Uma terceira corda seria útil mas não compensaria o esforço de levá-la.

Nessa excursão, não tínhamos por objetivo chegar ao cume do Dedo de Deus. Iríamos até o Platô Intermediário para conquistar o que faltava da Descida Rio de Janeiro. Durante a caminhada de aproximação, Gustavo estava muito entusiasmado com a escalada do Garrafão (1934) e a Travessia Longitudinal das Agulhas Negras (1958), duas excursões que estavam planejadas para os meses seguintes. Sugerí que voltássemos as nossas atenções e nosso pensamento para a excursão que estávamos fazendo naquele momento, pois aquela “simples descida” já havia exigido quatro investidas e ainda se mostrava plena de encantos e enigmas a serem resolvidos em nossa 5ª investida.

E lá fomos nós, mais uma vez, jogar o nosso destino de montanhistas amadores e não competitivos, buscando concluir mais uma conquista.

Quando chegamos no Platô Intermediário do Diedro Salomyth, após termos feito o início da Face Leste, rumamos para o grampo duplo mais ao Sul da conquista da Variante Gilda Borges, que na época estava em andamento. Este grampo duplo também faz parte da Descida Rio de Janeiro.

Foi justamente neste local que eu e Borges, oito dias antes, havíamos montado uma descida e depois desistido de prosseguir — sabiamente, diga-se de passagem.

Nesta 5ª investida tivemos tudo para terminar a conquista: Sol brilhando no céu, equipe de três montanhistas experientes, duas cordas para as descidas e muitas horas pela frente, antes que começasse a escurecer. Em outras palavras, tudo o que não tivemos na 4ª investida. Além disso, humildemente, decidimos não ir ao cume nessa excursão.

Tínhamos que chegar no grampo que o Leo bateu dia 02.04.95. Com duas cordas seria tranqüilo chegar lá e prosseguir a descida. Contudo, nós pretendíamos fazer a Descida Rio de

Janeiro com o padrão de lances compatíveis para uma corda de 55 metros, no limite. Isso exigiu muito mais trabalho de todos nós. Assim sendo, não sabíamos se, *a priori*, faríamos apenas um ponto de parada naquela verticalidade toda até chegar ao grampo do Leo. Só havia uma forma de descobrir: indo lá verificar.

Eu já sabia onde bater o grampo, pois fui quem, vencido pelo medo, na semana anterior, convenci o Borges que já tínhamos ido longe demais. O local, portanto, já tinha sido escolhido. Sem perda de tempo, tratei então de bater o grampo. Se esse grampo não dividisse bem o “Lance do Leo” haveria a necessidade de mais um ponto de parada, mais abaixo, e seria eu quem bateria também esse segundo grampo. Felizmente não foi preciso, pois o minúsculo platô, escolhido como ponto de parada para o primeiro grampo do dia, fica quase exatamente no meio do lance que Leo havia descido na 3ª investida. Mas, isso só conferimos mais tarde.

A posição não era das piores, pois havia uma pequena concavidade, mas a pedra era muito dura, o que não chega a ser novidade no Dedo de Deus. Quando eu já estava terminando o furo, Gustavo propôs que separássemos as duas cordas, para que pudéssemos fazer a descida com padrão de uma corda. Foi uma ótima idéia que adotamos imediatamente. Assim, Borges já desceu até onde eu estava com as cordas separadas uma da outra.

Queimadas as caravelas, não havia mais retorno. Estávamos apesar disso muito tranqüilos, dentro do possível é claro. Gustavo montou o 3º rapel no grampo do Leo e desceu para bater o seu primeiro grampo e o segundo da excursão. Quando ele terminou o seu grampo, fixei a corda de 50 metros em única e desci até quase o final da corda para bater outro grampo. Borges, por sua vez, colocou a corda de 55 metros em dupla e bateu o grampo intermediário acima de onde eu estava. Sem muito teorizar parti para o meu terceiro grampo lá embaixo, repetindo a operação com a corda única. Ficamos assim temporariamente separados. Gustavo partiu então para o seu segundo grampo quando eu terminei o meu terceiro e conseguimos chegar na Bifurcação com as duas cordas unidas. Estava conquistada, na 5ª investida, a Descida Rio de Janeiro: a tão sonhada Descida Diretíssima do Dedo de Deus.

Mas nós não dormimos sobre os louros e, nesse mesmo dia, prosseguimos descendo, agora nas encostas dos Dedinhos, batemos mais cinco grampos e conquistamos em uma única investida a Descida Giordano Bruno, que vai até a base das Pedras Soltas.

Foi um dia de muito trabalho. Aproveitamos os últimos resquícios de luz e chegamos na Cuíca. Depois de um breve descanso, já com as lanternas acionadas, partimos para a estrada. Gustavo e eu explicamos ao Borges quem foi Giordano Bruno, que ele nunca tinha ouvido falar, mas que tinha gostado da plasticidade fonética do nome.

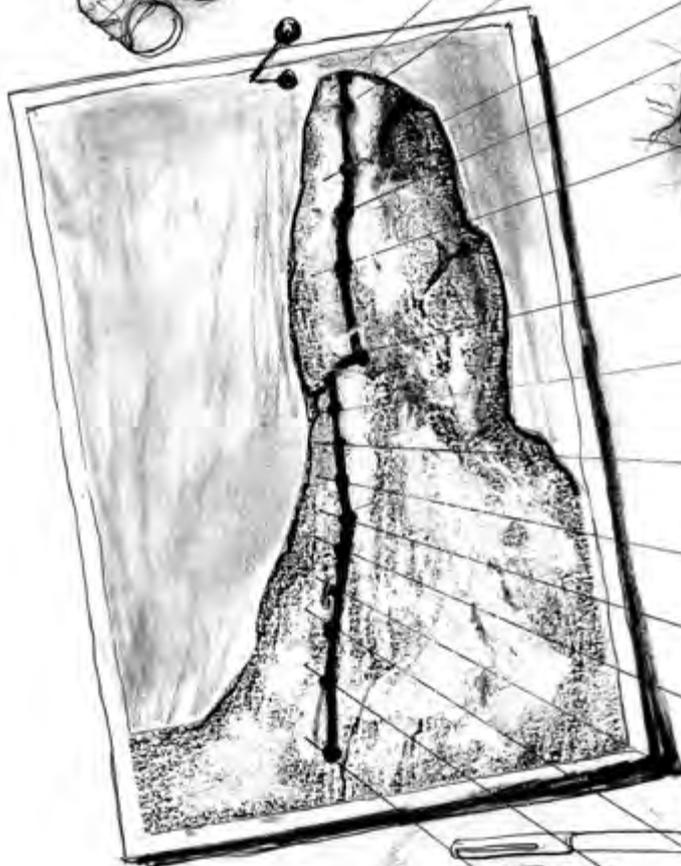
Giordano Bruno foi queimado vivo em 1600 pela Inquisição e constitui um exemplo de coerência e não abjuração para todos nós. A nova descida é bem mais suave que a Descida Rio de Janeiro, mas também é muito bonita.

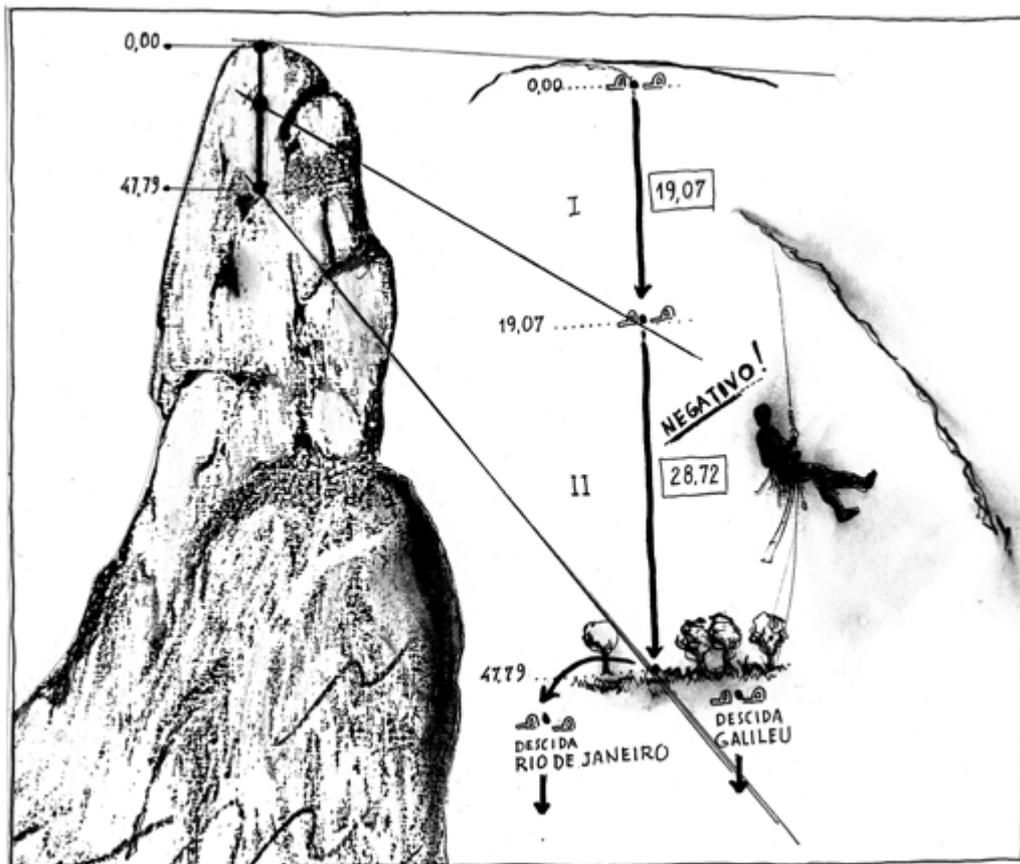
A escolha do nome Rio de Janeiro para a Descida Diretíssima do Dedo de Deus é uma homenagem à nossa cidade e também ao Centro Excursionista responsável pela nossa formação como montanhistas e Guias Escaladores. Lembro-me de ter argumentado com Gustavo e Borges: “Queiram os senhores, ou não: o CERJ nos forjou”.

Mesmo afastados voluntariamente, levamos o C.E. RIO DE JANEIRO em nossos corações, em todas as excursões. Por tudo e apesar de tudo.

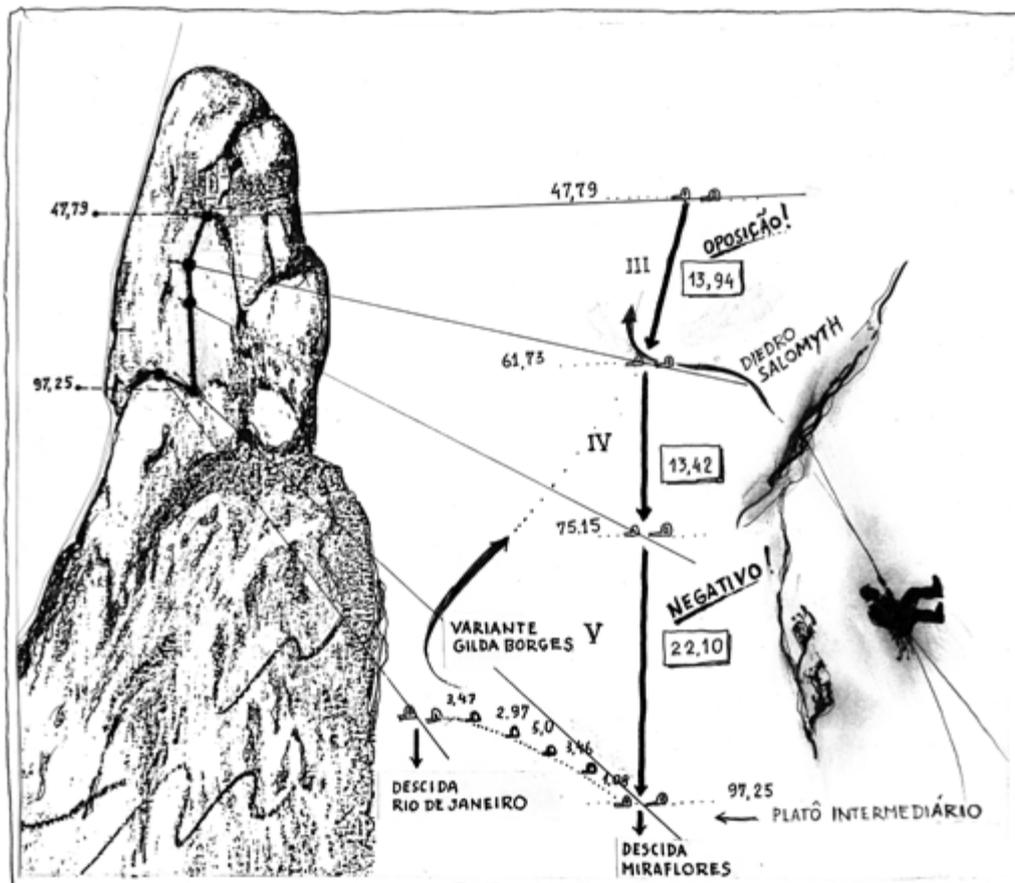
Descidas Vertiginosas

do Dedo de Deus Descida Rio de Janeiro

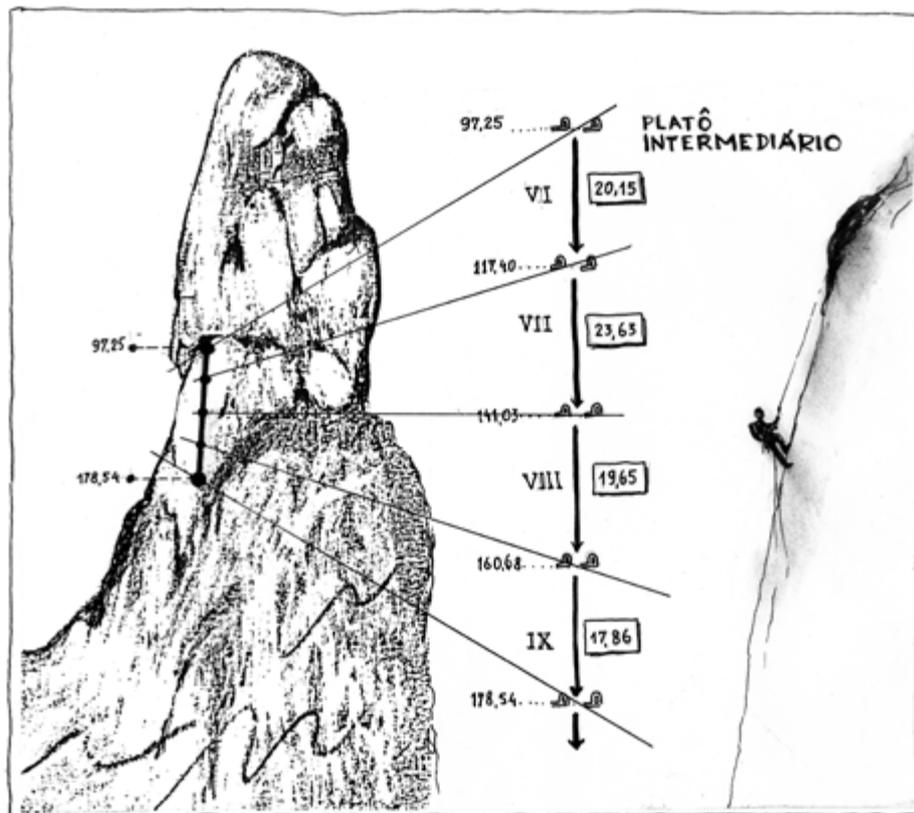




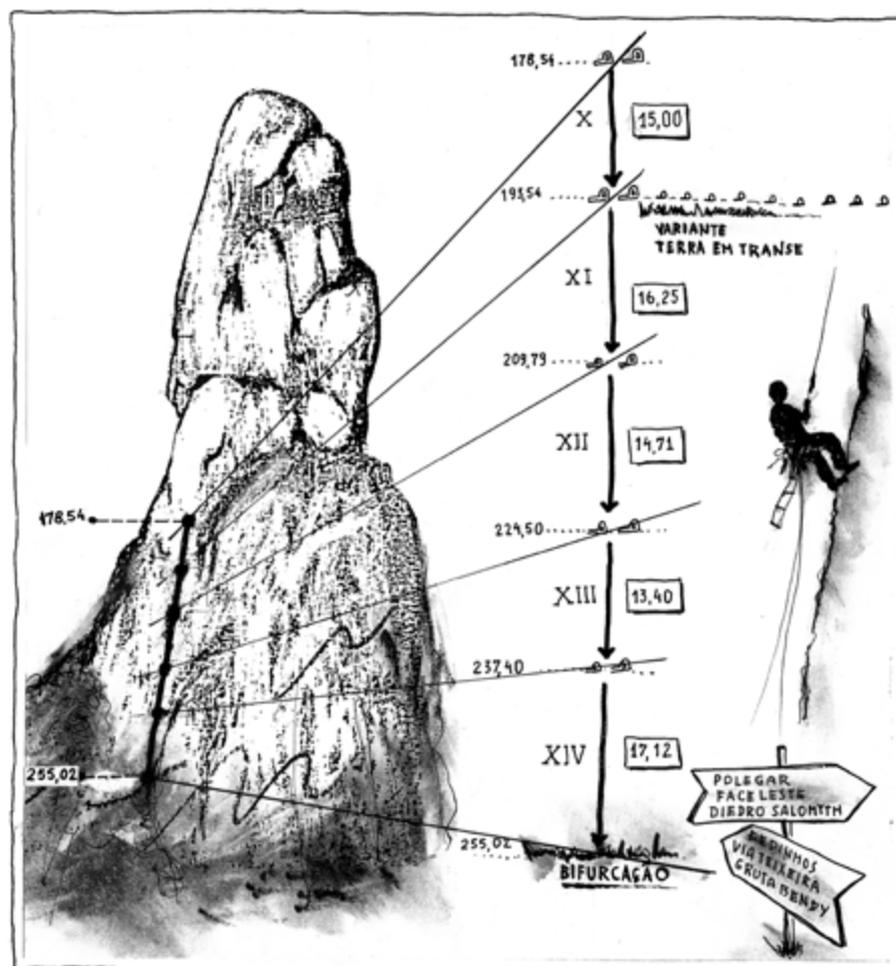
DESCIDA RIO DE JANEIRO • RAPÉIS I e II



DESCIDA RIO DE JANEIRO • RAPÉIS III, IV e V



DESCIDA RIO DE JANEIRO • RAPÉIS VI, VII, VIII, IX



DESCIDA RIO DE JANEIRO • RAPÉIS X, XI, XII, XIII, XIV



SANTA CRUZ NO 2º RAPEL DA DESCIDA
RIO DE JANEIRO

Sexta Narrativa: 09.09.1995 - sábado

4ª Investida: Variante Gilda Borges (Conquistada nesta data)

A terceira investida da Variante Gilda Borges havia sido realizada no domingo 16.07.95. Infelizmente, por problemas de saúde, não pude participar desta excursão. Na ocasião, Borges, Gustavo e Leo avançaram bastante na conquista, batendo quatro grampos e fixando uma corda desde o Platô Intermediário. Se esta corda tivesse sido colocada na investida anterior, talvez eles tivessem terminado a conquista já nessa terceira investida.

Para a quarta investida, tudo levava a crer que a Variante Gilda Borges seria concluída. Borges e eu tínhamos, no entanto, alguns problemas básicos. Por falta de companheiros, éramos, mais uma vez, só nós dois no Dedo de Deus, o que complicava a logística e aumentava os riscos. O que mais me preocupava era o meu precário estado de saúde, pois vinha me recuperando de uma forte gripe.

Eu já estava em Miraflores quando Borges chegou sozinho na véspera, por volta das dez horas da noite. Eu esperava que ele chegasse com pelo menos mais algum companheiro, mas todos estavam impossibilitados pelos mais diversos motivos. Borges também não deve ter insistido muito, como é de seu estilo tranqüilo. Eu teria usado os mais diversos argumentos no intuito de convencer nossos amigos para que participassem da excursão. Acontece que eu estava em Teresópolis com minha família aproveitando o feriado do Dia da Independência, que juntou com o fim de semana. Assim, não tive como articular a participação de mais companheiros para a tão aguardada 4ª investida. Contudo, mesmo se estivesse no Rio de Janeiro, não sei se conseguiria convencer mais alguém. Nesse caso, dificilmente Borges e eu teríamos investido na conquista. Tudo porque eu não me sentia em condições de saúde de compartilhar com o Borges esforço por bater os grampos necessários para que a conquista fosse concluída.

Acontece que nós já estávamos em Miraflores, aquele paraíso no meio das montanhas. Além disso, Borges achava que ele poderia sozinho dar conta dos grampos a serem batidos. Acho que ele tomou essa decisão quando viu os quatro grampos de progressão que estavam em cima da mesa da sala, junto a algumas fotos do Dedo de Deus que mostravam com toda a nitidez a nossa conquista e os lances que faltavam ser superados. Olhando as fotos que eu deixei, malandramente, espalhadas, parecia que faltava só um ínfimo para concluir a Variante Gilda Borges, que começa no Platô Intermediário do Diedro Salomyth e converge, novamente, para o Diedro Salomyth algumas dezenas de metros acima. De fato, faltava muito pouco, mas só nós é que sabemos o esforço que foi para cumprir os objetivos. Falo por mim: mesmo não tendo batido grampos nessa 4ª investida, me desgastei muitíssimo. O resultado é que minha saúde piorou bastante e, depois da excursão, passei uma semana de cama, pois a montanha costuma cobrar um tributo elevado de nossas extravagâncias. Apesar disso, valeu a pena. Não tenho a menor dúvida de que valeu.

Quando o despertador tocou às 04:30 horas, eu estava sonhando com a conquista no Dedo de Deus. Mesmo sem estar em condições ideais de saúde, tinha certeza de que estava fazendo o que precisava ser feito.

Procuramos nos alimentar bem. Estava muito frio quando começamos a caminhada. Usamos lanternas nos primeiros 15 minutos da trilha. À medida que nos aquecíamos, fomos tirando os agasalhos. Estávamos com o nosso cronograma tão bom que demos uma passada no Polegar, onde contemplamos mais uma vez toda aquela maravilha à nossa volta. Do cume do Polegar,

dava para ver o que nos esperava na Variante Gilda Borges. Sem perda de tempo, rumamos para lá. Borges estava muito entusiasmado e seguiu na frente guiando. Se eu pudesse me revezar com ele na ponta, as nossas chances de terminar a conquista seriam muito maiores. Para ajudar, tínhamos a corda fixa até o último grampo batido na investida anterior, realizada 55 dias antes. Esta corda nos fez ganhar precioso tempo que iria ser fundamental mais tarde. Borges disse muito entusiasmado: “Se nós não conseguirmos terminar hoje, só voltaremos nessa conquista ano que vem. Isso aqui já deu trabalho demais”. E ainda ia dar muito trabalho. Eram 08:42 horas quando Borges partiu para conquistar. Seguiram-se seis horas e vinte e oito minutos ininterruptos em que ele bateu seis grampos definitivos e quatro grampos de progressão, até que fosse concluída a Variante Gilda Borges. Durante todo esse tempo fui seu coadjuvante privilegiado. Eu queria muito estar em forma para trocar de posição com ele. Contudo, se o fizesse, provavelmente nós não terminaríamos a conquista nesse dia, pois conquistar em artificial requer um bom preparo físico e, resfriado como estava, era o que eu menos tinha.

Inicialmente Borges se encordou no meio da corda para que eu desse segurança por um dos lados e o outro servisse como retinida, por onde poderia mandar para ele os mais diversos equipamentos de conquista.

Não havia muito o que inventar no final da Variante Gilda Borges. As fendas, que proporcionam a utilização de equipamento móvel, já tinham sido conquistadas. Agora era avançar palmo a palmo, metro a metro, conquistando em artificial fixo, que não exige criatividade, mas requer um grande esforço e muito equilíbrio nas escadinhas e nos catagarras. O próprio Hino do CERJ, feito em 1966 por Carlos Carrozzino e Etzel Stockert, menciona tal fato:

“Nos tetos que apareçam nós colocamos pitons
E com as escadinhas subimos os paredões”.

Borges prosseguia com uma regularidade impressionante avançando e batendo os grampos que precisavam ser batidos. Ele não desanimou, nem quando “o desastrado do Santa Cruz deixou cair o farnel”. Lá se foram os magníficos sanduíches que a minha mulher, Lucia Ladeira, havia preparado com todo o carinho em Miraflores. Toda vez que penso no que nós perdemos, fico com água na boca. O curioso é que os sanduíches deram impressão que parariam na borda do paredão vertiginoso, como numa cena de câmara lenta. Mas no justo momento que eu cheguei a pensar que tinha alcançado, aquele nutritivo volume rolou suavemente precipício abaixo. Tivemos que passar o resto do dia com um mísero pacote de amendoins que, por sinal, tinha ficado guardado no Platô Intermediário desde a investida anterior. Nunca, talvez, amendoins moles foram tão apreciados, pois era o nosso único farnel. De fato, **o melhor tempero é a fome**. Para quem estava tentando se recuperar de uma forte gripe, a perda do farnel foi mais grave do que se tivesse me revezado com o Borges lá na frente. Mas a vida é assim mesmo. Vivendo e aprendendo.

Borges esteve muito bem o dia todo e eu procurei incentivá-lo quando chegou a pensar que não íamos conseguir. Afinal faltava muito pouco. Contando os grampos de progressão, Borges tinha acabado de colocar o 10º grampo seguido na rocha duríssima do Dedo de Deus. Ele me disse que se tivesse que bater mais algum grampo não agüentaria, de tão exausto que estava. Foi então que disse que dava para concluir a conquista. Saiu em livre e conseguiu, com muito esforço, chegar lá em cima no grampo da Descida Rio de Janeiro, no limiar do Diedro Salomyth. A nossa sensação foi de alegria, mas também de alívio. Eram 15:10 horas. Estava conquistada a Variante Gilda Borges.

Borges: muito feliz exclamou. “Acabou a moleza Santa Cruz, agora é a sua vez de subir”. Vesti uma das mochilas e me preparei para deixar aquele platô que me acolheu por quase oito horas. Mesmo com a corda fixa do início, tive que me esforçar bastante. As fitas médias que

Borges colocou diretamente nos tarugos dos grampos, para economizar mosquetões, também deram trabalho para serem retiradas. Algumas fitas cheguei a pensar em deixar lá mesmo, mas, pensando no esforço do Borges por horas a fio, insisti e consegui recolher todas.

Quando terminou a parte da corda fixa, paradoxalmente, fiquei mais animado. Tive que usar fitas como escadinhas, pois as escadinhas que Borges havia usado tinham sido deixadas por ele no último grampo, antes da saída em livre. Finalmente, consegui chegar no lance final, que Borges conquistou em natural. Nós dois sabíamos que a Variante Gilda Borges ainda precisaria ser regrampeada, substituindo os grampos de progressão. Naquele momento, contudo, tínhamos mais é que comemorar a nova conquista e tratar de descer pois a fome começava a incomodar. Mas, pelo menos, água tínhamos de sobra. Estávamos naquela confluência múltipla da montanha. Um ponto que é ao mesmo tempo parte do Diedro Salomyth, da Descida Rio de Janeiro e, a partir daquele momento, o final da Variante Gilda Borges.

Quase não tivemos tempo para muita contemplação pois estava mais do que na hora de descer. Fizemos dois rapéis na Descida Rio de Janeiro, recuperamos a segunda mochila no platô onde eu havia ficado tanto tempo e fomos para o Platô Intermediário do Diedro Salomyth. Depois foi só convergir para a Face Leste e prosseguir a descida sem qualquer problema, a não ser a fome que já tinha saturado. Nossa fome só foi saciada quando chegamos na velha Padaria Jóia, no centro de Teresópolis, onde jantamos o tradicional prato feito, para estivador nenhum botar defeito.

Quando chegamos em Miraflores, Lucia e as minhas filhas Mariana, Anamaria e Juliana já estavam começando a ficar preocupadas. Mas estava tudo bem. Nós só tínhamos coisas boas e engraçadas para contar, como o término da conquista e a queda do farnel. Borges e eu estávamos felizes como dois meninos. Afinal nós havíamos terminado mais uma bela conquista no Dedo de Deus.

Esta escalada também pertence aos nossos companheiros de investidas anteriores Leo e Gustavo que, infelizmente, não puderam estar presentes na última investida. Quando chegamos ao final da conquista, de certo modo, eles também chegaram. E, assim, hoje a Variante Gilda Borges está lá, no coração do Dedo de Deus, para quem quiser aceitar os seus desafios.

Sétima Narrativa:15.11.1995 - quarta Feira

Dedo de Deus, Face Leste

Regrampeação: Descida Giordano Bruno

Aproveitamos condignamente o feriado dedicado à República escalando, mais uma vez, o Dedo de Deus. Meus companheiros de excursão foram Christian, Filipe e Tarcísio e tudo transcorreu bem. Após termos escalado o Dedo de Deus, fizemos melhoramentos na Descida Giordano Bruno, na encosta dos Dedinhos, quando batemos quatro grampos intermediários.

Ao chegar em casa, registrei em meu diário: “Hoje foi um dia pleno de beleza que compartilhei com amigos de coração. Vimos o Sol nascer nas montanhas e fizemos uma excursão em que deu tudo certo. Contudo, há precisamente vinte anos foi um dia de muito sofrimento e dor, pois morria Marizel na Pedra da Gávea ao fazer a Passagem dos Olhos (1960). Maria Zelina, Marizel para os amigos, era uma jovem de 17 anos e será para todo o sempre uma lágrima na trajetória do CERJ e do montanhismo do Brasil”. Naquele distante 15.11.1975, um sábado, muitos escaladores, de quase todos os Clubes de Montanhismo do Estado, rumaram para a Pedra da Gávea, assim que souberam que um acidente grave havia ocorrido. Fui um dos que abandonaram o que estava fazendo, para ajudar no resgate, mas ao chegarmos lá, seu corpo já não tinha mais vida²².

²² **MARIZEL:** este acidente que vitimou Marizel, de certa forma, mudou a minha vida. Toda minha geração foi profundamente marcada. A partir de então, nunca mais me omiti no montanhismo, pois descobri que um Guia não tem esse direito. Dois anos depois, em 1977, formamos a UNICERJ, inicialmente uma chapa que concorreu e quase venceu as eleições no CERJ. A partir de então, não tive mais sossego. Tudo bem. Não vim ao mundo a passeio mesmo. De qualquer forma, tal qual Darcy Ribeiro, tive mais derrotas do que vitórias em minha vida. Mas não trocaria de lugar com os que me derrotaram.

Oitava Narrativa: 17.12.1995 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

Descida Original de 1912

O último Dedo de Deus que fiz em 1995 foi com o Willy, meu companheiro de grandes travessias por entre montanhas nevadas nos Andes Patagônicos. Esta escalada permitiu que recordássemos nossa viagem à Terra do Fogo, bem como ao Parque Nacional de Los Glaciares, na Argentina e ao Parque Nacional Torres Del Paine, no Chile.

No PNSO, contudo, tivemos um clima tipicamente tropical, com muitos lances de escalada molhados que exigiram o máximo de cuidado.

Na Chaminé Grande, acima da *Black-out*, encontramos filhotes de andorinhas assustados porque ainda não sabiam voar. Se nós fôssemos predadores estariam perdidas. Não era o caso. Procuramos importunar o mínimo possível.

Ao chegarmos ao cume, aproveitamos aquela paisagem maravilhosa à nossa volta, mas logo começou a nublar. Não demoramos para descer, pois a chuva é quase certa nos meses mais quentes do ano.

Fizemos os três rapéis clássicos da Descida Original de 1912 sem qualquer imprevisto e voltamos antes que a chuva desabasse, de vez, num belo temporal. Deixamos as nossas regrampeações e conquistas para uma ocasião mais propícia.

Nona Narrativa: 06.01.1996 - sábado

Dedo de Deus, Diedro Salomyth

Regrampeação: Variante Gilda Borges

Regrampeação: Descida Rio de Janeiro

Descida Original de 1912

Esta excursão foi programada pelo Borges para levar o seu amigo Guy Costa ao Diedro Salomyth. Borges tinha feito com ele, no ano anterior, grandes caminhadas e escaladas na Patagônia e quis retribuir com uma bela e desafiadora escalada da Serra dos Órgãos.

A princípio nós faríamos três cordadas de dois montanhistas, mas um amigo do Guy desistiu da excursão, provavelmente por causa do temporal que caiu no Rio de Janeiro na tarde que antecedeu a escalada.

Se fôssemos cancelar as nossas excursões por causa de chuvas repentinas, provavelmente não teríamos feito metade do que já fizemos até hoje no montanhismo. Aconteceram mais alguns contratemplos na saída do Rio de Janeiro, na noite que antecedeu a nossa excursão. Assim, Christian e eu rumamos para Teresópolis na hora combinada e estranhamos o atraso dos demais. Eles chegaram em Miraflores mais tarde do que em qualquer outra excursão que eu me lembre: passavam quinze minutos de uma da madrugada. Deixamos para separar o material coletivo e arrumar as mochilas no dia seguinte, o que não deixava de ser um eufemismo, pois já estávamos no “dia seguinte”. Teríamos pouco mais de duas horas de sono, o que constitui, ao meu ver, uma temeridade na véspera de uma grande excursão.

Guy me pareceu muito fechado, monossilábico e auto-suficiente. Talvez tenha pensado que, por escalar nos Andes, as nossas montanhas não exijam determinação, fibra e tenacidade.

Dentro de algumas horas, no Diedro Salomyth, poderia exercitar seus talentos de grande escalador e, talvez, aprender um pouco, também, pois, para um montanhista, por mais experiente que seja, cada excursão traz novos ensinamentos.

Eu não tinha dúvidas de que Guy iria ter oportunidades de reformular alguns dos seus conceitos, mas tive quase certeza de que teríamos uma excursão atípica para os nossos padrões do MASENC e deveríamos ser tolerantes com alguns comportamentos que nós condenamos. Tudo em nome da amizade e o carinho que temos com o Borges. Apesar dessas perspectivas, um tanto distantes do ótimo entrosamento desejável, fomos dormir acreditando que iríamos fazer um inesquecível Dedo de Deus.

Fomos arrancados do sono às 04:00 horas. Nós havíamos dormido pouco mais de duas horas. Sem perda de tempo terminamos de separar o equipamento e arrumar as cinco mochilas.

Alimentamo-nos e partimos. Eram 05:05 horas. Borges já havia definido as cordadas. Ele e Guy fariam uma cordada. Santa Cruz, Gustavo e Christian fariam a outra cordada. Assim, era como se desde o início compuséssemos duas excursões independentes.

Tal fato não me surpreendeu. A partir de então, eu iria fazer tudo para que mantivéssemos o nosso grupo de cinco montanhistas o mais coeso possível. Como já imaginava, não seria tarefa das mais fáceis.

O fato de termos dormido tão pouco iria pesar muito no nosso desempenho, mas nós procurávamos superar a gritante deficiência de horas de sono, com entusiasmo. O percurso de Miraflores até o início da trilha foi silencioso na maior parte do tempo.

Havia acabado de amanhecer quando começamos a caminhar e flocos dourados de sol salpicavam o chão num espetáculo muito bonito, que não cansamos de contemplar. Puxei o grupo, como gosto de fazer, e notei que Guy veio colado comigo, achando talvez que eu iria cansar

e ele me passar. Não teria nada de notável se acontecesse isso. Só que ele não me passou e, no final, já quase chegando na 1ª parada, sugeri que fizéssemos uma pausa na Cuíca e apenas comentei: “A parada não é aqui. É um pouco mais adiante”. Algo me dizia que Guy queria medir forças com cada um de nós. Acontece que somos visceralmente não competitivos. Isto não quer dizer que sejamos subservientes. Na Patagônia, Guy pode até ser um mestre, mas no Dedo de Deus iria descobrir que tínhamos algo para ensinar.

As montanhas da Cordilheira dos Andes são muito maiores que as do Brasil. Contudo, cada montanha tem seus encantos e suas especificidades. Como escreveu Fernando Pessoa: “Não sei o que é mais ou menos”. Em outras palavras: qualquer comparação pode ser um empobrecimento inaceitável da realidade.

Apesar do temporal da noite anterior, a trilha estava quase completamente seca, pois deve ter chovido por pouco tempo.

Eram 08:00 horas da manhã e nós já estávamos escalando o Diedro Salomyth. Seriam necessárias mais de nove horas de escalada para que pudéssemos atingir o cume do Dedo de Deus.

Tivemos que buscar no cerne de nossas almas a disposição para cumprir todos os objetivos, inclusive iniciar a regrampeação da Variante Gilda Borges que ainda tinha vários grampos de progressão que precisavam ser substituídos. Gustavo havia se desgastado no início da escalada com uma mochila muito pesada. Quando Christian e eu propusemos que ele participasse das regrampeações disse: “Tudo bem, desde que vocês demorem bastante e eu possa descansar um pouco nesse platô maravilhoso”. Gustavo, aos poucos, ia se recuperando da fadiga que o acometeu. Ele não é de amarelar: brabeira, disposição e preparo físico é com ele mesmo. No entanto, pouco antes, tinha ido quase à exaustão de suas forças. A mochila pesada e as poucas horas de sono cumpriram seu papel. Por outro lado, não tenho a menor dúvida de que os pequenos desentendimentos tiveram uma parcela significativa e altamente relevante no seu baixo desempenho inicial.

Felizmente, Gustavo já estava recuperado e, quando eu terminei de bater o 1º grampo, ele já estava bem perto, esperando que eu subisse até o final da Variante Gilda Borges, para que ele se posicionasse e batesse o 2º grampo do dia. Comentei: “Este é o Gustavo que eu conheço”. Enquanto isso, Borges e Guy estavam começando as fissuras que antecedem o negativo em artificial fixo final do Diedro Salomyth.

Guy brilhou nesses lances extremos, mas teve muita dificuldade também. Eu pensei com meus botões “Talvez Guy agora tenha um pouco mais de humildade e consideração pelas escaladas tupiniquins. Tudo bem que ele é um escalador poderoso de recursos, mas o Diedro Salomyth também é uma escalada poderosa de desafios”.

Enquanto Gustavo, com alto desempenho, perfurava para bater o seu grampo, fui trazendo o Christian aos poucos, que subiu com classe e sem complicar.

O tempo continuava perfeito: ligeiramente nublado e firme, não podia ser melhor. Foi o nosso maior aliado. Enquanto isso, Guy, ao invés de levar o Borges para o início do artificial final, prosseguiu guiando, demonstrando uma ousadia quase irracional, que consumiria suas últimas reservas de energia. Guy é um ótimo escalador. Com um pouco menos de arrogância e um pouco mais de camaradagem, poderia se tornar um grande companheiro de caminhadas e escaladas. Ele é a primeira pessoa que conheço que escalou o Dedo de Deus pela primeira vez, pelo Diedro Salomyth. É bem verdade que ele tinha o Borges para revezar com ele e dar as informações precisas. Mas isto não tira os seus méritos. Uma coisa eu tenho quase certeza: ele achava que a escalada seria muito mais simples do que ele encontrou. Acontece que ninguém leva nove horas, do primeiro ao último lance de uma escalada, se ela não é realmente uma escalada

desafiadora. O Diedro Salomyth está à altura de escaladores brasileiros ou estrangeiros, venham de onde vierem.

Quando Gustavo terminou o seu grampo, veio até onde eu estava, na confluência da Variante Gilda Borges com o Diedro Salomyth e trouxe o Christian, enquanto eu iniciava a perfuração para mais um grampo. Podia parecer a princípio delírio meu, mas não era. Gustavo e Christian tentaram me convencer que não ia dar tempo, mas fui eu quem os convenci. Afinal, só um de nós poderia guiar aquela fissura bem à nossa frente. Christian se apresentou para guiar, Gustavo foi para a sua segurança e eu, sem perda de tempo comecei a perfurar, para duplicar, um grampo na Descida Rio de Janeiro. Foi nosso terceiro e último grampo do dia. Nós trabalhamos nesse dia feito uns possessos, mas o dia estava acabando e não chegávamos ao cume.

De todo o grupo fui o último a chegar ao topo. Eram 17:15 horas quando nos saudamos mutuamente com fortes abraços e tapas de arder nas costas. Estávamos todos de acordo: O Diedro Salomyth é uma bela escalada e o Dedo de Deus uma montanha magnífica. O tempo continuava nublado e promissor. Fiquei contente quando vi que o Borges escreveu o tradicional C.E. RIO DE JANEIRO na abertura do registro de nossa excursão, no Livro de Cume.

Boa parte da descida foi feita quando já havia escurecido. Tirando a exaustão, não tivemos qualquer problema e retornamos sãos e salvos.

A chuva, que tanto ameaçou, acabou desabando bem mais tarde com tempestade elétrica violenta e tudo mais. Apesar do susto que nos acordou todos, estávamos bem protegidos em Miraflores. Nos nossos sonhos havia o Dedo de Deus e a memorável excursão que nós realizamos.

Décima Narrativa: 20.01.1996 - sábado

Dedo de Deus, Face Leste

2ª Investida: Descida Galileu Galilei (*Conquistada nesta data*)

Madrugamos, mais uma vez, para ir à montanha e tentar concluir a conquista da Descida Galileu Galilei, a nossa segunda Descida Vertiginosa do Dedo de Deus.

Vários companheiros não confirmaram presença na excursão, pelos mais diversos motivos pessoais e familiares. Restaram apenas Guilherme de Paiva, Leo e Santa Cruz. Guilherme iria fazer o seu primeiro Dedo de Deus, após vários adiamentos. Sob todos os aspectos ia ser uma excursão inesquecível para ele, e, porque não dizer, também para o Leo e para mim. Afinal, nós sobrevivemos a um verdadeiro cataclisma após termos ido até o cume e terminado a conquista da Descida Galileu Galilei. Frequentemente a montanha cobra um tributo de suor, sacrifícios e sofrimentos. Acho que nós tivemos até muita sorte.

Saímos do Rio de Janeiro às 04:30 horas. Amanheceu um dia muito nublado. Como é comum ocorrer durante o verão, havia chovido muito na Serra dos Órgãos no dia anterior. Por isso, encontramos a escalada molhada em algumas partes, o que dificultou, mas não impediu que nós chegássemos ao cume antes do meio dia.

Nosso objetivo agora era terminar a conquista da Descida Galileu Galilei. Era um projeto audacioso, talvez audacioso demais, mas como resistir? E lá fomos nós. Graças à nossa audácia conseguimos completar nossa segunda Descida Vertiginosa no Dedo de Deus, justamente no dia que o CERJ completou 57 anos de existência. Em outros anos tive a ventura de participar da conclusão das conquistas das Variantes Willy Chen e Darcy Ribeiro, também no dia 20 DE JANEIRO²³.

O que me preocupava mais do que tudo era a chuva, quase certa no final do dia. Eu sabia que enfrentar uma eventual tempestade elétrica durante a conquista da descida seria muito perigoso para nós. O que eu não sabia e descobri algumas horas mais tarde, era que mesmo terminada a Descida, já no caminho normal que leva de volta à Bifurcação, correríamos um risco extremo.

Para terminar a Descida Galileu Galilei faltava conquistar do Platô Intermediário do Diedro Salomyth até a trilha lá em baixo. Não era muita coisa, mas pareceu muito nas circunstâncias que tivemos que enfrentar. A chuva era quase certa após havermos chegado no chamado teto do Diedro Salomyth. Estávamos prestes a queimar as parcas caravelas de que dispúnhamos, e assim o fizemos. A partir de então não teria mais volta. *JACTA EST ALEA*²⁴.

Tínhamos que bater os grampos num ritmo alucinado para sair daquela parede íngreme, antes que a chuva desabasse. Se não pudéssemos bater o último grampo programado para a Descida Galileu Galilei eu uniria as duas cordas e daria para chegar na trilha. As cordas, que ficassem para lá. Trataríamos de buscá-las outro dia. Não ia ser a primeira vez em uma montanha,

²³ **CONQUISTAS DO DIA 20 DE JANEIRO:** Galileu Galilei (1996), Willy Chen (1990) e Darcy Ribeiro (1995). Variante Willy Chen, no Dedo de Nossa Senhora, conquista realizada em investida única, dia 20.01.1990. (Borges, Prado e Santa Cruz). Variante Darcy Ribeiro, no Pão de Açúcar, conquistada na 2ª Investida, dia 20.01.1995 (Leo e Santa Cruz)

²⁴ **JACTA EST ALEA:** significa “o dado esta lançado”, ou seja “a sorte esta lançada”. Palavras de Julio Cesar, ao transpor o Rio Rubicão em 49 a.C. contrariando o Senado Romano. Em inglês caracterizaria o “point of no return”.

nem mesmo no Dedo de Deus, que deixaríamos cordas fixadas, e temporariamente, abandonadas como testemunhas da nossa fragilidade frente às forças titânicas da natureza. Afinal, a vida de cada montanhista vale mais do que todas as cordas que sonhamos um dia poder comprar.

Já não me perguntava se iria chover e sim quando é que iria chover. E, pelos trovões, era chuva das brabas. Com uma corda em única, desci até o meio do semi-platô que permitia muito precariamente bater o 7º último grampo que faltava. Se estivesse com um *friend* pequeno ou mesmo com um catagarra, poderia me posicionar melhor. O *friend* até que tinha vindo na excursão, mas estava na mochila do Leo, lá em cima. Quanto ao catagarra, não havia, nem sinal.

O jeito era trabalhar com o que dispúnhamos, o que, tirando a força de vontade, não era muito. As talhadeiras grandes se mostravam muito inadequadas para o local e o jeito era tentar perfurar com o cotoco de talhadeira muito usada, rezando para não martelar os dedos. O importante era que o grampo ficasse perfeitamente seguro e pudéssemos sair logo de lá.

Nessa altura do campeonato, nós já havíamos queimado parcialmente as caravelas. Parcialmente, pois, teoricamente, ainda seria possível sair pelo Diedro Salomyth, embora eu tivesse dúvidas quanto à exequibilidade de uma tentativa neste sentido.

No final, as cordinhas da talhadeira cotoco, da marreta e do fuc-fuc ficaram completamente embaraçadas com uma das escadinhas. Eu não estava mais preocupado com coisa alguma. Queria é sair dali, o quanto antes pois a chuva torrencial estava a caminho. E eu respeito muito e tenho muito medo de uma tempestade elétrica numa montanha pontuda como o Dedo de Deus, que constitui um verdadeiro pára-raios natural. Portanto nós precisávamos sair o quanto antes daquela parede, que é muito bonita e aprasível com bom tempo, mas pode se transformar numa verdadeira sucursal do inferno, em uma tormenta de verão.

Guilherme e Leo foram descendo e, em seguida, montei novamente uma das cordas de 50 metros em única e continuei descendo até a base. A corda dava na conta exata. Parecia que tinha sido premeditado mas o acaso teve um papel importante para que nós pudéssemos ter êxito na Descida Galileu Galilei. Quando cheguei na base já havia escurecido bastante, não porque fosse tarde, mas por causa de espessas nuvens plúmbeas. Quase imediatamente começou a chover forte. Continuei varando mato feito um desesperado, arrastando comigo as escadinhas que iam prendendo em tudo, mas não tinha tempo nem paciência para tirá-las e continuava descendo, não vendo a hora de chegar na trilha.

Assim que cheguei, avisei ao Leo que unisse as duas cordas com muito cuidado e descesse. Ele teve muita dificuldade para varar o mato com a mochila e, ao chegar na base, o tempo havia piorado mais ainda. Não era uma simples chuva que começava a cair mas, sim, uma terrível tempestade de verão, violenta e aterrorizante. Lá no último grampo batido, já completamente molhado, mesmo de *anorak*, Guilherme conclamava Leo que descesse mais rápido, para que ele pudesse sair daquela situação miserável. Quando nos reencontramos na base, pouco acima do último cabo de aço da trilha que liga a Bifurcação à Face Leste, nos cumprimentamos entusiasticamente. Nós havíamos conseguido conquistar a Descida Galileu Galilei. Agora precisávamos sair dali, o que não ia ser tão fácil como parecia.

Enfiamos tudo nas mochilas e tratamos de continuar a descida. Até chegar à Bifurcação, a chuva não assustava tanto quanto passou a assustar em seguida. Descemos encordados. Leo chegou a fazer algumas costuras, que Guilherme, no meio da cordada, costurava para mim, que desci o tempo todo por último, com a hipotética segurança de baixo. Ao chegarmos à Bifurcação, contudo, a chuva se intensificou com descargas elétricas cada vez mais próximas, nos deixando realmente assustados. Tínhamos que sair daquele inferno o quanto antes. Já não nos importávamos com a grande quantidade de água que caía, com o vento e com o frio que sentíamos. Nosso medo profundo eram os raios.

Quem já passou por uma situação semelhante sabe do que estou falando. Simplesmente não existe qualquer proteção para tormentas elétricas em uma montanha. Este “filme” eu já vi e vivi mais de uma vez, desde que comecei a praticar montanhismo, em 1968. Cada vez que sobrevivo a uma experiência dessas penso: “deve ter sido a última”, acontece que, semana após semana, todos estes anos o meu destino de montanhista amador entusiasmado, me tem permitido caminhar e escalar com a regularidade que considero ideal. Assim, vez por outra, tenho tido oportunidade de assistir e ser um dos protagonistas do “filme” das tempestades infernais que nunca deixaram de me assustar profundamente. Mesmo fechando os olhos não há como deixar de ver os clarões dos relâmpagos e ouvir apavorado os estrondos das trovoadas ensurdecedoras.

Se num dado momento da descida, abaixo da Bifurcação, estivéssemos um pouco acima ou um pouco abaixo, nós provavelmente não teríamos sobrevivido aos raios que por muito pouco não nos atingiram diretamente. Para se ter uma idéia, Leo, que descia na frente, não costurou uma única vez a corda e nós descemos como alucinados, indo buscar energias onde nem sabíamos que ela existia. Procurávamos não tocar nos cabos de aço, mas nem sempre era possível. O medo, transformado em pavor se aproximou de um nível de paroxismo inigualável e absurdo. Leo e Guilherme estavam tendo seus batismos de fogo de tempestades elétricas. Cheguei a me sentir culpado por eles estarem passando, naqueles momentos cruciais, tamanho risco de vida. Afinal era o Guia da excursão e me sentia responsável por eles. No entanto, pouco podia fazer a não ser rezar e sair de lá com eles o quanto antes.

Ao chegar em casa, dias após a excursão registrei no meu diário: “É difícil definir ou rememorar o medo extremo que sentimos num momento desses. Só sei que todas as vezes é a mesma coisa. FOI ASSIM EM ABRIL DE 1973 NO DEDO DE DEUS²⁵; no Cabeça de Peixe, com Prado e Borges em 1989; com Mario Arnaud na Agulha do Itacolomy e na Chaminé UNICERJ, em 1988. E também numa excursão à Agulha do Diabo, em 1986, quando um raio caiu bem na frente do nosso grupo, na Marginal da Pedra da Cruz (1984), como um fluído de energia que veio do céu e sacudiu a terra num estrondo para lá de ensurdecedor. E, agora, de novo, no Dedo de Deus, a meio caminho entre a Bifurcação e as Pedras Soltas. Mais uma vez tive a ventura de sobreviver com meus companheiros”.

Para chegar à base das Pedras Soltas, montamos as cordas e deixamos as mesmas temporariamente para lá. Só mais tarde é que iríamos nos preocupar em recolhê-las. Mesmo quando lá chegamos não nos sentimos seguros, pois a tempestade elétrica continuava feroz. É BEM VERDADE QUE ALI O PERIGO É BEM MENOR²⁶. De qualquer modo, só respiramos aliviados meia hora após, quando o foco da tempestade se afastou do Dedo de Deus.

²⁵ VER APÊNDICE C – “UMA TEMPESTADE NO INFERNO”

²⁶ O PERIGO ALI É BEM MENOR, EM TERMOS: um local não se chama “Chaminé das Pedras Soltas” impunemente. Vale lembrar que foi lá que a montanhista Arvila de Freitas se acidentou e perdeu a vida. Ela fazia parte de uma excursão do CEB que tinha ido colocar a placa que existe até hoje na base da Via Teixeira, em homenagem ao Guia Villela, que havia morrido dez anos antes. Podemos achar que foi muita fatalidade e talvez tenha sido mesmo. O fato é que nenhuma placa foi colocada nas Pedras Soltas para lembrar Arvila. Contudo não demorou muito e os lendários Giuseppe Toseli (conquistador da Agulha do Diabo) e Ulisses Braga (Conquistador da Face Leste do Dedo de Deus), juntamente com Raul Fioratti, fizeram no Corcovado uma nova Via, a Chaminé Arvila (1944).

Depois que a tempestade elétrica foi embora, não me importava se tivéssemos que caminhar na chuva, no escuro, com mochilas muito pesadas e numa trilha enlameada.

Nós havíamos sobrevivido sem um único arranhão, muito embora marcas profundas passariam a habitar nossas almas, nos dando mais sensibilidade para que possamos avaliar a nossa frágil condição humana.

Depois de muitos escorregões, chegamos muito felizes na estrada. Nossos aspectos provavelmente assustariam quem se aproximasse, mas felizmente não havia ninguém quando chegamos no estacionamento às 21:30 horas. Tínhamos levado mais de 14 horas para ir e voltar ao Dedo de Deus. Leo acionou o seu telefone celular e pude falar com Lucia. Nós sobrevivemos, apesar do pavor tremendo. Ela também é montanhista e escaladora e sabe que é melhor tentar realizar o sonho de Prometeu do que ficar na cidade vendo a vida passar e literalmente apodrecer.

Tiramos as roupas cheias de lama que tinham testemunhado o nosso pavor e vestimos roupas secas e imaculadas. Depois fomos jantar em Teresópolis pois, passado o MEDO²⁷, outra característica tipicamente humana - A FOME²⁸ - começava a nos dominar. Estávamos tão exauridos que praticamente não conversamos durante a refeição, o que é muito raro em nossas excursões.

Agora só queríamos saber de **dormir e, se possível, não sonhar** com a tempestade que vivenciáramos, pois certamente os sonhos se transformariam em pesadelo. Era um alívio saber que estávamos tão perto de Miraflores e só voltaríamos para o Rio de Janeiro no dia seguinte.

Fomos dormir conscientes de que realizamos mais que uma memorável excursão. Para Leo e Guilherme foi a primeira tempestade elétrica na montanha. E logo uma de alta intensidade. O primeiro Dedo de Deus é uma experiência deveras marcante para todo montanhista. Ao relembrar seu primeiro Dedo de Deus, Guilherme vai ter muito o que recordar por toda sua vida. Para mim também posso assegurar que, 20.01.1996, foi um dia que, sob todos os aspectos, será muito difícil de esquecer.

²⁷ **MEDO**: mestre Drummond de Andrade, ao escrever a poesia “O Medo”, dedicada a Antônio Cândido, garimpou do próprio o seguinte pensamento cristalino:

“Porque há para todos nós um problema sério...
Este problema é o do medo”.

²⁸ **FOME**: “Geografia da Fome” do Josué de Castro talvez ainda seja o clássico do assunto. Mais recentemente os Titans também deram um recado sobre a abrangência da fome:

“... Você tem fome de que ?
A gente não quer só comida.
A gente quer comida diversão e arte
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer para aliviar a dor...
 (“Comida”, Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sergio Brito)

Para encerrar, o poeta Romano de Sant’Anna, em “Que País É Este?” dedicada a Raymundo Faoro, dá um recado preciso:

“... minha geração é feita de terços e rosários
- um terço se exilou
- um terço se fuzilou
- um terço se desesperou ...
e embora o aumentativo de fome possa ser revolução”.

Décima Primeira Narrativa: 23.01.1996 - Terça Feira

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Regrampeação: Descida Galileu Galilei

Desde que a descida Gallileu foi conquistada, não parei de pensar em voltar ao Dedo de Deus para regrampeá-la, duplicando os grampos em todos os pontos de parada.

Eu sabia que Leo e Guilherme queriam dar um tempo antes de voltarem ao Dedo de Deus, após o temporal terrível que enfrentamos. Também agi assim quando sobrevivi à minha primeira tempestade em abril de 1973, numa excursão com 12 pessoas que nunca saiu da minha memória. Naquela época eu estava começando a Escola de Guias e foi uma experiência muito marcante em minha vida. Ainda me lembro que, por alguns dias, cheguei a pensar se continuaria escalando montanhas, tamanho o pavor que senti.

O dia seguinte ao da Conquista da Descida Galileu Galilei amanheceu muito bonito, solar e iluminado com o céu muito azul e a mata em volta de Miraflores com um verde muito brilhante. O verão na serra tropical tem dessas coisas: após um temporal apocalíptico, um dia maravilhoso.

Aproveitando as minhas férias, passei os dias subsequentes tentando encontrar companheiros montanhistas e escaladores para voltar ao Dedo de Deus. Não foi muito fácil conseguir mas não desisti. Ao final de vários contatos telefônicos, só o Jan Rausch confirmou presença. Christian tentou me mostrar que seria muito perigoso voltar ao Dedo de Deus depois do que passei poucos dias antes com Guilherme e Leo. Contei a ele o que aprendi num museu de arte em Salvador, na Bahia, que narra em murais de azulejos uma história sobre a fatalidade: “um monge, com medo dos perigos do mundo se recusa a sair do monastério. Não adiantou coisa alguma pois apareceu um abutre gigante que tomou em seu bico uma grande tartaruga e deixou cair em cima do monge atormentado, que evidentemente morreu”. Ou seja não podemos fugir do nosso destino nem esquecer da finitude humana. Isso não quer dizer que devemos ser irresponsáveis e sim viver a vida intensamente cada instante, pois a morte é certa. Afinal, o tempo que nos foi dado viver é matéria prima irrecuperável, preciosa e irreversível.

Quando estávamos para sair do Rio de Janeiro rumo a Teresópolis caiu uma chuva muito forte que inundou a cidade. Christian voltou a telefonar para a minha casa, preocupado, com a minha insistência de voltar ao Dedo de Deus. Ele não me convenceu. Argumentei com firmeza: “o que precisa ser feito, Christian, só é feito quando pomos o melhor de nossas vidas para transformar o sonho em realidade. Ainda há muito o que fazer para dispor o Dedo de Deus das Descidas que nos propusemos realizar, dentro de um padrão aceitável de segurança para todos os montanhistas e escaladores que aceitarem os desafios que lá estão”. Ao final, ele disse que gostaria de poder participar da excursão conosco e desejou o melhor para mim e para o Jan, que viajamos para Miraflores, em seguida. Lá chegamos, por volta de meia noite e fomos dormir sonhando com o Dedo de Deus.

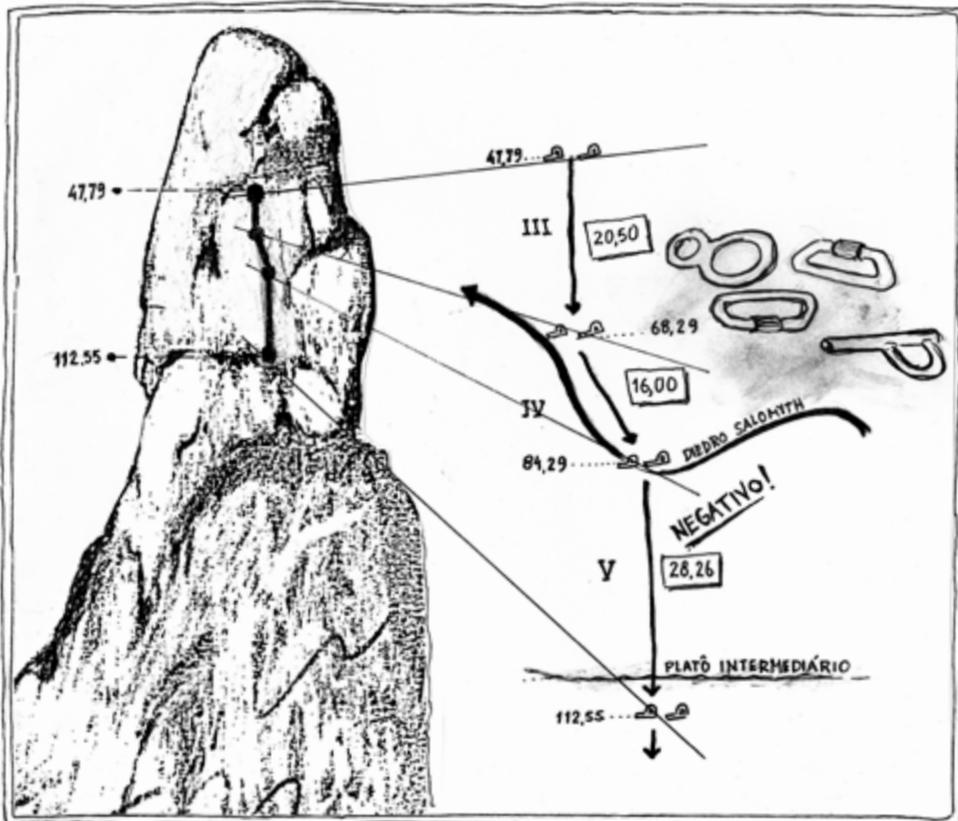
Quatro horas após, os três despertadores tocaram. Eu só ouvi o último e olhe lá. A facilidade que tenho para dormir é contrabalançada pela dificuldade que tenho para acordar. Jan é exatamente o contrário. Separamos com toda a calma o equipamento, nos alimentamos e rumamos para o nosso objetivo. O tempo não podia estar melhor. Nenhuma nuvem no céu. Parecia manhã de inverno, tamanha era a claridade do ar. Lá estava o Dedo de Deus, majestoso e cintilante aos primeiros raios de sol. Deixei Jan no início da trilha com as mochilas e fui estacionar. Assim que comecei a andar, ainda no acostamento da estrada, cheguei a me emocionar com a maravilha de estar ali cercado de tanta beleza. Fizemos a caminhada, sem problema algum.



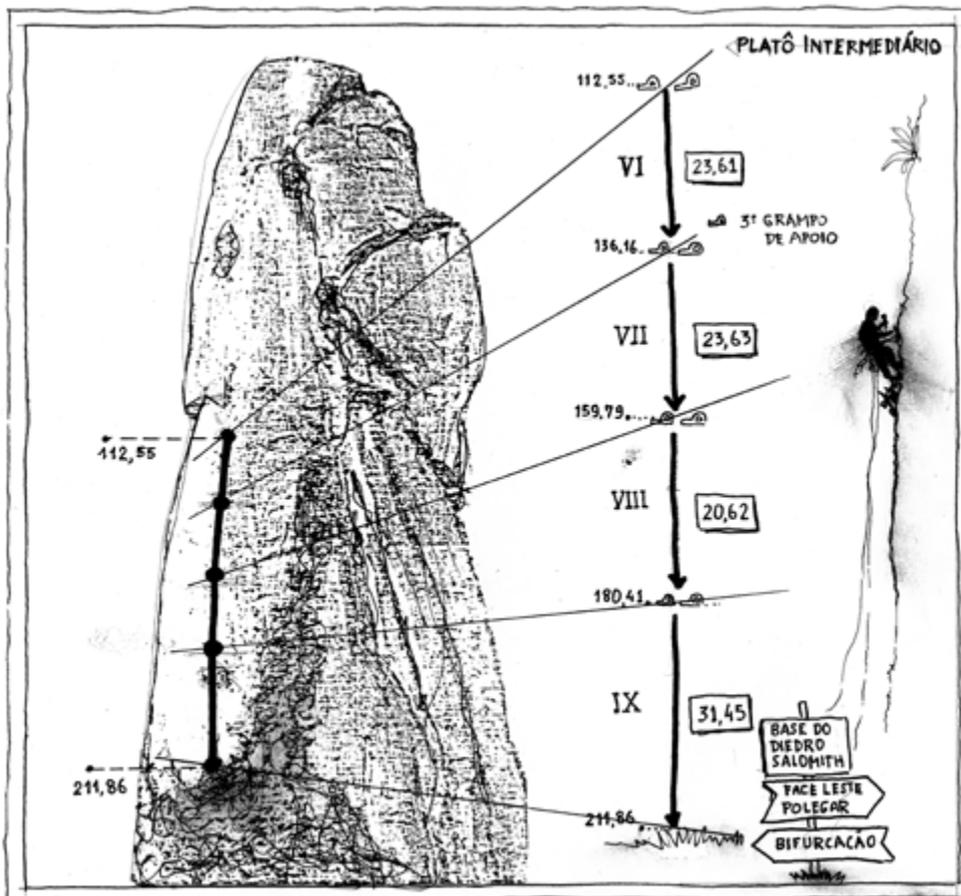
AS TRÊS DESCIDAS VERTIGINOSAS DA FACE SUDESTE

A Descida Galileu Galilei começa após o segundo rapel da Descida Rio de Janeiro

UNICERT



DESCIDA GALILEU • RAPÉIS III, IV, V



DESCIDA GALILEU • RAPÉIS VI, VII, VIII, IX

Passamos no cume do Polegar e seguimos para a Face Leste. Quando passamos junto ao Platô Intermediário do Diedro Salomyth fui deixar lá uma mochila com equipamento de grampeação. Depois seguimos para o cume. Jan ficou contente por voltar ao Dedo de Deus, após três anos. Quando saímos do cume ele disse todo animado: “agora eu quero ver como é que são essas DESCIDAS de que vocês tanto falam”. Logo nas duas primeiras ele já teve oportunidade de sentir o *frisson* das verticalidades e negativos.

Recuperei uma fita média que havia caído há três dias e prosseguimos mais três seqüências da Descida Rio de Janeiro, até chegar na diagonal suave da Variante Gilda Borges que fica no prolongamento do Platô Intermediário do Diedro Salomyth, onde recuperamos a mochila com material de grampeação deixada na subida e iniciáramos os trabalhos de melhoramentos da Descida Galileu Galilei. Fiz o 7ª rapel do dia, já na Descida Galileu Galilei e me posicionei para duplicar o primeiro grampo do dia. Com a Descida já conquistada, regrampear é uma tarefa muito mais tranqüila e rápida. Assim os grampos foram sendo sucessivamente duplicados, como havíamos planejado. Mesmo assim, tomamos muito cuidado. Durante todo dia estivemos no limiar da criticalidade pois éramos apenas dois montanhistas e o Dedo de Deus

Nesse dia, terminamos os trabalhos antes do temporal e me diverti com os esforços do Jan para cantar uma música inteira na caminhada de retorno, abaixo da base das Pedras Soltas.

Na viagem de volta para o Rio de Janeiro, presenciamos, da estrada, um verdadeiro dilúvio desabando na Serra dos Órgãos, com raios e trovoadas por todos os lados. Só de pensar ficamos apavorados.

A Descida Galileu Galilei, começa na base do segundo rapel da Descida Rio de Janeiro e segue vertiginosamente até a trilha que liga a bifurcação à Face Leste, próximo ao primeiro lance dos Diedro Salomyth. Com as duplicações de grampos realizadas, dia 23.01.1996, está muito próximo de se transformar em um novo atrativo bastante freqüentado no Dedo de Deus, inclusive por escaladores que forem surpreendidos por algum imprevisto ou mau tempo na escalada do Diedro Salomyth.

Décima Segunda Narrativa: 21.04.1996 - domingo

Polegar, Via Normal

Regrampeação: Variante Gilda Borges

Regrampeação: Descida Rio de Janeiro

Aproveitamos, condignamente, este dia de Tiradentes e da Fundação de Brasília, escalando, parcialmente, o Dedo de Deus em uma excursão de regrampeação da Variante Gilda Borges e da Descida Rio de Janeiro.

Desde que saímos do Rio de Janeiro, às 04:00 horas, não tínhamos como objetivo o cume do Dedo de Deus, muito embora vontade para ir lá não faltasse. Nessa excursão, nosso grupo foi constituído por quatro montanhistas: Willy, Santa Cruz, Gustavo e Borges. Willy tinha por objetivo fotografar, do cume do Polegar, os trabalhos de regrampeação e a Descida Vertiginosa que nós iríamos fazer.

No caminho para o Dedo de Deus, parabenizamos o nosso companheiro Gustavo, que poucos dias antes ficou sabendo que no final de 1996 iria ser pai.

Quando chegamos à Variante Gilda Borges, saudamos Willy lá em baixo e também outros escaladores que faziam o Diedro Salomyth, aproveitando o belíssimo dia.

Após fazermos as regrampeações, quando terminamos de descer a parte mais íngreme, já estava bem tarde e boa parte do restante da descida foi feita com a utilização de lanternas. Foi um dia muito cansativo mas nós cumprimos todos os objetivos pré-estabelecidos. Imaginem se tivéssemos ido ao cume...

Décima Terceira Narrativa - 01.05.1996 - quarta-feira

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Regrampeação: Variante Maria Cebola

Descida Original de 1912

Após muitas desistências, consegui confirmar com o Leo, por volta das onze horas da noite, esta excursão. Na véspera, tivemos uma reunião na casa do Borges, quando fizemos a entrega formal da conquista da Variante Gilda Borges à homenageada.

Maurício Abdu foi o último a desmarcar presença na excursão. Ele queria sair do Rio às 06:00 horas, mas o horário previsto para a partida era duas horas mais cedo. Ele argumentou que dava para ir ao Dedo de Deus sem ter que acordar tão cedo. Evidentemente que sim. Acontece que nós tínhamos muita coisa a fazer lá, além de chegar ao cume e retornar em seguida. Pretendíamos substituir alguns dos precários grampos originais da Variante Maria Cebola e portanto precisaríamos de mais tempo. Por isso, mais uma vez, madrugamos para ir ao Dedo de Deus.

Apesar de termos encontrado a trilha muito molhada, tivemos êxito em bater dois grampos na Variante Maria Cebola, em substituição aos antigos. Leo trocou o primeiro grampo tarugo e argolinha e eu o terceiro, melhorando muito a segurança da escalada.

Decidimos, ainda, bater um grampo um pouco abaixo da escada de ferro, quase no final da Face Leste, para maior segurança.

Assim sendo, cumprimos todos os objetivos prévios da excursão e, mais uma vez, atingimos o cume do Dedo de Deus. Na descida, com os cuidados devidos, foi tudo muito tranquilo e dentro do previsto.

Restaurar parcialmente a Variante Maria Cebola foi a nossa maneira de comemorar o Feriado do dia do Trabalho e do Trabalhador.

Décima Quarta Narrativa - 16.06.1996 - domingo

Dedo de Deus, Via Teixeira

Regrampeação: Diedro Salomyth

Regrampeação: Descida Rio de Janeiro

Dormimos preocupados em acordar às 04:30 horas, pois não confiávamos muito nos dois despertadores disponíveis em Miraflores. Felizmente deu tudo certo e, apesar do frio glacial, conseguimos levantar no horário.

Tomamos um café reforçado e mais uma vez em nossas vidas partimos para o Dedo de Deus. Nosso grupo era formado por cinco montanhistas: Santa Cruz, Gustavo, Borges, Juliano Lindner e Marco Terra. Os dois últimos estavam indo ao Dedo de Deus pela primeira vez.

Quando começamos a caminhar, a trilha ainda estava escura e as lanternas foram usadas por uns 25 minutos, pelo menos. O caminho estava completamente seco e desimpedido, o que nos ajudou bastante. Num ritmo puxado e firme chegamos na base das Pedras Soltas. Lá deixamos um cantil e algum farnel e prosseguimos direto até pouco acima do Platô da Bendy, onde a vista estava muito bonita. Borges, usando a filmadora de vídeo, pela primeira vez numa excursão nossa no Dedo de Deus, já começava a captar aquelas paisagens plenas de beleza.

Na escalada da Via Teixeira, guiei a primeira cordada e Gustavo a segunda. Nem mesmo as pesadas mochilas, com o equipamento de grampeação, reduziram o entusiasmo de nosso grupo de cinco escaladores.

Nosso desempenho que já era bom, melhorava ainda mais à medida que nos aproximávamos do cume do Dedo de Deus. Para Juliano e Marco ia ser uma experiência completamente nova. De fato, chegar ao cume do Dedo de Deus é para todo montanhista a concretização de um sonho que eles estavam próximos de realizar. Até hoje eu me lembro bem quando eu consegui chegar lá pela primeira vez em 01.08.1971, após ter bivacado na Cuíca.

Foi com muita alegria que nós chegamos ao cume. Em quatro horas fizemos todo o percurso desde a estrada, com dois novatos em Dedo de Deus. Tudo isso sem contar as duas mochilas pesadas como chumbo.

Estava um dia magnífico, sem uma única nuvem no céu. Constatamos, pelo Livro do Cume, o apreciável número de pessoas no Dedo de Deus. Do CERJ, só a gente mesmo. Ao final do dia anotei no meu Diário: “Sinto Saudade das muitas EXCURSÕES OFICIAIS²⁹ de que participei

²⁹ **EXCURSÃO OFICIAL:** é qualquer excursão de um Clube de Montanhismo programada com antecedência e aberta livremente a todos os sócios e eventuais convidados que estejam em condições de realizá-la. O procedimento de inscrição é feito através de uma simples papeleta, colocada em uma prancheta, onde podem ser obtidas todas as informações quanto à duração prevista, os equipamentos individuais necessários, a dificuldade a ser encontrada, o ponto de encontro e o horário, bem como todas as recomendações do Guia. Uma vez encerradas as inscrições (em função do número máximo de participantes estabelecido previamente, por motivos operacionais ou até mesmo por segurança) os demais interessados ficam na dependência de eventuais desistências ou, então, que mais algum Guia possa participar, compartilhando, assim, a responsabilidade de levar o grupo.

Em contrapartida existe a famigerada EXCURSÃO PARTICULAR, que constitui um grupo hermético que, por sua natureza excludente e isolacionista, prefere fazer caminhadas ou escaladas apenas dentro de sua ‘panelinha’. O advento generalizado de excursões particulares já destruiu vários Clubes e levou outros à decadência.

Ninguém é obrigado a fazer parte de Clube algum. Aliás a Constituição da República, em vigor, garante o direito de livre associação. Assim sendo, os Clubes que almejam o futuro, devem se esforçar no sentido de planejar e organizar muito bem suas Excursões Oficiais. E não há como aceitar um desafio desta magnitude sem Guias de verdade. Neste sentido, uma Escola de Guias permanente é um imperativo categórico transcendental.

pelo CERJ, quando tive o privilégio de ajudar a levar dezenas de pessoas ao Dedo de Deus pela primeira vez. De qualquer modo, não tenho do que reclamar, quanto às possibilidades que já tive na vida no montanhismo, em especial no Dedo de Deus. Hoje foi a 77ª vez que tive a ventura de chegar ao topo dos 1692 metros desta montanha magistral”.

Conversamos muito com Juliano e Marco sobre os livros que sonhamos escrever, sobre o Dedo de Deus e a nossa vivência no montanhismo.

Na ocasião, também, anotei no meu diário: “para que os livros possam sair, ainda há muito a ser feito. E só será feito se nós acreditarmos e juntarmos nossos esforços para transformar em realidade o que sonhamos. Hoje, por exemplo, tivemos uma oportunidade ímpar de dar um importante passo neste sentido”.

Ao final do dia, mais nove grampos tinham sido afixados no Dedo de Deus, sendo que sete grampos no artificial final do Diedro Salomyth que, desde 18.07.1982, quando foi conquistado, esperava por este dia. É bem verdade que conseguir a presença de Gustavo, Borges e Santa Cruz na mesma excursão foi fundamental para o êxito da regrampeação.

Durante os trabalhos de substituição dos grampos de progressão originais do artificial final Diedro Salomyth, Borges e Gustavo falavam em iniciar uma nova conquista sei lá onde. Tentei convencê-los de que nós deveríamos primeiro concentrar nossos esforços no sentido de terminar as conquistas, regrampeações e aferições que nos propusemos fazer. Mas eles pareciam não me ouvir. A situação me lembrava uma pitoresca excursão à Travessia da Neblina que nosso amigo Ricardo Prado organizou em novembro de 1991 para levar seus colegas do curso de biologia da UFRJ. Na ocasião, muitos, sem qualquer experiência prévia de montanhismo, se apresentaram no ponto de encontro, no dia da excursão, com a empáfia e a ingenuidade de dizer: “EU TAMBÉM SOU GUIA”³⁰. Tal qual naquela excursão, eu disse previamente que não ia participar. Borges e Gustavo disseram então que eu estava sabotando a iniciativa deles. Mas não se tratava em absoluto de nada disso. Para encerrar, eu disse que só iria conhecer a tal Via quando a conquista estivesse pronta. Procurei lembrá-los da regrampeação da Via Sylvio Mendes, no Pico Maior de Friburgo, que ainda nem havíamos começado e que já sabíamos ia dar um trabalho desgraçado. Mesmo assim, não chegamos a um acordo. Eram dois contra um. Tudo bem, não arredei pé. Tudo isso só serve para aumentar a mística do Santa Cruz, mais radical do que nunca. Podia parecer inútil toda aquela nossa discussão, mas ajudava a suportar o sofrimento de nossas posições por horas a fio, num negativo absurdo quase no cume do Dedo de Deus,

³⁰ EU TAMBÉM SOU GUIA: dito por quem não tinha nem de longe a mínima idéia do que é ser um Guia, nem das responsabilidades de um Guia, lembrou o episódio “Os Homens da Terra” do livro “As Crônicas Marcianas”, escrito em 1946, por Ray Bradbury. Ele descreve um ‘longínquo’ futuro hipotético, em agosto de 1999, quando a tripulação da 2ª expedição terrestre chega à Marte e é recebida na maior indiferença e depois é conduzida desavisadamente a um hospício onde alguns marcianos se dizem terrestres:

- Eu também sou da Terra. Diz um marciano
 - Repita, por favor ? Interveio o comandante da tripulação
 - Aqui há muitos terrestres. Reafirma o marciano
 - O senhor? Da Terra? - O capitão olhou-o fixamente. - É possível isso? Veio de foguete? A viagem espacial terá começado há séculos? Sua voz revelava desapontamento. - De que ...de que país veio ?
 - Tuieol. Vim há anos pelo espírito do meu corpo.
 - Tuierol. - O capitão repetiu lentamente. - Não conheço esse país. Que é espírito do corpo ?
 - E a Senhorita Rrr, ali, também é da Terra, não é, Senhorita Rrr ?
- A Senhorita Rrr confirmou com a cabeça e deu uma risada esquisita.
- E também o Senhor Www, e o Senhor Qqq e o Senhor Vvv !
 - Eu sou de Júpiter - declarou outro, orgulhosamente.
 - E eu de Saturno - afirmou outro, com os olhos brilhando maliciosamente.”

pendurados em cordas e batendo marretas num ritmo constante como alucinados. Aos poucos os furos iam sendo feitos e os grampos batidos. Num dado momento, Borges que já estava perfurando para o seu 4º grampo consecutivo, começou a achar que a fadiga da posição e o cansaço generalizado impediria que ele concluísse o furo. Eu estava a apenas alguns metros acima, também perfurando e o Gustavo mais acima, no grampo do 2º rapel da Descida Rio de Janeiro, esperando que uma das marretas fosse liberada para que ele voltasse a participar da regrampeação. Borges sugeriu que um de nós completasse o seu 4º grampo. Aí, em nome do aqui e agora, ou seja do imediato, eu disse para o Borges: “Vamos lá Borges, não desiste agora! Esqueço tudo que falei e vou com vocês na tal conquista, que vocês querem fazer seja lá onde for”. Foi engraçadíssimo. Só estando lá para ver. Ele acelerou as batidas de sua marreta na talhadeira e disse: “Agora sim. Me dá outro grampo, que esse já está no papo”. No que Gustavo exclamou. “Este é o mestre Santa Cruz”.

Assim sendo, buscando o máximo de cada um de nós, cumprimos nossos objetivos, além de termos nos divertido bastante, fotografando, filmando e vivendo um dia maravilhoso.

Terminada a regrampeação, voltamos ao cume do Dedo de Deus, onde Juliano e Marco nos esperavam há mais de cinco horas. Eram quase quatro horas da tarde quando deixamos o cume. O dia continuava incrivelmente belo, como ocorre com muita frequência no inverno. A contrapartida desse fato é que os dias são mais curtos e nós logo estaríamos caminhando no meio da noite. Antes de chegarmos às Pedras Soltas, já havia escurecido completamente.

Alimentamo-nos com os restos de farnel que ainda resistiam estoicamente, no fundo das mochilas, e prosseguimos até a estrada. Nesta excursão, o destaque em termos de farnel foi um ‘Bolo não sei de quê’, que fez muito sucesso.

Fui o único a ficar em Teresópolis, pois todos os meus companheiros de excursão preferiram voltar para o Rio de Janeiro após a janta.

Antes de ir dormir, bastante agasalhado, na solidão fria de Miraflores, me sentia reconfortado pela dádiva existencial de ter compartilhado mais uma vez o Dedo de Deus com verdadeiros amigos num dia tão bonito. Uma experiência única na vida, pois o ontem já passou e o amanhã ainda não existe.

Décima Quinta Narrativa 08.09.1996 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Descida Rio de Janeiro/Galileu Galilei

Regrampeação: Descida Galileu Galilei

Regrampeação: Face Leste

Não foi muito fácil, mas eu consegui convencer os meus companheiros CERJENSES e UNICERJENSES para irmos ao Dedo de Deus. Estávamos em Salinas, onde tínhamos ido fazer a 7ª Excursão de Regrampeação da Via Sylvio Mendes, a conquista original do Pico Maior de Friburgo. Todos achavam que nós não iríamos encontrar novidades no Dedo de Deus pois já fomos lá muitas vezes. Procurei mostrar que não é bem assim: “Se já conheço eu quero mais” (Teia de Renda - Milton Nascimento e Túlio Mourão). Além disso “um homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois da segunda vez ele já terá mudado e o rio não será mais o mesmo” (Heráclito de Éfeso, século V a.C.). Há sempre o que descobrir por mais que pensemos que já conhecemos tudo. Gustavo, Prado e Christian tiveram oportunidade de verificar, *in loco*, o que eu estava tentando dizer a eles. No final do dia, após termos feito uma magnífica excursão, nós sabíamos que tínhamos dignificado nossas vidas, com uma sucessão de emoções que nos acompanharão enquanto vivermos.

Primeiro foi a escalada do Dedo de Deus em si. Depois foi o arco-íris, assustadoramente belo, que nos envolveu quando já estávamos no cume e nos deixou sem saber se aquilo tudo era real ou um sonho. Por último tivemos o vendaval, que transformou a Descida Vertiginosa numa apavorante prova de obstáculos, que só foram ultrapassados pela nossa persistência, união e, também, por um pouco de sorte. Louis Pasteur dizia que o acaso só favorece aos que estão preparados. Se nós estávamos realmente preparados eu não sei. O fato é que vivemos e sobrevivemos um belíssimo dia em nossas existências.

A subida demorou mais que o de costume, não obstante termos encontrado a Face Leste e a Variante Maria Cebola completamente secas. Levamos pouco mais de quatro horas para chegar ao cume. Ventava bastante quando começamos a escalar e o vento foi aumentando cada vez mais.

Durante a subida, havíamos deixado uma mochila com parte do equipamento de grampeação no início do Platô Intermediário do Diedro Salomyth, próximo à Face Leste, com objetivo de regrampear a parte de baixo das novas Descidas Diretíssimas. Eu sabia que nós iríamos encontrar condições muito adversas na descida, por causa dos fortes ventos. Só não podia imaginar que ia ser tão difícil. Se não fosse pelo equipamento de grampeação deixado no meio da subida, nós teríamos retornado pela Descida Original de 1912, que é bem mais tranqüila.

Com o vendaval que soprava incessantemente, eu sabia que ia ser muito difícil descer pela Rio de Janeiro ou Galileu Galilei, as duas Descidas Vertiginosas conquistadas até então no Dedo de Deus. Mesmo assim, não tínhamos outras opções. Conversamos do modo mais sincero possível e decidimos jogar nossos destinos na Descida Rio de Janeiro. Pouco antes de iniciarmos os procedimentos de descida, surgiu um arco-íris deslumbrante. Se não tivéssemos ido até lá não teríamos contemplado aquela dádiva da natureza. Estava realmente muito bonito. Emocionante de arrepiar até a raiz dos cabelos. Ver um arco-íris duplo, nítido como aquele do cume do Dedo de Deus é um espetáculo raro até mesmo para montanhistas experientes. Gustavo, Prado e Christian me deram razão silenciosamente: “cada vez que se vai a uma montanha, por mais que se a conheça, é uma experiência única. É uma metáfora da própria vida”.

Aí tratamos de descer. Como já registrei, foi uma descida muito complexa e difícil. Cheguei a pensar em desistir, quando já estava quase no final do 1º rapel da Descida Rio de Janeiro. Tive que costurar fitas nos últimos grampos do Diedro Salomyth até chegar no grampo duplo onde começa o 2º rapel. Foi um procedimento muito trabalhoso e difícil. Cheguei a fazer sinal com o polegar para baixo para o Gustavo, indicando que a situação estava crítica. Contudo, subir tudo de novo, ia ser muito perigoso, pois o vento estava tão forte que eu poderia pendular. Tive que usar toda a cautela possível e imaginável. Para falar a verdade, foi um sufoco desgraçado e eu tive muito medo. Quando, após muito hesitar, consegui me costurar nos grampos duplos que caracterizam o início da 2ª seqüência da Descida Rio de Janeiro, meu maior receio era que as duas cordas embaraçassem. Assim, antes de montar a 2ª corda, tratei de recolher a corda de cima e fixar para que meus companheiros pudessem descer sem o risco de serem arrastados com o vento, num pêndulo de conseqüências imprevisíveis. Já bastava o risco que eu fui obrigado a correr. Fiz sinal para cima e o Prado iniciou a descida. Quando ele chegou, iniciei o 2º rapel. O vento estava tão forte que nós, praticamente, não conseguíamos ouvir um ao outro, mesmo que falássemos de perto a altos brados. Para agravar, o barulho incessante do vento nos *anoraks* aumentava ainda mais a nossa aflição. O meu maior medo era que o meu peso não fosse suficiente para vencer a componente do vento e eu fosse levado a pendular no negativo, fazendo com que a corda não desse para chegar na base do 2º rapel, o que me obrigaria a subir tudo de novo. Só para se ter idéia, a corda de 60 metros - 10,5 mm montada no grampo duplo do 2º rapel estava toda ela na horizontal, mantida pelo vento inacreditavelmente intenso.

Em teoria, ainda seria possível abortar a Des. Rio de Janeiro, voltar ao cume e descer pela Descida Original de 1912, que é menos exposta e mais protegida do vento. Digo em teoria, porque como já foi dito sabiamente, **“a prática é o critério da verdade”** e, no fundo, todos nós queríamos prosseguir pela Descida Vertiginosa que estávamos tentando realizar. Seriam necessárias muitas laudas para tentar explicar o que move os montanhistas numa situação dessas e, provavelmente, não se conseguiria convencer ninguém que não é montanhista. Assim sendo, prefiro não tentar explicar o inexplicável e prossigo a minha narrativa.

Não dava para tergiversar. Eu continuava com muito medo, mas paradoxalmente estava com um contentamento enorme por estar ali. Sinceramente, apesar de tudo, não queria estar em outro lugar. Como escreveu Fernando Pessoa: “Tudo isso é completamente independente da nossa vontade”. Assim que entrei no negativo, vi que o vento só me afastava um pouco da trajetória vertical desejada e que daria para chegar na base.

Para ajudar, eu desci com a mochila mais pesada, o que certamente ajudou a vencer o vento horizontal, que soprava inclemente.

Foi muito assustador mas valeu a pena. Nos dois primeiros rapéis, a nossa seqüência foi a seguinte: Santa Cruz, Prado, Christian e Gustavo. Consegui relaxar um pouco, pois a base do grande negativo é relativamente protegida do vento. Por gestos me comunicava com meus companheiros que foram descendo com todo o cuidado. Todo mundo, ao chegar, trazia um brilho nos olhos, característico dos que desafiaram o desconhecido. Mais uma vez o velho Dedo de Deus, tão familiar de tantas excursões realizadas, nos mostrava caminhos novos para a emoção primordial.

Tal como aconteceu no cume com o arco-íris, tudo aquilo era completamente inusitado e surpreendente aos que esperavam encontrar a rotina e o já sabido. Quando nos reunimos, após o 2º rapel da grande diretíssima Rio de Janeiro, Gustavo brincou dizendo “Santa Cruz encomendou o vento suave na subida, o arco-íris do cume e aquela descida assustadora e assombrosa com o vendaval implacável”. Eu apenas disse que nunca se deve esperar rotina em qualquer excursão, pois o indomável está sempre presente, ainda mais no Dedo de Deus. Gustavo também comentou que eu sou provavelmente um dos recordistas em ascensões ao Dedo de Deus. De fato essa foi a 78ª vez que tive a ventura de chegar ao cume do Dedo de Deus, mas não acho que seja recorde

algum, pois sei que não há qualquer sentido em se pensar assim. O fato é que consigo me lembrar de todas as vezes que estive no Dedo de Deus compartilhando com meus companheiros de excursão as emoções que lá fomos buscar. Espero poder ainda voltar muitas vezes, com a mesma alegria e o mesmo entusiasmo.

Agora precisávamos decidir se nós continuaríamos a descer pela Rio de Janeiro ou se optaríamos pela Galileu Galilei. Achei mais adequado a Descida Galileu Galilei e, assim, fomos enfrentar, novamente, um grande negativo, um dos maiores das Descidas Vertiginosas. Antes, porém, fizemos duas seqüências de descida em positivo e batemos um grampo num ponto onde a Descida Galileu Galilei cruza o Diedro Salomyth, no meio do bosque incrustado na parede abrupta do Dedo de Deus.

No final do 4º rapel, atingimos o grampo duplo que leva ao Platô Intermediário do Diedro Salomyth. Acontece que, por ser muito negativo, a gente acaba passando direto e é muito difícil voltar a subir um pouco até chegar ao Platô propriamente dito. Seria mais fácil prosseguir a Descida Galileu Galilei. Contudo, tínhamos que recuperar a mochila com o restante do equipamento de grampeação, e prosseguir. A seqüência foi a mesma e, assim, logo, estávamos batendo dois grampos: Gustavo no final do 5º rapel e Prado já na Face Leste, num lugar onde um Platô desmoronou há algum tempo.

Durante a excursão só foram batidos três grampos e mesmo assim foi bom. Gustavo e Christian tiveram muita dificuldade para recolher a corda do negativo da Descida Galileu Galilei que nos levou ao Platô Intermediário. Cheguei a pensar em ir ajudá-los, mas não foi preciso, pois a corda começou a correr, para alívio nosso.

Depois tratamos de descer para a Base da Face Leste, onde chegamos a pensar em subir o Polegar, que estava tão perto, mas desistimos por causa do vento que continuava muito forte e ameaçador. Continuamos então descendo, passando pela Bifurcação e seguimos até a base das Pedras Soltas, onde fizemos uma pausa. Quando voltamos a caminhar, descobrimos que a ventania tinha derrubado muitas árvores na trilha. Conseguimos chegar na estrada antes de escurecer e caminhamos até o estacionamento. Nos alimentamos bem e iniciamos a viagem de volta ao Rio de Janeiro, com a certeza de que fizemos uma memorável excursão. Apesar desse relato, fiel aos fatos ocorridos e razoavelmente detalhado, o que vivenciamos e sentimos no dia 08.09.1996 é alguma coisa registrada indelevelmente na memória de cada um de nós e, quem sabe, no Dedo de Deus, pois como registrou Shakespeare em Hamlet:

“Há mais mistérios entre o Céu e a Terra
Do que sonha o homem com a sua vã Ciência”.

Décima Sexta Narrativa 19.10.1996 - sábado

Dedo de Deus, Via Teixeira

Regrampeação e Aferição: Via Teixeira

Regrampeação: Descida Original de 1912

O objetivo desta excursão era aferir a Via Teixeira, isto é, determinar, com precisão, a extensão dos lances, para fazer o croqui pormenorizado. É bem verdade que ainda precisávamos trocar uns poucos grampos que faltavam ser substituídos na escalada que já tínhamos regrampeado quase completamente.

Descobrimos que era muita coisa para ser feita num único dia de excursão por apenas três pessoas. O resultado foi surpreendente: acabamos fazendo dois Dedos de Deus em dois dias seguidos e conquistando no segundo dia mais uma Descida Vertiginosa, que denominamos Montanhismo Amador.

No primeiro dia, Prado, Christian e eu acordamos às 04:30 horas em Miraflores. Eu gostaria de dormir mais um pouco, mas o chamado infatigável da montanha ecoou em nossos corações, como na antiga canção que aprendi com Salomyth Fernandes, quando ingressei no CERJ há mais de um quarto de século.

“ Levanta-te montanhista,
Que já raiou a alvorada...
Iremos ao Dedo de Deus,
A nossa montanha primeira...”

Demoramos mais para sair de Miraflores do que eu gostaria. Quando começamos a caminhar, já havia amanhecido. Estávamos relativamente leves, apesar do equipamento de grampeação que nós transportávamos. Na verdade, com uma corda só para três pessoas, no Dedo de Deus, fica muito tranqüilo, a menos que se vá fazer alguma das vertiginosas descidas. Deixamos, a primeira das três mochilas perto da base das Pedras Soltas. A segunda foi até a base do lance do Villela. A terceira e última foi conosco até o cume. O nosso desempenho geral foi muito bom, mas aferir a Via Teixeira não foi tarefa das mais simples. É muito difícil fazer o desenho no plano de uma escalada que requer uma visão tridimensional. Pela 1ª vez, nos últimos tempos, nós nem utilizamos a “orientação do relógio”, que determina para onde vai a escalada, visto que ficaria completamente irreal. Encontramos os lances quase completamente secos, com exceção da Chaminé Horizontal.

Começamos a aferir na base da Leser, deixando os lances iniciais da Villela para a descida. O trabalho foi dividido assim: Prado e Christian cuidaram de aferir. Enquanto isso, tratei de bater os cinco grampos que faltavam ser substituídos na Via Teixeira.

Ao aferirmos a Chaminé Horizontal, constatamos que tem precisamente 8,11 metros de extensão de grampo a grampo.

Enquanto fazíamos o que precisava ser feito, encontramos dois montanhistas que já tinham ido ao cume pela Face Leste e estavam fazendo a Descida Original de 1912, bem ao nosso lado. Nenhum dos dois usava capacete. Devem achar que as pedras caem para cima. Esperei eles terminarem a descida da Leser para bater o belo grampo quadrado de 13mm que agora duplica a segurança do 2º rapel da Descida Original de 1912.

Seguimos para o topo onde tiramos algumas fotos e constatamos, pelo Livro de Cume, que o único Clube que ainda tem ido ao Dedo de Deus, em estilo que lembra o que todos os CLUBES DE MONTANHISMO faziam, é o CEB. Mesmo assim, em grupos bem mais modestos. Registramos a regrampeação da Via Teixeira e tratamos de descer, pois ainda tínhamos muito o que fazer. Bati o terceiro grampo do dia, substituindo a argola mais precária da Descida V8. O novo grampo dividiu os lances com uma precisão quase perfeita: 1,42 e 1,43 metros, respectivamente. Se eu tivesse usado a trena para escolher o local de grampeação talvez não ficasse tão bom. Continuamos descendo, embora alguns lances ficassem por ser aferidos, pois a descida V8 é por fora da chaminé

de subida. No terceiro e último rapel clássico da Descida Original de 1912, enquanto Christian e Prado aferiam, eu bati os últimos grampos do dia.

Foi aí que Prado perguntou a minha opinião sobre a possibilidade de fazermos uma descida diretíssima desde o cume para os lados da Teixeira. Conteí a ele que inicialmente a Descida Rio de Janeiro ia ser voltada para a cidade, portanto na face oposta a que foi conquistada. “Evidentemente que não estou arrependido que tenhamos feito a Descida Rio de Janeiro partindo do cume, passando pelo final do Diedro Salomyth e terminando na Bifurcação, numa inacreditável descida diretíssima de 14 rapéis desde o cume. Contudo, outras conquistas em descida são viáveis no Dedo de Deus, inclusive algumas que comecem no cume e desçam para os lados da Teixeira”. Prado ficou empolgado e vislumbrei a possibilidade de voltarmos, no dia seguinte, para tentarmos concretizar mais este sonho. No entanto, não disse coisa alguma, preferindo esperar que a idéia germinasse e tomasse conta dos corações e mentes dos meus companheiros montanhistas Prado e Christian.

Comentei apenas que a nova conquista a ser feita já tinha o nome escolhido: Montanhismo Amador. Nós estávamos guardando esse nome para uma via realmente bonita. Curiosamente, quando Christian foi escrever a sua mensagem no Livro de Cume, perguntou pelo Montanhismo Amador, visto que Prado e eu já havíamos escrito o tradicional e sempre presente C.E. RIO DE JANEIRO e pouca coisa mais que isso. Christian insistia: “**onde está o Montanhismo Amador?**” Ele me fez lembrar mais uma vez Ray Bradbury, e o antológico livro CRÔNICAS MARCIANAS³¹.

Eu poderia responder ao Christian que o Montanhismo Amador está em nossos corações e nas ações que desenvolvemos coerente e sistematicamente nas nossas excursões. Ou então não está em nenhum lugar e a vida não passa de uma sucessão de banalidades insípidas. Mas não respondi coisa alguma. Prefiri me calar pois não havia qualquer necessidade de discurso apaixonado. A prática de cada um de nós, CERJENSES e UNICERJENSES, confirma inequivocamente o nosso pensamento. De qualquer modo, argumentei: “o Montanhismo Amador, desde que nós usemos suficientemente acreditar, poderá vir a dar nome a uma futura Descida Vertiginosa no Dedo de Deus. E essa conquista poderá ser toda feita em uma única investida, se nós tivermos a ventura, a coragem, a sorte, a vontade e a intrepidez necessárias para que possamos mais uma vez roubar o FOGO DE PROMETEU”³².

³¹ **ONDE ESTÁ O MONTANHISMO AMADOR?**: No final de Crônicas Marcianas, uma família de terrestres chega à Marte num foguete. Estão fugindo da guerra apocalíptica que destrói a Terra. Tudo leva a crer que os marcianos estão extintos mas o pai não pensa assim:

- “... Quando veremos os marcianos ? — perguntou Michael.
- Muito em breve, talvez — disse o pai — Amanhã de noite possivelmente.
 - Ora, os marcianos são uma raça extinta — disse a mãe.
 - Não, não são. Vou mostrar-lhes uns marcianos — disse o pai, após uns instantes.
 - Como são eles? — perguntou Michael.
 - Vai reconhecê-los quando os vir.
-
- Chegaram ao canal, longo, fresco, retilíneo e refletindo a noite.
 - Eu sempre quis ver um marciano — disse Michael.
 - Onde estão eles, papai ? Você prometeu.
 - Estão aí — disse o pai
- Colocou Michael nos ombros e apontou para baixo.
Os marcianos estavam ali. Timothy começou a tremer.
Os marcianos estavam ali — no canal — refletidos na água.
Timothy, Michael, Robert, mamãe e papai.
Da água ondulante, os marcianos ficaram olhando um tempo enorme para eles...”

³² **FOGO DE PROMETEU**: ver nota 1

Então propus voltarmos no dia seguinte afirmando categoricamente: “Não há excursão mais digna a ser feita amanhã. Se o tempo nos ajudar temos tudo para voltar para nossas casas com mais uma conquista para o CERJ e todos os montanhistas”. Nós estávamos chegando no Platô da Bendy. Fiquei algum tempo em silêncio, me afastei um pouco, e deixei Prado e Christian decidindo. Depois argumentei: “A maior vantagem de voltarmos amanhã ao Dedo de Deus, Via Teixeira, reside no fato de que nós poderemos deixar praticamente todo material aqui mesmo e subir muito mais leves. Assim terminaríamos a aferição da Via Teixeira e ainda poderíamos conquistar uma nova descida, desde o cume. Prado topou na hora e me ajudou a convencer o Christian, que a princípio relutou, mas acabou aceitando aquela proposta, ambiciosa, desafiadora e irresistível.

Assim sendo, malocamos duas mochilas cheias e descemos com a terceira quase sem nada, transportando apenas os cantis vazios e o estojo de primeiros socorros. Descíamos só de capacetes. Até mesmo os *anoraks* foram deixados para o dia seguinte. Leves como estávamos, foi uma descida fácil e tranqüila. Na Bifurcação, encontramos um casal que nunca tinha ido ao Dedo de Deus. Eles pretendiam bivacar próximo ao Polegar, para escalar a Face Leste no dia seguinte. Era visível o despreparo, a improvisação e o atabalhoamento geral, numa atitude que chegava ao limiar da insanidade. Não sabiam nem para que lado ficava o local onde pretendiam passar a noite. Demos algumas informações e prosseguimos a nossa descida. Não é a primeira vez que presenciamos tamanha insensatez na montanha.

O restante do percurso de volta foi muito tranqüilo. Poderíamos ter deixado os capacetes guardados perto da base das Pedras Soltas, para o dia seguinte, mas nos esquecemos do detalhe. Caminhamos então até o estacionamento e fomos para Teresópolis jantar. Depois, compramos farnel e fomos para Miraflores.

Antes de dormir, deixamos tudo preparado para poder bisar a escalada. Já havíamos, inclusive, separado uma segunda corda e equipamento extra de grampeação, pois sonhávamos conquistar, no dia seguinte, nossa terceira Descida Vertiginosa.

Décima Sétima Narrativa: 20.10.1996 - domingo

Dedo de Deus, Via Teixeira

Aferição: Via Teixeira

Investida Única: Descida Montanhismo Amador (Conquistada nesta data)

Acordei meia hora mais cedo do que precisava. Por via das dúvidas, não voltei a dormir, com receio de não conseguir acordar. Pouco depois, tocou o primeiro despertador. Christian se levantou, travou o relógio e voltou para a cama sem acordar. Prado continuou dormindo como se nada tivesse acontecido. Cansados como nós estávamos era mesmo difícil acordar pelo segundo dia consecutivo às 04:30 horas para ir ao Dedo de Deus. Para falar a verdade, eu não sei como consegui acordar. Acho que o fato de haveremos deixado quase todo nosso equipamento, no dia anterior, no Platô da Gruta Bendy, foi determinante. Tivemos que buscar forças, sabe-se lá onde, para terminar de aferir a Via Teixeira e conquistar a Descida Montanhismo Amador. Assim, partimos para mais uma jornada de nossas vidas de montanhistas e escaladores CERJENSES e UNICERJENSES.

Saímos de Miraflores bem cedo. Mesmo assim, quando começamos a nossa caminhada, já havia amanhecido. Christian deu o ritmo da subida até a base das Pedras Soltas. Apesar de muito mais cansados do que no dia anterior, conseguimos um bom rendimento, pois estávamos bem mais leves. Ao chegarmos no Platô da Bendy, recuperamos nossas mochilas e verificamos que a visibilidade já não era tão boa, mas mesmo assim o tempo continuava promissor. A nossa distribuição de cordada foi mantida: Eu guiando, Prado no meio e Christian encerrando.

Utilizando duas cordas e rebocando duas mochilas até o cume com equipamento de grampeação, prosseguíamos. Dispúnhamos de equipamento redundante, pois nunca se sabe o que pode acontecer numa conquista em descida, depois que se “queima as caravelas”. Faltavam apenas uns seis ou sete lances para terminarmos de aferir a Via Teixeira, e eu cheguei a propor que nós deixássemos o término da aferição para outro dia. Christian contudo, obstinadamente, insistiu para que terminássemos os trabalhos de aferição. Eu estava preocupado com a conquista da Descida e com a lenta e progressiva deterioração das condições meteorológicas. Christian não me deu ouvidos e assim concluímos a aferição da Teixeira, que tem um valor simbólico muito importante para todos nós do MASENC. O mérito é todo do Christian. Ele não quis nem saber. Para ele a prioridade não era a conquista que nós nem ainda havíamos iniciado e sim terminar de aferir a Via Teixeira. Ele não estava totalmente errado. Seu entusiasmo pelo término da aferição acabou contagiando o Prado e a mim. Isso não diminuiu a minha preocupação. Mesmo assim, eu continuava acreditando que nós ainda tínhamos condições de voltar para casa com mais uma conquista memorável. Eram 11:30 horas quando chegamos, pelo segundo dia consecutivo, ao cume.

Quase não tivemos tempo para apreciar a paisagem ou tirar fotos. Mais do que nunca, o tempo era precioso e nós tínhamos que saber usá-lo com eficiência. Intuitivamente, com a maior presteza possível, propus o local inicial da Descida. Prado e Christian concordaram comigo, torcendo para que eu tivesse feito uma boa escolha. Suspirei fundo, desejando de todo coração que não estivesse fazendo nada absurdo, nem temerário. Quem me conhece sabe que não sou de correr riscos além do aceitável. Difícil é definir o que é aceitável ou não.

De qualquer modo, mesmo que o local inicial do primeiro rapel fosse equivocado, poderíamos simplesmente desistir de conquistar a nova Descida Vertiginosa, onde estávamos, começando em outro local mais à esquerda ou mais à direita. Nós estávamos no cume e simplesmente poderíamos escolher qualquer local por onde começar a descer.

Revezei com o Prado, na perfuração, para o primeiro grampo. Enquanto isso, Christian nos dava segurança. Simultaneamente, tratei de me preparar física e espiritualmente para me lançar no vazio. A primeira coisa que fiz foi me alimentar. Tal como o GALILEU GALILEI³³ da peça de Bertold Brecht, também tenho as melhores idéias quando estou bem alimentado.

Terminado de bater esse grampo, que é até hoje o grampo mais próximo do cume Dedo de Deus, tratamos de começar a cumprir, plenamente, as nossas aspirações abrangentes de conquistadores. Pouco antes de iniciar a primeira descida, com a corda de 60 m - 10 mm vermelha, nova, do Prado, em dupla, eu lamentei não dispor de um par de *jumars* ali. Contudo, estava tão entusiasmado com as possibilidades de desvendar o desconhecido que tal lamento não passou de uma reflexão passageira. O tempo ali era crucial e eu estava consciente disso. Com a segurança extra de que dispunha da corda azul de 50 m - 11mm em única, fiz o tradicional *prusik* nas cordas por onde descia de oito. Mais uma vez o tempo ia ser a suprema matéria prima transcendental, sublime, irrecuperável, não reciclável e preciosa. O tempo teria de ser sorvido com parcimônia e muita sabedoria. Me lembro que Christian ainda tirou uma foto no momento que me lancei para desbravar o indomável. Estaria mentindo se registrasse aqui que o medo que sentia era pequeno. Na realidade, o meu medo só não era maior do que o meu amor e da minha vontade de estar à altura do que há de mais sublime nos seres humanos.

Agora, que já tinha começado a descer, sentia um desejo irreprimível de descobrir onde aquela assustadora descida ia me levar. Não ficaria surpreso se tivesse que me posicionar naquele prumo inacreditável para bater um grampo, mas não gostaria nada se tivesse que fazer isso. Já havia passado por um belíssimo negativo e ainda não sabia se ia dar para prosseguir ou se teria que subir tudo de novo de *prusiks*. Foi então que, por um inescrutável desígnio do destino, vi que daria para chegar justamente no único platô que havia naquela Face do Dedo de Deus, àquela altitude. Era um platô pequeno, minúsculo até, mas para os padrões montanhísticos um belo platô: seguro, acolhedor e paradoxalmente impossível. Mas não estava vendo miragens ou tendo alucinações. Ele estava ali bem ao meu alcance, bastando para isso prosseguir descendo, me valendo da força da gravidade da Terra. Não dava para acreditar, mas era verdade: eu não podia estar descendo num local mais adequado. Tudo parecia perfeito. Se o grampo lá de cima tivesse sido batido apenas meio metro para a direita ou para a esquerda eu não chegaria naquele platô, que parecia estar ali nos esperando por muitas eras geológicas. É realmente difícil de acreditar. Entusiasmado me comuniquei aos brados com o Prado: “O que estou vendo daqui não podia ser melhor. Tem um platô no meio do nada e é lá que eu pretendo bater o grampo para que possamos continuar”. Ele se animou bastante: “Quer dizer que vai dar?”. No que eu respondi: “Eu acredito que sim meu amigo. Agora deixe me posicionar e bater o grampo”. Havia acabado de chegar suavemente ao que chamei Platô da Esperança.

Dentro do contexto assustador daquele gigantesco muro vertical de granito, consegui chegar naquela dádiva da natureza: O minúsculo e acolhedor platô onde, imediatamente, iniciei a perfuração para o 2º grampo da Descida Montanhismo Amador.

Prado e Christian fixaram a corda azul e, só então, eu fiz o *prusik* que me deu alguma liberdade de movimentos para, confortavelmente, em termos é claro, bater o grampo. Tive que ir com muita calma pois é sobejamente conhecida a dureza extrema da rocha do Dedo de Deus, que é ainda mais dura próxima ao cume. Quando o grampo ficou pronto, me costurei nele e pedi ao Prado que liberasse a corda azul para que eu montasse o segundo rapel. Aí aconteceu a

³³ GALILEU GALILEI: ...“Depois, eu gosto de comprar livros, e não só livros de física, e gosto de comida decente. Quando como bem é que me vêm as melhores idéias. Pensar é um dos maiores prazeres da espécie humana”. (“Vida de Galileu”, de Brecht)

segunda coincidência quase inacreditável do dia. Como se já não bastasse o encontro com o Platô da Esperança, que parecia estar ali a nos esperar há centenas de milhares de anos. Realmente há dias em que tudo dá certo. Ao colocar a corda de 50 metros em única para baixo, vi que ia dar, justamente, em cima do grampo duplo do rapel da Leser, na Descida Original 1912.

Era como ganhar duas vezes seguidas na loteria e o prêmio não ser em dinheiro e sim em emoção e felicidade. Nós não jogamos em loterias. Mas jogamos, por dois dias seguidos, as nossas vidas no Dedo de Deus. Mesmo assim, é difícil de acreditar. Já foi dito que o acaso só favorece aos que estão preparados. Eu sou uma pessoa consciente das minhas potencialidades mas também sei que não estava tão preparado assim. Só há uma explicação: na conquista da Descida Montanhismo Amador nós fomos abençoados pelos deuses.

Quando vi que a segunda corda dava lá no topo da Leser, avisei ao Prado que ele já podia descer para o Platô da Esperança, onde eu estava. Assim que ele chegou, tratei de prosseguir descendo, com a corda azul em única.

Desse modo, em muito pouco tempo, nós conquistamos mais uma Descida Vertiginosa. Acontece que para nós este pouco tempo, medido no relógio, custou muito a passar. De fato, aconteceu algo semelhante a uma verdadeira dilatação do tempo, como se uma TRANSFORMAÇÃO DE LORENTZ³⁴ tivesse operado no tempo relativístico de nossos corações.

A nossa alegria era muito grande. Prado e Christian custaram um pouco a chegar no Platô da Leser, onde eu já estava, para que pudéssemos nos abraçar e comemorar a conquista da Descida Montanhismo Amador. Não tinha importância. Eu me sentia com a alma lavada, como se dispusesse de todo o tempo do mundo até o desmoronar da eternidade.

Eles tiveram que unir as duas cordas para que pudessem descer, operação que sempre exige muito cuidado. Christian, o último a sair do cume nos informou que o casal atrapalhado que vimos no dia anterior, só naquela hora tardia tinha conseguido chegar lá em cima.

Como nunca tinham estado no Dedo de Deus, nem dispunham de quaisquer informações sobre a montanha, não sabiam nem por onde descer. Christian foi quem deu as orientações, tomando o cuidado de avisá-los que a descida que eles deviam fazer nada tinha a ver com a nossa, que exigia duas cordas. O casal, além de estar um tanto desorientado, estava sem água. Não chega a ser raro esse tipo de situação, que caracteriza a irresponsabilidade dos tempos obscuros que vivemos. Assim, acidentes estúpidos têm ocorrido em quantidade crescente por desrespeito à montanha, despreparo generalizado e desinformação dos riscos inerentes à prática do montanhismo.

Esperamos um pouco e compartilhamos com eles a água de que dispúnhamos. Eram tão primários e inseqüentes, que nem adiantava tentar alertá-los de que estavam cometendo

³⁴ TRANSFORMAÇÃO DE LORENTZ: Era como se nós tivéssemos viajado no limiar da velocidade da luz, fazendo o tempo andar mais devagar, segundo o estabelecido por Henrik Lorentz, precursor de Albert Einstein, através da transformação

$$t' = \frac{t - (v/c^2)x}{\sqrt{1 - (v^2/c^2)}}$$

Em que t e t' são os tempos dos referenciais em repouso e em movimento, x a nossa posição, v a nossa velocidade e c a velocidade da luz no vácuo.

Como pode ser visto, quando a nossa velocidade v , tende para a velocidade da luz c , o denominador tende para zero e o tempo tenderia a parar. Evidentemente que não seria tão fácil viajar no limiar da velocidade da luz e toda essa análise relativística constitui uma alegoria para descrever o que os chineses já sabiam há milênios quando estabeleceram que **“um instante na montanha é um pequeno ano, um dia na montanha é a eternidade”**. Quem sobe e desce montanhas, apaixonadamente, com a persistência de quem garimpa momentos que brilham como diamantes por toda a existência, vez por outra, quando menos espera, acaba por descobrir a transcendental dilatação do tempo, como a que vivenciamos na conquista da Descida Montanhismo Amador.

uma temeridade. Christian ainda tentou conscientizá-los, achando que eles estavam dispostos a ouvir o que ele dizia. Naquele momento era pura perda de tempo, pois continuavam dizendo que “a escalada do Dedo de Deus é uma excursão trivial”, repetindo, sem qualquer senso crítico, o que ouviram de pessoas que acham que nunca irão morrer.

Sentimos falta do nosso amigo e Guia Tarcísio Rezende com a sua máxima: “**Não existe excursão bisonha**”. De fato: “Toda excursão precisa ser encarada com seriedade”. Palavras sábias como estas, postas em prática, evitariam muito sofrimento e, inclusive, vários acidentes fatais no montanhismo.

Antes de prosseguir a descida, Prado ainda duplicou um grampo no início da Via Teixeira, aumentando a segurança da escalada. Enquanto isso, continuamos procurando ajudar o casal até chegarmos na estrada. Com calma tentamos alertá-los dos riscos desnecessários que correram. Eles disseram que atualmente restam poucas opções para quem quer ir ao Dedo de Deus, pois os Clubes raramente programam excursões a esta montanha para novos sócios. Por outro lado, eles não estavam dispostos a pagar a um Guia Profissional, que também não garante necessariamente um serviço minimamente aceitável. Por tudo isso, resolveram encarar o Dedo de Deus com seus próprios recursos e, apesar de tudo, não se arrependiam do que fizeram.

Se nós estivéssemos começando a praticar montanhismo nesses tristes anos 90, talvez, fôssemos obrigados a agir do mesmo modo. Apenas, tomaríamos um pouco mais de cuidado. São tempos de individualismo exacerbado em que os Clubes e Centros Excursionistas não passam de uma pálida imagem do que já foram. Tempos obscuros em que qualquer um que se considera bom escalador, pensa que já é Guia e até passe a cobrar para levar as pessoas à montanha.

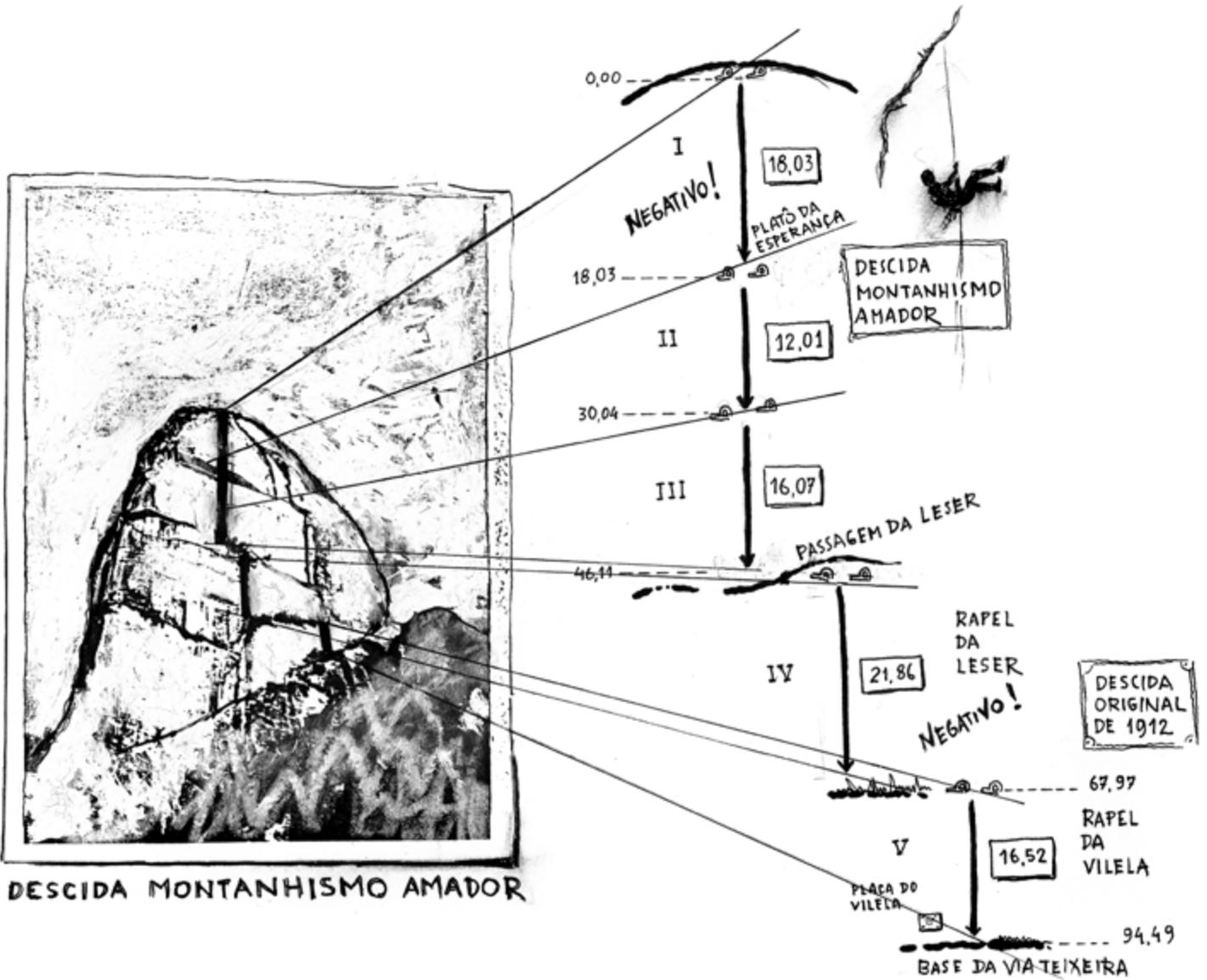
Na viagem de volta para o Rio de Janeiro, conversamos muito sobre o ocorrido. Cada vez mais gente despreparada, sob todos os aspectos, vai para a montanha. Acham que ter material de qualidade é condição suficiente para garantir o êxito de uma excursão, quando é apenas condição necessária. É preciso muito mais que isso. Há que se preparar individual e coletivamente. Em outras palavras, estar em boas condições físicas, técnicas e psicológicas. Além disso, é preciso ter conhecimento, experiência e discernimento e, por último, não podemos esquecer a imprescindível presença de pelo menos um Guia, que é a pessoa que lidera a excursão.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, escalar uma montanha não é um exercício simplesmente atlético. É UMA ATIVIDADE MUITO MAIS ESPIRITUAL DO QUE SE POSSA IMAGINAR³⁵. É também solidária, por natureza.

³⁵ **MONTANHISMO NÃO É APENAS UM EXERCÍCIO FÍSICO OU MENTAL:** no provocante livro “Zen e a Arte de Manutenção das Motocicletas”, Robert Prigig sintetiza com maestria esta questão fundamental: “Qualquer realização que vise à autoglorificação fatalmente termina em tragédia. Agora estamos pagando o preço. Se tentarmos escalar uma montanha para provar que somos os maiores, quase nunca conseguimos. E se conseguirmos, a vitória será insípida. Para sustentá-la é necessário provarmos nossa força vezes sem conta, de muitas maneiras, e depois muitas outras vezes, impulsionados para sempre por uma falsa imagem, assombrados pelo medo de que tal imagem não seja verdadeira e que alguém descubra isso. Este é um caminho errado.

Na Índia, Fedro escreveu uma carta sobre uma peregrinação feita por ele, em companhia de um guru e seus seguidores, ao monte Kailas, onde fica a nascente do Ganges e a morada do deus Siva, no alto do Himalaia. Ele não chegou até a montanha. Desistiu no quarto dia, exausto, e a peregrinação prosseguiu sem ele. Para justificar-se, disse que tinha força física, mas que só isso não bastava. Tinha também a motivação intelectual, mas isso também não era suficiente. Ele não achava que tinha sido arrogante, mas que estava fazendo a peregrinação para enriquecer sua própria experiência, para aumentar seus conhecimentos. Estava tentando usar a montanha e a peregrinação para atender a objetivos individuais. Para ele, a entidade visada era ele mesmo, não a peregrinação nem a montanha; ele não estava preparado para enfrentar aquela experiência. Deduziu que os outros peregrinos, que chegaram ao destino, provavelmente captaram a santidade da montanha de maneira tão intensa que cada passo era um ato de adoração, um ato de submissão àquela santidade da montanha que infundida nos seus espíritos permitia-lhes suportar a jornada com muito mais facilidade do que ele, que era fisicamente mais forte”

Nesses dois dias seguidos de outubro de 1996, tivemos a ventura de realizar duas escaladas ao Dedo de Deus. Mais que isso: concluímos a regrampeação e aferição da Via Teixeira e conquistamos a Descida Montanhismo Amador, que compartilhamos com todos os montanhistas e escaladores.





GRAMPOS
DUPLICADOS

ANORAK

3º RAPEL
DA
DESCIDA
MONTANHISMO
AMADOR

Décima Oitava Narrativa: 10.11.1996 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Descida Rio de Janeiro

Nesse dia Willy e eu pretendíamos escalar o Dedo de Deus pela Face Leste e descer pela Descida Original de 1912. Se nós tivéssemos conseguido convencer mais alguém para fazer a excursão conosco, certamente, planejaríamos fazer uma das Descidas Vertiginosas que Willy tanto já tinha ouvido falar e até fotografado do cume do Polegar.

Acontece que, ao terminarmos a escalada, encontramos no cume um escalador solitário, que, como nós, dispunha de uma corda para descer pela chamada Via Normal. Ele já tinha ouvido falar de uma nova descida pela frente do Dedo de Deus, dando a entender que gostaria muito de conhecê-la. Expliquei que havia mais de uma opção de Descida Vertiginosa e ele se animou ainda mais. Não fizemos qualquer comentário sobre o fato de ele ter ido escalar sozinho. Cada um é que sabe, ou deveria saber, de sua vida. Desde que não ponha a vida dos outros em risco, não é crime escalar sozinho.

Não entendo as motivações desses escaladores misantropos, mas respeito a opção escolhida por cada um. Só não me peçam para escalar sozinho pois, para mim, o montanhismo é uma atividade que requer necessariamente convívio humano. Dois seres humanos na montanha constituem uma realidade infinitamente maior do que apenas um. Três então nem se fala. Quatro é multidão, permitindo inclusive que se faça duas cordadas para subir.

Resolvemos então utilizar as duas cordas que passamos a dispor, para que nós três pudéssemos fazer a Des. Rio de Janeiro. Com gestos firmes e com poucas palavras mostramos ao ‘montanhista solitário’ a forma como escalamos — em outras palavras, com segurança — e ele disse que seguiria as nossas orientações. A partir de então, nesse dia, ele deixou de ser um ‘montanhista solitário’ e passamos a constituir um grupo de três seres humanos, unidos por um objetivo comum.

Até então ele não sabia que Osvaldo, como eu me apresentei, e Santa Cruz eram a mesma pessoa. Depois deve ter ouvido Willy me chamando ou percebeu o Santa Cruz gravado em alguns mosquetões, concluindo pelas minhas iniciativas e ações, que estava diante de uma pessoa que nunca foi indiferente à vida, nem ao montanhismo. Apesar de tudo, nos entendemos bem nos 14 rapéis da Descida Rio de Janeiro, tanto que prosseguimos juntos até o fim da excursão.

Embora nossas visões de montanhismo sejam muito diferentes, compartilhamos um saudável regresso desde o cume. Com uma corda apenas nenhum de nós seria capaz de fazer a Descida Rio de Janeiro. Assim, tivemos nesse dia uma verdadeira simbiose, pois nos ajudamos mutuamente. Vários grampos ainda não estavam duplicados, mas a descida já estava perfeitamente operacional. “Se você quiser, pode duplicar esses grampos que essa escalada é de todos nós”. Foi o que disse a ele. Alguns meses depois, quando fomos bater os grampos que faltavam duplicar encontramos alguns já duplicados. Acho que valeu a pena nossa tentativa de sensibilizar o ‘escalador solitário’ para a vida em sociedade. Talvez tenhamos conseguido mostrar a ele que o montanhismo como atividade social é uma atividade transformadora da realidade.

Décima Nona Narrativa: 22.12.1996 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Variante Gilda Borges/Diedro Salomyth

Regrampeação: Variante Gilda Borges

Descida Original de 1912

Aproveitando a proximidade do solstício de verão, que leva a dias longos e noites curtas, não precisei acordar tão cedo para fazer o Dedo de Deus com o meu amigo Borges. Estava com a minha família em Miraflores e me encontrei com ele no estacionamento próximo ao início da caminhada. A princípio, Jan Rausch viria do Rio de Janeiro com ele, mas foi só o Borges quem saltou do ônibus, pois Jan desistiu, na última hora, alegando não ter dormido bem durante a noite anterior.

Começamos a caminhar às 07:30 horas, o que nas nossas excursões raramente ocorre, pois gostamos de aproveitar o fascínio da montanha desde os primeiros clarões da aurora. Isso, quando não começamos antes.

Decidimos subir regrampeando a Variante Gilda Borges, partindo em seguida para o cume. Deu muito trabalho mas conseguimos após dez esticões de corda, a maioria pequenos. Quando chegamos ao cume, às 14:10 horas, não encontramos o livro, mais uma vez retirado pelos que se dizem montanhistas mas ainda estão longe de saber conviver de modo civilizado. Durante a descida, quando a chuva desabou, nós, felizmente, já estávamos na caminhada, abaixo das Pedras Soltas.

Aos poucos nossas conquistas no Dedo de Deus vão ficando seguras. Nessa excursão, batemos mais três grampos na Var. Gilda Borges que está ficando como nós sonhamos.

Vigésima Narrativa: 23.03.1997 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Descida Original de 1912

Primeiro Dedo de Deus de Leandro Chen. Foi bonito ter guiado Willy e Leandro pela Face Leste. Não é muito comum pai e filho chegarem juntos ao cume do Dedo de Deus. Poucas vezes presenciei fato dessa natureza. Leandro comemorou com sua sobriedade característica haver escalado pela primeira vez aos 17 anos a montanha símbolo do montanhismo do Brasil. Tenho certeza de que ele gostou muito. Qual é o montanhista que não tem gratas recordações de seu primeiro Dedo de Deus?

Na ocasião, sua irmã Laiz Chen estava passando alguns meses na Europa. Quando ela retornou, a primeira coisa que Leandro fez foi mostrar-lhe, todo feliz, fotos suas no cume do Dedo de Deus: “Eu não disse a você que chegava lá?”

Dois anos após, cumprindo um dos últimos requisitos da Escola de Guias da UNICERJ, que também formou Leo e Marcos, Leandro teve a oportunidade de GUIAR UMA EXCURSÃO³⁶ ao Dedo de Deus. Tive a alegria de ser o seu Supervisor, e pude constatar o quanto ele evoluiu no montanhismo. Willy, normalmente cometido, deixou registrado no Livro de Cume, palavras de júbilo, gratidão e felicidade, por ter seu filho guiado com segurança e desenvoltura toda excursão.

³⁶ **GUIAR UMA EXCURSÃO:** não significa apenas liderar a excursão, seja ela uma caminhada, escalada ou conquista. É muito mais, que isto. Envolve também o planejamento, a organização, a escolha criteriosa do equipamento e a orientação adequada aos participantes em todos os momentos. E, evidentemente, a redação do relatório. Implica, necessariamente, a capacidade de tomar decisões certas, algumas vezes em momentos cruciais. UM GUIA NÃO PODE SER IMPROVISADO. Daí a fundamental importância das Escolas de Guias, onde, numa primeira fase, são ministradas aulas teóricas e práticas e realizadas grandes excursões. Só então os alunos começam a guiar, e mesmo assim em atividades exclusivas da Escola de Guias, onde freqüentemente há mais Guias instrutores do que alunos. O curso prossegue e, na última fase, os alunos aprovados nas avaliações individuais e coletivas, envolvendo os principais aspectos relacionados com o montanhismo, iniciam o Estágio Supervisionado, em que devem guiar um determinado número de excursões com características bem diversas, varrendo uma ampla gama de situações. Em todas estas excursões há sempre pelo menos um Guia experiente, que atua como Supervisor, observando se o Estagiário cumpre satisfatoriamente suas atribuições desde sua pontualidade no local de encontro, passando pelo seu desempenho técnico, sua iniciativa e seus cuidados com a segurança e o trato com os participantes. Ao final chega-se a um resultado que é fruto de todas as etapas desenvolvidas. É um trabalho que exige muita perseverança, muita dedicação e muito amor de todas as pessoas envolvidas. Mas no final vale a pena, pois a Escola de Guias é o montanhismo em seu verdadeiro caminho, de grandeza e dignidade.

Vigésima Primeira Narrativa: 05.04.1997 - sábado

Tentativa Malograda de Escalar o Dedo de Deus

Desde a noite anterior as perspectivas do tempo não eram muito favoráveis. Quando chegamos em Teresópolis, quase a meia noite, já havia parado de chover, mas o tempo ainda estava muito indefinido. Estávamos cansados de uma semana de muito trabalho e pretendíamos descansar... escalando o Dedo de Deus, como já fizemos tantas vezes. Dormimos, quase imediatamente, assim que chegamos em Miraflores. Nem separamos qualquer equipamento de escalada, pois muito provavelmente amanheceria chovendo e seria pura perda de tempo arrumar as mochilas.

Confesso que não me importaria tanto se voltasse a chover intensamente. Só assim poderia colocar o meu sono em dia. Acontece que consegui acordar às 05:00 horas. Quando fui olhar como estava o tempo, me surpreendi com a constelação do Cruzeiro do Sul - e todas as demais - bem em cima da minha cabeça.

Por mais cansado que estivesse não podia resistir ao chamamento da montanha. Não foi tarefa das mais simples tirar o Prado da cama. Ele parecia ainda mais cansado do que eu, se é que era possível algo assim.

Com toda a calma, separamos todo o equipamento, nos alimentamos e partimos.

Quando começamos a caminhada, o tempo já não estava tão bom e, rapidamente, começou a chover quando já nos aproximávamos da Bifurcação. A chuva foi aumentando de intensidade e nós humildemente resolvemos desistir, pois a montanha não ia sair do lugar e nós poderíamos voltar, se possível, com mais companheiros, em um dia mais adequado.

Vigésima Segunda Narrativa: 12.04.1997 - sábado

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Regrampeação.: Descida Rio de Janeiro

2ª Investida: Descida Miraflores

Acordei, em Miraflores, com a estridência impertinente do despertador me expulsando do sono. Dormimos pouco mais de quatro horas, mas o nosso destino nos chamava no Dedo de Deus. Nossa equipe era formada por quatro montanhistas: Santa Cruz, Borges, Prado e Marcos.

Estava um pouco frio, com o céu muito estrelado, clima típico da temporada que estava prestes a se iniciar. Não havia clareado completamente e nós já subíamos muito pesados a íngreme caminhada. Tudo indicava que nós iríamos ter um tempo verdadeiramente perfeito para a prática do montanhismo, contrastando com a vez anterior quando uma chuva torrencial nos impediu prosseguir.

Durante a escalada da Face Leste, as duas mochilas com equipamento de grampeação deram muito trabalho. As nossas duas cordadas se entendiam por música, com todo mundo se ajudando mutuamente, se revezando na ponta, como é comum em nossas excursões.

À medida que íamos nos aproximando do cume, o nosso entusiasmo ia aumentando. Marcos, que estava há algum tempo sem escalar, ficou impressionado com o nosso desempenho. “Vom’Bora pessoal nós não viemos aqui prá passear”. “Vom’Bora caralho, nós ainda temos muitos grampos para bater”. Vom’Bora porra, nós somos do CERJ, nós somos da UNICERJ” Assim como no teatro, a presença de palavrões no montanhismo é perfeitamente justificável.

Como não podia deixar de ser, todos nós estávamos muito felizes por estar mais uma vez no Dedo de Deus para escalar e dar prosseguimento ao nosso projeto de conquistar e equipar novas descidas diretíssimas. Desse modo, às 10:00 horas atingíamos o cume. Prado foi o primeiro a chegar, seguido por mim, Marcos e Borges.

Pretendíamos ficar 15 minutos em silêncio e contemplação naquele topo dadivoso. Acontece que estava tão bonito tudo à nossa volta, no ar diáfano da manhã, que acabamos ficando meia hora no mais profundo silêncio. Nesses poucos minutos, procuramos colher a paz que fomos lá buscar para nossas vidas.

Para quem não é montanhista pode parecer algo místico, delirante, pueril ou extravagante. Para quem escala montanhas, tudo isso é tão natural como respirar ou beber a água cristalina das fontes.

A montanha tinha nos dado um brilho todo especial e, agora, nós iríamos iniciar uma sucessão de rapéis vertiginosos para compartilhar este brilho com o universo.

Para Marcos, que estava pela primeira vez na Des. Rio de Janeiro, tudo ia ser novidade. Para Prado, Borges e para mim, mesmo não sendo novidade, ia ser mais uma vez emocionante. A seqüência dos dois primeiros rapéis foi: Santa Cruz, Borges, Marcos e Prado, encerrando.

Quando chegamos na parte de cima da Var. Gilda Borges, nos dividimos, temporariamente: Borges ficou com o Prado aferindo a escalada, enquanto Marcos e eu descemos para dar prosseguimento à conquista da Des. Miraflores.

Nesse dia não chegamos a queimar as nossas caravelas na Descida Miraflores, pois não haveria tempo nem material para concluir a conquista. Assim sendo, avançamos mais um pouco para baixo, prosseguindo na conquista da nova descida e depois subimos tudo de novo de *jumars* até o Platô Intermediário. Deixamos também a Var. Gilda Borges totalmente aferida, o que demandou muito esforço nas três horas e meia de trabalho. Quem já fez aferição sabe o quanto esse é um trabalho exasperante, ainda mais em uma escalada aérea como a que nós

estávamos. Tivemos que dispor de muita paciência e perseverança, mas conseguimos cumprir o que nos propusemos. Quando o trabalho já estava quase terminando, Borges perguntou: “Para que tudo isso Santa Cruz? ”Seria difícil responder. Envolveria certamente a nossa motivação mais incognoscível. É o mesmo que perguntar “Qual o sentido da vida ?” Esta difícil questão a partir de agora pode ser assim respondida: “É ficar três horas e pedrada pendurado num abismo vertiginoso do Dedo de Deus, aferindo com precisão de centímetros, 26 lances, da Variante Gilda Borges”.

Terminados os trabalhos na conquista da Des. Miraflores e a aferição da Var. Gilda Borges, prosseguimos até a Bifurcação pela Des. Rio de Janeiro, quando aproveitamos para duplicar os últimos grampos que faltavam.

Na ocasião, restava muito pouco para que pudéssemos concluir a Des. Miraflores, que mais tarde veio a completar o colar de Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus, por nós idealizadas.

Na viagem de volta para casa, nos lembramos que naquele dia estava completando 36 anos do vôo cósmico de YURI GAGARIN³⁷. Ele foi o primeiro a orbitar o Planeta Terra e esse feito é, inegavelmente, um marco nas conquistas da humanidade.

³⁷ **YURI GAGARIN**: no dia 12.04.1961, num histórico vôo de 108 minutos, deu uma volta completa na Terra e expandiu os limites das possibilidades humanas, como Cristóvão Colombo e Vasco da Gama fizeram quase cinco séculos antes. Em sua homenagem, em 1992, conquistamos na face mais íngreme Morro da Urca, o Par. Yuri Gagarin (Borges e Santa Cruz). Fica ao lado dos Paredões Antônio Callado (1991), Mané Garrincha (1992) e Caixa de Ressonância (1988). O poeta Thiago de Mello soube como poucos, registrar o significado humano do heróico vôo do primeiro astronauta, ou como queriam os soviéticos, cosmonauta:

“(Gagarin)

Conta que o céu,

que o céu é escuro,

muito escuro,

mas que a Terra é azul,

que nós somos o azul,

e enquanto ele falava

um repórter do Izvestia

viu que muitas estrelas

brilhavam dentro de seus olhos”.

Vigésima Terceira Narrativa: 29.06.1997 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Descida Rio de Janeiro

As condições climáticas da excursão, a princípio, não eram boas. Acontece que, durante o dia, o tempo foi melhorando e foi possível chegar ao cume do Dedo de Deus e retornar pela Descida Rio de Janeiro. Só não deu tempo de regrampear a descida, como pretendíamos, pois já seria abusar da sorte.

Por via das dúvidas, durante a subida, lembrei ao Willy e ao Leandro que nós precisávamos **acelerar o processo histórico**, pois o tempo, mais de que nunca seria o nosso mais precioso recurso.

Teria sido uma excursão sem qualquer problema. Contudo, ao chegar lá em cima, tive um choque ao descobrir o desaparecimento da urna com Livro de Cume e tudo. Não deixaram nem vestígios. Realmente não dá para acreditar. Aquela urna metálica estava lá há décadas e já fazia parte do acervo do Dedo de Deus. São tempos obscuros esses que nós vivemos. Deu uma tristeza muito grande. Não apenas grampos estão sendo retirados das escaladas, ameaçando a vida dos que reconhecem o quanto o ser humano precisa de proteção, para que possa subir e descer montanhas com segurança. Agora ,até mesmo os livros e seus habitáculos são subtraídos dos nossos cumes num gesto infantil, anárquico e desagregador.

De volta ao Rio de Janeiro encontrei companheiros que, ingenuamente, acreditavam na possibilidade do arrependimento daqueles que sumiram com a urna do Livro de Cume do Dedo de Deus. Evidentemente, até hoje tal não se deu. Essa mente deformada que fez isso, roubando um símbolo da montanha que de alguma forma sintetiza o montanhismo do Brasil, deve estar agora achando que tem em sua casa um troféu pessoal, mas no fundo não passa de um usurpador barato de todos os montanhistas que já escalaram ou virão a escalar o Dedo de Deus.

Muito há a ser feito para que possamos recuperar as idéias e realizações do tempo generoso dos pioneiros, que para as novas gerações de montanhistas parece algo até mitológico ou tão distante quanto a Era Paleolítica.

Pelo menos Leandro chegou a conhecer aquela urna, quando estive no Dedo de Deus pela primeira vez. Durante a descida tivemos um motivo de contentamento ao encontrar batido o último grampo que faltava duplicar da Descida Rio de Janeiro. Ao que parece tem mais gente, além de nós, que gosta de segurança, o que traz um sopro de esperança nesses tempos tão difíceis que vivemos. Quando fiz o meu relatório pessoal, após a excursão, registrei em meu diário: “Agora só falta terminar a conquista da Des. Miraflores”, a 4ª e última Descida Vertiginosa”.

Vigésima Quarta Narrativa: 14.09.1997 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

Descida Original de 1912

Ainda não seria dessa vez que conseguiríamos concluir a Descida Miraflores. Nosso grupo era formado por mim, Tarcísio, Gustavo e Willy.

O objetivo primordial desta excursão era voltar ao Dedo de Deus para matar a saudade. Pretendíamos também aferir a Des. Montanhismo Amador, mas nem isso foi possível, pois o vento estava muito forte. Apesar disso, foi uma excursão muito prazerosa.

Assim sendo, a aferição ficou para outro dia. Vale ressaltar que a Des. Montanhismo Amador teve todos os seus grampos duplicados no dia 26.07.1997, quando infelizmente não pude participar. Prado foi o Guia da excursão, que inclusive foi aberta, oficialmente, na sede do CERJ, numa tentativa de reaproximação que não surtiu efeito. Nessa excursão, participaram Gustavo, Juliano, Leo e um sócio novo do CERJ, que até hoje eu não conheço. Ele fez um registro muito interessante no Livro de Cume, precariamente acondicionado em uma caixa plástica, após o desaparecimento da histórica urna do cume: “Esse pessoal do CERJ é muito legal. É a primeira vez que faço uma excursão pelo Clube”.

Se ele soubesse o que tem acontecido desde o início da década de 1990... Apesar de tudo, em nenhum momento deixamos de ter carinho pelo CERJ.

No final da excursão registrei no meu diário: “Na nossa próxima excursão ao Dedo de Deus, tudo faremos para que possamos terminar a conquista da Des. Miraflores, a última pérola que falta no colar de Descidas Vertiginosas que sonhamos dotar o Dedo de Deus”.

Vigésima Quinta Narrativa: 04.10.1997 - Sábado

3ª Investida Descida Miraflores (Conquistada nesta data)

Investida Única: Variante Terra em Transe (Conquistada nesta data)

Aferição: Descida Miraflores

Até a véspera da excursão, nosso objetivo não era escalar o Dedo de Deus e sim o Par. Mário Arnaud (1986), no Vale dos Frades. Iríamos, apenas, Leo, Prado e eu. Acontece que alguns contratemplos impediram que fôssemos para Miraflores, como gostaríamos. Assim, a nossa opção montanhística mudou. Leo propôs terminarmos a conquista da Des. Miraflores e eu, que já estava querendo ir lá há algum tempo, achei ótima a proposta. Difícil foi convencer o Prado, que só aceitou ir porque nós insistimos muito. De fato, era a nossa mais digna opção.

Como sempre ocorre nessas ocasiões, madrugamos para aproveitar plenamente todo o dia na montanha. O despertador tocou às 03:30 horas e eu telefonei para o Leo avisando que estava indo buscá-lo em sua casa, no Leme, e que ele me esperasse na portaria. Pedi a ele que avisasse ao Prado para que fizesse o mesmo.

Ao chegar onde o Leo morava, após esperar uns cinco minutos, descobri que aquele não era mais o seu prédio. O porteiro me disse: “ele se mudou”. Perguntei perplexo: “o Sr. sabe para onde?” E a sua resposta foi desalentadora: “Não sei não senhor”.

Voltei a telefonar para o Leo que deu o novo endereço na mesma rua, por sinal. Depois ele me disse com a maior tranqüilidade: “pensei que tivesse avisado a você”. Definitivamente, assim, fica muito difícil.

Quando vi, mais tarde, já em Laranjeiras, Prado chegar com apenas uma mochila pequena e mais nada, desconfiei que o desligado havia esquecido a sua corda. Não deu outra. Resultado: “tempo, o precioso tempo, sendo dilapidado da forma mais vil - por puro diletantismo”.

Durante a viagem para Teresópolis, os dois apagaram enquanto eu dirigia o velho fusca azul de tantas excursões. Amanheceu no meio do caminho, quando eu pensava: “Já deveríamos estar na trilha”.

Fizemos um lanche no posto garrafão, que na ocasião já havia se tornado 24 horas. Depois fomos separar o equipamento. Pelo que nós podíamos ver, encontraríamos tudo muito molhado, a exemplo das encostas do Escalavrado, bem na nossa frente.

Para todo montanhista, é sempre um prazer e uma alegria chegar ao cume de uma montanha. Contudo, nesta excursão, nós sabiamente decidimos abrir mão de ir ao cume do Dedo de Deus, para que pudéssemos nos concentrar no término da conquista da Des. Miraflores. Estávamos tão motivados, que também duplicamos os grampos e aferimos a nova via de descida. Além disso, conquistamos a Variante Terra em Transe, que constitui uma ligação horizontal da Descida Miraflores para Descida Rio de Janeiro. Tudo num único dia, muito bem vivido por sinal.

Por haveremos madrugado, conseguimos chegar às 08:00 horas ao Platô Intermediário do Diedro Salomyth, onde começa a Des. Miraflores. Sem perda de tempo começamos os procedimentos de conquista em descida, nesta 3ª investida. Chegando ao local, vimos que o grampo batido pelo Marcos, dia 12.04.97, na 2ª investida, estava muito mais próximo do que gostaríamos, pois na ocasião ele só usou a metade da corda. Leo foi o primeiro a descer e duplicou logo de uma vez esse grampo. Depois, montou em única uma das duas cordas de 60 metros que dispúnhamos e foi bater um grampo lá no final da corda. Durante a descida, encontrou um grampo batido pela mesma pessoa que duplicou o grampo inicial da descida Miraflores.

Numa época miserável em que os grampos estão sendo sistematicamente arrancados das escaladas, não deixa de ser uma notícia auspiciosa. Esse grampo acabou sendo duplicado por mim, ao mesmo tempo que o Leo, lá na extremidade da corda, batia o seu segundo grampo do dia. Só então nós queimamos as nossas caravelas.

Nesse dia, *prusiks*, *shunts*, marretas e talhadeiras justificaram presença no Dedo de Deus, bem como a trena, fundamental para que as seqüências da descida fossem sendo aferidas.

Quando já estávamos a apenas um rapel da base da Des. Miraflores, resolvemos fazer uma ligação horizontal com a Des. Rio de Janeiro, para permitir que se possa ir direto para a Bifurcação.

Isso aumentou em muito o nosso trabalho, porém disposição é que não faltava. No fim do dia, havíamos batido nove grampos de 13mm, concluído e equipado por completo a Des. Miraflores e conquistado a ligação horizontal, a VAR. TERRA EM TRANSE, em homenagem ao filme homônimo de Glauber Rocha.

O nome surgiu em função das muitas possibilidades de mudanças nas descidas do Dedo de Deus e também como referência à cultura do Nordeste no imaginário coletivo do nosso país. Afinal, no dia 04.10.1997, quando nós passamos quase dez horas numa vertiginosa parede do Dedo de Deus, completavam 100 anos da Saga de Canudos, que até hoje sangra na História do Brasil. Em 1976, a Escola de Samba Em Cima da Hora do Rio de Janeiro, desfilou com o enredo os Sertões, cuja música primorosamente feita por Edeor de Paulo, afirma em seu final, com precisão:

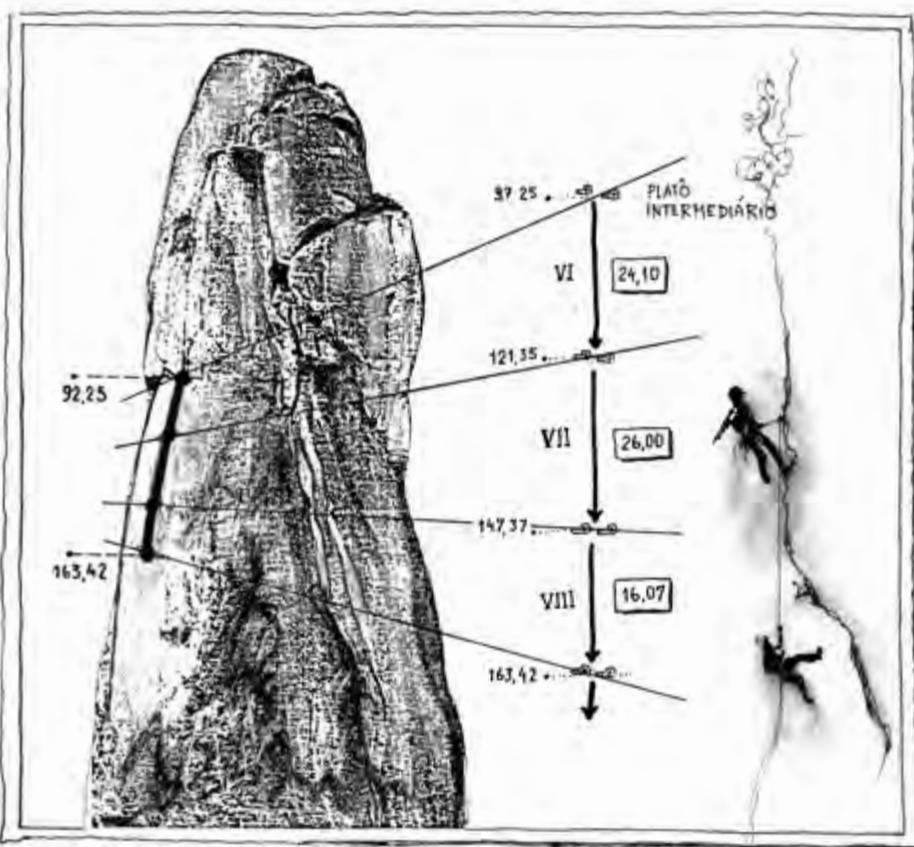
“Os Jagunços lutaram
Até o final
Defendendo Canudos
Naquela guerra fatal”.



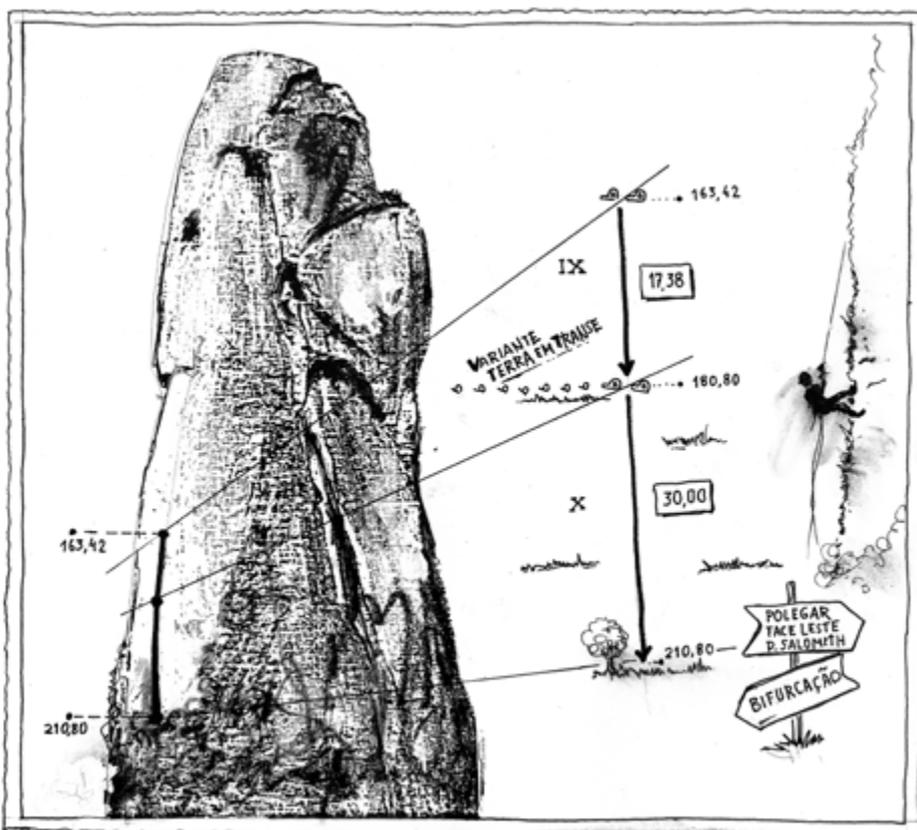
AS TRÊS DESCIDAS VERTIGINOSAS DA FACE SUDESTE

A Descida Miraflores começa no Platô Intermediário, após o quinto rapel da Descida Rio de Janeiro, constituindo o seu prolongamento natural.

UNICERT



DESCIDA MIRAFLORES • RAPÉIS VI, VII, VIII



DESCIDA MIRAFLORES • RAPÉIS IX, X

Vigésima Sexta Narrativa: 23.11.1997 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

Descida Montanhismo Amador/Descida Original de 1912

Nesse dia, Willy e eu fizemos uma tranqüila escalada ao Dedo de Deus, com objetivo de aferir a Des. Montanhismo Amador. Acabamos deixando a aferição para uma outra ocasião, mas levamos até o cume a nossa CARTA ABERTA AOS MONTANHISTAS DO RIO DE JANEIRO E À SOCIEDADE, de 13.11.1997. Nesse texto, assinado por 15 montanhistas experientes, externamos a nossa opinião sobre a controvérsia montanhística, em que um reducionismo tecnicista vem sendo confundido com ética, com gravíssimas conseqüências para a vida dos que, como nós, não aceitam praticar montanhismo de modo temerário ou irresponsável.

Vigésima Sétima Narrativa: 14.12.1997 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste/Maria Cebola

Descida Rio de Janeiro/Miraflores

Regrampeação: Variante Terra em Transe

Aferição: Descida Rio de Janeiro

Subimos o Dedo de Deus com o objetivo de regrampear a Var. Terra em Transe, que liga as descidas Rio de Janeiro e Miraflores.

Nosso grupo, formado por mim, pelo Gustavo e pelo Christian, teve oportunidade de passar mais um dia inteiro no Dedo de Deus. Neste mesmo dia, nossos companheiros Prado, Borges e Leo foram ao Escalavrado testemunhar e filmar a destruição de grampos que incomodam a estupidez de algumas pessoas, que se acham imortais e agem como se fossem donos das montanhas do Planeta Terra. Ao arrancar os grampos, ameaçam a vida dos que não concordam com suas visões deturpadas de montanhismo.

Levamos para o Cume do Dedo de Deus mais algumas cópias da 1ª CARTA ABERTA AOS MONTANHISTAS DO RIO DE JANEIRO E À SOCIEDADE, que foram amplamente divulgada na comunidade, pois nos sentimos no direito e dever de externar nossas opiniões acerca de questões importantíssimas que têm sido tratadas de modo superficial e pouco abrangente, não levando em consideração os seres humanos e sua fragilidade intrínseca.

No cume encontramos Mozart Catão e Alexandre de Oliveira que viriam a morrer tragicamente no Aconcágua (1897), menos de dois meses depois. Como poderíamos imaginar que estávamos nos vendo pela última vez ?

Durante a descida, fizemos a regrampeação que nos propusemos e ainda concluímos a aferição da Descida Rio de Janeiro. São 14 rapéis com uma extensão total de 255,02 metros, desde o primeiro grampo, próximo ao cume, até a Bifurcação. A extensão média é de 18,21 metros, sendo que o maior rapel tem 28,72 m e o menor 13,40 m. Depois prosseguimos a descida sem qualquer problema.

Já na estrada reencontramos os nossos companheiros Borges, Leo e Prado que tinham ido ao Escalavrado. Eles nos contaram o que vivenciaram e o que encontra-se registrado nas fotografias e na fita de vídeo. Os grampos foram criminosamente arrancados. Como os obscurantistas que incendeiam livros, por ódio à humanidade, os que fizeram isso acham que estão preservando a Ética do Montanhismo. Mas que estranha Ética é esta? Em nome de um questionável direito de conquista estão ameaçando a própria natureza e os seres humanos nela inseridos.

A insanidade que tomou conta dos que continuam arrancando grampos do Escalavrado, impede que estas pessoas vejam que a já rarefeita vegetação da montanha é que sofrerá as conseqüências a cada grampo retirado. Como ficou registrado nos vídeos, não havendo grampos, a tendência será montar as cordas de descidas nos arbustos, que em breve deixarão de existir. Esta história é bem conhecida, mas infelizmente são estes os tempos sombrios que estamos vivendo. Ainda podemos nos afastar deste caminho desastroso rumo ao vazio, ao sofrimento e à morte. Para isso, precisamos reconhecer que somos apenas seres humanos e não semideuses.

Do nosso grupo de seis montanhistas, fui o único que ficou em Miraflores. Todos os demais voltaram para o Rio de Janeiro. Senti a necessidade de me isolar um pouco e meditar sobre os caminhos ou descaminhos que o montanhismo estava passando. Eu me sentia muito cansado, muito triste, muito velho e muito solitário.

É uma época ao mesmo tempo maravilhosa e desgraçada esta que estamos vivendo. Ao mesmo tempo que existem tantas possibilidades para uma vida plena de emoções e encantamento, convivemos com a superficialidade das relações humanas, a vaidade, o egoísmo e a falta de compromisso com a sociedade.

Hoje podemos dispor quase instantaneamente das mais diversas informações sobre o mundo, mas parece que as pessoas, mesmo as que se dizem instruídas, preferem não pensar e aceitar as verdades pré-fabricadas. Não é preciso dizer que este é um dos grandes perigos do nosso tempo.

No montanhismo não é diferente. Paralelamente à assombrosa evolução técnica, com o desenvolvimento de novos e sofisticados equipamentos, vemos lamentavelmente uma degradação ética acentuada.

Precisamos recuperar o montanhismo como atividade sublime, solidária e verdadeiramente ecológica. Queremos o montanhismo como atividade saudável, onde as pessoas se questionem e não continuem como uma boiada a caminho do matadouro, repetindo sem refletir os cânones estreitos de uma pretensa ética montanhista excludente.

A idéia de ética não pode ficar restrita a poucas linhas estabelecidas no ideário da UIAA³⁸, que algumas pessoas leram mal e tentam impor a toda uma comunidade de montanhistas e escaladores. ÉTICA³⁹ é muito mais do que isso.

O que se deseja é resgatar o significado da ética em sua plenitude.

³⁸ UIAA: União Internacional das Associações de Alpinismo (em francês, no original, Union Internationale des Associations d'Alpinisme). Entidade criada em 1932, formada por mais de 80 Associações existentes em cerca de 60 países onde o montanhismo já atingiu um patamar mínimo de organização, representado um conjunto de atividades de reconhecida importância para a sociedade. Lamentavelmente não é o caso do Brasil, onde, não obstante haja uma história montanhística plena de realizações notáveis, não se conseguiu ultrapassar o limiar das entidades isoladas que não souberam se unir para que o montanhismo pudesse se desenvolver como algo saudável para toda a população. Essas entidades, os Clubes de Montanhismo, conhecidos também como Centros Excursionistas, já foram muito mais atuantes e representativos, mas paradoxalmente estagnaram e gradativamente deixaram de exercer influência no meio montanhístico renegando um passado de grandeza, permitindo a exacerbação de vaidades individualistas excludentes. Como resultado desse processo, os montanhistas brasileiros não encontram-se representados em entidades como a UIAA, onde seria desejável que nossa voz fosse ouvida, pois temos muito o que dizer, especialmente no que se refere ao montanhismo praticado em maciços rochosos imersos em florestas tropicais e sub-tropicais. A reversão da atual situação poderá ocorrer com o fortalecimento dos Clubes de Montanhismo, que precisam voltar a acreditar que são capazes de caminhar com suas próprias pernas e ter ousadia de pensar com independência, conscientes de seu papel transformador na sociedade. Mas para isso, os Clubes precisarão estar abertos à sociedade e atuar verdadeiramente como Clubes, com transparência, generosidade e acreditando em seus propósitos intrinsecamente amadores.

O trabalho da UIAA é realizado de vários modos. Existem várias comissões que atuam nas mais diversas atividades, sendo que a mais conhecida talvez seja a que estabelece rígidos padrões de segurança para os fabricantes de equipamentos de montanhismo, bem como o desenvolvimento de novos materiais e artefatos. A UIAA tem produzido também várias normas de procedimento como o Código Montanhista Internacional e a Declaração de Kathmandu em que preconizam, em linhas gerais, uma prática saudável, em harmonia com a natureza, num clima de amizade, respeito mútuo e paz, no que concordamos.

Boa parte das preocupações da UIAA estão relacionados com as expedições em montanhas nevadas de grande altitude bem como a prática do ski, que nada têm a ver com atividades que possam ser desenvolvidas em nosso país, visto que não temos montanhas nevadas no Brasil – mas temos montanhas verdejantes da Mata Atlântica, que constituem verdadeiras jóias do Planeta Terra.

Por último, cabe dizer que a UIAA, num desvio de suas atribuições originais, voltou-se, equivocadamente, para o estabelecimento de regras para a prática de competições de escaladas em estádios e em ambientes fechados, que em nossa opinião nada tem a ver com o montanhismo, que pressupõe a existência de montanhas, onde sua prática deve acontecer em comunhão com a natureza e sem qualquer vestígio de competição.

³⁹ ÉTICA: ... “Na antigüidade grega, Aristóteles se propõe o problema teórico de definir o que é o bom. Sua tarefa é investigar o conteúdo do bom, e não determinar o que cada indivíduo deve fazer em cada caso concreto para que o seu ato possa ser considerado bom Muitas teorias éticas organizaram-se em torno da definição do bom, na suposição de que, se soubermos determinar o que é, poderemos saber o que devemos fazer ou não fazer. As respostas sobre o que é o bom variam, evidentemente, de uma teoria para outra: para uns, o bom é a felicidade ou o prazer, para outros, o útil, o poder, a auto criação do ser humano”. (Adolfo Vazquez).

Vigésima Oitava Narrativa: 21.12.1997 - domingo

Dedo de Deus, Diedro Salomyth

Aferição: Descida Montanhismo Amador

Foi mais um dia intensamente vivido no Dedo de Deus. É evidente que Gustavo e eu tivemos muita dificuldade para fazer a escalada. Não podia ser de outro modo, pois o Diedro Salomyth é uma via muito exigente. Acabamos deixando de fazer as fissuras finais por falta de *nuts* e *friends* grandes e também porque estávamos exaustos. Passamos para os últimos lances artificiais negativos com muito cuidado, pois alguns grampos de progressão originais da conquista ainda não tinham sido substituídos. Chegamos ao cume muito felizes. Parecia um dia de inverno, de tão bonito, com a vantagem que ainda demoraria a escurecer.

Durante a Des. Montanhismo Amador, aproveitamos para aferir os três rapéis que totalizam 46,11 metros. Depois prosseguimos a descida sem problemas e voltamos para o Rio de Janeiro, certos de que fizemos uma grande excursão.

Vigésima Nona Narrativa: 17.01.1998 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

Descida Original de 1912

Foi a primeira escalada do Dedo de Deus que realizei em 1998. O tempo esteve muito ameaçador, mas conseguimos subir e descer antes que desabasse o temporal. Acabamos fazendo uma boa excursão.

Durante a subida, quase ao cume, ventava e chuviscava um pouco quando eu cheguei ao platô, próximo à base da escada de ferro. Seria bom que os arrogantes que querem tirar o grampo que lá existe presenciassem como ele é importante para dar segurança, numa situação como esta. Ainda é tempo de mudar de idéia e deixar o grampo lá. Não incomoda ninguém e pode ser imprescindível numa emergência. Neste dia, o grampo foi muito importante para que eu desse boa segurança para que o Leandro pudesse subir lá de baixo.

Se sentíssemos que havia ameaça de tempestade elétrica, abriríamos mão de ir ao cume, mesmo estando tão perto. Felizmente, porém, era só uma chuva passageira. Mesmo assim, nós só chegamos lá, mais uma vez, porque acreditamos. Aqueles que não acreditam não chegam aos cumes das montanhas, nem a lugar algum.

Trigésima Narrativa: 25.01.1998 - domingo

Dedo de Deus, Face Leste

Descida Rio de Janeiro/Galileu Galilei

Regrampeação e Aferição: Descida Galileu Galilei

Em Miraflores, Teresópolis, de madrugada, mesmo no verão, chega a fazer um pouco de frio. É apenas um dos encantos do lugar. Dá vontade de continuar dormindo, mas o apelo mágico da montanha nos fez abandonar nossos sonhos para tentar, ao menos em parte, torná-los realidade.

Nossa equipe, de quatro montanhistas, era formada por Borges, Leo, Willy e por mim. Durante a caminhada de subida conversamos bastante sobre o Curso Básico de Montanhismo e a Escola de Guias que sonhávamos oferecer à sociedade em 1998, começando no início da TEMPORADA DE MONTANHISMO⁴⁰.

Quando já estávamos no meio dos cabos de aço, pouco abaixo da Bifurcação, apareceu um grupo de montanhistas apressados, quase sem equipamento. Passaram por nós como se fossem ao cume do Dedo de Deus, rapidamente, ou estivessem com a intenção em quebrar algum recorde. Não demorou muito e dispersaram, completamente, à nossa frente, permitindo que nós voltássemos a assumir a ponta, sem que precisássemos sair do nosso tradicional ritmo, cadenciado e firme.

Quando chegamos ao topo assinamos o Livro de Cume, como já fizemos tantas vezes. Deixamos também alguns exemplares das duas primeiras CARTAS ABERTAS AOS MONTANHISTAS DO RIO DE JANEIRO E À SOCIEDADE.

Uma hora após havermos chegado ao cume, iniciamos a Des. Rio de Janeiro. Depois passamos para Des. Galileu Galilei, onde teríamos muito trabalho pela frente, tanto na colocação dos últimos grampos que faltavam, quanto na aferição dos sete rapéis. Estes totalizam ao final 164,07 metros, com uma média de 23,44 metros para cada seqüência de descida. Desde o cume até a base do Diedro Salomyth, são nove rappels perfazendo 211,86 metros: 164,07 m de Des. Galilei somados com os 47,79 m dos dois primeiros rappels da Des. Rio de Janeiro.

Inicialmente, ficamos desanimados quando descobrimos que não dispúnhamos de lápis ou caneta para anotar a extensão de cada rapel da Des. Galileu Galilei, que desejávamos aferir. Não esmorecemos até encontrar um sucedâneo para o lápis que não tínhamos ou a caneta que nós deixamos junto ao novo Livro de Cume. Acabamos descobrindo que folhas de arbustos podiam ser usadas para registrar o que precisávamos na cartolina, onde íamos anotando a extensão de cada lance da Descida. Na verdade nós inventamos um autêntico lápis natural, que funcionou muito bem. Paralelamente, batemos os grampos onde ainda não estavam duplicados e a descida ficou, finalmente, pronta e aferida. Era a nossa 4ª e última Descida Vertiginosa que faltava aprontar.

Ficamos muito felizes por havermos conseguido completar o que nos propusera. Sonhava dotar o Dedo de Deus de algumas Descidas Vertiginosas e elas estão lá. Transformamos nossos sonhos em realidade. Uma realidade que compartilhamos com todos os montanhistas, que, temos

⁴⁰ TEMPORADA DE MONTANHISMO: em nossa região é a época do ano que vai de abril a setembro, correspondendo aos meses mais frios e secos do ano.

Por extensão, AUGE DA TEMPORADA, envolve os meses de maio, junho, julho e agosto, coincidentemente os únicos do calendário escritos sem a letra erre. São os meses menos sujeitos a tempestades elétricas e a mudanças bruscas de tempo, constituindo a melhor época do ano para prática do montanhismo no Brasil.

certeza, irão encontrar a emoção que procuram, sem que precisem abrir mão da segurança vital e para que possam, muitas vezes, voltar ao Dedo de Deus, como nós também, humildemente, esperamos voltar.

Orgulhamo-nos de nossas Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus e podemos mais uma vez, voltar a sonhar com novos desafios em nossas vidas, com o sentimento do dever cumprido.

DESCIDAS: FONTE DE EMOÇÃO E SABEDORIA

*A todos caminhantes e escaladores
que conquistaram alguma DESCIDA.*

Descidas complementam as escaladas num processo dialético, possibilitando emoções diferentes daquelas encontradas nas subidas. Quando conquistamos uma descida descobrimos novas perspectivas e expandimos os horizontes para a prática do montanhismo.

Quem não sabe o que é conquistar uma descida pode pensar equivocadamente que se trata de uma atividade menor no montanhismo. Contudo, os que procuram ver o montanhismo como uma atividade integrada, sabem que a plenitude da montanha envolve tanto subidas como descidas.

Os que escalam com entusiasmo e paixão, já descobriram que uma descida constitui uma fonte inesgotável de emoção e sabedoria.

Conquistar uma via de descida é uma opção tão digna quanto conquistar uma via de escalada. Tal como nas subidas, pode ser uma empreitada extremamente difícil e desafiadora. Pois, uma vez “queimadas as caravelas”, não dá mais para voltar. Desse modo, por paradoxal que possa parecer, é conquistando uma descida, principalmente se for vertiginosa, onde mais certamente o montanhista pode encontrar o desconhecido. É evidente que tal empreitada envolve riscos nada desprezíveis. Não é por acaso que em toda a história do montanhismo, boa parte dos acidentes graves tenha ocorrido nas descidas. Portanto todo o cuidado é pouco. Não basta fazer a escalada e chegar ao cume. É preciso também retornar à base com segurança.

Além de desafiadoras, descidas constituem mais um encanto no montanhismo. Elas estão mais para arte do que para ciência. Já foi dito que arte tem a ver com a fragilidade humana. Por tudo isso e muito mais, precisamos reafirmar a beleza das descidas.

A seguir, relacionamos em ordem cronológica 47 conquistas de descidas que tivemos a ventura de participar, com suas respectivas localizações, classificações e número de rappels. A escolha dos nomes dessas vias tem a ver em nossas afinidades culturais, políticas e afetivas, refletindo nossa visão de mundo e trajetória no montanhismo.

Descidas por nós conquistadas:

1. Des. Henry Thoreau (1984)

Agulhinha Beija-Flor, PNSO. Descida Vertiginosa - 02 Rapéis

Descida Negativa na face mais vertiginosa da Agulhinha Beija Flor. Começa no cume e termina na base da Fis. Mariana (1991). Homenagem ao escritor americano Thoreau que, no século passado, escreveu textos vigorosos em defesa da dignidade humana e da vida em harmonia com a natureza. “Desobediência Civil” e “Walden, a Vida nos Bosques”, são até hoje leituras fundamentais.

2. Des. Georgescu-Roegen (1984)

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada - 03 Rapéis

Via de Descida realizada durante a conquista do Par. Entropia (1985). Permite descer a escalada sem ter que fazer a seqüência inicial de lances horizontais. É uma homenagem ao pensador romeno, que estudando as Leis da Termodinâmica, encontrou importantes relações entre o conceito de entropia e a sociedade.

3. Des. Argonauta (1986)

Asa de Hermes, PNI. Descida Vertiginosa - 01 Rapel

Belíssima Descida desde o cume pontiagudo até a base, com um visual magnífico do Parque Nacional do Itatiaia. O nome da Descida é uma alusão ao tripulante lendário da nau mitológica Argo, significando também viajante intrépido e navegador ousado.

4. Des. Akira Kurosawa (1986)

Segundo Dedinho, PNSO. Descida Pouco Inclinada - 01 Rapel

Descida do cume do Segundo Dedinho até o colo da Gruta Bandy, voltada para o Dedo de Deus. Dedicada ao grande cineasta japonês Kurosawa que veio a morrer em 1998, após ter realizado grandes filmes, como “Os Sete Samurais”, “Dersu Usala”, “Ran”, “Sonhos”, dentre outros.

5. Des. Anton Tcheckov (1986)

Cabeça de Peixe, PNSO. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Começa no cume principal do Cabeça de Peixe e vai até a base da Cha. Caram Nicolau (1989). É dedicada ao teatrólogo russo Tcheckov autor de obras-primas como “As Três Irmãs”.

6. Des. Mário Quintana (1988)

Pico do Frade, Cachoeiro do Itapemerim, ES. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Descida do cume do Pico do Frade, do lado oposto à Pedra da Freira. Evita rapelar pelo artificial final. Homenagem ao poeta gaúcho Mário Quintana, que pleiteou ingressar na Academia Brasileira de Letras e não foi aceito, por mais paradoxal que pareça. Drummond de Andrade nem tentou, mas a sua poesia também é magistral. Quem perdeu foi a Academia.

7. Des. Henrik Ibsen (1988)

Cabeça de Peixe, PNSO. Descida Pouco Inclinada - 01 Rapel

Acesso secundário à base da Cha. Caram Nicolau. Leva o nome do dramaturgo norueguês Ibsen, autor de “Casa de Bonecas”, onde investiga a alma feminina com uma sensibilidade a toda prova.

8. Des. Luigi Pirandello (1988)

Cabeça de Peixe, PNSO. Descida Vertiginosa - 01 Rapel

Leva à base da Fis. Luís Sayão (1989) num único rappel negativo de rara beleza. Homenagem ao italiano Pirandello, que escreveu, entre outras obras, a instigante peça “Seis Personagens em Busca de um Autor”.

9. Des. Daniel Alvarenga (1990)

Dedo de Nossa Senhora, PNSO. Descida Muito Inclinada - 10 Rapéis

Descida Vertical Diretíssima que se inicia na base da Var. Willy Chen (1990) e vai até o colo dos Dedinhos, a Oeste do início do Par. Bendy (1934). Homenagem ao saudoso companheiro e Guia Escalador Daniel, morto em 1988 num acidente de trânsito, aos 23 anos.

10. Des. Terror da Escola de Guias (1990)

Pão de Açúcar, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada - 02 Rapéis

Descida no meio da Cha. Stop (1944), à esquerda dos lances que são conhecidos como Terror da Escola de Guias.

11. Des. Rosa dos Ventos (1991)

Nariz do Frade, PNSO. Descida Vertiginosa - 02 Rapéis

Descida Negativa Diretíssima do cume do Nariz do Frade. Evita passar pelas chaminés utilizadas na subida, permitindo um visual muito bonito, além da eficiência. Na ocasião da conquista, realizada em uma única investida, o vento estava muito forte mudando de direção constantemente, nos levando a escolher o nome Rosa dos Ventos.

12. Des. Flávia Prado (1992)

Primeiro Dedinho, PNSO. Descida Pouco Inclinada - 10 Rapéis

Descida que começa na trilha que liga a Gruta Bendy ao Segundo Dedinho e termina ao lado da base das Pedras Soltas, na caminhada do Dedo de Deus. Homenagem à mãe de Ricardo Prado, advogada e amiga dos montanhistas que acreditam nas idéias generosas do Montanhismo Amador e Não Competitivo.

13. Des. Noite Veloz (1992)

Pedra da Amizade, Petrópolis, RJ. Descida Muito Inclinada - 09 Rapéis

Descida do Par. Che Guevara (1991), que evita as seqüências horizontais e diagonais da escalada. É uma alusão à poesia de Ferreira Gullar “Dentro da Noite Veloz”, que narra a saga do argentino Ernesto “Che” Guevara em sua trajetória de generosidade e luta, brilho e dignidade.

“É seu último vôo

Sobre a América Latina

Sob o fulgor de estrelas

Que nada sabem dos homens”.

14. Des. Malcom X (1992)

Morro da Boa Vista, Prainha, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada - 02 Rapéis

Pequena Descida no meio do Par. Bom Crioulo (1988), muito útil no regresso à base. Leva o nome do líder afro-americano, assassinado ao falar em público no Harlem, em 1965.

15. Des. Juan Rulfo (1992)

Capacete, Salinas, Nova Friburgo, RJ. Descida Vertiginosa - 02 Rapéis

Descida retificadora que leva à base do Par. Rodolfo Chermont (1981), recomendada quando se retorna do Capacete. É uma homenagem ao romancista mexicano, autor de "Pedro Páramo" e de "O Planalto em Chamas", dois livros fundamentais aos que desejam compreender a América Latina.

16. Des. Robert Frost (1993)

Pontão Norte, Agulhas Negras, PNI. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Descida que leva diretamente ao vale da Asa de Hermes, agilizando o retorno ao Abrigo Rebouças. O nome escolhido é uma homenagem ao poeta americano Robert Frost, que escreveu "O caminho não escolhido" ...

"Dois caminhos divergem num bosque

E eu tomei o menos escolhido

E isso tem feito toda a diferença".

17. Des. Ic Rodus Ic Salta (1993)

Pedra do Ídolo, Prateleiras, PNI. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Descida que segue a face oposta a da Cha. Brackmann (1966), desde o cume até a base. O nome é uma citação latina que significa "Aqui É Rodes, Salta Aqui". Vale a pena contar como surgiu esta citação: ao que parece, na antiguidade, apareceu em Alexandria um sujeito se vangloriando que em Rodes, do outro lado do Mar Mediterrâneo, teria dado um salto inacreditável. A bravata não resistiu à argumentação implícita na frase "Ic Rodus Ic Salta", que pode ser traduzida livremente por "então mostre!".

18. Des. Julio Cortázar (1993)

Prateleiras, PNI. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Pequena descida retificadora da Face Sul das Prateleiras, que evita ter que passar sob a gigantesca pedra equilibrada. Homenagem ao escritor belga-argentino Cortázar, que criou com seu estilo singular romances de grande sensibilidade e dimensão humana, como "Os Prêmios".

19. Des. Vinhas da Ira (1993)

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Descida Vertiginosa - 01 Rappel

Descida Negativa que se inicia próximo ao cume e termina no final da escalada do Par. Luis Arnaud (1993), constituindo ótima opção de descida do Morro da Babilônia, pois os pontos de parada possuem grampos duplicados. O nome da Via é uma homenagem ao romancista John Steinbeck que soube como poucos contar num livro pungente a história de uma família de retirantes numa viagem desde Oklahoma até a Califórnia cruzando as Montanhas Rochosas num velho caminhão em busca da esperança.

20. Des. Victor Jara (1993)

Irmão Menor de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Descida Vertiginosa - 05 Rapéis

Descida desde o cume do Irmão Menor até a base do Par. Emilio Comici (1967) que otimiza o regresso à base. Possui um negativo muito bonito que requer duas cordas de 50 metros. Dedicada ao músico chileno Victor Jara, assassinado no Estádio Nacional de Santiago, após o sangrento Golpe Militar que derrubou o Presidente Salvador Allende, em setembro de 1973.

Na música “Plegaria a un Labrador” ele escreveu:

“Levántate
y mira la montaña
de onde viene el viento, el sol y el agua
Tú que manejas el curso de los rios
Tú que sembraste el vuelo de tu alma”

21. Des. Estrela da Manhã (1993)

Torre Sul de Bonsucesso, Teresópolis, RJ. Descida Pouco Inclinada – 01 Rapel

Descida que liga o cume da Torre Sul à trilha da Torre Central e da Torre Norte de Bonsucesso. Dedicada ao poeta Manuel Bandeira, que escreveu:

“Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos,
Meus inimigos,
Procurem a Estrela da Manhã”.

22. Des. Amazônia (1993)

Torre Central de Bonsucesso, Teresópolis, RJ. Descida Vertiginosa - 13 Rapéis

Descida Diretíssima da Torre Central de Bonsucesso que tangencia pontos da Cha. Brasil (1993) até a base. Refere-se à Floresta Amazônia, pulmão do mundo e manancial de vida do Planeta Terra.

23. Des. Jacy Quintas (1993)

Morro das Andorinhas, Atílio Vivacqua, ES. Descida Vertiginosa - 02 Rapéis

Primeira Descida Alternativa da Cha. UNICERJ (1988) que parcialmente evita descer as tenebrosas chaminés horizontais. É um presente para Dona Jacy, que sempre nos recebeu com muito carinho, nas várias investidas que realizamos para conquistar a CHAMINÉ UNICERJ.

24. Des. Educação, o Maior Recurso (1993)

Andaraí Maior, PNT. Descida Muito Inclinada - 03 Rapéis

Descida da primeira parte do Par. Leonel Brizola (1993) que permite chegar à base com mais eficiência do que rapelando pela escalada. O nome da via foi encontrado na leitura atenta do livro, “O Negócio É Ser Pequeno” do inglês Ernest Schumacher. “O Maior Recurso, A Educação” tem tudo a ver com Brizola em sua trajetória de homem público preocupado com a educação de todos no Brasil, preocupação esta que muitos que se dizem progressistas não têm.

25. Des. Gaia (1994)

Mirante do Inferno, PNSO. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Pequena descida do cume do Mirante, ao lado do Par. Sede de Montanha (1987). Dedicada ao Planeta Terra.

26. Des. Mãe Terra (1994)

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada - 01 Rapel

Pequena descida localizada na primeira metade do Par. Lindaurea (1986), evitando o excesso de atrito no recolhimento da corda. Como no caso da Des. Gaia é dedicada ao Planeta Terra e também a Dona Lindaurea, minha mãe.

27. Des. Sergio Carvalho (1994)

Pico do Frade, Cachoeiro do Itapemirim, ES. Descida Vertiginosa - 12 Rapéis

Descida Diretíssima do Pico do Frade com rapéis negativos espetaculares na face mais íngreme do Frade e Freira. Esta descida é dedicada ao comandante Sergio “Macaco” Carvalho, do PARASAR. O homem que disse não ao terror, ao se recusar a cumprir uma ordem absurda dada por um insano. No excelente livro “1968 O Ano Que Não Terminou”, Zuenir Ventura não faz por menos, ao narrar o heroísmo de Sergio Carvalho: **“Foi graças ao seu não que hoje se conta essa história”**. Quando conquistamos esta via, nos inspiramos no destemor de Sergio Carvalho. Esta descida faz juz a um grande brasileiro.

28. Des. Alumbramento (1995)

Morro dos Cabritos, Vale dos Frades, Teresópolis, RJ. Descida Muito Inclinada - 09 Rapéis

Providencial Descida na face oposta ao Par. Mario Arnaud (1986), permitindo retorno do cume, com visual magnífico do Pico Maior de Friburgo. Alumbramento significa iluminamento, inspiração, maravilhamento... Foi o que sentimos quando conquistamos esta bela descida.

29. Des. Pablo Neruda (1995)

Pedra da Cruz, PNSO. Descida Vertiginosa - 05 Rapéis

Descida Diretíssima desde o cume até a Marginal da Pedra da Cruz (1984). Possui um negativo muito impressionante, justamente o 3º rapel. Homenagem ao poeta chileno Pablo Neruda autor de “Canto Geral”, e de tantos outros livros. Neruda não era um intelectual apenas, mas um homem político em sua plenitude. Ele viveu intensamente o seu tempo. E continua sendo um referencial para que se possa compreender o Chile. Sua autobiografia “Confesso que Vivi” é um livro magnífico, verdadeira poesia em prosa.

30. Des. Diretíssima do Telégrafo (1995)

Morro do Telégrafo, Niterói. Descida Vertiginosa - 08 Rapéis

Descida que sai do cume e passa pelos famosos “buracos do telégrafo”, prosseguindo até a base em arrojados rapéis com visual inacreditavelmente belo.

31. Des. Rio de Janeiro (1995)

Dedo de Deus, PNSO. Descida Vertiginosa - 14 Rapéis

Trata-se da maior e mais desafiadora Descida conquistada até hoje no Dedo de Deus. Começa no cume, no final do Die. Salomyth (1982), prosseguindo por 255,02 metros de rapéis até chegar à Bifurcação. Homenagem à Cidade e ao Estado do Rio de Janeiro, bem como ao CERJ e também à UNICERJ.

32. Des. Giordano Bruno (1995)

Dedo de Deus, PNSO. Descida Pouco Inclinada - 09 Rapéis

Trata-se da continuação da Descida Rio de Janeiro pela encosta dos Dedinhos a partir da Bifurcação, até a base das Pedras Soltas. Dedicada a Giordano Bruno, mártir e anátema da Igreja. Por heresia, Bruno foi preso e condenado, mas nunca abjurou, tendo sido queimado vivo pela Inquisição em 1600. Constitui exemplo de grandeza, coerência e integridade.

Há uma poesia de Nazim Hikmet que parece perfeita para descrevê-lo:

“Se eu não me queimo

Se tu não te queimas

Se nós não nos queimamos

Como as trevas se transformarão em claridade ?”

33. Des. Thiago de Mello (1995)

Garrafão, PNSO. Descida Muito Inclinada - 02 Rapéis

Descida próxima ao cume do Garrafão que evita que se tenha que retornar pelos lances diagonais da Via Normal (1934). Homenagem ao poeta amazonense Thiago de Mello, autor dos “Estatutos do Homem” cujo artigo 1º estabelece: “Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida e que de mãos dadas trabalharemos todos pela vida verdadeira”.

34. Des. Mir (1995)

Escalavrado, PNSO. Descida Pouco Inclinada - 05 Rapéis

Descida da primeira parte do Par. Hélio Paz (1983), permitindo chegar até a estrada. É uma descida muito útil sob chuva, o que não chega a ser raro na Serra Orgãos. É uma referência ao antológico livro de Leon Tolstoy, “Guerra e Paz” (Voina i Mir).

35. Des. Valdeci Bento (1995)

Morro das Andorinhas, Atílio Vivacqua, ES. Descida Vertiginosa - 01 Rapel

Segunda Descida Alternativa da Cha. UNICERJ (1988). É constituída por um singular rapel assustador de 65 metros a partir de um teto gigantesco. O nome foi escolhido como um presente ao nosso amigo Valdeci, que conhecemos nas primeiras investidas em conquista da Chaminé UNICERJ, em 1984, e que se transformou num dos mais atuantes caminhantes e escaladores do Espírito Santo.

36. Des. Leviaã (1995)

Campo Escola do Paquequer, PNSO. Descida Vertiginosa - 01 Rapel

Descida Negativa, adequada a treinamentos quando se faz o bivaque do Paquequer, no Caminho das Orquídeas (1965). O nome, na antiguidade, designava um grande animal marinho ou um monstro do caos. É também um livro clássico escrito pelo inglês Thomas Hobbes, que passou a dar o significado moderno do termo: um Estado totalitário, dominado por uma vasta e sufocante burocracia.

37. Des. Galileu Galilei (1996)

Dedo de Deus, PNSO. Descida Vertiginosa - 07 Rapéis

Segunda Descida Vertiginosa do Dedo de Deus. Começa após o 2º rapel da Des. Rio de Janeiro (1995) e vai até a base do Die. Salomyth (1982). É uma homenagem ao grande

Galileu, o italiano que no início do século XVII enfrentou o pensamento escolástico da Igreja e foi protagonista de uma verdadeira Revolução Filosófica e Científica, tendo sido obrigado a abjurar, para não ter o mesmo destino de Giordano Bruno.

38. Des. Rosa Luxemburgo (1996)

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada - 02 Rapéis

Via que permite uma ótima opção de descida após a escalada do Par. Vilma Arnaud (1993), evitando descer pelos lances horizontais da escalada. É dedicada a uma mulher que além de intelectual, é mártir da liberdade europeia e mundial.

39. Des. Terra e Liberdade (1996)

Prateleiras, PNI. Descida Vertiginosa - 01 Rapel

Diretíssima desde o cume da Fis. Sylvia Chen (1996). Constitui uma descida única, negativa e espetacular, no meio do nada, até a base. O nome foi tirado do filme de Ken Loach, emocionante em todos os sentidos, sobre a Guerra Civil Espanhola. É também uma alusão aos ideais de Terra e Liberdade, mais atuais do que nunca.

40. Des. Íris (1996)

Pedra do Altar, PNI. Descida Muito Inclinada - 03 Rapéis

Descida do cume da Pedra do Altar, até a trilha da Travessia Rebouças-Mauá. Dedicada à mãe do Juliano Lindner, companheiro montanhista unicerjense.

41. Des. Montanhismo Amador (1996)

Dedo de Deus, PNSO. Descida Vertiginosa - 03 Rapéis

Terceira Descida Vertiginosa do Dedo de Deus. Está localizada na Face Noroeste e liga o cume ao topo da Passagem do Leser na Via Teixeira (1912). Depois é só prosseguir descendo a Via Original de 1912.

42. Des. Yanomami (1996)

Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Descida Muito Inclinada- 03 Rapéis

É a Descida Diretíssima do final do Die. Infernal (1977), evitando os zig-zags da escalada. O nome é uma homenagem aos índios Yanomami que vivem em harmonia com a natureza e têm muito a nos ensinar.

43. Des. Miraflores (1997)

Dedo de Deus, PNSO. Descida Vertiginosa - 05 Rapéis

Quarta Descida Vertiginosa do Dedo de Deus. Começa no Platô Intermediário do Die. Salomyth e termina entre a Face Leste e a Bifurcação. É o prosseguimento natural da Des. Rio de Janeiro a partir do Platô Intermediário. Miraflores é o nome da nossa casa em Albuquerque, Teresópolis, que tem nos acolhido para memoráveis caminhadas, escaladas, descidas e conquistas na região serrana do Rio.

44. Des. Brasil Central (1997)

Pedra do Pastor, Petrópolis, RJ. Descida Pouco Inclinada - 08 Rapéis

É a Descida Diretíssima do Par. Quarup (1982), evitando descer pelos lances diagonais e horizontais da subida. O nome da Via tem tudo a ver com o Par Quarup, escalada conquistada em homenagem ao livro homônimo de Antonio Callado. Neste romance,

Callado aborda a metáfora da busca do Centro Geográfico do Brasil, quando da criação do Parque Nacional do Xingu. Até hoje é leitura imprescindível a todos que amam e desejam compreender o nosso país, de tantas contradições.

45. Des. M.A.S.E.N.C. (1997)

Pão de Açúcar, Urca, Rio de Janeiro. Descida Vertiginosa - 05 Rapéis

Constitui a primeira Descida Vertiginosa conquistada no grande negativo da Face Sul. Começa no segundo grampo da Var. Tarcisio Rezende (1990), possuindo um dos visuais mais impressionantes do Rio de Janeiro, e um rapel negativo de arrepiar a medula. O nome da Via representa o ideário da UNICERJ: Montanhismo Amador, Solidário, Ecológico e Não Competitivo.

46. Des. Amigo da Onça (1998)

Pico do Itabira, Cachoeiro do Itapemirim, ES. Descida Muito Inclinação - 02 Rapéis

Providencial descida que evita as horizontais do início da Cha. Cachoeiro (1956), permitindo atingir a base com eficiência. É uma homenagem ao imortal personagem criado pelo cartunista Péricles, para a revista O Cruzeiro. Na ocasião da conquista, num bivaque na base da Cha. Cachoeiro, num delírio da imaginação, juramos estar sendo atacados por uma onça. Era apenas um gambá.

47. Des. Anamaria (1998)

Bico Maior, Teresópolis, RJ. Descida Vertiginosa - 06 Rapéis

Descida Diretíssima desde o cume do Bico Maior até a base, passando por negativos belíssimos e desafiadores. É um presente para a minha filha Anamaria. Presente de coração.

APÊNDICE B

PRIMEIRO DEDO DE DEUS: UMA ASCENSÃO INESQUECÍVEL

Para Sebastião Amaral, in memoriam

Foi no inverno de 1971, quando eu já havia completado três anos como montanhista, que realizei o sonho de escalar o Dedo de Deus. Três anos pode parecer pouco tempo, mas penso que demorei muito até conseguir chegar ao cume do Dedo de Deus.

Embora meus pais não fossem montanhistas, nem houvesse nenhum montanhista em minha família, as montanhas sempre me causaram um forte entusiasmo e uma fascinação difícil de explicar, que guardo das minhas recordações mais primordiais.

Desde então o Dedo de Deus é uma das montanhas que me tem dado mais alegrias e emoções nesses meus 31 anos de montanhismo. De fato, ao longo de toda minha vida de dedicação sistemática e perseverança infatigável, tive a ventura de participar de muitas caminhadas, escaladas, acampamentos, bivaques, regrampeações e conquistas. De todas essas excursões, um número representativo teve o Dedo de Deus como cenário. Assim, humildemente, dei a minha contribuição, procurando estar à altura de meus talentosos companheiros, ajudando a fazer História no Montanhismo do Brasil. Parte do que foi feito encontra-se no Dedo de Deus.

Para se ter uma idéia, só a Conquista do Diedro Salomyth (1982) mobilizou 26 montanhistas do CERJ e do CEB nas 16 investidas realizadas. Foram mais de oito anos desde a primeira exploração até a chegada ao cume do Dedo de Deus, por uma escalada totalmente independente das existentes até então. Tive a felicidade de participar de todas as excursões que possibilitaram a conquista dessa desafiadora escalada. Posso testemunhar o quanto foi importante a união de todos os conquistadores para que hoje o Diedro Salomyth esteja lá para quem quiser escalar.

Contudo, antes de começar a sonhar com o Diedro Salomyth e com outras conquistas, primeiro me tornei Guia Escalador, através da Escola de Guias do CERJ, em 1973. Antes da Escola de Guias meu aprendizado, em sua maior parte empírico, se deu nas sucessivas escaladas das Agulhas Negras e Prateleiras, no Parque Nacional do Itatiaia (PNI), onde fiz as minhas primeiras escaladas. Fiz também muitas excursões nos Parques Nacionais da Tijuca (PNT) e da Serra dos Órgãos (PNSO), o que aumentou muito a minha experiência e a vontade de praticar montanhismo.

Não posso me esquecer também do enfarpado cabo de aço do PAREDÃO CEPI⁴¹ (1952), na primeira vez que escalei o Pão de Açúcar, em 1969. Eu nunca havia ido ao Pão de Açúcar, nem

⁴¹ PAREDÃO CEPI: clássica Via do Pão de Açúcar, constituída por um cabo de aço fixado na Face Oeste, desde a base até o cume. É uma homenagem ao C. E. PICO DO ITATIAIA (CEPI), um Clube de Montanhismo que foi muito atuante nos anos 50, mas que, como tantos outros, não mais existe. Os primeiros escaladores que perderam a vida no Paredão CEPI foram Walmir de Castro, e George Guarischi, em 1953. Apesar de ter um cabo de aço, o Par. CEPI é provavelmente a escalada recordista em acidentes em nosso país, sendo que, pelo menos meia dúzia de pessoas perderam a vida tentando escalá-lo. Algumas delas num ato tresloucado não dispunham de qualquer equipamento ou experiência de montanhismo. Atualmente, o cabo encontra-se em péssimo estado de conservação, deteriorando-se cada vez mais. A única iniciativa tomada foi a retirada dos primeiros metros, próximo à base, evitando assim a curiosidade dos que querem subir de qualquer jeito. Tal qual tantas outras escaladas clássicas de nossa cidade, completamente abandonadas, o Paredão CEPI merece ser preservado. Vale ressaltar, que várias vezes ao longo de quase cinco décadas, o cabo de aço do CEPI foi trocado e nada impede que venha a sê-lo no futuro.

de bondinho e apesar de ter encontrado muita dificuldade, fiquei feliz quando cheguei ao cume. Recordo-me, até hoje, o forte impacto que me causou a placa de bronze no meio da escalada com os nomes dos primeiros escaladores que lá morreram. Posteriormente outras pessoas vieram a despencar e a perder a vida no Paredão CEPI, mas nenhuma outra placa foi colocada para lembrá-las.

A época atual é muito mais veloz e voraz. Algumas pessoas insensíveis devem achar que os tempos neoliberais não se prestam mais a esses sentimentalismos. Assim, **POR PARADOXAL QUE SEJA, POUCO SE APRENDE COM OS ERROS**⁴² que passam a ser repetidos por desconhecimento, estupidez ou arrogância.

No meu primeiro Paredão CEPI, participei com mais quatro montanhistas, numa excursão liderada pelo meu primo José Antônio, que já nasceu com um talento especial para o montanhismo. Ele certamente teria se tornado um grande escalador, se não tivesse desistido de praticar montanhismo pouco depois. Como acontece com tantas pessoas, ele deu uma pausa e foi fazer vestibular de medicina. Formado médico nunca mais voltou às caminhadas e escaladas. Até hoje ele se diverte, contando para quem quiser ouvir — e confirmo — que na ocasião cheguei a chorar em função do pavor que senti no final do Paredão CEPI.

De todo grupo, eu provavelmente era dos que menos facilidade tinha para escalar. No entanto, não obstante as minhas inadequações, tinha uma vontade muito grande de escalar montanhas e fui o único do grupo que prosseguiu no montanhismo, cativado que estava, e estou até os dias de hoje, pelas emoções e as descobertas que as montanhas podem proporcionar.

Assim sendo, antes de escalar o Dedo de Deus eu já sabia que havia encontrado no montanhismo a minha razão de viver. Não a única, evidentemente, mas uma das mais poderosas e sublimes.

Morando no distante bairro de Santa Cruz, que me deu o apelido, era comum irmos em grupo para o Parque Nacional do Itatiaia sempre que possível. No Abrigo Rebouças, a 2350 metros de altura, éramos muito bem recebidos pelos Guardas Florestais, num ambiente de camaradagem, sem qualquer burocracia ou exigência de solicitações prévias. Se o Abrigo Rebouças estivesse lotado era só armar as barracas, sem qualquer problema.

Estávamos ainda muito longe do obscurantismo pretensamente ecológico que passou a vigorar posteriormente, quando até mesmo um simples acampamento no interior do Parque passou a ser dificultado, inexplicavelmente.

Não eram raras as excursões em que ficávamos acampados vários dias, sendo que tenho boas recordações de uma memorável excursão de seis dias, tendo por base o outrora excelente Abrigo Massena. Foi justamente quando os astronautas norte americanos Neil Armstrong e Edwin Aldrin da Apollo 11, chegaram à Lua, em julho de 1969. Não há como esquecer.

Na época, os montanhistas e excursionistas eram bem vindos e ajudavam a preservar o Parque, ao contrário do que passou a ocorrer, quando até o singelo fato de se pernoitar na área do Parque Nacional passou a ser considerado uma ameaça à natureza.

O silêncio, a omissão e a conivência dos que aceitaram tal absurdo só pode ser explicado pelo conformismo generalizado de uma sociedade na qual as pessoas e até mesmo as instituições abriram mão de lutar por seus direitos.

⁴² **POR PARADOXAL QUE SEJA, POUCO SE APRENDE COM OS ERROS:** “os que são incapazes de recordar o passado estão condenados a repeti-lo” (George Santayana)

Por outro lado, muitos ATIVISTAS PSEUDO-ECOLÓGICOS⁴³ passaram a repetir indefinidamente o discurso monótono que reflete o desprezo que têm à humanidade, escamoteado numa aparente defesa da natureza. Mas como defender a natureza excluindo os seres humanos?

Seria muito mais conseqüente educar os freqüentadores dos Parques Nacionais para que juntos lutássemos para preservar o patrimônio de todos e das gerações futuras. Nesse sentido os Guias Caminhantes ou Escaladores são instrumentos de conscientização dos freqüentadores dos Parques Nacionais, pela devoção que têm à natureza e pelos conhecimentos que dispõem. Ao invés disso, muitos preferem abrir mão de seus direitos por não quererem assumir as responsabilidades correspondentes. Especificamente em Itatiaia, onde, por exemplo, uma excursão, como a Travessia Longitudinal das Agulhas Negras, requer pelo menos um bivaque no meio do percurso, ficando impossível cumprir a determinação absurda de entrar no Parque pela manhã e sair no final do dia. Tudo isso sem falar de novas conquistas que freqüentemente exigem vários dias seguidos na montanha.

Nos anos 90, os Clubes de Montanhismo aceitaram complacientemente a supressão de suas prerrogativas preconizadas em seus estatutos e em atividades realizadas por várias décadas, dentro do respeito às normas de preservação da natureza. O fato é que há muita hipocrisia no discurso pseudo-ecológico excludente.

Embora a população tenha crescido muitas vezes desde 1912, quando o Dedo de Deus foi conquistado, o montanhismo continua a ser praticado por pouquíssimos brasileiros. Na época áurea dos Clubes e Centros Excursionistas, que vai até meados dos anos 70, era comum num domingo chegar ao cume do Dedo de Deus, por exemplo, e poder saudar outros grupos de montanhistas em vários cumes ao redor. Na época, ainda havia Abrigos no PNSO que constituíam forte incentivo às excursões. Além disso, não tinham ocorrido mudanças comportamentais que levaram a um individualismo mais acentuado na sociedade. Paralelamente, o desenvolvimento de equipamentos cada vez mais sofisticados e dispendiosos afastaram vastos segmentos sócio-econômicos que antes participavam com brilho de grandes excursões e conquistas marcantes.

Tudo isso serviu para reduzir a diversidade humana dos montanhistas que, de certo modo perderam a perspectiva da capacidade transformadora do montanhismo na sociedade como atividade forjadora da cidadania.

Resgatar esta possibilidade constitui um dos objetivos dos que pensam e praticam o montanhismo transcendendo as caminhadas e escaladas.

Voltando ao primeiro Dedo de Deus que tive a honra de escalar, descrevo resumidamente como foi esta inesquecível excursão.

⁴³ **ATIVISTAS PSEUDO-ECOLÓGICOS:** hipocrisia pseudo-ecologica é pouco para definir o descalabro atual. Já ouvi de um degenerado, que se diz montanhista, a seguinte pérola: “quando morre uma borboleta, eu fico triste, pois pode ser um dos últimos exemplares da espécie. Quando morre um ser humano não tem tanta importância, pois tem gente demais no mundo”. Queria vê-lo dizer isso logo após a perda de um ente querido. Este sujeito parece até que leu a “Anekdota Búlgara” e não entendeu coisa alguma da sutil ironia contida na poesia de Drummond de Andrade:

“Era uma vez um czar naturalista
Que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas
Ficou muito espantado
E achou uma barbaridade”

Aí eu pergunto: QUE ECOLOGIA É ESTA QUE SÓ SE PREOCUPA COM AS PLANTAS E OS ANIMAIS E É COMPLETAMENTE INDIFERENTE AO DESTINO DO SER HUMANO ?

Primeiro definimos o grupo que iria participar. Formamos uma equipe de cinco pessoas liderada por Sebastião Amaral, um amigo de longa data que havia, na ocasião, se formado Guia e Escalador pela Escola de Guias do CERJ de 1969. Ele já tinha escalado o Dedo de Deus duas vezes, sendo que uma delas numa excursão noturna. Nas duas vezes ele subiu pela Face Leste, que é a via mais freqüentada. Na ocasião, eu estava cansado de ouvir falar no lance da Chaminé *Black-Out* e finalmente iria ter oportunidade de verificar se ela era escura mesmo como me diziam.

Nosso grupo era constituído de pessoas muito motivadas mas heterogêneo na experiência e nos conhecimentos de montanhismo. O Guia Sebastião Amaral era o único que já havia feito o Dedo de Deus. Eu era uma espécie de catalisador do grupo e acabei atuando na excursão como o auxiliar do Guia, pois era quem tinha mais experiência, depois dele. O terceiro montanhista da nossa equipe foi Ricardo Maia, que havia sido meu colega nos três anos do curso de eletrônica da Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, o atual CEFET, o qual concluímos no ano anterior. Ele já havia participado de várias excursões, inclusive foi um dos participantes do Paredão CEPI, que mencionei. Archanjo Cordeiro, a quem este livro é dedicado e Caram Nicolau, meus amigos de infância, completavam a equipe. Archanjo já havia feito algumas escaladas nas Agulhas Negras, onde em pouco tempo dominou as técnicas de chaminés e descidas. Caram, por sua vez, era o iniciante do grupo. Nem ao menos um Campo Escola ele havia feito antes de fazer sua primeira escalada. Até hoje é a única pessoa que conheço que tem o Dedo de Deus como a sua primeira montanha.

A soma das idades de nós cinco não chegava a 100 anos, o que equivale dizer que a média era inferior a 20 anos. A diferença também era muito pequena pois Sebastião, com 22 anos, era quem tinha mais idade e Archanjo, com 18, o mais jovem. Eu havia acabado de completar 19 anos e já estava me achando muito velho sem ter ido ao Dedo de Deus. Mesmo assim, sonhava poder voltar lá muitas vezes e ficava indignado com o tempo perdido, sem que houvesse ao menos tentado.

Isto foi em 1971. De lá para cá foram muitas dezenas de ascensões que tive a alegria de realizar no Dedo de Deus, fora as conquistas que tive a honra de participar. Não foram poucos os bivaques, os temporais assustadores, e as muitas investidas onde pude compartilhar, com meus companheiros, o que há de mais sublime na superação de dificuldades aparentemente absolutas.

Antes da primeira escalada tinha certeza de que o Dedo de Deus não ia me decepcionar. Acreditava que iria encontrar a emoção procurada e que seria capaz de superar o medo que havia dentro de mim. Um medo ancestral, do desconhecido, do incompreendido, do incognoscível, mas que depois a gente descobre que não precisa compreender porque se confunde com a própria vida da gente.

Eu também não queria decepcionar o Dedo de Deus. Precisava estar à altura da escalada que havia idealizado, muito embora nunca tenha me destacado pelos meus atributos técnicos, apenas normais, nem pelo meu preparo físico, que era bom mas nada notável. Sempre me destaquei pela minha perseverança e pela minha vontade de escalar montanhas, amar as pessoas e transformar a realidade manca e sufocante à minha volta.

Nossa primordial escalada estava sendo programada para o auge do inverno, no meio da temporada, a época do ano perfeita para a prática do montanhismo. A excursão seria realizada com um bivaque na Cuíca, uma clareira muito apropriada no meio do percurso, possibilitando assim que dispuséssemos de um dia inteiro para fazer a escalada propriamente dita e a descida, a famosa descida do Dedo de Deus.

Nenhum de nós, em 1971, dispunha de automóvel para ir de Santa Cruz até as imediações do Dedo de Deus. Vale ressaltar que naquela época Santa Cruz era a penúltima estação onde

chegava o trem elétrico, o principal meio de transporte do distante bairro. Curiosamente, de lá pra cá, com todo o tão propalado progresso, não houve melhorias significativas na rede ferroviária, muito pelo contrário. Santa Cruz passou a ser a última estação com a desativação da estação Matadouro, que era a derradeira. Paralelamente os ônibus substituíram os trens no transporte de passageiros, como já haviam feito anteriormente para Teresópolis e demais cidades serranas.

Portanto, associe muitas das minhas primeiras excursões às madrugadas em que tínhamos que chegar à estação de Santa Cruz para pegar o trem de 04:48 horas e até mesmo antes. Só assim conseguíamos chegar bem cedo à cidade, rumando para as montanhas da Floresta da Tijuca e da Praia Vermelha. Era uma fatalidade que a grande maioria das montanhas e escaladas estivessem muito distantes de onde morávamos.

Por outro lado, acabávamos ficando mais próximos do Planalto do Itatiaia, uma região que até hoje conserva seus atrativos de beleza e fascínio para montanhistas e escaladores.

Congregados em torno do saudoso padre Guilherme Decaminada, um italiano que venerava as montanhas, formamos o Grupo Alpino de Santa Cruz (GASC), que chegou a contar com a participação de três dúzias de jovens entusiastas, mas que teve breve existência.

Foi, inclusive, numa das primeiras excursões do GASC que fizemos ao Planalto do Itatiaia, que encontramos no Abrigo Rebouças uma excursão do CERJ. Ficamos impressionados com a seriedade e a organização do grupo e também supomos ter causado boa impressão, pois fomos convidados a visitar a sede do CERJ, na época num velho sobrado na Rua Visconde do Rio Branco, próximo ao Campo de Santana, no centro do Rio de Janeiro.

Quando fizemos a visita, ficamos ainda mais entusiasmados com o companheirismo geral e com o espírito de montanhismo amador que transpirava de todas as conversas relacionadas com as mais diversas excursões feitas e a realizar, bem como as novas conquistas em andamento, sendo que a mais importante era a Campanha da Sede Própria, que unia todos os sócios em torno de um objetivo comum.

Aceitando o convite, Sebastião Amaral tornou-se sócio do CERJ e, seguindo sua vocação natural, formou-se Guia. Assim que pude, trilhei o mesmo caminho. Mas só iria entrar para sócio do CERJ anos após, já como estudante de engenharia, em fevereiro de 1972.

Desse modo, a minha primeira excursão ao Dedo de Deus foi feita com a presença e a orientação de um Guia formado numa Escola de Guias de grande seriedade.

Viajamos várias horas de trem e, depois, de ônibus até chegar às proximidades do Dedo de Deus. Havíamos saído de Santa Cruz às 10:00 horas e quando começava a escurecer alcançamos o local de bivaque na Cuíca. Nosso equipamento era muito precário, mas compatível com o utilizado na época, a começar pela corda nacional de 60 metros - 12 mm, pesada como chumbo e, inacreditavelmente dura, quando comparada às cordas importadas que constituíam, na época, autênticas raridades no meio montanhístico nacional. As deficiências quanto ao equipamento eram compensadas, em parte, por um entusiasmo muito grande de todos.

Como era de se esperar, fez frio durante a noite que custou a passar para nossos jovens corações. Era como se, no dia seguinte, fôssemos jogar a final de uma Copa do Mundo.

Antes que começasse a clarear, já estávamos despertos sonhando de olhos abertos com as belezas e os desafios que estavam por vir.

Ainda no lusco-fusco da aurora, iniciamos a subida rumo à Face Leste. Quando chegamos à base da escalada, pouco acima do Polegar, constatamos, deslumbrados, que as belezas que descortinávamos ultrapassavam tudo que tínhamos ouvido falar ou pudéssemos ter imaginado.

A seqüência de subida em nossa cordada única era: Sebastião Amaral (Guia), Caram Nicolau, Santa Cruz, Archanjo Cordeiro e Ricardo Maia.

Caram não parecia que estava fazendo a primeira escalada de sua vida, muito embora o nosso Guia tenha mantido o seu olhar atento no montanhista estreante. O lance da *Black-Out*, escuro como breu, causou forte emoção. Por sorte estava quase completamente seco. As chaminés seguintes deram mais trabalho, mas foram vencidas com muita determinação e vontade de prosseguir a escalada. Assim, sete horas e quinze minutos após havermos saído da Cuíca, chegávamos ao cume. Em minhas retinas guardo as imagens nítidas de nossa felicidade, registradas em algumas fotografias esmaecidas pelo tempo.

Saboreamos aqueles momentos inesquecíveis no cume, mas logo era chegado o momento de iniciarmos a descida.

O Guia Sebastião Amaral me escolheu para descer na frente, pois ele, como Guia da excursão seria o último a descer. Procurei estar à altura da sua designação, que não chegou a me surpreender.

O que me impressionou de verdade foram os três rapéis da Descida Original de 1912, que me emocionaram tanto ou mais do que a subida. Nascia, ali, o sonho de conquistar as Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus.

APÊNDICE C

ABRIL DE 1973: UMA TEMPESTADE NO INFERNO

*Aos Guias: Claudio Leuzinger, Paulo Boaventura (Pauleca)
e José Luiz, in memoriam.*

Excursões comemorativas geram concentrações de montanhistas que possibilitam o desejável conagraçamento, mas podem, em alguns casos, comprometer a eficiência e, até mesmo, a segurança.

Foi o que aconteceu dia 8 de abril de 1973 no Dedo de Deus, nas escaladas programadas para comemorar os 61 anos do histórico feito de José Teixeira e seus companheiros.

Nesta ocasião, vários Clubes de Montanhismo da cidade do Rio de Janeiro programaram escalar o Dedo de Deus pelas vias de acesso existentes na época.

O entusiasmo geral fez com que um grande número de cordadas dos mais diversos Clubes se dirigisse, no belo domingo de outono, para a MONTANHA SÍMBOLO do montanhismo brasileiro.

Evidentemente, o engarrafamento nas vias de escalada fez com que só as primeiras cordadas atingissem o cume.

Nesse dia, participei junto ao meu Clube, o CERJ, de uma excursão com 12 pessoas, na qual os Guias Claudio Leuzinger, Paulo Boaventura (Pauleca) e José Luiz tiveram oportunidade de liderar um grupo bastante heterogêneo quanto à experiência de montanhismo, mas muito coeso e solidário.

Na ocasião estava para começar a Escola de Guias de 1973, que cinco dos participantes dessa inesquecível excursão viriam cursar: André Frias, Arlindo Cardoso, José Prata, Walter Chavarry e Osvaldo Pereira (Santa Cruz).

Os demais participantes da excursão eram iniciantes no montanhismo e estavam indo ao Dedo de Deus pela primeira vez: Ciro, Passos, Surech e Russinho.

Todos os participantes, a começar pelos nossos três Guias formados, passando pelos cinco guias potenciais (onde eu me enquadrava, na ocasião), até chegar aos quatro novatos, iríamos amearhar uma sucessão de experiências, emoções e vivências que nos marcariam profundamente.

Nesse dia, no meio da tarde, desabou uma das mais terríveis tempestades de que se tem notícia no Dedo de Deus. Vários grupos de escaladores foram feitos reféns da montanha. O nosso não foi exceção e acabamos sofrendo intensamente com o impacto dos raios, que por pouco não nos dizimou. Sem contar a chuva, o vento e a noite fria que passamos na montanha, amarrados em cordas, depauperados e molhados até a alma.

Parte da narrativa que segue retirei dos registros que fiz no meu diário, nos dias que seguiram à excursão, quando cheguei a pensar seriamente em me dedicar a alguma atividade mais prosaica que o montanhismo.

Evidentemente tal pensamento não resistiu ao apelo que fez o meu coração para voltar o quanto antes às montanhas. É como na música **conflito** que Fagner canta: "Ai meu coração / que não entende / o compasso / do meu pensamento / o pensamento se protege / e o coração se entrega inteiro / sem razão" (Maia e Climério)

No dia da excursão havíamos combinado nos encontrar às 04:30 horas no Edifício São Borja, na sede do CERJ. Acabamos nos atrasando para ajudar pessoas que se envolveram num acidente de trânsito e quando chegamos finalmente na base da escalada, outros grupos de montanhistas já subiam à nossa frente.

Nós estávamos na Face Leste e, apesar da demora, nada levava a crer que não conseguiríamos chegar ao cume. Assim como em nossa excursão, também havia novatos nos grupos de outros Clubes que escalavam acima de nós e tal fato foi determinante na baixa eficiência geral. Dividimo-nos entre a Chaminé *Black-Out* e a Variante Maria Cebola, numa tentativa de melhorar o desempenho. Recordo-me que, no início da Maria Cebola, o relógio do Pauleca, um dos Guias da excursão, caiu e foi encontrado, funcionando, pelo José Luiz, que guiava a nossa 3ª e última cordada. Enquanto isso, Leuzinger, lá na ponta, ainda acreditava que pudéssemos, todos juntos, compartilhar o cume do Dedo de Deus.

Acontece que aquele dia, que parecia que ia continuar com céu azul maravilhoso, sofreu uma drástica mudança climática. Quando eu, que era um dos últimos, cheguei à base da Chaminé Grande, os Guias já tinham decidido descer. Na hora não compreendi, pois achava que dava para continuar, mas não questionei. Afinal eles tinham muito mais experiência do que eu e independente disso, eram os Guias da excursão. Em pouco tempo concordei que não havia decisão mais correta a ser tomada naquele momento, pois o céu já estava ficando escuro e as trovoadas, assustadoras, se aproximavam rapidamente de nós.

Quase imediatamente, começou a ventar com grande intensidade e tratamos de iniciar os procedimentos de descida o mais rapidamente possível.

Na ocasião eu já tinha escalado várias vezes o Dedo de Deus e ingenuamente acreditava que o mais difícil ia ser descer até a grande árvore que fica na base da Chaminé *Black-Out*. Para chegar a este local, que coincide com o início da Var. Maria Cebola, nós levamos um tempo enorme. Se pudéssemos, desceríamos mais rápido, mas seria quase impossível fazê-lo sem aumentar os riscos. A água da chuva impulsionada pelo vento simplesmente entrava por um lado da chaminé e saía pelo outro. Nós não podíamos fazer nada a não ser descer rapidamente, mas havia principiantes quase sem prática de descidas.

Os três Guias da excursão tomavam as iniciativas precisas e distribuíam tarefas a nós cinco, que tínhamos experiência e que iríamos iniciar dentro de poucas semanas a Escola de Guias. O objetivo deles era proteger ao máximo os quatro novatos da excursão.

Leuzinger descia na frente, após ter fixado em única uma corda de 80 metros - 09 mm na grande árvore que fica na Base da Var. Maria Cebola. Ele não estava preocupado em recolher a corda que ficaria no Dedo de Deus até que pudesse ser programada uma outra excursão no fim de semana seguinte, para recuperá-la.

Embora não fossem ainda 16:00 horas, havia escurecido quase completamente por causa das nuvens plúmbeas à nossa volta. A água escorria pela parede do Dedo de Deus como uma cachoeira e a chuva aumentava de intensidade. Num dado momento tínhamos acabado de fazer uma longa descida e nos preparávamos para prosseguir quando os relâmpagos, cada vez mais assustadores, nos faziam esquecer da chuva e do vento. Para falar a verdade, nós não sentíamos frio, nem sede, nem fome, nem coisa alguma. Só medo, muito medo.

Os nossos três Guias procuravam se multiplicar para que saíssemos o quanto antes daquele inferno. Leuzinger continuava descendo na frente com um destemor dos que se consideram predestinados. José Luiz era o último e conseguia, ao menos no início do temporal, cantar músicas do Milton Nascimento de que tanto gostava. Pauleca atuava com vigor no meio do grupo, perto de onde eu também estava, com o Arlindo, o Prata e o indiano Surech, que até então estava firme como uma rocha, não obstante sua pouca experiência.

Foi quando a tempestade elétrica se aproximou ainda mais e o medo que nós imaginávamos não poder mais aumentar, intensificou.

Por essa altura da descida, quando estávamos quase chegando ao nível do cume do Polegar, havia escurecido completamente e só dava para ver as nossas silhuetas tenebrosas e fantasmagóricas com os relâmpagos, que se aproximavam ainda mais. Já não dava mais para distinguir o intervalo de tempo entre os clarões e o ribombar das trovoadas, sinal que a nossa situação era realmente dramática. Apesar de tudo, até então nós ainda não tínhamos levado nenhuma descarga elétrica.

O pior estava por vir. Nós não podíamos ser considerados um grupo em que todos se entendiam perfeitamente. Mas, na medida do possível e em função das circunstâncias, conseguimos nos comunicar. Havia uma relativa confusão, mas sem desespero. Foi aí que um raio caiu perto da gente. Não sei se foi tão perto quanto eu imagino, mas sei que a corda ficou azul, iluminada de um brilho incredivelmente intenso. Foi um terror total. Nos jogamos para o alto tentando nos livrar daquela agonia. Eu estava segurando a corda no momento do raio. Senti uma coisa terrível passando pelos meus braços, depois pelo peito, pelas pernas e em seguida para o chão. Os relatos dos meus companheiros seguem o mesmo padrão de horrores e sofrimentos paroxísticos. Estávamos completamente desamparados e impotentes diante dos elementos. Foi um inferno. A tempestade prosseguia feroz com ruídos ensurdecedores e raios caindo por todos os lados. Se viesse outro em cima da gente, nós estávamos conscientes de que, muito provavelmente, seria o nosso fim.

Recordo-me do Surech rezando em voz alta ao meu lado, num idioma completamente ininteligível. Havia uma balbúrdia, com gritos guturais de desespero, mas, a despeito do que tinha acabado de acontecer, tínhamos que continuar descendo, procurando um local menos exposto.

Desde que começamos a descer foram mais de cinco horas para chegar ao colo do Polegar, pouco abaixo da base da Face Leste. Só no local onde levamos o choque elétrico eu fiquei mais de uma hora esperando que meus companheiros descessem. Quase todas as lanternas já tinham deixado de funcionar e estávamos, mesmo os mais experientes, muito assustados com tudo à nossa volta. Lá abaixo, Leuzinger, mais uma vez, assumindo a ponta da descida, bradava: “Abandona o material e desce!” Eu nunca vou me esquecer. A vida humana vale mais, muito mais. Não tem preço. Nesse dia nós perdemos vários mosquetões e outros equipamentos de montanhismo, mas escapamos com vida sem um único arranhão no corpo. Talvez a tempestade elétrica tenha marcado fundo na nossa alma, mas essa é outra questão.

Fui o penúltimo a chegar ao colo do Polegar. Havia dez pessoas sentadas no chão, abraçadas na tentativa de se aquecer mutuamente. Eu só ouvia Santa Cruz pra cá, Santa Cruz pra lá e perguntei “onde eu entro?” e me disseram “pule em cima da gente e você vai se aquecer um pouco também”. Prata foi o último a chegar, e fez o mesmo que eu, alojando-se ao meu lado em cima daquele amontoado humano que, apesar de tudo que tinha passado, reunia forças para tentar prosseguir a descida.

Quando nos preparávamos para recomeçar a descida na íngreme caminhada que leva à Bifurcação, a chuva já tinha diminuído de intensidade e a tormenta elétrica já havia se afastado. Apesar do nosso estado miserável, tínhamos vontade de rir, mas não conseguíamos. A verdade é que estávamos muito emocionados. Tudo levava a crer que nós tínhamos sobrevivido. Para descontrair o clima pesado que ainda pairava no ar, Leuzinger, com uma grande presença de espírito, fez uma brincadeira que talvez só ele fosse capaz. Ele simplesmente caiu de propósito em cima do José Luiz fazendo um estardalhaço. Em outra situação nós nos divertiríamos muito. Contudo, no estado lastimável que estávamos, mal conseguimos esboçar um sorriso e, mesmo assim, em consideração ao esforço do Leuzinger para levantar o moral do grupo.

Como já não dispúnhamos mais de lanternas funcionando, teríamos que prosseguir às cegas. Assim, nos encordamos numa rabiola de 12 pessoas e abandonamos aquele confortável colo do Polegar.

Não conseguimos avançar muito naquele breu desgraçado, pois, num dado momento, Leuzinger achou que tinha errado o caminho e que nós deveríamos parar onde estávamos. Lembro-me que eu estava tentando descer um lance, que só no dia seguinte descobri, que tinha apenas dois metros, mas que na minha exaustão física e principalmente mental, parecia ter no mínimo vinte metros. Se ao menos pudéssemos ver alguma coisa...

Parar onde estávamos era mais seguro do que prosseguir pois a nossa velocidade era quase nula e estávamos exaustos. Além disso havia um precipício na nossa frente.

Continuaríamos todos unidos pela corda durante toda a noite, que por sinal demorou muito a passar. Tivemos câibras, tremedeiras, queixos batendo e muito frio. Mas, só de pensar que não estávamos mais sendo ameaçados por raios, dava um alívio muito grande. A chuva foi diminuindo de intensidade e por volta das dez e meia da noite cessou.

Durante a madrugada o frio aumentou de intensidade e, de repente, começamos a ver muitas estrelas no céu, mostrando que *A VIDA TEM SENTIDO*⁴⁴. De vez em quando alguém comentava: “Será que nunca mais essa noite vai acabar?” Ou então: “quando será que começará a amanhecer?” Nós não podíamos fazer nada, a não ser esperar.

Depois de uma eternidade e meia, quando alguns já achavam que havia acontecido uma conspiração cósmica contra nós, muito lentamente começou a clarear. O horizonte foi ficando todo dourado e pleno de luz.

Assim que clareou completamente, descobrimos que estávamos muito próximos do caminho de descida que leva à Bifurcação. Contudo teria sido uma temeridade tentar prosseguir exaustos e sem lanternas na noite anterior.

Olhando o estado lastimável dos companheiros à nossa volta, ficamos satisfeitos por saber que não dispúnhamos de um espelho conosco. Estávamos *TÃO ENLAMEADOS, ESFARRAPADOS, MACILENTOS E ESMOLAMBADOS*⁴⁵ que, talvez, não conseguíssemos nos reconhecer.

Tratamos então de descer, felizes por voltar a nos movimentar e a nos aquecer. Estava um dia de céu azul e sol muito intenso. Já começávamos a nos referir à tempestade terrível do dia anterior como um troféu existencial ou um obstáculo quase intransponível, que nós tivemos a ventura de ultrapassar por um triz.

Mais abaixo confraternizamos com o grupo do CEB, tão numeroso quanto o nosso, que também tinha sobrevivido por milagre, só que do outro lado do Dedo de Deus, na Via Teixeira. Alguém comentou: “Deus deve existir”.

⁴⁴**A VIDA TEM SENTIDO:** “ Se as estrelas só aparecessem uma única vez a cada milênio, as pessoas guardariam na memória a dádiva maravilhosa que é um céu estrelado. Contariam então aos seus filhos, que contariam aos seus filhos... que em uma noite, há muitos anos, o céu esteve coalhado de estrelas. Então, mil anos depois, numa noite, muitas pessoas estariam olhando para o céu, esperando que as estrelas voltassem a aparecer”. (Waldo Emerson)

⁴⁵**ENLAMEADOS, ESFARRAPADOS, MACILENTOS E ESMOLAMBADOS:** TAL QUAL O EXÉRCITO DO REI HENRIQUE V: “Falemos com altivez. Diz ao Condestável que nós somos guerreiros vestidos grosseiramente; que os dourados e os luzentes atavios desapareceram com a chuva, quando caminhávamos pelas escabrosas planuras; que em todo o nosso exército já não há uma pluma, garantia de que não fugiremos a voar; que o tempo deixou-nos cobertos de farrapos, mas que, pela missa, os nossos corações estão em bom estado !” (William Shakespeare)

Quando chegamos na estrada, a alegria foi muito grande. Agradecemos aos nossos três Guias pela grande excursão. Pauleca, que na ocasião era o presidente do CERJ, nos confidenciou: “Em 15 anos de montanhismo, eu nunca estive em uma situação tão desesperadora”. José Luiz, com ironia, comentou: “No Brasil a gente nunca poderá fazer alpinismo, mesmo porque não temos Alpes. Com um clima volúvel como o nosso, o que nós fazemos é **tropinismo** - alpinismo dos trópicos”. Já Leuzinger, exuberante como sempre, dizia que nosso grupo havia se comportado muito bem: “Se fosse uma excursão da Escola de Guias vocês todos teriam passado com louvor”. Exageros à parte, ele estava sendo generoso conosco, principalmente com os potenciais alunos da Escola de Guias de 1973, que estava para começar.

Tiramos as últimas fotos perto da Santinha, antes de iniciar o regresso ao Rio. Surgiu não sei de onde uma garrafa de vinho e alguém lembrou que justamente naquela segunda feira, dia 9 de abril de 1973, estava completando o 61º aniversário da conquista do Dedo de Deus. Brindamos comovidos e profundamente emocionados.

Mais do que nunca, após havermos sobrevivido ao cataclisma, nós nos sentíamos genuinamente muito próximos dos conquistadores de 1912.

APÊNDICE D

A CONQUISTA DO DIEDRO SALOMYTH

Para Salomyth Fernandes

Em janeiro de 1974, durante uma excursão ao Dedo de Deus, José Zaib e eu exploramos a trilha que sai da Bifurcação e vai até a base da Face Leste. Quando chegamos ao cume, estávamos entusiasmados com as possibilidades de conquista de um monumental diedro na Face Sudeste do Dedo de Deus.

No ano anterior, durante as escaladas e bivaques da nossa Escola de Guias, havíamos ouvido muitas histórias de conquistas que incendiaram nossos corações. Não demorou muito e começamos a sonhar que poderíamos também dar nossa contribuição para a expansão dos horizontes do Montanhismo Amador em nosso país.

Se a conquista pudesse ser numa montanha majestosa como o Dedo de Deus, plena de grandeza e de simbolismo, aumentaria ainda mais o desafio que acreditávamos poder aceitar.

Assim, exploramos a base daquele Diedro e vimos que uma conquista por ali, não somente era perfeitamente factível como também altamente recomendável.

Conversando, assim como quem não quer nada, com escaladores bem mais experientes do que nós, do CERJ e de outros Clubes, descobrimos que ainda não havia nenhuma escalada naquela face do Dedo de Deus.

O tempo foi passando e a vontade de fazer uma conquista naquele belíssimo diedro da Face Sudeste aumentava cada vez mais. Toda vez que passávamos pela estrada rumo a Teresópolis, vislumbrávamos a possibilidade de conquistar aquele diedro e, depois, prosseguir conquistando até o cume por uma nova escalada. Quando íamos ao Dedo de Deus, imaginávamos, temerosos, encontrar alguma equipe de conquistadores por aquela Via, que sonhávamos escalar. Provavelmente não fomos os únicos que acreditaram nas magníficas e desafiadoras possibilidades montanhísticas da Face Sudeste. Contudo nenhuma outra equipe se lançou a desbravar o Indomável Diedro.

Participamos de muitas caminhadas e escaladas, fizemos várias regrampeações e conquistas, e fomos, aos poucos, adquirindo os conhecimentos, a experiência e os equipamentos necessários para a ousada iniciativa de conquistar o Diedro do Dedo de Deus.

A conquista propriamente dita só começou em dezembro de 1977, quando José Zaib e eu conseguimos realizar uma memorável excursão com a decisiva presença de Luís Sayão, que em 1976 havia se tornado um montanhista e escalador entusiasta.

Para mim e para o Zaib, em pouco tempo, Sayão se transformou não apenas no companheiro CERJENSE e UNICERJENSE nas lutas ideológicas pela preservação da chama do Montanhismo Amador, mas também se tornou um irmão nas montanhas e na vida.

Quando ele nos conheceu, já sonhávamos conquistar o Diedro da Face Sudeste. Todas as vezes que íamos ao Dedo de Deus, numa das muitas excursões que realizávamos pelo CERJ, Sayão perguntava: “Essa conquista vai ficar só em sonho ou nós vamos transformá-la em realidade?”. Dá para perceber, pela pergunta, que ele já era parte do projeto. Como já foi dito:

“Sonho que se sonha junto já não é apenas sonho. É realidade”. Outras vezes, mais provocativo ainda, dizia para mim e para o Zaib: “Qualquer dia desses, quando vocês forem lá, irão descobrir que a escalada já foi feita”. Sinceramente, para mim, não haveria problema se isso acontecesse. Afinal a montanha é de quem aceita seus desafios. Descobrimos, contudo, um fator que foi fundamental para iniciarmos a conquista. Foi quando decidimos dedicá-la ao nosso mestre Salomyth Fernandes, síntese da generosidade, da bondade e do amor que encontramos no montanhismo.

Assim, após muitos adiamentos, Zaib, Sayão e Santa Cruz partiram no final de 1977, em pleno verão, para conquistar o Diedro Salomyth. Nós tínhamos consciência que o verão é a pior época do ano para escaladas e conquistas na Serra dos Órgãos. Mas era quando nós podíamos. E lá fomos nós em busca do nosso destino. Aos poucos outras pessoas foram se deixando cativar pela conquista do Diedro Salomyth, que contou com dezenas de pessoas envolvidas nos trabalhos e conquista ou apoio de base.

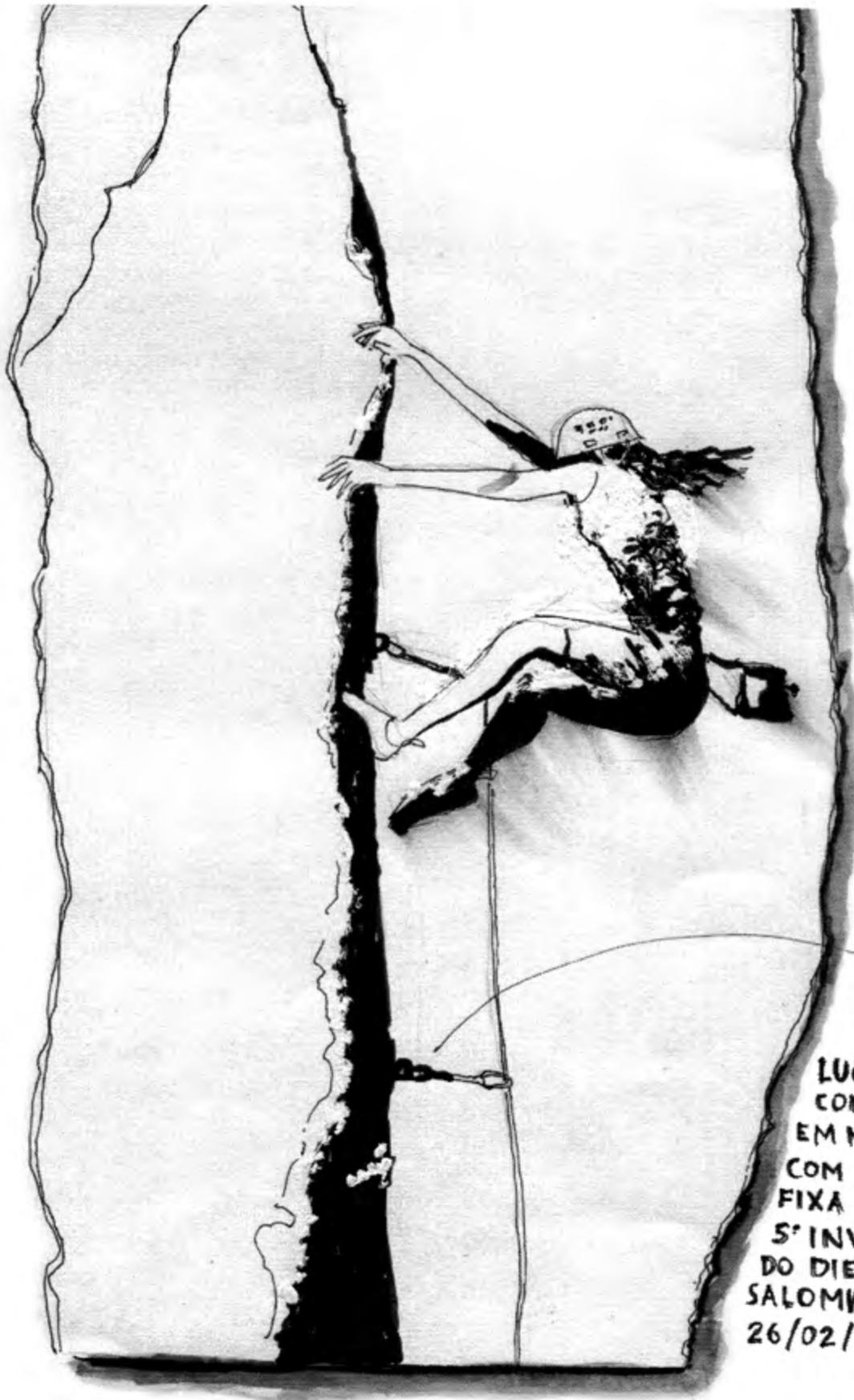
Na primeira investida Zaib, Sayão e eu exageramos na quantidade de equipamento de montanhismo e mantimentos, pensando em ficar vários dias na conquista. O resultado foi que nós levamos um dia inteiro para ir da estrada até a base da escalada. Após um providencial bivaque na Gruta Bendy, que nos protegeu satisfatoriamente de uma brusca tempestade de verão, iniciamos finalmente a conquista.

Em minha já longa trajetória de montanhista, tenho feito excursões que me marcaram por toda a vida. Mas essa foi muito especial. Ainda posso me lembrar, com riqueza de detalhes, os sons e os cheiros trazidos pelo vento suave da madrugada e o céu ficando avermelhado no dia que nós iríamos, após quase quatro anos de espera, começar a transformar o sonho da conquista em algo vivo e irrefutável. Como tudo na vida, o difícil foi escolher por onde começar. Zaib, Sayão e eu discutimos muito e todos tínhamos razão. Quanta saudade desse dia maravilhoso! Dia de sol, brisa suave, juventude, entusiasmo, amizade e certeza no futuro.

Nos meses seguintes fizemos mais três investidas e fomos progredindo, aos poucos, por uma difícil fissura, pois ainda precisávamos chegar no início do diedro propriamente dito. Como montanhistas, sabemos dar valor às dificuldades. Se fosse fácil não teria graça. Só que, agravado pelas condições do verão, enfrentamos chuvas em três das quatro primeiras investidas. Em duas dessas investidas, minha mulher Lucia Ladeira participou. Casamo-nos em janeiro de 1978 e passamos nossa lua de mel nas Agulhas Negras, um local que só é inusitado para quem não é montanhista. No Diedro Salomyth, Lucia participou, inclusive, conquistando lances, se revezando na ponta com os escaladores que aos poucos iam se incorporando ao desafio de dotar o Dedo de Deus de uma nova escalada.

Quinze anos após, numa projeção de slides em nossa casa, Miraflores, em Albuquerque, Teresópolis, alguém brincou quando viu projetada na parede uma paisagem do Dedo de Deus com Lucia na conquista do Diedro Salomyth. Foi alguma brincadeira espontânea do tipo: “Aí Lucia, você no Diedro Salomyth?” Ela, sem nenhuma malícia comentou simplesmente: “E no entanto tem gente aqui que nunca foi lá.” Lucia não sabia que, apesar de estarmos hospedando em nossa casa vários amigos montanhistas, alguns até experientes, nenhum deles tinha ido ainda ao Diedro Salomyth. Tal fato singelo constituiu uma motivação a mais para que em pouco tempo todos fossem conhecer a desafiadora escalada.

Em novembro de 1978, quando já tinham sido realizadas seis investidas, eu sofri um grave acidente numa escalada considerada fácil: o Paredão Jorge de Castro (1950), na Agulhinha da Gávea. Vale ressaltar que eu já havia feito esta escalada 26 vezes sem qualquer problema, mostrando o quanto o montanhismo é imprevisível e o quanto todos nós, seres humanos, somos frágeis.



SEGURANÇA
FIXA

LUCIA
CONQUISTANDO
EM NATURAL
COM SEGURANÇA
FIXA
5º INVESTIDA
DO DIEDRO
SALOMETH
26/02/78

Tive fraturas múltiplas na perna direita e precisei fazer duas cirurgias. Foram 13 meses completamente afastado das montanhas. Depois precisei aprender a andar de novo, antes de pensar em voltar a escalar. Foi um período muito difícil na minha vida.

Tive muita sorte de poder reencontrar a velha forma, mas foi um processo muito lento e doloroso. Só em 1980 pude voltar ao Dedo de Deus, para ajudar a dar prosseguimento à conquista que esteve paralisada por todo este tempo. Numa dessas investidas, que envolveu a presença de oito pessoas, Sayão chegou mais de meia noite em minha casa na Ilha do Governador, onde morava. Todos que iam participar da excursão já estavam dormindo. Sayão, tendo tomado umas cervejas, estava muito alegre e acabou acordando todo mundo. Pouco antes, Zaib havia dito que já estava se sentindo meio esclerosado para investir numa escalada tão difícil, como o Diedro Salomyth. No dia seguinte, no Dedo de Deus, ele construiu a blague que ficou famosa entre os conquistadores do Diedro Salomyth, ao afirmar que a conquista ainda iria demorar muito a ser concluída se a liderança ficasse nas mãos de um **bêbado**, de um **esclerosado** e de um **mutilado**. Ele se referia respectivamente ao Sayão, a ele mesmo e a mim, que ainda fazia fisioterapia para voltar a ficar 100%, mas Zaib achava jocosamente que eu tinha sido mutilado.

Em 1981, já plenamente recuperado do acidente, consegui arregimentar vários companheiros para prosseguir a conquista. Alguns sócios do CEB também se juntaram a nós. De todas as pessoas que se entusiasmaram com o Diedro Salomyth, a presença fundamental foi a do Mário Arnaud que participou pela primeira vez na 11ª investida e, a partir de então, esteve em todas as demais. Com o seu talento inegável de grande escalador, acelerou o ritmo da conquista, permitindo que chegássemos ao cume na 16ª investida. Nesta última investida, Mário fez questão que eu conquistasse os últimos lances. Faltava muito pouco para chegarmos ao cume do Dedo de Deus. Resisti o máximo que pude: “não é justo Mário. Você brilhou, conquistando os lances mais tenebrosos até aqui”. Ele não quis nem saber, argumentando: “e você esteve presente em todas as investidas. Se você não for para a ponta, nós voltaremos daqui”. Eu não tive escolha. Assim acabei concordando, entre emocionado, honrado e feliz. Nós havíamos acabado de vencer um difícil paredão artificial negativo muito impressionante. Agora era só sair ligeiramente para a direita e seguir para cima até o cume. Aos poucos, a medida que eu ia subindo, a escalada ia ficando mais fácil, mostrando que faltava muito pouco para que nós pudéssemos terminar a conquista.

Eram 13:15 horas do dia 18.07.1982 e o Diedro Salomyth acabava de ser conquistado. A sensação que tive foi de humildade perante tanta alegria por chegar ao cume por uma nova escalada, depois de tantos anos de sonhos e pesadelos. Em volta do Dedo de Deus, aquela paisagem tão bonita! Ao fundo, o Garrafão, os Castelos do Açú e toda a Serra dos Órgãos, que tanto amamos. O céu estava muito azul e o nosso coração era só contentamento. Pensei em tanta coisa: nos meus pais, na efemeridade da vida, nos amigos e nos companheiros que foram decisivos para que pudéssemos, naquela tarde luminosa de inverno, estar compartilhando a glória fugaz de uma conquista que demandou tanto esforço, tanta dedicação. Quando Mário Arnaud chegou, nos abraçamos: “Muito Obrigado amigo Mário. Nós conseguimos terminar esta memorável conquista. Procurei estar presente com o meu entusiasmo e a minha determinação, mas sem tua presença e o teu talento estupendo teria sido quase impossível”. Antes de iniciarmos a descida pensei muito nas primeiras investidas com Zaib, Sayão, Lucia e também em todas as dezenas de pessoas que, de alguma forma, estiveram no Diedro Salomyth ajudando para que a escalada pudesse ser concluída.

Hoje é um feito insofismável. Está lá no Dedo de Deus como uma de suas escaladas clássicas. Com as Descidas Vertiginosas da Face Sudeste, que conquistamos nos anos 90, o Diedro Salomyth ficará ainda mais conhecido e, talvez, venha possibilitar aos escaladores do futuro o mesmo sentimento que tivemos em relação à Via Teixeira quando escalamos o Dedo de Deus pela primeira vez em 1971 e fizemos a Descida Original de 1912.

APÊNDICE E

O INÍCIO DA REGRAMPEAÇÃO DA VIA TEIXEIRA

Aos meus companheiros do MASENC

Como escreveu o poeta Drummond de Andrade, “O último dia do ano não é o último dia do tempo”. Assim, dia 31 de dezembro de 1994, fomos fazer o Dedo de Deus, cuja escalada, mais uma vez, nos redimiu.

A princípio seríamos Borges, Leo e eu. Contudo, por ser aniversário do Leo, ele desistiu da escalada, quando talvez devesse ter ido comemorar seus 17 anos de vida no Dedo de Deus, que escalou pela primeira vez aos 14 anos.

Valeu a pena acreditar, pois além da escalada, iniciamos a regrampeação da Via Teixeira, que estava completamente abandonada. Borges bateu dois grampos e eu bati outros dois. Os grampos antigos estavam tão precários que por pouco não esfarelavam nas nossas mãos.

Para coroar o dia fomos contemplados com uma revigorante chuva de verão, já na caminhada de descida. Depois da bela excursão que fizemos, quando finalmente decidimos começar a recuperação da Via Original de conquista do Dedo de Deus, nós merecíamos a dádiva maravilhosa de uma chuva refrescante.

A caminho de Miraflores, tivemos um visual inusitado: Por poucos instantes o Escalavrado ficou prateado, como se fosse um espelho refletindo os raios do sol. Não deu tempo nem de tirar a foto que gostaríamos, pois durou muito pouco aquela cena mágica. Logo em seguida, a reflexão da luz passou a ser em menor intensidade. Depois, uma nuvem cobriu parcialmente a luz do Sol, que não mais se refletiu na gigantesca encosta molhada e lisa do Escalavrado.

Duas semanas após, tive oportunidade de voltar à Via Teixeira para dar prosseguimento aos trabalhos de recuperação da mais antiga e clássica escalada do Dedo de Deus. Na ocasião, tive a companhia de meus companheiros Gustavo, Christian e Leo. Foi um dia de muito esforço e dedicação, quando mais nove grampos foram substituídos, melhorando em muito o estado geral da escalada.

De pitoresco nesse dia, tivemos a orientação dada pelo Christian ao Leo antes de fazer a Chaminé Horizontal. Um tanto de brincadeira, um tanto a sério, Christian recomendou ao Leo: “moleque, olhe como eu estou fazendo e depois venha em seguida”. Na ocasião, Gustavo e eu formávamos a primeira cordada e estávamos um pouco acima, regrampeando a Passagem do Leser. Não entendemos coisa alguma, pois Christian entrou completamente errado no lance. Não sei como ele conseguiu se desvencilhar da confusão que se enfiou, por pura falta de atenção. Leo, que estava na base do lance, dando segurança para o Christian guiar a segunda cordada, ficou na dele, mas no final não resistiu: “Pode deixar Christian, quando eu for fazer a Chaminé Horizontal, eu vou procurar fazer completamente diferente do que vi você fazer”.

No cume do Dedo de Deus, algumas horas após, o episódio narrado acima rendeu muitas gargalhadas e, até hoje, ainda nos divertimos muito quando nos lembramos.

Todas essas histórias vão deixar saudade. O tempo passará e nós, que estivemos presentes nesses fragmentos de tempo perdidos na eternidade, iremos nos lembrar deles como momentos sublimes em nossas vidas.

APÊNDICE F

O DEDO DE DEUS E O FUTURO

*Para Mariana, Anamaria, Juliana, Melissa
e os montanhistas do porvir*

No dia 09 de abril de 1999 completaram-se 87 anos desde que o Dedo de Deus foi escalado pela primeira vez. Mais 13 anos e teremos o centenário da conquista.

2012 parece muito distante. Lembra algum título de livro ou filme de ficção científica, mas está muito mais perto do que a gente pensa. É bom a gente ir se acostumando, pois o século e o milênio estão nos últimos extertores.

Qual o montanhista e escalador brasileiro que não sonha estar vivo, com saúde e em boa forma para escalar o Dedo de Deus no ano do centenário da conquista?

Pessoalmente espero estar no rol dos felizardos. Se tudo correr bem, nessa grande data estarei com 59 anos de idade e prestes a completar 44 anos de montanhismo.

Com uma boa segurança de um velho companheiro e dando segurança para outro jovem escalador, que talvez hoje em 1999 não saiba ainda o que é montanhismo ou simplesmente esteja engatinhando, levo muita fé de poder participar de pelo menos uma das várias excursões que certamente serão programadas para comemorar o centenário do Dedo de Deus. Se vou poder realizar mais este sonho eu não sei. Do futuro nada sabemos, mas podemos nos cuidar e ser previdentes; não apenas em relação à nossa vida, mas também à forma como praticamos montanhismo.

Nasci no ano do 40º aniversário da conquista. Na época do cinquentenário eu era um menino e o montanhismo para mim ainda era apenas um sonho, que poderia nunca se concretizar. Mas eu colecionava selos, como se fazia na época. Filatelia ensina muito. Foi quando vi o **selo comemorativo do cinquentenário da conquista do Dedo de Deus** lançado pelos Correios do Brasil. Fiquei intrigado pois eu nem sabia que o Dedo de Deus tinha sido escalado. Ninguém tinha me avisado, e tal fato já estava completando 50 anos. Fiz perguntas a Deus e a todo mundo: “Como foi que se conseguiu chegar lá em cima? Como se passou por aquelas paredes verticais por todos os lados?” e o que mais me intrigava: “Como é que se faz para descer?”

As respostas eram as mais precárias possíveis, pois ninguém na minha família era montanhista. Curiosamente havia uma pergunta que eu não fazia: “Por que escalar o Dedo de Deus?”

Essa questão para mim já estava resolvida. Impossível era não se sentir atraído pelas montanhas, em geral, e pelo Dedo de Deus, em particular. Mesmo sem que houvesse ainda escalado montanhas, intuitivamente eu já sabia que era uma atividade sublime, apaixonante e plena de grandeza.

Anos após, já montanhista entusiasta comecei a ler tudo que podia encontrar sobre a História do Alpinismo e me deparei com a trajetória heróica e trágica do inglês George Mallory. Em 1923, após várias tentativas de escalar o Monte Everest, ele foi questionado por um repórter

Comemoração da 1ª escalada ao
Dedo de Deus

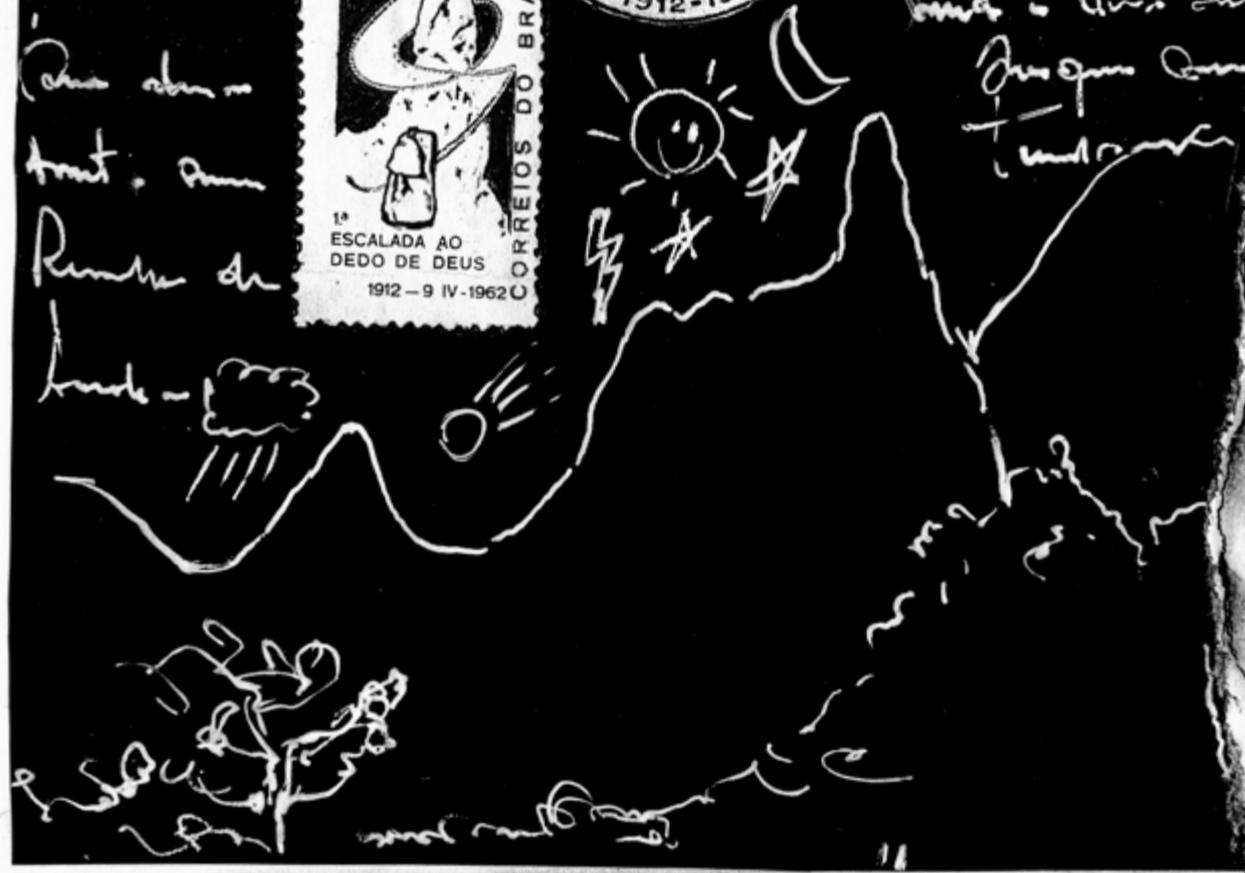


1912-1962



primeira ascensão
ao Dedo de Deus
em 14 de agosto de 1912
por Raulo de
Lima e
Lúcio

até a descida
por Joaquim
Tandalo



SELO COMEMORATIVO DOS 50 ANOS
DA 1ª ESCALADA AO DEDO DE DEUS

do “New York Times” sobre suas motivações: “Why did you want to climb Mount Everest?”⁴⁶ Mallory respondeu com precisão: “Because it’s there”⁴⁷.

“PORQUE ESTÁ LÁ” vale para o Everest, para o Dedo de Deus ou para qualquer outra montanha.

No início do livro “No Ar Rarefeito”, publicado em 1997, John Krakauer nos conta que Mallory era um esteta e um idealista de sensibilidade decididamente romântica. “Confinados dentro da barraca, na encosta do Everest, Mallory e seus companheiros liam, em voz alta, uns para os outros, trechos de Hamlet e Rei Lear”. Isso não impediu que ele viesse a desaparecer em junho de 1924, muito perto do cume do Everest, juntamente com Andrew Irvine. Eles podem até ter sido os primeiros seres humanos a atingir o topo da montanha mais alta do planeta em relação ao nível do mar. Em maio de 1999, 75 anos após, o corpo de Mallory foi encontrado, mas até hoje não se sabe se ele e Irvine morreram antes ou depois de chegar ao cume do Monte Everest. É provável que nunca se venha a saber com certeza. O Livro de Krakauer aborda com muitos detalhes a sucessão de acidentes estúpidos que aconteceram em 1996 no Everest, quando 12 pessoas morreram. Ao contrário de Mallory e seus companheiros, esses escaladores mais recentes do Everest provavelmente não estavam interessados em Shakespeare e suas motivações eram outras.

Ernest Schumacher, em seu texto “O Maior Recurso, a Educação” pergunta: “O que perco por não conhecer Shakespeare?” Ele mesmo responde: “Salvo se obtiver minha compreensão de outra fonte, simplesmente perco minha vida”.

Nós, que subimos e descemos montanhas por prazer a cada final de semana, sabemos o quanto a vida humana é preciosa.

A questão portanto não está diretamente relacionada à leitura de Shakespeare ou a qualquer outra. O que precisamos ter no montanhismo é sensibilidade para a vida. Devemos nos lembrar, sempre, que a vida é frágil e que escalamos montanhas porque amamos viver e queremos compartilhar a vida com nossos amigos em comunhão com a natureza.

⁴⁶ Por que o senhor quis escalar o Monte Everest ?

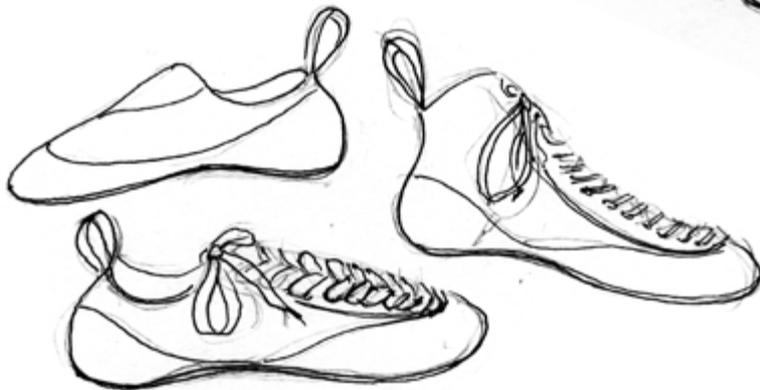
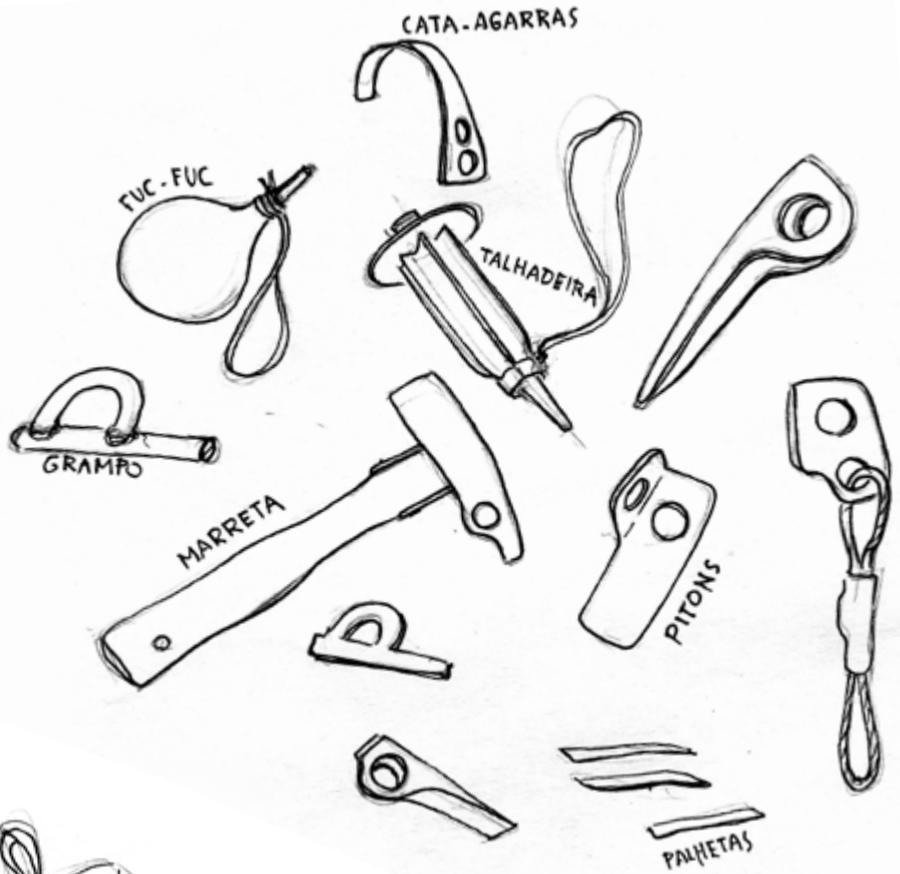
⁴⁷ Porque ele está lá...



MOSQUETÕES



FITA DE COSTURA



VARAPES

BIOGRAFIA RESUMIDA DOS AUTORES

SANTA CRUZ E SAYÃO

OSVALDO PEREIRA FILHO (SANTA CRUZ)

- Nasceu no Rio de Janeiro, dia 12.07.1952.
- Filho de Oswaldo Pereira e Lindaurea Pinto Pereira.
- Casado desde 1978 com Lucia Ladeira; pai de Mariana, 20 anos, Anamaria, 16 anos, e Juliana 14 anos; avô de Melissa, nascida em março de 1999.
- Engenheiro Eletrônico formado em 1976.
- Mestre em Engenharia Elétrica, COPPE/UFRJ, 1979.
- Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1978.
- Coordenador do Curso de Engenharia Eletrônica da UFRJ de 1987 a 1994.
- Diretor Adjunto de Ensino e Cultura da Escola de Engenharia da UFRJ de 1994 a 1998.
- Autor de diversos trabalhos publicados e orientador de dezenas de alunos da UFRJ na área de Engenharia e Sociedade.
- Montanhista desde 1968.
- Sócio do CERJ desde 1972.
- Membro do Conselho Deliberativo do CERJ e Sócio Proprietário desde 1975.
- Guia Escalador desde 1973.
- Diretor Técnico do CERJ em três Diretorias distintas, sendo o responsável pela Escola de Guias em 1983, 1984, 1985, 1988 e 1989.
- Participou da Diretoria do Cinqüentenário do CERJ.
- É signatário e co-autor das três Cartas Abertas aos Montanhistas do Rio de Janeiro e à Sociedade.
- Fundador da UNICERJ em 17.04.1998.
- Diretor Técnico da UNICERJ, desde a fundação.
- Diretor da Escola de Guias da UNICERJ, EM 1998 E 1999.
- Tem experiência montanhística internacional, tendo feito excursões e escalado montanhas em quase todos os países da América do Sul (com destaque para a Argentina, Chile, Bolívia, Peru e Equador), bem como nos Estados Unidos.

Com uma impressionante presença infatigável nas montanhas, seja em caminhadas, escaladas ou conquistas, Santa Cruz já escalou o Dedo de Deus mais de cem vezes e participou de 150 conquistas, das mais diversas, mas sempre com segurança. A relação é muito extensa e pode ser apreciada na 2ª *Carta Aberta aos Montanhistas do Rio de Janeiro e à Sociedade* ou nos boletins da UNICERJ.

Em sua homenagem foram conquistadas as seguintes vias: O Par. tios em Teresópolis (1974), um presente aos Guias Sebastião Amaral (Tião) e Oswaldo Pereira; a Fis. Santa Cruz (1985), em Itatiaia, e mais recentemente o Par. Oswaldo Pereira (1999), no Alto Mourão, em Niterói.

LUÍS FERNANDO SAYÃO

- Nasceu em Cabo Frio, RJ, dia 07.04.1953.
- Filho de Mário Luís Sayão e Enir Passos Sayão.
- Casado com Ignez Athayde e pai de Lis, 10 anos.
- Físico formado pela UFRJ em 1979, com Mestrado (1985) e Doutorado (1994) em Ciência da Informação, IBICT/UFRJ.
- Pesquisador da Comissão Nacional da Energia Nuclear (CNEN) desde 1980.
- Chefe da Divisão de Tecnologia da Informação do CIN/CNEN, desde 1990.
- Representante Alternativo do Brasil no International Nuclear Information System (INIS), Viena, Austria, desde 1990.
- Coordenador da Rede Brasileira de Informação em Energia, desde 1996.
- Professor do Programa de Pós-Graduação em Informação Estratégica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1998 e 1999.
- Professor do Curso de Pós-Graduação em Indexação e Recuperação da Informação da Universidade Santa Úrsula (USU), desde 1997.
- Professor Adjunto da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO) de 1996 a 1998.
- Professor Convidado do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ, desde 1987.
- Consultor Científico do CNPq, IBICT, FAPESP, PADCT e FINEP
- Desenvolveu vários projetos de pesquisa e publicou vários trabalhos e livros na área de informação.
- Desenvolveu o projeto gráfico e ilustrações da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira/CNPq
- Montanhista desde 1975.
- Sócio Proprietário e Membro do Conselho Deliberativo do CERJ desde 1976.
- Guia Escalador desde 1984.
- Diretor de Divulgação do CERJ em várias Diretorias durante os anos 80, onde fez as capas de dezenas de Boletins e foi responsável pela edição dos mesmos.
- Participou da Diretoria do Cinqüentenário do CERJ.
- É signatário e co-autor das três Cartas Abertas aos Montanhistas do Rio de Janeiro e à Sociedade.
- Fundador da UNICERJ em 17.04.1998.
- Participou de várias conquistas, incluindo o Par. Quarup, o Die. Salomyth, A Des. Daniel Alvarenga, o Par. Cor de Abóbora e tantas outras vias.
- Atuou como supervisor em várias Escolas de Guias inclusive na 1ª Escola de Guias da UNICERJ, que formou em 17.04.1999 três Guias Escaladores.
- Em sua homenagem, existe uma escalada no Cabeça de Peixe (PNSO), conquistada em 1989, é a Fis. Luís Sayão, um presente dos seus amigos do MASENC.

ÍNDICE NOMINAL

- Abdu, Mauricio** - Pág. 82;
Aldrin, Edwin - Pág. 127;
Allende, Salvador - Pág. 121;
Alvarenga, Daniel - Págs. 50, 51 e 119;
Alvarenga, Filipe - Págs. 50, 52, 53 e 68;
Amaral, Sebastião - Págs. 126, 129, 130 e 131;
Andrade, Carlos Drummond de - Págs. 76, 118, 129 e 141;
Anjos, Hidelberto (Beto) - Pág. 5;
Anjos, Laerte - Pág. 5;
Antonio, Francisco José - Págs. 4 e 5;
Antunes, Arnaldo - Pág. 76;
Aristoteles - Pág. 112;
Armstrong, Neil - Pág. 127;
Arnaud, Mário - Págs. 27, 56, 75 e 140;
Bandeira, Manuel - Pág. 121;
Bento, Valdecir - Pág. 123;
Berk, Conrad - Pág. 29;
Boaventura, Paulo (Pauleca) - Págs. 132, 133 e 136;
Borges, Ricardo - Págs. 42, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 75, 81, 82, 83, 84, 85, 99, 102, 103, 111, 115 e 141;
Bradbury, Ray - Págs. 84 e 90;
Braga, Ulisses - Pág. 75;
Brasil, Índio do - Pág. 56;
Brecht, Bertold - Pág. 93;
Brito, Sergio - Pág. 76;
Brizola, Leonel - Pág. 121;
Bruno, Giordano - Págs. 43, 60, 123 e 124;
Caeiro, Alberto - Pág. 59;
Cahen, Christian - Págs. 45, 68, 70, 71, 72, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 111 e 141;
Callado, Antônio - Págs. 103 e 124;
Cândido, Antônio - Pág. 76;
Caram, Nicolau - Págs. 129 e 131;
Cardoso, Arlindo - Págs. 132 e 133;
Carneiro, Raul - Pág. 21;
Carrozzino, Carlos - Pág. 66;
Carvalho, Sergio (Capitão Sergio "Macaco") - Pág. 122;
Castro, Josué de - Pág. 76;
Castro, Walmir de - Pág. 126;
Catão, Mozart - Pág. 111;
César, Julio - Pág. 73;
Chavarry, Walter - Pág. 132;
Che Guevara, Ernesto - Pág. 119;
Chen, Laiz - Págs. 5 e 100;
Chen, Leandro - Págs. 100, 104 e 114;
Chen, Sylvia - Pág. 124;
Chen, Willy - Págs. 50, 52, 53, 69, 81, 98, 100, 104, 105, 110 e 115;
Ciro - Pág. 132;
Climerio - Pág. 132;
Colombo, Cristóvão - Págs. 40 e 103;
Dias, Archanjo Cordeiro - Págs. 3 e 129;
Cortazar, Julio - Pág. 120;
Costa, Guy - Págs. 70 e 71;
Decaminada, Guilherme - Pág. 128;
Dietrich, Rudolph - Pág. 28;
Eboli, Marcos - Págs. 45, 50, 52, 100, 102, 106 e 119;
Einstein, Albert - Pág. 94;
Emerson, Ralph Waldo - Pág. 135;
Fagner, Raimundo - Pág. 132;
Faoro, Rayimundo - Pág. 76;
Farias, Glace - Pág. 5;
Fernandes, Salomyth - 89, 137 e 138;
Fiorati, Raul - Pág. 75;
Freitas, Ávila de - Pág. 75;
Frias, Andre - Pág. 132;
Fromer, Marcelo - Pág. 76;
Frost, Robert - Pág. 120;
Gagarin, Yuri - Pág. 103;
Galilei, Galileu - Págs. 43, 93 e 124;
Galleano, Eduardo - Pág. 37;
Gama, Vasco da - Pág. 103;
Georgescu-Roegen, Nicolas - Pág. 118;
Guarisch, George - Pág. 126;
Gullar, Ferreira - Pág. 119;
Heráclito de Éfeso - Pág. 86;
Hikmet, Nazim - Pág. 123;
Hobbes, Thomas - Pág. 123;
Hobsbawm, Eric - Pág. 37;
Ibsen, Henrik - Pág. 119;
Irvine, Andrew - Pág. 144;
Jara, Victor - Pág. 121;
Krakauer, John - Pág. 144;
Kurosawa, Akira - Pág. 118;
Ladeira, Lucia - Págs. 14, 66, 67, 76, 138 e 139;
Leclerc, Georges-Louis (Buffon) - Pág. 4;
Leser, Henrique - Págs. 28 e 29;
Leuzinger, Claudio - Págs. 132, 133, 134 e 136;
Lindner, Iris - Pág. 124;
Lindner, Juliano - Págs. 83, 84, 85, 105 e 124;
Loach, Ken - Pág. 124;
Lorentz, Henrik - Pág. 94;

Lucero, Claudio - Pág. 30;
Luxemburgo, Rosa - Pág. 124;
Maia - Pág. 132;
Maia, Ricardo - Págs. 127 e 131;
Malcolm X - Pág. 120;
Mallory, George - Pág. 142;
Santos, Manuel Francisco dos (Mané Garrincha) - Pág. 103;
Irigaray, Maria Zelina Reis (Marizel) - Pág. 68;
Martins, Natanael - Pág. 56;
Mello, Gustavo - Págs. 45, 46, 47, 50, 52, 53, 59, 60, 65, 67, 70, 71, 72, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113 e 141;
Mello, Thiago de - Págs. 36, 103 e 123;
Mendes, Silvio - Pág. 56;
Mourão, Tulio - Pág. 86;
Nascimento, Milton - Pág. 86 e 133;
Neruda, Pablo - Pág. 122;
Oliveira, Acácio de - Pág. 21;
Oliveira, Alexandre de - Pág. 21 e 111;
Oliveira, Americo de - Pág. 21;
Paiva, Guilherme de - Págs. 8, 45, 73, 74, 75, 76 e 77;
Passos - Pág. 132;
Pasteur, Louis - Pág. 86;
Paulo, Edeor de - Pág. 107;
Paz, Helio - Pág. 123;
Ciraudó, José Antonio Pereira - Pág. 127;
Pereira, Anamaria - Págs. 5, 67, 125 e 142;
Pereira, Juliana - Págs. 5, 67 e 142;
Pereira, Lindaurea - Págs. 5 e 122;
Pereira, Mariana - Págs. 5, 67 e 142;
Pereira, Melissa - Pág. 142;
Pereira, Osvaldo - Pág. 5;
Perrone, Leonardo (Leo) - Págs. 45, 48, 50, 53, 59, 60, 65, 67, 73, 74, 75, 76, 77, 82, 100, 105, 106, 111, 115 e 141;
Pessoa, Fernando - Págs. 59, 71 e 87;
Pirandello, Luigi - Pág. 119;
Pirsig, Robert - Pág. 95;
Prado, Flávia - Pág. 119;
Prado, Ricardo - Págs. 45, 73, 75, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 101, 102, 105, 106 e 111;
Prata, José - Págs. 132, 133 e 134;
Quintana, Mário - Pág. 118;
Quintas, Jacy - Pág. 121;
Raush, Ian - Págs. 77, 78 e 99;
Rezende, Tarcísio - Págs. 11, 50, 52, 53, 68, 95 e 105;
Rocha, Carlos - Pág. 5;
Rocha, Glauber - Pág. 107;
Neto, Vitor Rodrigues da Silva - Págs. 4 e 5;
Rulfo, Juan - Pág. 120;
Russinho - Pág. 132;
Sant'Anna, Affonso Romano de - Pág. 76;
Santa Cruz (Pereira, Osvaldo) - Págs. 1, 4, 7, 11, 13, 14, 17, 45, 48, 52, 53, 56, 66, 70, 73, 81, 83, 84, 85, 87, 99, 102, 103, 131, 132, 134 e 138;
Santos, Carlos - Pág. 56;
Santos, Reinaldo - Pág. 56;
Sarnoff, David - Pág. 26;
Sayão, Enir - Pág. 5;
Sayão, Luís - Págs. 1, 7, 11, 13, 14, 17, 51, 137, 138 e 140;
Sayão, Mario - Pág. 5;
Schumacher, Ernest - Págs. 121 e 144;
Shakespeare, William - Págs. 88, 135 e 144;
Steinback, John - Pág. 120;
Stockert, Etzel - Pág. 66;
Surech - Pág. 132, 133 e 134;
Tcheckov, Anton - Pág. 118;
Teixeira, José - Págs. 21, 29, 31, 132;
Terra, Marco - Págs. 83, 84 e 85;
Thoreau, Henry - Pág. 118;
Tolstoy, Leon - Pág. 123;
Toseli, Giuseppe - Pág. 75;
Ungar, Emerico - Pág. 28;
Vazquez, Adolfo - Pág. 112;
Ventura, Zuenir - Pág. 122;
Villela, Antenor - Págs. 28 e 75;
Zaib, José - Págs. 14, 40, 137, 138 e 140;



Impresso na:



Setembro/1999

SAYÃO e
SANTA CRUZ No
CUME DO DEDO DE DEUS
Julho 1976



As Descidas Vertiginosas do Dedo de Deus é um livro destinado a fazer história, recomendado a montanhistas iniciantes, experientes e a todos os amantes da natureza. Santa Cruz e Sayão, como num passe de mágica, nos transportam para o apaixonado fascínio do montanhismo amador. O texto visceral do Santa Cruz é um presente para os nossos sentidos. Em suas narrativas podemos ter idéia das emoções vividas no Dedo de Deus, desde a conquista primordial de 1912, até chegar às descidas vertiginosas. E o que dizer dos magistrais desenhos e croquis do Sayão? São pura poesia em forma de imagem. Numa simples olhada de relance, quase percebemos os movimentos vigorosos dos que desafiam a gravidade nas dramáticas escaladas e vertiginosas descidas. Para mim, que conheço há década os autores, é uma honra indizível apresentar um trabalho tão bonito e pleno de integridade. Mais do que caminhadas, escaladas e descidas vertiginosas, este livro aborda algo que anda um tanto esquecido e que precisa ser resgatado: a possibilidade de construção da UTOPIA.

Jose Zaib

guia escalador desde 1975
ex. presidente do C.E.R.J (1987-1990)